

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

RICARDO CAMPOS JÚNIOR

**A COBERTURA SOBRE O INTERIOR DE MATO GROSSO DO SUL PELA
IMPREENSA DE CAMPO GRANDE**

CAMPO GRANDE
2016

RICARDO CAMPOS JÚNIOR

**A COBERTURA SOBRE O INTERIOR DE MATO GROSSO DO SUL PELA
IMPREENSA DE CAMPO GRANDE**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Comunicação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), como requisito para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Área de concentração: Mídia e Representação Social

Orientador: Prof. Dr. Mário Luiz Fernandes

CAMPO GRANDE
2016

RICARDO CAMPOS JÚNIOR

**A COBERTURA SOBRE O INTERIOR DE MATO GROSSO DO SUL PELA
IMPrensa DE CAMPO GRANDE**

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado em Comunicação, da Universidade
Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), como
requisito para obtenção do título de Mestre em
Comunicação.

BANCA EXAMINADORA

_____/_____/_____
Prof. Dr. Mário Luiz Fernandes
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

_____/_____/_____
Prof. Dr. Marcos Paulo Silva
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

_____/_____/_____
Prof. Dr. Oswaldo Ribeiro da Silva
Universidade Católica Dom Bosco – UCDB

Dedico esta pesquisa e a conquista nela embutida a Deus, pelo dom da vida, à minha esposa Ana Paula, que sempre esteve ao meu lado me dando apoio para que eu chegasse até o fim desta jornada, e ao nosso pequeno Otávio, que está a caminho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que em sua infinita bondade nos criou para fazermos parte de sua obra bem-aventurada e que nos chama a procura-lo e a conhecê-lo por meio de nossa fé. Dou-lhe graças, Senhor, por ter caminhado junto comigo em mais este percurso de minha vida.

À minha esposa, Ana Paula, que sabe o quão importante representa esta realização em nossas vidas, agradeço pelo apoio e dedicação e por todas as vezes que não deixou que eu desanimasse no meio do caminho, segurou a minha mão e ficou junto comigo até o fim.

À minha mãe, Telma, pela educação exemplar durante meu crescimento. Agradeço por ter me ensinado a confiar e dar meu melhor em todas as coisas que faço.

Ao meu pai, Ricardo, por ter me ensinado a importância da fé.

A toda a minha família e principalmente aos meus avós, coparticipantes em minha criação, por sempre me incentivarem a ir cada vez mais longe.

À professora Greicy Mara, por todo o incentivo durante minha jornada acadêmica e pela oportunidade de me fazer entrar em uma sala de aula pela primeira vez como educador.

Ao meu orientador, professor Mário Luiz Fernandes, pela paciência em melhorar meu trabalho “a toque de caixa” e tornar esta pesquisa realidade.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMS, primeiramente pela oportunidade em aceitar meu projeto e também por todo o conhecimento que me proporcionaram nestes dois anos de caminhada.

À Dina, minha eterna professora de português, por ter me despertado desde cedo o gosto pela leitura e pela escrita.

“Não podemos viver sozinhos, fechados em nós mesmos. Precisamos amar e ser amados. Precisamos de ternura. Não são as estratégias comunicativas que garantem a beleza, a bondade e a verdade da comunicação. O próprio mundo dos mass-media não pode alhear-se da solicitude pela humanidade, chamado como é a exprimir ternura. A rede digital pode ser um lugar rico de humanidade: não uma rede de fios, mas de pessoas humanas”.

Papa Francisco

RESUMO

CAMPOS JUNIOR, Ricardo. **Cobertura sobre o interior de Mato Grosso do Sul pela imprensa de Campo Grande**. 2016. Dissertação (Programa de Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2016.

A *proximidade* entre o leitor, o fato e a instituição jornalística é um importante elemento de influência nas redações, levando em conta que a imprensa atua dentro de uma área de influência específica marcada, sobretudo por sua capacidade econômica. Os recursos humanos e materiais das empresas jornalísticas afetam o lugar que ela pretende e consegue chegar. Nesse contexto, esta pesquisa analisou o fluxo noticioso entre os níveis local e estadual de abrangência, conforme a classificação de Milton Santos (2007), ao verificar como é feita a cobertura sobre o interior pela imprensa de Campo Grande. Foram escolhidos como objetos de estudo os jornais *Correio do Estado* e *O Estado*, com suas respectivas versões *online*. As matérias desses periódicos foram analisadas durante uma semana construída utilizando como metodologias a Análise de Conteúdo, para delimitar a procedência e outras características da notícia; e a Hipótese do *Newsmaking*, para compreender, por meio dos critérios de noticiabilidade e das rotinas produtivas, qual a lógica existente nessa cobertura. Constatou-se que por ser feita à distância e com equipe reduzida, a cobertura é marcada principalmente pelos critérios de noticiabilidade relativos ao produto e pelos critérios substantivos, que favorecem a cobertura policial e uso de fontes oficiais.

Palavras-chave: Hipótese do *Newsmaking*. Cobertura jornalística do interior. Critérios de Noticiabilidade. Rotinas produtivas.

ABSTRACT

CAMPOS JUNIOR, Ricardo. **Mato Grosso do Sul inland journalistic coverage by Campo Grande press**. 2016. Dissertação (Programa de Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2016.

The proximity between the reader, the event and journalistic institution is an important element that influences in newsrooms, given how the press operates within a specific influence area marked principally by their economic capacity. The human and material resources of media companies affect the place that they intend and can reach. In this sense, this research had analyze the news flow between local and state coverage, according to Milton Santos (2007), verifying how the Campo Grande press cover inland cities news. The papers *Correio do Estado* and *O Estado*, and their *online* versions, were chosen as study objects. The news published by those media companies were analysed in a constructed week sampling using the Content Analysis to delimit the origin and other news characteristics; and *Newsmaking* Hypotesis to understand, by newsworthines criteria and produtive routines, the logic that rules the coverage. It was found that the coverage is marked principally by the criteria related to the product and substantive criteria because its maden by distance. That favors the police news and the official news sources.

Key words: *Newsmaking* Hypotesis. Countryside journalistic coverage. Newsworthiness Criteria. Productive routines.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Primeira capa do jornal <i>Correio do Estado</i>	41
Figura 2 – Capa do <i>Correio do Estado</i> em 7 de fevereiro de 2012.....	42
Figura 3 – Primeira capa do jornal <i>O Estado</i>	66
Figura 4 – Página “Interior” do jornal <i>O Estado</i>	67
Figura 5 – Capas do jornal <i>O Estado</i> no dia 18/01/10.....	68
Figura 6 – Primeiro layout do <i>Portal Correio do Estado</i>	82
Figura 7 – Layout do <i>Portal Correio do Estado</i> após a primeira alteração.....	82
Figura 8 – Layout do <i>Portal Correio do Estado</i> após a segunda alteração.....	83
Figura 9 – Layout do <i>Portal Correio do Estado</i> após alteração em 2001.....	84
Figura 10 – Layout do <i>Portal Correio do Estado</i> em 2003	85
Figura 11 – Layout atual do <i>Portal Correio do Estado</i>	86
Figura 13 – Layout do <i>Estado Online</i>	106
Grafico 1 – Editorias do <i>Correio do Estado</i>	49

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Procedência da notícia no <i>Correio do Estado</i>	46
Tabela 2 – Editorias das notícias do interior no <i>Correio do Estado</i>	49
Tabela 3 – Fotos nas matérias sobre o interior no <i>Correio do Estado</i>	55
Tabela 4 – Fontes das notícias do interior no <i>Correio do Estado</i>	60
Tabela 5 – Procedência da notícia no <i>Estado</i>	70
Tabela 6 – Editorias das notícias do interior no <i>Estado</i>	72
Tabela 7 – Fotos nas matérias sobre o interior no <i>Estado</i>	73
Tabela 8 – Fontes das notícias do interior no <i>Estado</i>	76
Tabela 9 – Procedência da notícia no <i>Portal Correio do Estado</i>	89
Tabela 10 – Fontes das notícias do interior no <i>Portal Correio do Estado</i>	91
Tabela 11 – Fotos nas matérias sobre o interior no <i>Portal Correio do Estado</i>	99
Tabela 12 – Temas de cobertura das notícias do interior no <i>Portal Correio do Estado</i> ..	101
Tabela 13 – Procedência da notícia no <i>Estado Online</i>	108
Tabela 14 – Fontes das notícias do interior no <i>Estado Online</i>	111
Tabela 15 – Fotos nas matérias sobre o interior no <i>Estado Online</i>	118
Tabela 16 – Temas de cobertura nas notícias do interior no <i>Estado Online</i>	119

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 REFERENCIAIS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	16
1.1 Análise de Conteúdo.....	16
1.1.1 Pré-análise.....	17
1.1.1.1 As categorias de análise.....	19
1.1.2 Exploração do material.....	23
1.1.3 Tratamento dos resultados obtidos e interpretação.....	23
1.2 A Hipótese do <i>Newsmaking</i>	24
1.2.1 Critérios de noticiabilidade e valores-notícia.....	27
1.2.1.1 Critérios substantivos.....	29
1.2.1.2 Critérios relativos ao produto.....	31
1.2.1.3 Critérios relativos ao meio.....	32
1.2.1.4 Critérios relativos à concorrência.....	32
1.2.2 As rotinas produtivas.....	33
1.2.2.1 Recolha.....	34
1.2.2.2 Edição e apresentação.....	35
1.2.3 Entrevistas de profundidade.....	37
2 NOTÍCIAS SOBRE O INTERIOR NOS JORNAIS IMPRESSOS.....	39
2.1 O interior nas páginas do <i>Correio do Estado</i>	40
2.1.1 Categorias de análise.....	46
2.2 O interior nas páginas do jornal <i>O Estado</i>	65
2.2.1 Categorias de análise.....	70
2.3 Considerações sobre a cobertura do interior nos jornais impressos.....	76
3 NOTÍCIAS SOBRE O INTERIOR NOS JORNAIS <i>ONLINE</i>	80
3.1 O interior no Portal Correio do Estado.....	81
3.1.1 Categorias de análise.....	88

3.2 O interior no Estado <i>Online</i>	103
3.2.1 Categorias de Análise.....	106
3.3 Considerações sobre a cobertura do interior nos <i>sites</i>	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	131
APÊNDICES.....	136

INTRODUÇÃO

A *proximidade* entre o leitor, o fato e a instituição jornalística é um importante elemento entre aqueles que influenciam no processo de seleção dos fatos a serem transformados em notícia dentro de uma redação. Fernandes (2014)¹ ajuda a compreender esse contexto ao verificar que a *proximidade*, em diversas listas de critérios de noticiabilidade, foi o único citado unanimemente pelos autores pesquisados como importante no momento de escolher, entre os fatos transcorridos diariamente, quais são os mais relevantes para serem publicados.

Essa questão está ligada ao entendimento de que a imprensa é um negócio socialmente relevante que opera dentro de um mercado definido, tendo, portanto, uma área específica de abrangência. Essa zona de influência vai além dos limites geográficos e está diretamente ligada à capacidade econômica do veículo. A quantidade de recursos disponíveis (equipamentos, veículos, repórteres, etc.) afeta diretamente o lugar que ele pretende e pode alcançar, além de ser determinante no processo de seleção noticiosa. Dessa forma, as empresas partem em busca de informações que consideram pertinentes à sua audiência e de acordo com suas condições estruturais.

O geógrafo Milton Santos (2007) classifica essas regiões de abrangência em: nacional ou supraestadual, estadual, regional e local. As relações entre essas instâncias são lacunas importantes a serem exploradas pelas pesquisas em jornalismo (DEOLINDO e MOREIRA, 2013). Assim, este estudo busca analisar a *proximidade* como critério de noticiabilidade na imprensa de Campo Grande (MS), compreendendo o fluxo noticioso entre os níveis local e estadual de abrangência.

A cidade que serve como cenário para esta pesquisa é a capital de Mato Grosso do Sul, estado desmembrado de Mato Grosso em 11 de outubro de 1977. Atualmente, conta com 79 municípios divididos em nove regiões: Pantanal, Norte, Bolsão, Campo Grande, Sudoeste, Grande Dourados, Leste, Sul-Fronteira e Cone-Sul.

Pesquisa Brasileira de Mídia 2015, realizada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (BRASIL, 2015) com 18.312 pessoas em todo o país², aponta que 82% dos entrevistados em Mato Grosso do Sul não leem jornais impressos em hipótese alguma, enquanto apenas 3% o fazem todos os dias. Entre os que leem, 84% utilizam o meio

¹ O autor comparou os critérios de noticiabilidade propostos por dez autores brasileiros, americanos e europeus.

² O Ministério das Comunicações não divulga quantas pessoas foram ouvidas em cada *O Estado*, somente números gerais.

para se manter informado. Reforçando a questão da *proximidade* como *critério de noticiabilidade*, 28% têm interesse em saber fatos da cidade e do cotidiano, enquanto 24% se interessam por matérias de esporte, 16% por assuntos policiais, 14% sobre política nacional e apenas 10% sobre economia brasileira. Dos leitores entrevistados, 15% preferem as edições *online* dos periódicos, mostrando como é crescente a utilização dos meios informatizados em comparação com o meio impresso.

O mesmo estudo aponta que 44% da população de Mato Grosso do Sul acessa a internet todos os dias, enquanto 46% não fazem uso desse meio. Dos internautas, 67% declararam que a rede serve principalmente para leitura de notícias com o objetivo de se manterem informados e o mesmo percentual também usa a *web* como entretenimento.

Todos esses veículos disseminam diariamente grande quantidade de informação. Enquanto as empresas localizadas longe da capital se preocupam com os fatos que transcorrem no próprio município, ou na região em que estão inseridas, as de Campo Grande têm, em sua maioria, preocupação em noticiar acontecimentos de todo o estado, como foi possível constatar na pesquisa exploratória sobre o material publicado pela imprensa campo-grandense.

Nesta pesquisa exploratória foram analisadas as publicações de uma semana de duas empresas jornalísticas. A primeira, o *site* de notícias *Campo Grande News*, publicou 644 matérias, das quais 114 (18%) noticiavam fatos ocorridos em cidades no interior do estado. A segunda, a versão impressa do *Correio do Estado*, publicou 570 matérias, das quais 46 (8,07%) referiam-se a fatos ocorridos no interior do estado.

Diante desse contexto, surgem inúmeras perguntas, entre as quais: como é feita a representação do interior na imprensa da capital? Quais são as cidades que mais aparecem nos jornais de Campo Grande? Quais são as fontes utilizadas na cobertura sobre o interior? Quais os assuntos predominantes na cobertura do interior?

Para responder a esses questionamentos, esta pesquisa analisou a procedência e as características das notícias sobre o interior do estado no intuito de verificar quais os municípios mais citados, quais as fontes dessas notícias, quais os tipos de notícias e como elas são dispostas nas páginas dos impressos.

Este estudo foi dividido em quatro etapas: a) Pesquisa bibliográfica sobre a Análise de Conteúdo, notadamente em Bardin (1977) e Castro (2012); e sobre a Hipótese do *Newsmaking* em Mauro Wolf (1995), Traquina (2005) e Shoemaker et al (2010) para analisar as rotinas produtivas e critérios de noticiabilidade nos jornais analisados; b) levantamento do perfil e histórico dos veículos analisados; c) coleta de dados nos jornais e *sites* para

interpretação e d) entrevistas com editores e jornalistas para verificar como é realizada a cobertura de fatos sobre o interior pelas empresas analisadas.

Foram analisados os textos informativos sobre o interior publicados em uma semana construída: dias 17 e 25 de janeiro; 2, 10, 18 e 26 de fevereiro e 5 de março de 2016 nos dois principais jornais impressos do estado; e suas respectivas versões *online*: *Correio do Estado* e *O Estado de MS*. Levando em consideração que o segundo não circula aos domingos, a edição do dia 17 de janeiro, excepcionalmente, foi substituída pela anterior (16 de janeiro).

O primeiro objeto de estudo, *Correio do Estado*, foi criado em fevereiro de 1954 e é um dos três mais antigos ainda em circulação em Mato Grosso do Sul. Deu início e integra o grupo Correio do Estado de Comunicação, do qual fazem parte a TV Campo Grande³, a rádio FM Mega 94, o *site* de notícias Correio do Estado e a Fundação Barbosa Rodrigues. O impresso é estruturado em sete editorias fixas: Política, Economia, Cidades, Esportes, Brasil, Mundo e Correio B. Outras editorias aparecem somente em algumas edições ou em encartes: Especial, Correio Veículos e Informática. Uma auditoria feita pelo IVC (Instituto Verificador de Circulação) em 2014 mostrou que o veículo tinha tiragem média de 11.888 exemplares nos dias úteis e 11.960 aos fins de semana, sendo maiores as vendas para assinantes: 8.172 exemplares.

Seguindo a tendência nacional, em 2000 o grupo criou seu *site* noticioso, que foi totalmente reformulado em 2014, quando a empresa completou 60 anos de existência. Conforme dados disponíveis no *site*, nos três primeiros dias de julho de 2015 (os mais atuais disponíveis), as visualizações chegavam a 5.529.430, das quais 58,11% são do público masculino e 41,86% do feminino. Ainda conforme os dados, a maioria dos leitores está na faixa etária entre 18 e 34 anos (42,18%), enquanto 41,94% têm entre 35 e 59 anos e apenas 15,88% têm mais de 60 anos. As editorias do *site* são diferentes daquelas do jornal impresso, sendo elas Agronegócios, Brasil/Mundo, Cidades, Ciência e Saúde, Economia, Ecologia, Variedades, Esportes, Política, Receitas, Reportagens Especiais e Tecnologia.

O segundo jornal, *O Estado*, foi fundado em dezembro de 2002 e atualmente é o principal concorrente do *Correio do Estado*. Possui seis editorias: Política, Cidades, Economia, Agronegócios, Esportes, Arte & Lazer e Concursos. Conforme o IVC (2014b), a tiragem é de 6.192 exemplares de segunda a sábado.

O *site* foi criado em 26 de agosto de 2014, e vai além da mera transposição do conteúdo do jornal impresso. A empresa não disponibiliza os números de acesso. Pesquisa por

³Atualmente a emissora é denominada SBT MS, como afiliada ao Sistema Brasileiro de Televisão (SBT).

meio da ferramenta *online* gratuita Traffic Estimate⁴ aponta que entre os dias 10 de setembro e 10 de outubro de 2015 o veículo teve 36,3 mil acessos.

Após a coleta dos textos objetos de análise, os mesmos foram estudados tendo como referência a Análise de Conteúdo (AC). O método apresenta um conjunto de instrumentos e técnicas que envolvem, entre outras coisas, a tabulação de frequências e extração das estruturas traduzíveis em modelos com a finalidade de compor uma descrição objetiva do conteúdo dos elementos analisados (BARDIN, 1977). Essa metodologia foi utilizada para obter elementos que apontem as características gerais dos textos e posteriormente, por meio da comparação entre os resultados da análise dos suportes, verificar quais as características do conteúdo da cobertura sobre o interior do estado.

Foi adotada a Hipótese do *Newsmaking*, que entende a notícia como um processo de construção que compreende as rotinas produtivas, a seleção noticiosa e os critérios de noticiabilidade, para analisar como esses elementos atuam no processo de seleção das notícias sobre o interior.

A importância deste estudo está em mostrar, primeiramente, para quem é feita a cobertura sobre o interior nesses jornais sediados na Capital com abrangência estadual: para que as pessoas de Campo Grande saibam o que se passa no interior ou para que as pessoas do interior sejam informadas sobre o que acontece nos municípios delas?.

Partiu-se do pressuposto de que a notícia sobre o interior é colocada em segundo plano nos jornais, muitas vezes sendo utilizada para preencher espaço. Também foi levada em consideração a hipótese de que a presença de notícias sobre o interior é maior nas versões *online* desses veículos de comunicação que, para superar o pequeno número de jornalistas na equipe na luta contra metas de minutagem entre as publicações, se valem do uso de *releases*, fontes oficiais e textos de jornais sediados nas cidades onde os fatos transcorreram para obter as informações.

Pesquisa realizada em bancos de dados das universidades do estado e em repositórios de revistas científicas sobre comunicação nos permitiu verificar que é baixa a quantidade de trabalhos que envolvem essa temática em Mato Grosso do Sul. O foco dos estudos concentra-se mais nos mapeamentos do que na análise das relações entre duas ou mais instâncias jornalísticas. Nosso propósito não é qualificar ou desqualificar o material produzido pelos veículos, mas reunir pistas que ajudem a compreender qual o *modus operandi* e as peculiaridades envolvidas no trabalho jornalístico sobre o interior do estado.

⁴ <http://www.trafficestimate.com/>

1 REFERENCIAIS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Todas as vezes em que são abertas páginas dos jornais impressos, em que a internet é acessada em busca de informações ou quando se acompanha os noticiários pelo rádio ou televisão é possível notar uma imensa variedade de assuntos. O tempo e o espaço onde os acontecimentos ocorrem e a estrutura das empresas de comunicação impõem rigorosos critérios de seleção e tratamento dos fatos a serem veiculados. A lógica ligada a esse processo tem despertado o interesse de pesquisadores desde o século XVII⁵ e várias hipóteses têm sido formuladas no intuito de entender, nas palavras de Traquina (2005), “por que as notícias são como são”. É nesse contexto que se enquadra esta pesquisa.

Neste capítulo são apresentados os principais marcos teórico-metodológicos que embasam este estudo sobre a cobertura de notícias do interior nos jornais de Campo Grande, mais especificamente no *Correio do Estado* e *O Estado*, com suas respectivas versões *online*. A Análise de Conteúdo será aplicada para identificar as principais características dos textos quanto à procedência da notícia, fontes, fotos e editoriais / temas de cobertura; e o *Newsmaking* para investigar as rotinas produtivas e os critérios de seleção envolvidos nessa cobertura.

1.1 Análise de Conteúdo

A Análise de Conteúdo, em sua versão europeia, é uma técnica de pesquisa classificada como qualitativa que foi sistematizada como método na década de 1920. A escolha desse suporte deu-se em razão das possibilidades que permite, já que pode ser aplicado em vários tipos de conteúdos e formas de comunicação, entre eles, a jornalística, conforme descrição feita por Câmara (2013).

Nessa análise, o pesquisador busca compreender as características, estruturas ou modelos que estão por trás dos fragmentos das mensagens tornados em consideração. O esforço do analista é duplo: entender o sentido da comunicação, como se fosse o receptor normal, e principalmente desviar o olhar, buscando outra significação, outra mensagem, passível de enxergar por meio ou ao lado da primeira (CÂMARA, 2013, p.182).

⁵ A data faz referência ao estudo *Relationibus Novellis*, tese apresentada em 1690 pelo alemão Tobias Peucer na universidade de Leipzig, Alemanha. Ele é considerado o primeiro trabalho acadêmico a se dedicar exclusivamente à análise das notícias no mundo ocidental, relacionando principalmente o ofício com a história. Entre os elementos presentes no texto estão a noticiabilidade, credibilidade [o esboço de critérios de seleção noticiosa], sendo o teórico, portanto, considerado como um dos precursores das Teorias do Jornalismo.

Em 1977, Laurence Bardin configurou o método propondo um roteiro passo a passo para seu uso. Pela sua funcionalidade, optou-se em utilizá-lo na realização deste estudo. Ele é composto de três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento, inferência e interpretação dos resultados, que foram ajustados segundo as necessidades evidenciadas durante a realização da pesquisa.

1.1.1 Pré-análise

A pré-análise consiste em organizar a pesquisa, tornando-a operacional, sistematizando as ideias iniciais, definindo qual o material que será analisado, configurando hipóteses e objetivos e estabelecendo as categorias de análise.

Dessa forma, inicialmente foi necessário estipular quais os tipos de textos que serão estudados. Para isso, recorreremos à classificação clássica dos gêneros jornalísticos segundo Melo (1985)⁶, que separa o conteúdo noticioso em dois tipos principais: opinativo e informativo.

A categoria opinativa corresponde aos textos que não têm a preocupação em esconder os juízos de valor de quem os escreve, “promovendo debates, levantando problemas, participando ativamente do cenário político” (MELO, 1985, p. 15), sendo classificados nos formatos editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, caricatura e carta.

O tipo informativo, conforme o autor, isenta-se de discussões amplas, restringindo-se apenas à narrativa dos acontecimentos. Levando em consideração que o jornalista não está isolado socialmente e está inserido em um ambiente onde convive com normas editoriais, seria igualmente errado considerar que este tipo de narrativa é completamente despojada das convicções próprias do profissional, mas acreditamos que elas, nesse caso, aparecem de forma implícita, como na ordem em que as informações são dispostas, na quantidade e nos tipos de fontes consultadas, entre outros, tornando, assim, essa categoria válida para descrever os materiais coletados.

Assim, para este estudo foram utilizados apenas os textos classificados como informativos, que segundo Melo (1985) são classificados quatro tipos diferentes de formatos: nota, notícia, reportagem e entrevista.

⁶ Marques de Melo avança posteriormente nesta questão identificando outros gêneros jornalísticos, como diversional, interpretativo, mas neste trabalho adotou-se a anterior por enquadrar-se melhor nos objetivos e hipóteses propostos.

A nota corresponde ao relato de acontecimentos que estão em processo de configuração e por isso é mais frequente no rádio e na televisão. A notícia é o relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social. A reportagem é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística. Por sua vez, a entrevista é um relato que privilegia um ou mais protagonistas do acontecer, possibilitando-lhes um contato direto com a sociedade (MELO, 1985, p. 49).

Dessa forma, foram contabilizados todos os textos informativos publicados em uma semana construída nos dias 17 e 25 de janeiro; 2, 10, 18 e 26 de fevereiro e 5 de março de 2016. Para Bardin (1977), essa classificação inicial que dá origem ao *corpus* deve ser verificado segundo as regras da exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência para garantir que eles sejam os mais fidedignos possíveis.

- a) **Exaustividade:** todos os materiais da categoria escolhida devem ser reunidos. Para garantir que nenhum texto informativo tenha ficado de fora, a seleção foi organizada, no caso dos veículos *online*, pelo chamado plantão de últimas notícias, onde são listadas todas as reportagens veiculadas em determinado dia. No caso dos impressos, cada conteúdo foi avaliado individualmente e separados apenas aqueles que se enquadram no gênero informativo.
- b) **Representatividade:** a amostra deve corresponder ao universo geral ao qual estudamos. Nesse caso, entendemos que essa característica é permitida por meio do lapso temporal da semana construída, já que foram contabilizados textos informativos em sete dias dentro de um período de dois meses e uma semana. Dessa forma, entendemos que o material analisado foi passível de generalização.
- c) **Homogeneidade:** todos os textos passaram por um processo preciso de escolha levando em conta os gêneros jornalísticos citados anteriormente, de forma que a amostra seja homogênea.
- d) **Pertinência:** levando em consideração os critérios de seleção, o rigoroso processo de catalogação e a própria natureza dos textos que compuseram o *corpus* deste trabalho, entendeu-se que todos os documentos estavam adequados aos objetivos da pesquisa.

1.1.1.1 As categorias de análise

Depois de reunir os textos informativos, deu-se então a chamada “leitura flutuante” desses materiais, “que consiste em estabelecer contato com os documentos a analisar e conhecer o texto, deixando-se invadir por impressões e orientações” (BARDIN, 1977, p. 96). Com esses pré-conceitos estabelecidos, Bardin (1977) recomenda a elaboração das categorias de análise e dos indicadores.

Entende-se, nesta pesquisa, como categorias de análise, os elementos gerais presentes nos textos que tenham relação com os objetivos do trabalho. Já indicadores são os elementos específicos que fazem referência às categorias de análise, ajudando a identificá-las. Nesta pesquisa foram elencadas quatro categorias de análise: procedência, editorias, fotos e fontes.

A procedência da notícia diz respeito ao local onde os fatos transcorreram. Para isso, foram identificados nos textos analisados os nomes dos municípios, estados ou países. Para levantar a procedência das notícias, levou-se em consideração o contexto da narrativa por meio do *lead*. Como se tratam de empresas de comunicação de um mercado específico, é proposta a seguinte classificação:

- a) **Interior:** são acontecimentos transcorridos dentro dos limites de Mato Grosso do Sul em cidades diferentes de Campo Grande. Matérias que digam respeito a mais de um município do interior entram nessa categoria desde que as cidades pertençam à mesma região.
- b) **Capital:** acontecimentos transcorridos dentro dos limites de Campo Grande
- c) **Estadual:** acontecimentos que dizem respeito ao estado como um todo ou que abranjam municípios do interior em regiões diferentes.
- d) **Nacional:** acontecimentos relacionados a cidades brasileiras fora de Mato Grosso do Sul ou ao país como um todo.
- e) **Internacional:** acontecimentos que transcorrem ou cujo contexto diga respeito a outros países ou que relacionem o Brasil com outros países.

Dentro da categoria **Procedência**, inicialmente foram contabilizadas todas as cidades do interior citadas em todos os textos informativos coletados, já que em alguns casos os municípios apareceram em segundo plano em notícias de procedência Capital, Estadual e Nacional. Em seguida, as notícias foram separadas entre os cinco tipos de procedência, sendo possível identificar quantos textos o interior é o principal elemento.

A segunda categoria de análise corresponde às **Editorias**, que são divisões temáticas dos jornais. Cada empresa tem uma forma de nomear as suas seções, por isso, a categorização será feita com base nas nomenclaturas de cada um dos veículos analisados. Dessa forma, serão verificadas em quais editorias são publicadas as matérias procedentes do interior e as matérias com outras procedências que citam municípios da periferia do estado.

Em seguida serão analisadas as **Fotos** presentes na cobertura do interior. Para Teixeira (2011), tratam de componentes importantíssimos da imprensa, uma vez que as imagens proporcionam uma narrativa paralela e complementam o conteúdo escrito. Além disso, o uso de fotografias facilita a leitura.

As empresas jornalísticas geralmente dão bastante importância a esse elemento, tanto que muitas contratam fotógrafos que acompanham os repórteres em matérias externas quando o acontecimento transcorre na cidade em que o jornal ou suas sucursais estão situados. Em alguns casos, é possível que esses profissionais sejam enviados ao interior, mostrando que o fato coberto tem grande relevância para o veículo, tendo em vista os gastos com transporte, alimentação e diárias.

Nesse sentido, foram analisados o conteúdo dessas imagens para saber quem ou o que aparece nelas. Assim, foram elencadas as seguintes categorias: políticos, fachadas (de prédios da administração pública ou privada), espaço urbano, paisagem, cenas de crimes, vítimas de crimes e acidentes, famosos, presos e suspeitos de crimes, drogas e apreensões policiais e outras pessoas.

Também foi verificada sua função no texto, se informativa ou ilustrativa, com base na classificação taxonômica do fotojornalismo de Cremilda Medina. No primeiro caso, as imagens transmitem mensagens com o texto, podendo ser subdivididas em sintética, quando traz em si todo o conteúdo e os contextos do fato noticiado; descritiva, quando apresenta o registro das características parciais do evento; e a pormenorizada, que mostra um detalhe do fato jornalístico.

Já as fotografias ilustrativas são geralmente produzidas posteriormente ao acontecimento, podendo ser imagens de arquivo. Essa categoria se subdivide em registro,

quando é feita ao fim do fato jornalístico; retrato, quando apenas identifica um entrevistado ou até mesmo um personagem fora do contexto que motivou a matéria e recurso gráfico, quando uma foto genérica sem relação direta com o fato.

Também foram verificados os créditos, no intuito de checar se as fotos foram tiradas pelo jornal ou foram obtidas de outras formas, por exemplo, via assessorias de imprensa ou jornais locais.

Já as **Fontes** são pessoas ou entidades que fornecem informações aos jornais (ERBOLATO, 2001). O contato com esses indivíduos ou organizações é feito durante o trabalho de apuração. Nesta etapa, as fontes são partes importantes no processo de produção noticiosa e “determinantes para a qualidade da informação produzida pelos *mass media*” (WOLF, 1995, p. 199). O autor considera como tais apenas aqueles indivíduos consultados pelos jornalistas no momento de produzir a notícia e desclassifica as empresas de comunicação, já que elas executam parte dos processos jornalísticos na elaboração de *releases*⁷. Porém, levando em consideração que os materiais são muitas vezes apenas retextualizados na produção de notícias e em outros casos são complementados com trabalhos próprios das redações, como *ouvir o outro lado*⁸, entendemos que podem sim constituir-se como fontes.

Levando em consideração as hipóteses do estudo, tornou-se necessária uma classificação das fontes para que, durante a análise de conteúdo, pudessemos descobrir, na fase de recolha, qual a origem dos materiais sobre o interior de Mato Grosso do Sul.

Existem, assim, vários tipos de fontes: humanas, documentais, electrónicas, etc. Também se podem classificar as fontes de acordo com a sua proveniência: internas ao órgão informativo (o Centro de Documentação, os colegas, etc.), externas (o primeiro-ministro, uma testemunha de um acidente, o público em geral, etc.) ou mistas (um jornalista da casa que presenciou um acontecimento a noticiar por outro jornalista, etc.). As fontes podem ainda classificar-se de acordo com o seu estatuto: oficiais estatais (Assembleia da República, etc.), oficiais não estatais (partidos políticos, sindicatos, associações, etc.), oficiosas (um assessor de um ministro que dá a sua versão dos factos, etc.), informais (a testemunha de um crime, o polícia de giro, etc.). Geralmente, porém, especialmente para efeitos deste apontamento, por fontes de informação entendem-se fontes humanas (SOUZA, 2001, p. 62-63).

⁷ Texto normalmente elaborado pelas assessorias de imprensa com informações voltadas aos jornais (BRITO, 2007).

⁸ Jargão jornalístico usado como referência a uma característica ética da cobertura que diz respeito a dar espaço para todos os envolvidos no fato, incluindo aqueles aos quais a responsabilidade por algum acontecimento negativo é imputada.

Diante do caráter multifacetado de “fornecedores da informação”, optou-se em elaborar uma classificação própria que atendesse aos objetivos do trabalho e estivesse adequada à realidade regional de comunicação com a qual estamos lidando. Nesse sentido, as fontes serão divididas em:

- a) **Oficiais:** quando provém de *releases* porta-vozes de empresas, personalidades ou órgãos públicos, seja via contato direto por meio de entrevistas, seja por meio de *releases*. Neste caso específico, fizemos uma subseparação das fontes oficiais para identificar a presença de informações oriundas de boletins de ocorrência, visto que os jornalistas de Campo Grande têm acesso ao sistema policial e conseguem dados sobre crimes sem precisar consultar delegados e investigadores.
- b) **Personagens:** quando a informação provém de pessoas fora do circuito político-corporativo e são entrevistadas ou por estarem relacionadas diretamente aos acontecimentos cobertos (vítimas de crimes ou catástrofes, suspeitos de delitos, etc.) ou quando tiveram apenas a opinião sobre determinado fato colhidas em enquetes.
- c) **Próprias:** quando a informação parte de relatos feitas pela equipe do jornal ou quando os jornalistas colhem informações *off the record*.
- d) **Jornais locais:** está relacionada ao recurso da mimese na cobertura, ou seja, informações colhidas de matérias prontas publicadas por *sites* de notícias sediados nos municípios do interior.

A pesquisa também apontou quando as fontes não foram claramente citadas ou se o texto foi construído apenas com base na observação direta do repórter, que segundo Erbolato (2001) consiste na ida do jornalista no local dos fatos de forma que ele possa fazer uma descrição pormenorizada do ambiente.

1.1.2 Exploração do material

Os dados obtidos após a coleta dos dados e aplicação das categorias de análise foram organizados em gráficos e tabelas para facilitar a interpretação. “Esta fase, longa e fastidiosa, consiste essencialmente de operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas” (BARDIN, 1977, p.101).

1.1.3 Tratamento dos resultados obtidos e interpretação

Nesta última etapa, é preciso fazer com que os resultados obtidos façam algum tipo de sentido, ou seja, é preciso tornar os números “significativos (falantes) e válidos” (BARDIN 1977, p. 101). Nesta fase, a análise vai além do texto em si, já que o interessante é olhar para o que está oculto sob a mensagem que se enxerga, em um primeiro momento, de maneira plana. Isso é possível graças ao processo de inferência, que segundo a autora é um tipo controlado de interpretação de um todo. Ela recomenda que sejam definidos os chamados polos de análise, que são itens sobre os quais se deseja aprofundar por meio do estudo. Neste trabalho foram escolhidos os seguintes:

- a) **Emissor:** entende-se, no caso desta pesquisa, que a “mensagem exprime e representa o emissor” (BARDIN, 1977, p. 133-134). Levando em consideração os objetivos, basicamente este estudo volta o olhar aos jornais impressos como mensagem no intuito de compreender o trabalho dos produtores da informação e quais os elementos que interferem nesse processo e, conseqüentemente, refletem no produto final.
- b) **Mensagem:** Bardin (1977) ressalta que este tipo de polo de análise pode ter vários vieses. No caso específico desta pesquisa, ela será orientada com base no código, entendido como “um indicador capaz de revelar realidades subjacentes” (BARDIN, 1977, p.135).

Não se trata, então, apenas de contabilizar frequências, tabular os percentuais e organizar os dados obtidos em gráficos e tabelas. É preciso interpretá-los. Resumindo esses

dois elementos, tem-se, basicamente, que a análise é voltada para a mensagem e guiada pelo questionamento ‘o que revela sobre o emissor, sobre seu modo de produção?’.

Esta etapa da Análise de Conteúdo não precisa ser feita isoladamente dentro do próprio método e pode combinar-se com outros referenciais teóricos que sirvam como “chaves de leitura” para os resultados analisados.

O analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas. Por outro lado, os resultados obtidos, a confrontação sistemática com o material e o tipo de inferências alcançadas, podem servir de base a outra análise, disposta em torno de novas dimensões teóricas, ou praticadas graças a técnicas diferentes (BARDIN, 1977, p. 101).

O mesmo propõe Câmara (2013) ao fazer uma revisão do roteiro da metodologia proposto pela pesquisadora francesa.

Durante a interpretação dos dados, é preciso voltar atentamente aos marcos teóricos, pertinentes à investigação, pois eles dão o embasamento e as perspectivas significativas para o estudo. A relação entre os dados obtidos e a fundamentação teórica, é que dará sentido à interpretação (CÂMARA, 2013, p. 11).

Assim, além da Análise de Conteúdo das informações socioeconômicas obtidas em estudos oficiais, dados sobre a circulação e presença dos veículos em cidades de Mato Grosso do Sul, para se conhecer o contexto de produção da notícia, também se buscou na Hipótese do *Newsmaking* o suporte teórico para analisar como as rotinas produtivas e os critérios de noticiabilidade atuam no processo de construção da notícia sobre o interior na imprensa da Capital.

1.2 A Hipótese do *Newsmaking*

No campo das Teorias da Comunicação, os paradigmas desenvolvidos ao longo da história para desvendar os efeitos e circunstâncias da difusão de conteúdos midiáticos concorriam entre si, de modo que cada um deles se preocupava em “derrubar” seus antecessores e se colocar no lugar como uma melhor explicação para o objeto de estudo. Em contrapartida, as pesquisas que se preocuparam em elucidar o processo de seleção noticiosa não seguiram necessariamente essa tendência. Os modelos que surgiram nas chamadas Teorias do Jornalismo na tentativa de desvendar a rotina de uma redação, embora também

substituísem uns aos outros, traziam à tona novas características que influenciavam no cotidiano de repórteres e editores, conseqüentemente, pesavam sobre a filtragem entre os variados fatos transcorridos entre as edições.

Dessa forma, a compreensão a respeito da decisão sobre o que era veiculado passou de uma interferência exclusivamente subjetiva do profissional para uma complexa teia de interferências internas e externas à imprensa. Apesar de cada empresa ter suas peculiaridades, quem trabalha ou já passou por uma redação sabe muito bem como funciona esse processo. Os elementos que interferem na rotina nem sempre atuam da mesma forma e com a mesma intensidade. Às vezes, tal qual como o *gatekeeper*⁹ de David Manning White¹⁰, o profissional tem autonomia para avaliar um acontecimento. Em outras ocasiões, porém, as relações político-econômicas dos proprietários automaticamente conferem a determinados fatos o peso de notícia e ditam a forma como ela será tratada até a publicação. Existem ainda situações nas quais os jornalistas pressupõem o que é de interesse da audiência e cobrem determinados acontecimentos pensando na repercussão que eles poderão ter, conseqüentemente, influenciando na tiragem, audiência ou *pageviews*¹¹ e popularizando esse veículo.

A Hipótese do *Newsmaking* ajuda a organizar e compreender esse processo, por isso encaixou-se como chave de explicação dos dados obtidos durante a fase da Análise de Conteúdo. Essa abordagem, segundo Castro (2012), entende que o jornalismo não reflete, mas constrói a realidade. Seguindo as ideias do autor, nesta pesquisa a produção da notícia para a publicação é vista como um processo industrial e por isso precisa ser planejado. São vários os atores envolvidos. Os critérios para definir o que será divulgado são repartidos entre todos esses agentes, não ficando restritos a apenas uma pessoa.

Do ponto de vista histórico sobre as Teorias do Jornalismo, esse modelo, considerado um dos mais atuais e utilizados, parece atingir o equilíbrio entre seus antecessores, já que não enxerga mais o profissional carregando sozinho o peso da decisão e tampouco é considerado totalmente oprimido pelo sistema de regras empresariais. Cada um dos personagens tem suas

⁹ Na tradução para a Língua Portuguesa, o termo significa porteiro. O conceito foi primeiramente utilizado em uma pesquisa sobre decisões na economia doméstica e apropriado por White dentro do campo da comunicação jornalística (WOLF, 1955).

¹⁰ Traquina (2005) aponta que a Teoria do *Gatekeeping* foi a primeira na literatura acadêmica a explicar o processo existente dentro das redações, tendo havido outras mais voltadas à legitimação e conceituação do jornalismo, como a Teoria do Espelho, que apontava a imprensa como uma transmissão da realidade e o jornalista visto como um profissional desinteressado com os fatos passados em sua vida pessoal, se preocupando apenas com a romântica meta de buscar a verdade e divulgá-la ao público.

¹¹ Termo utilizado em ciberjornalismo referente a quantidade de vezes que uma determinada página, nesse caso a reportagem jornalística, foi acessada. É a forma utilizada nesse ramo para avaliar qual o retorno que o conteúdo teve após sua publicação.

objetividades e carrega consigo uma carga cultural que também irá interferir na avaliação dos acontecimentos.

Nesse contexto, o jornalista nem tem o nível de poder individual que lhe é atribuído pela Teoria do *Gatekeeper*, nem é tão subjugado dentro da redação quanto entende a Teoria Organizacional. A notícia em seu estado final seria resultado da negociação entre vários, de certa forma, *gatekeepers*, que, a despeito de suas inevitáveis subjetividades individuais, atuam com base em critérios profissionais de noticiabilidade (CASTRO, 2012, p.8).

Existem dois eixos centrais que norteiam os estudos que utilizam o *Newsmaking*, segundo Wolf (1995), e ambos se encaixam nesta pesquisa, tornando ainda mais clara a escolha dessa abordagem. O primeiro deles diz respeito à imagem que fornecem os jornais sobre determinados fatos ou acontecimentos. Neste estudo, trabalhou-se com a questão do espaço definido a partir da cobertura de fatos transcorridos no interior de Mato Grosso do Sul, em jornais da Capital. A presença ou não de acontecimentos em determinadas cidades irá definir um mapa que pode ser diferente daquele contido na cartografia oficial, já que algumas cidades podem ser citadas poucas vezes ou sequer aparecem na cobertura, indo de encontro às propostas estadualizadas dos veículos. Em tese, um veículo cuja proposta seja abranger uma região específica deveria dar voz a todas as localidades que compõem determinada área. Assim, a cobertura em questão evidencia a imagem estadual oferecida pelos periódicos estudados.

O segundo elemento importante nos estudos que empregam a abordagem do *Newsmaking* volta o olhar para dentro das organizações jornalísticas tentando compreender como essa imagem específica conferida pelos periódicos relaciona-se com as exigências produtivas das redações. Neste estudo, trata-se de analisar como a produção de material sobre o interior e a imagem nela contida reflete no dia a dia de repórteres e editores.

Para chegar até esses itens, as pesquisas nessa área, ainda segundo Wolf (1995), debruçam-se em dois pontos e neste trabalho não poderia ser diferente. O primeiro deles é a cultura profissional dos jornalistas, vista como um complexo sistema de práticas, símbolos, linguagens, costumes, estereótipos, convenções e rituais presentes entre os profissionais enquanto grupo refletindo tanto no entendimento sobre o que é notícia como o papel desse ofício perante a sociedade.

O segundo aspecto envolve a organização do trabalho dentro das redações, que faz emergir uma série de regras aplicadas constantemente na seleção entre os diversos fatos transcorridos diariamente. Como o jornal se trata primeiramente de uma empresa, muitas

vezes as normas impostas aos jornalistas constituem-se como limitações para a execução de certas atividades e o reconhecimento de certos fatos como notícia.

[...] a atividade jornalística é altamente condicionada. Muitas vezes o trabalho jornalístico realiza-se em situações difíceis, marcadas por múltiplas incertezas. O trabalho jornalístico é condicionado pela pressão das horas de fechamento, pelas práticas levadas a cabo para responder às exigências da tirania do fator tempo, pelas hierarquias superiores da própria empresa, e, às vezes o(s) próprio(s) dono(s), pelos imperativos do jornalismo como um negócio, pela brutal competitividade, pelas ações de diversos agentes sociais que fazem a “promoção” de seus acontecimentos para figurar nas primeiras páginas dos jornais ou na notícia de abertura dos telejornais da noite (TRAQUINA, 2005, p. 25).

As normas não são padronizadas no jornalismo como um todo, variando de companhia para companhia. Assim, a princípio trabalhamos com a ideia de que da mesma forma como as coberturas sobre o interior do estado podem ser diferentes em ambos os periódicos analisados, também o serão as regras nessas duas empresas.

Diante das propostas que se colocam nos estudos que utilizam da Hipótese do *Newsmaking*, dois elementos importantes emergem: os critérios de noticiabilidade e as rotinas produtivas. É nesses dois pontos que esta pesquisa se debruça no tocante a essa abordagem como marco teórico e que servirão como “chaves de explicação” dos dados numéricos obtidos na primeira parte da análise.

1.2.1 Critérios de noticiabilidade e valores-notícia

Se os profissionais que estão em uma redação foram questionados sobre o que é notícia, serão dadas as mais variadas respostas e, na maioria delas, o fator “depende”. Isso porque a produção dos periódicos envolve um complexo processo com características fabris, dada a sua organização, sendo a noticiabilidade entendida como qualquer elemento capaz de interferir nesse cenário, como

[...] características de fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, qualidade do material (imagem e texto), relação com as fontes e com o público, fatores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais, etc. (SILVA, 2014a, p. 52).

Para Shoemaker (2006), a noticiabilidade é um constructo cognitivo, um pensamento, e relaciona-se em todas as fases da produção, de forma a influenciar até mesmo a forma como

um fato será tratado dentro do jornal diante da importância e o peso dele perante a sociedade na qual o veículo está inserido, o que servirá como uma das bases para transformar o acontecimento, enquanto matéria prima, em notícia, considerada pela autora como um produto, um artefato social, uma coisa que pode, nesse sentido, ser negociada, trocada, vendida. Silva (2014a) afirma que os chamados valores-notícia são, dessa forma, critérios de noticiabilidade inseridos na primeira fase da produção junto com a seleção primária dos fatos, que constituem resposta à pergunta seguinte: quais os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes, do ponto de vista do público, dos jornalistas, das instituições, etc para serem transformados em notícias?

Wolf (1995) defende que os valores-notícia, apesar de se tornarem perceptíveis ao se analisar matérias já formatadas e publicadas, estão impregnados dentro da rotina da imprensa. Levando em consideração as ideias de Shoemaker (2006), eles agem em consonância com as ideias dos profissionais atuantes nesse processo de forma que eles possam otimizar o tempo de produção. Como são vários os fatos transcorridos entre as edições, os critérios evitam a consulta a manuais e longos momentos de reflexão para chegar a um consenso se vale a pena ou não levá-los adiante. É importante ressaltar que tais elementos não são rígidos e evoluem com o decorrer do tempo. Essa característica torna-se visível ao notar que certos acontecimentos são considerados “publicáveis” em algumas épocas enquanto em outras, não, ou então como as análises dos acontecimentos variam de região em região.

Existem várias classificações para os valores-notícia, tornando possível o desenvolvimento de uma série de estudos que os identificam em coberturas pré-determinadas, como no caso deste trabalho. Wolf (1995) os compila em quatro categorias diferentes segundo o olhar que eles demandam dentro do processo de produção noticiosa, quais sejam ao conteúdo, ao produto, ao público e à concorrência. Esses grupos não atuam da mesma forma e de uma só vez em todas as matérias, podendo estar presentes juntos ou não como fatores de maior relevância. Ao escolher a classificação do pesquisador italiano como base de análise para a cobertura do interior, buscou-se identificar quais deles estão presentes nos textos que servem como *corpus* para entender a lógica por trás da publicação específica desse tipo de assunto. Porém, em alguns casos, foram acrescentadas ideias de outros autores por complementar e atualizar o trabalho de Wolf, merecendo, por isso, consideração.

1.2.1.1 Critérios substantivos

Correspondem às características do acontecimento levadas em conta pelos jornalistas para que eles possam decidir se é noticiável. É importante ressaltar que enquanto constructo cognitivo, esses critérios não são usados de maneira uniforme e podem sofrer alterações com base no local onde os jornalistas atuam e até mesmo a abrangência do veículo de comunicação. Wolf (1995) identificou quatro variáveis para que um fato se torne relevante com base nos elementos que o compõem, que resumidamente são:

- a) **Grau hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento:** pressupõe que acontecimentos sobre países, personalidades ou instituições importantes economicamente automaticamente terão o grau de notícia. Aqui se abre um pequeno complemento às ideias de Wolf (1995) por entendermos que nesse grupo também figuram as celebridades, que embora não estejam no grupo dos indivíduos economicamente relevantes para a ordem instituída, detêm uma importância social.
- b) **Impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional:** entende que o fato deve ser capaz de influenciar nos rumos de uma nação, unidade federativa ou município, ou seja, deve ser significativo.
- c) **Quantidade de pessoas que o acontecimento envolve:** quanto maior o impacto coletivo de um determinado acontecimento, maior será o seu potencial noticioso. Esses efeitos podem ser a curto ou longo prazo, ou seja, igualmente torna-se publicável uma notícia, sobre esse ponto de vista, que irá, algum dia, ter consequências sobre uma boa parcela da população ou um grupo grande de indivíduos.
- d) **Relevância quanto à evolução futura:** subentende que acontecimentos com duração prolongada e efeitos a longo prazo são passíveis de tornarem-se notícia.

Ao analisarmos todos os valores propostos nessa categoria, vimos, por outro lado, que elas podem ser ainda mais resumidas em dois grupos amplos de categorias propostos pela norte-americana Shoemaker et al (2010) que são o desvio e a significância social. Trata-se de uma forma de tornar ainda mais clara a definição de valor-notícia e critérios de noticiabilidade enquanto constructos cognitivos e não simplesmente pelo peso das notícias em si, como se por si só elas tivessem a capacidade de se auto-definirem como publicáveis.

A primeira classificação entende que as pessoas tendem a voltar suas atenções para os fatos que rompem uma determinada ordem consolidada, sendo subdivididos em três tipos. (SHOEMAKER apud SILVA, 2014b).

- a) **Desvio estatístico:** se refere a eventos que são excêntricos ou não usuais, ou ainda que chamam a atenção por configurarem realizações ou acidentes acima ou abaixo da média.
- b) **Desvio normativo:** é referente à violação e elaboração de leis e regras manifestas ou latentes.
- c) **Desvio de mudança social:** elementos que rompem a estabilidade de um dado sistema social

Nesta pesquisa entendemos que um determinado evento pode estar relacionado a mais de uma dessas instâncias. Um crime bárbaro, por exemplo, pode ser considerado noticiável pelos jornalistas pela forma peculiar com a qual foi cometido e também por configurar o rompimento a uma regra socialmente estabelecida, já que resulta em punição.

Já a significância social envolve as características de uma notícia em concomitância com os elementos que o público deve saber para se ver inserido dentro de determinado sistema. Para a autora, esse elemento está relacionado com a forma que o mundo assume para as pessoas e pode ser dividido em quatro dimensões (SHOEMAKER et al, 2010).

- a) **Significação política:** inclui os sistemas da administração pública e as relações entre países.

- b) **Significação econômica:** relaciona-se ao sistema monetário, incluindo as relações dele com outros países mediante tributos, transações e outros negócios.
- c) **Significação cultural:** têm relação com os valores morais e religiosos das pessoas em uma determinada sociedade, que dão origem aos seus conjuntos de crenças, costumes e práticas cotidianas.
- d) **Bem-estar público:** entende que são noticiáveis os acontecimentos que falam de temas como segurança, saúde e qualidade de vida, ou seja, que estão diretamente associadas à manutenção dos direitos das pessoas como cidadãos e que pressupõem um conforto social.

Entender um fato como noticiável envolve um saber coletivo disseminado socialmente, nas palavras de Shoemaker (2010), é como se as características biológicas permitissem ao ser humano enxergar o mundo, mas a cultura determina como esse mundo se parece para cada um deles.

1.2.1.2 Critérios relativos ao produto

Retomando as categorias da Hipótese do *Newsmaking*, os critérios relativos ao produto relacionam-se com as características do acontecimento no tocante à sua disponibilidade de cobertura. Dessa forma, eventos que já se apresentam com determinado tipo de estrutura praticamente formatada para atender às expectativas da imprensa, ou que ostentam características que facilitem seu processo de produção até o resultado final, que no caso seria a publicação, tornam-se grandes candidatos a figurarem nas páginas dos jornais.

Dentro das redações, isso significa que um acontecimento em que alguém já produziu as imagens, áudios, fotos e os encaminhe para a redação têm grandes chances de aparecerem nas edições dos veículos, já que não irão demandar trabalho e ajudam muitas vezes a cobrir lacunas que a cobertura diária havia deixado, o que facilita adequar o produto aos *fades*¹² ou à quantidade limite de páginas.

¹² Jargão jornalístico utilizado para designar o tempo limite de um telejornal

Assim, os critérios relativos ao produto acabam resvalando na questão da qualidade que se espera do veículo. Conquistam maior noticiabilidade, então, os assuntos que agregam mais elementos visuais, com mais ação, com maior possibilidade de se esgotarem todos os fatos pertinentes sobre a cobertura, com chances de abordagem diante de uma linguagem clara (WOLF, 1995). Acrescentamos aqui as possibilidades de cobertura que o evento congrega, ou seja, fatos passíveis de serem trabalhados por meio de infográficos, textos mais reflexivos e material considerado como especial têm grandes chances de irem parar nas páginas dos jornais.

1.2.1.3 Critérios relativos ao meio

O tipo de veículo jornalístico confere a ele algumas limitações. Assim, segundo Wolf (1995), um telejornal ou radiojornal deve ser encaixado dentro de um determinado horário, principalmente no caso de praças em uma transmissão em rede, da mesma forma que os editores recebem um número limitado de páginas onde devem incluir todos os acontecimentos que merecem ser processados e transformados em notícias naquele dia. No caso da internet, a restrição se dá em razão do tempo, tendo em vista que muitas vezes existe uma minutagem específica entre uma notícia e outra, devendo a equipe se ajustar a esse ritmo frenético de trabalho fazendo, além da seleção primária, que no caso representa o crivo entre transformar ou não um fato em notícia, uma análise secundária para definir quais serão escritos primeiro.

1.2.1.4 Critérios relativos à concorrência

O último grupo de valores-notícia proposto por Wolf (1995) diz respeito ao regime de competição que se dá dentro da imprensa, de forma que uma empresa não quer ficar para trás. Muitas vezes um acontecimento, que segundo os critérios normais de seleção de determinado veículo talvez não conferisse a ele o peso necessário para ser transformado em notícia, é divulgado pelo concorrente. Imediatamente as equipes começam a apurá-lo. Em alguns casos, são os próprios superiores os responsáveis em navegar ou ler os demais jornais para verificar o que está sendo divulgado.

Muitas vezes, o grande desafio não é ir à busca do mesmo fato, mas a necessidade de conferir a ele outro gancho¹³ para que não fique evidente que a concorrência motivou a notícia. Pode ser intencional a divulgação de certos fatos no intuito de provocar os demais veículos. “A segunda tendência consiste no fato de a competição gerar expectativas recíprocas no sentido em que pode acontecer de uma notícia seja selecionada porque se espera que os *mass media* concorrentes façam o mesmo” (WOLF, 1995, p.192).

Os quatro grupos de critérios de noticiabilidade relatados serão utilizados para compreender quais são os elementos que motivam a cobertura sobre os fatos do interior do estado em nossos objetos de estudo. Tendo o resultado da análise de conteúdo em mãos, será possível inferir qual a predominância desses elementos entre as matérias analisadas. Porém, ainda dentro do arcabouço teórico que apresenta o *Newsmaking*, entendemos que somente esses elementos não são suficientes.

1.2.2 As rotinas produtivas

A inclusão da análise das rotinas produtivas nessa pesquisa relaciona-se com a necessidade de compreender o contexto prático-operativo em que esses conceitos são aplicados no intuito de entendê-los (WOLF, 1995). A elaboração de um jornal envolve uma série de etapas. A princípio podemos afirmar que veículos diferentes têm diferentes procedimentos, já que alguns elementos são particulares aos formatos, como edição de vídeo para os jornais televisionados e fechamento de página para os impressos.

De um modo geral, Wolf (1995) o autor entende que existem três fases principais na produção noticiosa que merecem atenção e são comuns dentro do jornalismo: recolha, seleção e apresentação de fatos. Os critérios de noticiabilidade vão incidir de formas diferentes em cada um deles. Wolf (1995) separou a produção em três fases. Para organizar esta pesquisa, optamos em utilizar essa divisão como um roteiro de análise das redações que são nossos objetos de estudo.

¹³ Jargão jornalístico que significa o elemento mais forte de um determinado fato, que geralmente irá abrir o texto e guiar a escrita, segundo Bueno e Reino (2012), trata-se de do viés principal da notícia, enfoque que justifica e sustenta o texto.

1.2.2.1 Recolha

Consiste na busca pela notícia, na forma como os profissionais que estão dentro das redações tomam conhecimento dos fatos. Em nosso caso, como os fatos do interior do estado chegam ao conhecimento dos jornalistas de Campo Grande? Wolf (1995) faz uma crítica aos meios institucionalizados de difusão de conteúdos. “A ele se adapta a observação segundo a qual, enquanto outrora eram os jornalistas que iam a procura de notícias, atualmente são as notícias que ‘procuram’ os jornalistas” (WOLF, 1995, p. 196).

A inserção da internet nas rotinas produtivas e a criação de portais noticiosos não chegaram a confirmar as prerrogativas sobre a extinção de outros veículos, como foi previsto, por exemplo, que da mesma forma o rádio acabaria após a chegada da televisão, ou que o jornal acabaria com o livro, mas isso não significa que os “velhos suportes” mantiveram-se incólumes diante da chegada de tamanha tecnologia, visto que mudanças foram sentidas no âmbito da rotina de produção como também na apresentação final da notícia (AMADORI e MARQUES, 2009).

Nesse cenário, Pereira (2004) aponta para a construção de um novo perfil profissional que classifica como “jornalista sentado”, valendo-se de um termo traduzido do francês, em que há uma mudança radical naquele repórter com características românticas, personificado em filmes e transformado em personagens de livros. Agora a produção concentra-se cada vez menos na apuração de campo e volta-se para o interior de uma sala, acessando as fontes por telefone ou e-mail; buscando cada vez menos pautas de observação direta e mais histórias já reproduzidas nas mídias sociais. O conteúdo também sofre com esse novo modelo, tendo em vista a utilização cada vez mais frequente do chamado “mimetismo”, ou seja, apropriação de textos prontos, seja de assessoria, seja de outros jornais (TÓFOLI, 2010).

O uso desse tipo de conteúdo envolve dilemas sob dois aspectos. Primeiramente temos as questões éticas que abrangem os direitos à propriedade autoral e intelectual dos que originalmente produziram os conteúdos. Profissionalmente, estamos falando de materiais que passaram por um processo de elaboração que envolve, muitas vezes, o uso de fontes particulares do repórter, negociações para acesso a documentos restritos ao restante da classe, uso de informações *off the record* junto com os riscos que elas pressupõem, tempo dispendido na redação da matéria até a inserção no portal, quando estará disponível à leitura.

Além disso, Wolf (1995) aponta uma grande dependência dos profissionais quanto às assessorias de imprensa e do público.

A integração de procedimentos de recolha e de valores-notícia reflete-se também na interdependência existente entre as fases de recolha e as fases de estruturação do material. Os dois processos funcionam simultaneamente, dado que a recolha se verifica, sobretudo, através de fontes estáveis que tendem a fornecer material informativo já facilmente inserível nos procedimentos produtivos normais da redação. O exemplo mais frequente é a escolha despachos de agências e a sua publicação como notícias, apenas com algumas ligeiras modificações superficiais, estatísticas, ou acompanhadas de algum suporte visual (WOLF, 1995, p. 197).

Durante a pesquisa, buscou-se verificar se a premissa do pesquisador italiano se fazia presente na imprensa sul-mato-grossense, mais precisamente nos veículos que foram analisados. Porém, entendemos que não são os únicos. Cada vez mais os jornais estão abrindo canais de comunicação com os leitores não apenas para aumentar as tiragens, mas também para que eles se vejam inseridos dentro do processo de produção noticiosa como colaboradores, enviando pautas e sugestões de reportagens. Isso outrora foi realizado com endereços de e-mail e hoje se consolida por aplicativos de mensagens instantâneas para celular e sistemas próprios de envio de textos.

No contexto específico em que estamos trabalhando, a distância é outra dificuldade que influencia na cobertura. Primeiro, verificamos se os periódicos dispunham de algum tipo de correspondente ou sucursal em municípios distantes de Campo Grande, o que não apenas otimizaria, mas conferiria maior qualidade à cobertura sobre o interior de Mato Grosso do Sul. Procuramos checar como esse elemento influencia na primeira etapa do trabalho jornalístico e quais as limitações reais que ele impõe.

Para Wolf (1995), esta forma de organizar a recolha se relaciona à necessidade de rotinizar o trabalho, o que provoca uma limitação substancial e uma redução – atenuadas, porém, pela estabilidade e pela produtividade – dos possíveis canais. Conforme o autor, como para os valores-notícia, também neste caso prevalecem os procedimentos que satisfazem simultaneamente mais exigências (racionalização do trabalho, redução de custos, redução de tempos, credibilidade de quem fornece os materiais, caráter oficial das fontes, fuga a pressões externas, redução da necessidade de controles, etc.).

1.2.2.2 Edição e apresentação

Se na entrada da “fábrica noticiosa” o acontecimento bruto era retirado de seu contexto original para ser classificado segundo critérios internos das organizações jornalísticas, o último passo do processo consiste em reconstruí-lo seguindo um formato específico pertinente

a cada tipo de veículo e variando de organização para organização, de forma que a matéria corresponda a um excerto da realidade, para que ela, assim, faça sentido perante os leitores.

Os conteúdos são adaptados segundo os parâmetros que o jornal exige, “neste sentido, representa o contexto (formal, textual) que a relevância e o significado das notícias são captados em relação ao qual são avaliados” (WOLF, 1995, p. 219). Como as notícias correspondem a um recorte espaço-temporal, o processo de edição, segundo o autor, consiste em construir a narrativa de forma que a matéria tenha uma linha de raciocínio que permita à audiência compreender o que está sendo dito, conferindo um material com início, meio e fim.

Na aplicação destes procedimentos, existe o que o pesquisador chama de “*highlighting*”. Não basta apenas montar a notícia, é preciso escolher quais elementos serão ressaltados e, portanto, tidos como mais importantes. Isso leva em consideração vários elementos. Se os jornalistas dispõem de alguma foto esteticamente impactante e de boa qualidade, o texto pode ser ancorado em cima dela. Se os entrevistados disseram algo polêmico, controverso ou chocante, pode ser este o item que merece maior atenção dentro do texto.

Por fim, ocorre a formatação final do periódico. Neste caso também existe a presença do *highlighting*. No caso do impresso, um dos suportes analisados, as matérias cujo interesse do veículo é ressaltar perante as demais geralmente vêm no topo das páginas e têm mais espaço, tendo em vista que são mais importantes e merecem destaque. Entre todas as editorias, são escolhidos ainda os destaques de toda a publicação, inseridas na primeira página.

No caso dos veículos *online*, esse processo é um pouco diferente. Como a publicação ocorre mediante o uso de sistemas informatizados, as páginas por editorias apresentam apenas um *plantão*¹⁴ do que já foi ao ar. Os editores, desta forma, mexem apenas na capa dos portais. Da mesma forma que o jornal impresso, não há espaço para todas as reportagens do dia na lista das notícias mais recentes, sendo selecionadas apenas aquelas consideradas as mais importantes. A vantagem dos veículos que estão na internet é poder trocar as manchetes e destaques a qualquer momento do dia.

Em ambos os casos, que se ajustam com nossos objetos de estudo, nota-se que existe uma hierarquização das notícias do ponto de vista da relevância. Assim, esse elemento também foi utilizado para explicitar o conteúdo organizado na primeira fase para analisar

¹⁴ Jargão jornalístico usado para descrever a listagem das notícias em ordem de publicação, geralmente acompanhadas pelo horário em que entraram no ar.

onde, dentro do veículo, estão inseridas e de que forma estão organizadas, as reportagens sobre o interior de Mato Grosso do Sul.

Para Wolf (1995), esse processo depende da noção de público que têm os jornais. A escolha entre os elementos mais importantes nem sempre ocorrem somente diante da opinião dos jornalistas, mas em alguns casos leva em conta que deve aparecer primeiro aquilo que irá gerar mais leituras. Isso, dentro dos jornais *online*, tem uma presença maior. Mais do que o rádio ou a televisão, a internet dispõe de infinitos conteúdos voltados ao entretenimento e redes sociais onde os usuários trocam informações independentemente de serem ou não jornalistas. Assim, os periódicos lutam para chamar a atenção, destacando fatos por vezes entendidos como “bizarros”, mas que irão se disseminar mais facilmente na rede. Alguns veículos de maior porte têm inclusive equipes que acompanham os “*Trending Topics*”¹⁵ ou os *memes*¹⁶ e vídeos que estão gerando repercussão na internet para produzirem matérias sobre eles com a finalidade de tentar puxar alguns *page views*.

1.2.3 Entrevistas de profundidade

Sendo a Hipótese do *Newsmaking* entendida como a análise do processo noticioso sob o ponto de vista das rotinas produtivas e critérios de noticiabilidade, a operacionalização deste nicho de estudos se daria incompleta se ficasse restrita apenas a números e estatísticas sobre a presença e quantidade de determinados valores, até mesmo porque eles podem até ser interpretados, mas ainda carecem de complemento para evidenciar um *modus operandi* específico. Este modelo explicativo envolve, além de uma análise externa do pesquisador, um olhar específico e interno, feito por meio da chamada observação participante ou das entrevistas de profundidade. Neste estudo, optou-se em estudar as rotinas produtiva com base na segunda opção, tendo sido consultados os profissionais que estão diretamente ligados ao processo de produção no *O Estado* e *Correio do Estado*, com suas respectivas versões *online*.

A entrevista é uma técnica através da qual o pesquisador se coloca diante do participante para quem faz perguntas com o objetivo de obter informações que contribuam para a investigação. Trata-se de um diálogo assimétrico em que o

¹⁵ Na rede social *Twitter*, *Trending Topics* correspondem às listas com os conteúdos que estão sendo mais comentados por seus usuários.

¹⁶ *Memes* são imagens que se espalham rapidamente pela rede mundial de computadores. Seu conteúdo geralmente se apropria de cenas onde são acrescentadas legendas ou ícones que se valham de sarcasmo ou ironia em tom muitas vezes de crítica a determinada situação.

pesquisador busca coletar dados e o interlocutor se apresenta como fonte de informação. As entrevistas procuram explorar o que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem e desejam (VEIGA e GONDIM, 2001, sem página).

Este trabalho procedeu ao recrutamento dos entrevistados pelo critério de conveniência¹⁷, conforme apontado pelas autoras. Definiu-se um mínimo de quatro entrevistados por veículo, sendo o editor de cidades e um repórter de cidades de cada jornal, o editor e um repórter do *site* de cada portal analisado. Porém, abriu-se margem para a técnica da “bola de neve”, “em que os participantes sugerem outros participantes para serem entrevistados” (VEIGA e GONDIM, 2001, sem página).

Todos os contatos foram gravados para que tivéssemos acesso posterior aos materiais para transcrição e interpretação. Buscou-se realizar a maior quantidade possível de entrevistas pessoalmente, mas alguns dos profissionais optaram em responder às perguntas por e-mail para não atrapalhar as tarefas diárias.

As identidades dos entrevistados serão preservadas. Eles serão referenciados por letras, sendo os jornalistas A, B e C integrantes da equipe do *Correio do Estado*; jornalistas D e E do *Portal Correio do Estado*; jornalistas F e G do *Estado Online* e jornalistas H e I do *O Estado*. A quantidade de entrevistados no *O Estado* foi menor porque dois jornalistas convidados para a pesquisa não quiseram participar.

Esta corresponde à última fase do trabalho, realizada após a análise de conteúdo e aplicações dos preceitos iniciais da Hipótese de *Newsmaking*, de forma a compreender junto aos entrevistados o porquê dos resultados, servindo para que se possa interpretá-los sob a ótica do funcionamento de cada empresa jornalística.

¹⁷ O critério de conveniência sugerido pelas autoras é a técnica da “bola de neve”, em que os participantes sugerem outros participantes, compondo a lista de entrevistados.

2 NOTÍCIAS SOBRE O INTERIOR NOS JORNAIS IMPRESSOS

Dos 79 municípios de Mato Grosso do Sul, 53 (68%) têm menos de 20 mil habitantes. A baixa demografia pode tornar inviável a manutenção de jornais impressos, que exigem investimento com equipamentos, maquinários de impressão e logística de distribuição. Levantamento feito pelo Projeto de Pesquisa Portal de Mídia da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) confirma essa premissa ao apontar que 35¹⁸ (44,30%) cidades do estado contam com esse tipo de veículo de comunicação, ou seja, menos da metade.

A pesquisa também mostra que essas empresas concentram-se nas cidades com maiores números de habitantes e PIBs (Produtos Internos Brutos). Por outro lado, somando todos os jornais impressos catalogados pelo Portal de Mídia nota-se que dos 92 jornais catalogados, 28 (30,43%) encontram-se na Capital, enquanto 64 (69,57%) estão espalhados pelo interior. Desses periódicos, 70 (55,5%) dispõem de versão *online*, 49 deles (38,8%) são semanários e 36 (28,6%) são quinzenais.

Essa relação entre a distribuição dos jornais no estado com a realidade econômica reflete na presença dos demais tipos de veículos. Em um estado focado no agronegócio e que a existência de fazendas localizadas em zonas remotas dificulta o acesso a outros meios, o rádio está presente em quase todas as cidades, com exceção de Jateí, conforme dados disponibilizados pelo Ministério das Comunicações. Esse município, localizado a 260 quilômetros de Campo Grande, tem quatro mil habitantes, conforme o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), sendo o terceiro menor de Mato Grosso do Sul. Também é o único a não contar com qualquer outro tipo de mídia.

Os *sites* de notícias estão em 68 (86%) cidades sul-mato-grossenses conforme levantamento do Portal de Mídia. Com o avanço da tecnologia, este suporte é o mais barato, podendo muitas vezes ser feito por apenas uma pessoa e em qualquer lugar, bastando um computador com acesso à internet. Vários jornais impressos têm criado versões *online* para se manterem no mercado, como já fizeram o *Correio do Estado* e *O Estado*, objetos de estudo desta pesquisa, que ainda são os maiores impressos de Mato Grosso do Sul, com circulação de 11,9 mil e 6,1 mil exemplares por dia, respectivamente.

Dessa forma, esta pesquisa analisou os textos jornalísticos de natureza informativa publicados pelo *Correio do Estado* e *O Estado* e suas respectivas versões *online* durante uma semana construída no intuito de verificar como é feita a cobertura sobre o interior. O período

¹⁸ Todos os dados utilizados neste capítulo oriundos do Projeto de Pesquisa Portal de Mídia da UFMS foram consultados no site <http://www.portaldemidia.ufms.br/> às 10h34 do dia 06 de junho de 2016

de análise foi de 17 de janeiro a 5 de março de 2016, exceto no *O Estado* impresso, que por não circular aos domingos, teve o primeiro dia de análise antecipado para 16 de janeiro de 2016.

Este capítulo apresenta um panorama histórico e um perfil das versões impressas desses veículos, seguido pelo resultado da análise. Inicialmente, foram contabilizados todos os textos jornalísticos informativos publicados durante esse período para verificar, por meio da classificação em Interior, Capital, Estadual, Nacional e Internacional qual a presença de cada um desses níveis de abrangência na cobertura. Em seguida, apenas os textos com procedência “Interior” foram selecionados para as fases seguintes, que tiveram por objetivo três elementos principais: fotos, fontes e editorias.

Os resultados foram cruzados com entrevistas feitas com jornalistas do *Correio do Estado* e do *O Estado* para explicar como as rotinas produtivas e critérios de noticiabilidade interferem no processo de seleção noticiosa sobre o interior.

Este capítulo está organizado em três seções. As duas primeiras apresentam as análises dos dados no *Correio do Estado* e no *O Estado* respectivamente. A última faz uma comparação entre as duas coberturas no intuito de verificar semelhanças e diferenças entre os dois veículos.

2.1 O interior nas páginas do *Correio do Estado*

O *Correio do Estado* foi fundado em 7 de fevereiro de 1954, tendo completado 60 anos em 2014. É um dos mais antigos em circulação em Mato Grosso do Sul. O veículo está ligado à política desde sua criação, já que os responsáveis por idealizá-lo pertenciam à UDN (União Democrática Nacional). O grupo tinha o objetivo de disseminar as ideias do partido no então estado de Mato Grosso.

Seus mentores foram Fernando Corrêa da Costa (na época governador), José Manuel Fontanillas Fragelli (o primeiro diretor-presidente do periódico, ex-senador, ex-deputado e ex-governador) e José Inácio da Costa Moraes (principal acionista).

O veículo nasceu com tiragem de mais de dois mil exemplares diários vespertinos, em formato tabloide, preto e branco, com oito páginas, no período em que Campo Grande tinha entre 40 e 50 mil habitantes. José Barbosa Rodrigues, que é tido como o patrono do jornal, foi contratado em 1957 para substituir um editor que havia sido demitido e assumiu o veículo quando o grupo político decidiu parar de investir no impresso. Posteriormente, Rodrigues

adquiriu o *Correio do Estado* ao comprar a parte da empresa que pertencia ao acionista José Inácio, que havia investido todas as suas economias no jornal (SCWHENGBER, 2008). A primeira manchete intitulava-se “Água para o bairro Amambai: chega o técnico encarregado da perfuração de poços semi-artesianos no bairro”. (Figura 1)

Figura 1: primeira capa do jornal Correio do Estado



Em 1977, o veículo cobriu a divisão do estado, tendo inclusive enviado repórter para Brasília no intuito de acompanhar a solenidade de criação de Mato Grosso do Sul e organizando, junto com a Rádio Cultura, uma passeata pelas ruas da cidade para comemorar o fato. A empresa jornalística na época providenciou até mesmo faixas que foram colocadas nas ruas em meio à multidão que celebrava a emancipação do estado.

O crescimento populacional aumentou a demanda noticiosa e, em 1981, a empresa mudou-se para um prédio localizado na Avenida Calógeras. Nessa mesma época houve uma grande mudança no projeto gráfico, já que havia sido instalado também novos maquinários que deixavam as impressões mais modernas. Outro marco para o veículo de comunicação deu-se em 1994, quando começou a incluir em suas páginas fotos coloridas. No dia 5 de setembro daquele ano, a edição trazia a imagem de um ipê amarelo, árvore considerada símbolo da capital sul-mato-grossense, acompanhada pela manchete “A primavera chega com

nossas cores”, tendo sido, conforme a empresa, o primeiro jornal do país 100% colorido (CORREIO DO ESTADO, 2014).

José Barbosa Rodrigues faleceu em 2003, aos 87 anos, e a empresa passou para as mãos de seus filhos, principalmente Antônio João Rodrigues, fundador e atual presidente do PSD (Partido Social Democrático) em Mato Grosso do Sul, mantendo as bases políticas do veículo de comunicação. Em 2014, foi candidato derrotado ao Senado. Antônio João é o diretor responsável pela parte editorial, participando inclusive de reuniões diárias de pauta com os editores (ver transcrição das entrevistas nos apêndices desta pesquisa).

O planejamento gráfico atual estreou em 7 de fevereiro de 2012 (Figura 2), a maior reforma já feita, com o objetivo de torná-lo mais agradável e didático ao leitor (CORREIO DO ESTADO, 2014). Atualmente, circula com uma média de 28 páginas divididas em quatro editorias fixas (Política, Economia, Cidades, Esportes e Correio B) e quatro suplementos, sendo um deles sobre agricultura, publicado às segundas-feiras com oito páginas; infantil, publicado aos sábados com oito páginas; veículos, publicado também aos sábados com três páginas, e informática, publicado às quartas-feiras com 12 páginas.

Figura 2: capa do Correio do Estado em 7 de fevereiro de 2012



Desde seu início, o *Correio do Estado* se identifica como de abrangência estadual. Atualmente, o veículo não dispõe de uma editoria específica para “interior”, publicando esse material em Cidades junto com os fatos transcorridos em Campo Grande. Em termos de adequação temática, não há qualquer discrepância, mas essa característica pode representar uma sub-cobertura dos fatos do interior.

Em contrapartida, em discordância com o perfil estadualizado que a empresa afirma, existe uma editoria exclusiva para notícias internacionais e outra para notícias de cunho nacional, o que pode representar maior incidência desses fatos em comparação com os acontecimentos do interior do estado.

Auditoria do IVC feita em 2014 aponta que a maior parte da circulação do jornal concentra-se em Campo Grande, com média de 9.876 (83,07%) exemplares diários. No interior são vendidos em média 1.780 (14,97%) exemplares por dia, enquanto em outros estados a circulação média é de apenas 36 jornais por dia (0,30%) e não há vendas no exterior.

Com relação ao interior, ainda segundo o relatório do IVC, o *Correio do Estado* tem maior circulação em 32 municípios¹⁹, menos da metade das cidades sul-mato-grossenses. Estão presentes nesta listagem somente duas das cidades que não dispõem de nenhum jornal impresso: Rochedo e Jaraguari. A falta de periódicos nesses locais pode ser explicada pela localização geográfica deles, já que fazem limite com Campo Grande. No entanto, a circulação do *Correio do Estado* nelas é inexpressiva, sendo sete exemplares na primeira e somente dois na segunda, conforme o relatório. O documento aponta ainda que existem 134 jornais circulando em 17 outros municípios não informados.

Entre as cidades do interior, Corumbá é onde o jornal tem mais circulação (316 exemplares diários) segundo o IVC, seguida por Três Lagoas (142), Aquidauana (130) e Dourados (122), municípios que ocupam o topo do *ranking* populacional do estado, tendo os demais municípios circulação inferior a cem exemplares.

A empresa chegou a ter sucursais em Dourados, Três Lagoas e Ponta Porã, que foram fechadas há cerca de dez anos. Desde então, passou a contratar correspondentes cujo vínculo com a empresa foi definido pelo jornalista como *freelancers fixos*, ou seja, sempre que o jornal precisa de algum material em alguma das mais importantes cidades do estado, recorria sempre às mesmas pessoas, que recebiam por matéria enviada e sem qualquer tipo de vínculo

¹⁹ Jaraguari, Nova Alvorada do Sul, Ribas do Rio Pardo, Rochedo, Sidrolândia, Terenos, Água Clara, Amambaí, Aparecida do Taboado, Aquidauana, Bandeirantes, Bela Vista, Bonito, Brasilândia, Camapuã, Chapadão do Sul, Corumbá, Coxim, Dourados, Jardim, Maracaju, Naviraí, Nova Andradina, Paranaíba, Pedro Gomes, Ponta Porã, Porto Murtinho, Rio Brilhante, Rio Negro, Rio Verde de Mato Grosso, São Gabriel do Oeste e Três Lagoas.

empregatício com a empresa (JORNALISTA A, 2016). Atualmente, porém, o veículo utiliza esse recurso somente em Três Lagoas, segundo o entrevistado por conta da venda ser melhor naquele município do que em outros. Essa informação contradiz os dados do IVC, o que leva a crer que a empresa disponha de novos números de circulação que ainda não foram disponibilizados pelo instituto.

Com relação ao foco da cobertura sobre o interior, as entrevistas mostram que não há consenso se o veículo busca em primeiro lugar informar as pessoas de Campo Grande sobre o que se passa no interior ou se deseja informar às pessoas do interior sobre o que se passa na cidade delas. Para o Jornalista A, o veículo procura fazer as duas coisas, embora priorize o público da capital por se tratar do maior nicho de mercado.

Nós tentamos fazer os dois, mesclar aquilo que é uma matéria interessante, que dê leitura, e também tentamos atender aquele público que temos no interior. Por exemplo, privilegiamos Três Lagoas porque temos uma vendagem muito boa lá e deveríamos até tentar ampliar isso. Então tentamos fazer uma cobertura nesse sentido: onde nós temos correspondente. Temos bastante material em Três Lagoas, até porque temos um público lá. Mesmo fora desse âmbito, tentamos atender aquelas matérias que são interessantes como leitura e que possam atender o público de Campo Grande (JORNALISTA A, 2016).

Já o Jornalista B teve uma opinião diferente. Para ele, embora o *Correio do Estado* tenha uma circulação considerável no interior, as pessoas que moram fora de Campo Grande contam com a imprensa dos outros municípios e levando em consideração o perfil estadualizado da empresa, muitas vezes não há como atender a essa necessidade, já que realmente os assuntos locais competem com temas de outras procedências.

Em contrapartida, o Jornalista C entende que o veículo escreve para qualquer pessoa, independentemente do local onde ela esteja. “Acho que quem lê no interior se identifica sim, sente como se estivesse lendo um jornal local. Claro que o espaço é mais restrito, saem muito mais coisas de Campo Grande” (JORNALISTA C, 2016). Este profissional fez um apontamento interessante ao relacionar a questão da abrangência com o sentimento de pertencimento da população do estado, de forma que alguns assuntos, como por exemplo situação de rodovias, estragos causados pelas chuvas e outros temas mais abrangentes que envolvem o cotidiano dos municípios afetam quem frequentemente viaja de um local a outro para trabalho ou visitar parentes.

Dois dos três jornalistas entrevistados, por outro lado, ao serem inquiridos a colocar em ordem de importância os cinco níveis de cobertura abordados como procedência das

notícias (interior, capital, estadual, nacional e internacional) opinam que os assuntos relativos à capital são prioridade. Apenas o Jornalista A elegeu a abrangência estadual como mais relevante.

Estado e Nacional hoje estão muito ligados por conta da questão política, tanto é que se você pegar as últimas edições, não só da última semana, mas se você pegar dos últimos dois meses, nós demos muitas manchetes nacionais por conta do viés político e até pela linha editorial do jornal que privilegia mais a questão política. Então Estado e Nacional estão próximos, Nacional no sentido político, Campo Grande, Interior e Internacional. Só para dizer, desde que eu estou aqui [um ano] a gente deu o atentado de Paris, foi a única vez, mas foi uma situação drástica, diferenciada. (JORNALISTA A, 2016).

O veículo conta atualmente com cerca de 25 pessoas na produção jornalística, todos com graduação na área, conforme as exigências da empresa. A estrutura hierárquica do jornal começa, de baixo para cima, com os repórteres, que são divididos entre as editorias e, portanto, vinculados a um subeditor e editor de página. Esses dois cargos de liderança trabalham em conjunto durante a semana e revezam aos plantões de fins de semana no fechamento do material. Acima deles existem dois editores-gerais, que fazem o direcionamento das pautas e montam a capa.

O dia a dia da redação começa com o repórter do *Portal Correio do Estado*, que chega às 6h e realiza a ronda policial no intuito de descobrir fatos relevantes que transcorreram entre a noite e madrugada. Às 7h chega o primeiro repórter do jornal impresso, que passa a auxiliá-lo com aquelas apurações. A primeira reunião de pauta é realizada ao meio-dia, contando com a presença tanto da equipe do *site* como do impresso. Nesse encontro são compartilhados os acontecimentos transcorridos pela manhã, de forma que os editores-gerais fazem um afunilamento das notícias e direcionam o que pode ou não ser a manchete principal e as matérias que abrem as páginas junto com os responsáveis pelas editorias. Em seguida, é realizada uma reunião com a participação de Antônio João Rodrigues, diretor da empresa. Às 17h é feita a terceira e última reunião do dia, quando os fatos transcorridos durante a tarde também entram em avaliação para que sejam definidos de uma vez por todas os destaques daquela edição.

2.1.1 Categorias de análise

Nesta parte do trabalho foram contabilizados todos os textos informativos publicados pelo *Correio do Estado* durante a semana construída. Esse material foi analisado em quatro categorias: procedência, editoriais, fotos e fontes. O intuito dessa metodologia, embasada na Análise de Conteúdo, foi verificar, em um primeiro momento, qual a presença das matérias sobre o interior e compará-la com as das demais abrangências. Em seguida, prosseguiu-se com o estudo exclusivo dos textos sobre o interior para identificar suas principais características.

a) Procedência

Nesta pesquisa entende-se como procedência o local onde transcorreram os fatos que foram transformados em notícia. Assim, os textos informativos foram classificados em: Interior (quando os acontecimentos ocorreram em algum município específico ou em localidades de uma mesma região); Capital (transcorridos em Campo Grande); Estadual (quando a notícia diz respeito ao território sul-mato-grossense como um todo sem citar uma cidade específica ou quando envolveu municípios de regiões diferentes); Nacional (quando os fatos transcorrem em outros estados ou dizem respeito ao país como um todo) e Internacional (quando relatam fatos transcorridos em outros países).

Na semana analisada, o *Correio do Estado* publicou o total de 347 textos, dos quais 27 (7,78%) tinham procedência do interior, 87 (25,07%) tinham como procedência a Capital, 43 (12,39%) tinham procedência estadual, 133 (38,33%) tinham procedência nacional e 57 (16,43%) tinham procedência internacional (Tabela 1).

Tabela 1 – Procedência da notícia no *Correio do Estado*

Data	Interior	Capital	Estadual	Nacional	Internacional	Totais
17/01/2016	3	8	4	15	4	34
25/01/2016	2	10	3	19	11	45
02/02/2016	2	15	9	14	11	51
10/02/2016	4	9	6	15	3	37
18/02/2016	4	20	8	17	11	60
26/02/2016	6	12	9	20	8	55
05/03/2016	6	13	4	33	9	65
Totais	27 (7,78%)	87 (25,07%)	43 (12,39%)	133 (38,33%)	57 (16,43%)	347

O primeiro fato a ser observado é que os textos jornalísticos sobre um município específico do interior foram minoria dentro da semana analisada, o que até então não representa nenhuma surpresa tendo em vista as opiniões da equipe do *Correio do Estado* sobre o foco de cobertura, já que nenhum deles elegeu interior como instância principal. Porém, nota-se que os fatos nacionais predominaram na semana de análise, superando inclusive as notícias sobre Campo Grande. Mesmo que uma das metas do *Correio do Estado* seja informar a população sul-mato-grossense sobre o que se passa no país e no mundo, é contraditório ter um grande volume de textos nacionais. Com o avanço da internet, o leitor pode acessar por conta própria as informações nacionais diretamente dos portais onde o próprio *Correio do Estado* as busca e publica, não havendo necessidade de comprar o jornal para fazê-lo.

Pelas opiniões dos jornalistas entrevistados, é possível notar que a seleção noticiosa dentro da empresa leva em consideração o que a equipe presume ser interessante ao público, já que ao serem questionados sobre o *feedback* das notícias veiculadas, todos os jornalistas são unânimes em citar a repercussão dos fatos pelas redes sociais. Porém, a melhor explicação para a predominância de fatos nacionais ainda reside no perfil declaradamente voltado à cobertura política.

Houve 18 municípios do interior citados em textos de outras procedências, dos quais 17 em matérias estaduais e um em uma matéria sobre a Capital. Nesses casos, as cidades interioranas aparecem em segundo plano no texto, por exemplo na matéria intitulada “Artista corumbaense radicado na França expõe seu universo de emoções”, publicada em 18 de fevereiro, em que o município de Corumbá aparece somente como referência ao local de nascimento do pintor, sendo citada somente uma vez, enquanto o foco do texto é uma exposição com obras do artista que será em Campo Grande. A matéria descreve o tema das obras e informa ao público os horários e endereço do lugar onde será realizado o evento.

Da mesma forma, a matéria “Detran também quer interligar sistema para monitorar BR-163”, veiculada em 18 de fevereiro, aborda o projeto para instalar câmeras pela principal rodovia federal que corta Mato Grosso do Sul. Foca na iniciativa do poder público, detalhando como será seu funcionamento e destacando que o único lugar em que ele já funciona é Campo Grande. Porém, as cidades de Dourados e Três Lagoas citadas apenas uma vez, no antepenúltimo parágrafo, para informar que estes dois municípios se preparam para aderir ao projeto, não voltando a aparecer novamente no texto, sequer informando ao leitor detalhes sobre a implantação do plano de monitoramento no interior.

A única matéria com abrangência estadual em que as cidades do interior figuram em primeiro plano é “Aumenta o número de desabrigados no interior”, que aborda os estragos causados pelo excesso de chuvas em Mato Grosso do Sul no primeiro trimestre de 2016. Vale lembrar que neste caso a classificação se deu como Estadual porque se trata de um problema de maior abrangência que atingiu cidades em regiões diferentes.

Foram citadas pelo *Correio do Estado* 42 (53,16%) das 79 cidades de Mato Grosso do Sul em todos os textos informativos. Destas, 25 (59,52%) apareceram somente uma vez²⁰, enquanto 7 (16,67%) foram citadas duas vezes²¹, três (7,14%) foram citadas três vezes²² e quatro (9,52%) foram citadas quatro vezes²³.

Dourados foi o município mais citado (11 vezes), sendo também o único que apareceu em pelo menos um texto em todos os dias analisados. Na sequência está Corumbá (7 vezes) e Bela Vista (5 vezes).

b) As editorias

A primeira das três categorias de análise que nos ajuda a identificar as características da cobertura sobre o interior diz respeito à divisão temática das matérias por editorias. Elas foram categorizadas com a mesma nomenclatura utilizada pelo *Correio do Estado* no intuito de facilitar a compreensão, já que são citadas dessa forma pelos entrevistados em vários momentos. No primeiro momento é apresentado o resultado de todas as matérias publicadas durante a semana construída para depois focar nos dados específicos sobre o interior.

Dos 347 textos jornalísticos publicados pelo *Correio do Estado* durante a semana construída, 84 (24,21%) estavam na editoria de Cidades. Nessa seção são veiculados textos sobre cotidiano e assuntos policiais. Outras 59 (17%) foram publicadas nas páginas Brasil e Mundo, ou seja, textos referentes aos assuntos nacionais e internacionais. A terceira editoria com mais matérias foi Esportes, com 55 textos (15,85%). Na sequência vem Política, com 47 matérias (13,54%) e Economia, com 42 matérias (12,10%). Correio B, caderno sobre arte, cultura e variedades, apresentou 36 textos (10,37%).

²⁰ Aquidauana, Ivinhema, Sete Quedas, Tacuru, Caarapó, Rio Brilhante, Aparecida do Taboado, Jardim, Ladário, São Gabriel do Oeste, Selvíria, Alcinópolis, Aral Moreira, Bandeirantes, Camapuã, Chapadão do Sul, Jaraguari, Jateí, Laguna Carapã, Mundo Novo, Ribas do Rio Pardo, Guia Lopes da Laguna, nova Andradina, Paranaíba, Porto Murtinho.

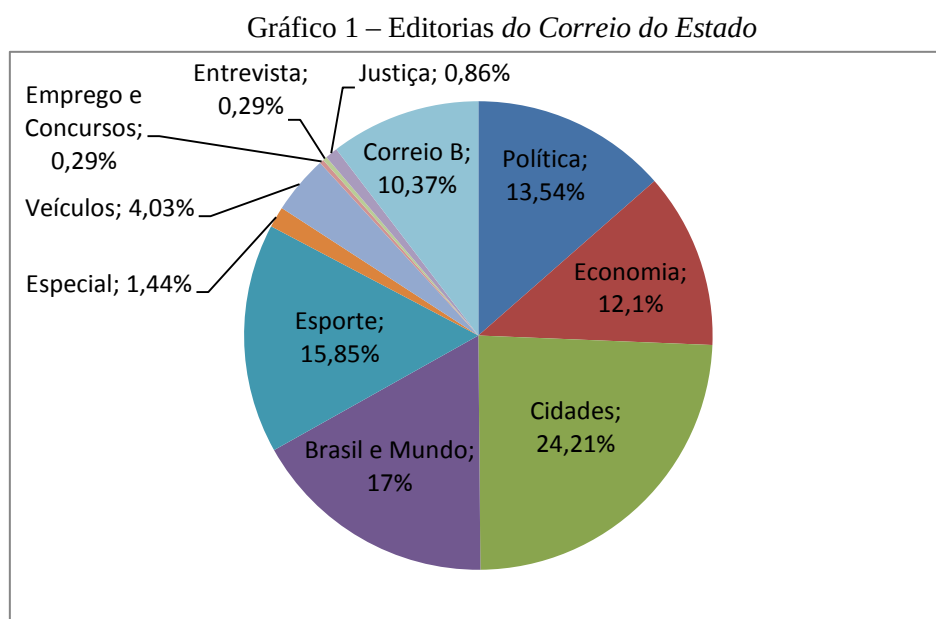
²¹ Itaporã, Sonora, Vicentina, Sidrolândia, Miranda, Naviraí e Rio Verde de Mato Grosso

²² Maracaju, Bonito e Fátima do Sul

²³ Ponta Porã, Três Lagoas, Coxim e Amambai.

Algumas seções são veiculadas esporadicamente pelo veículo. A página Especial apareceu somente nos dias 25 de janeiro, 18 de fevereiro e 26 de fevereiro, apresentando um total de cinco textos (1,44%). Essa página apresenta vários textos diferentes sobre um mesmo assunto no intuito de ampliá-lo, sendo o tema geralmente relacionado a algum acontecimento de maior relevância.

Já a editoria de Veículos, que teve 14 textos (4,03%), é publicada apenas aos sábados. Emprego e Concursos e Entrevista foram veiculadas apenas um dia cada, ambas no dia 17 de janeiro e cada uma com somente um texto (0,29%).



Com relação à cobertura sobre o interior, foram encontradas notícias dessa procedência em apenas quatro editorias (Tabela 2).

Tabela 2 – Editorias das notícias do interior no *Correio do Estado*

Dia	Política	Economia	Cidades	Esporte	Total
17/01/2016	1	0	2	0	3
25/01/2016	0	1	1	0	2
02/02/2016	0	0	2	0	2
10/02/2016	0	0	4	0	4
18/02/2016	0	1	3	0	4
26/02/2016	1	1	4	1	7
05/03/2016	0	1	4	0	5
Total	2 (7,41%)	4 (14,81%)	20 (74,07%)	1 (3,70%)	27

Dos 27 textos sobre o interior, 20 (76,92%) foram veiculados nas páginas de Cidades. Esse fato surpreendeu um dos jornalistas ouvidos neste trabalho. “Eu achava que saía mais em Economia, para você ver com que a visão que nós temos do dia a dia é diferente” (JORNALISTA C, 2016). Para todos os entrevistados, isso acontece devido ao caráter generalizante desta seção, que por envolver cotidiano pode abranger as mais variadas notícias.

A editoria de Cidades é muito abrangente. Ela acaba sendo, assim, o que não é Política, o que não é Economia, vira Cidades. Às vezes até tem algum fato político, com viés aparentemente político, que tem outro olhar que acaba sendo mais Cidades, porque se ficar em Política vai ficar restrito a algum tipo de apuração que às vezes não vai conseguir abranger o todo, então acaba ficando em Cidades por causa disso. Por exemplo, operação do Gaeco na Câmara dos Vereadores. Seria Política até, mas pela abrangência, pelo tipo da investigação que apura desvio de verbas da Saúde, mexe com o cotidiano, então a gente acaba deixando mais em Cidades mesmo até pela abrangência da editoria. (JORNALISTA A, 2016).

Ao encontro do que relatou o entrevistado, foram identificadas duas matérias sobre o interior que falam sobre órgãos públicos e crimes políticos que estavam na editoria de Cidades ao invés de Política. A primeira delas, intitulada “MPE quer ponto eletrônico nos hospitais de Dourados”, que discorre sobre uma investigação em instituições públicas de saúde sobre o não cumprimento dos plantões pelos servidores nelas lotados. A segunda, “MPE denuncia vereador por extorquir idoso”, fala de um político de Maracaju acusado de cobrar um valor mensal de um cidadão para facilitar sua aposentadoria.

Essa amplitude temática da editoria de Cidades é um dos fatores que limitam a quantidade de notícias sobre o interior. Para o Jornalista B, dificilmente a matéria abre de página da editoria de Cidades será um assunto sobre o interior justamente pelo foco do *Correio do Estado* atender principalmente aos interesses dos leitores de Campo Grande, a não ser que surja um fato em algum município que cresça a ponto de afetar outras localidades.

Dos 20 textos sobre o interior publicados na editoria de Cidades, seis (30%) narram homicídios, enquanto um aborda um caso de violência generalizada durante um evento e um discorria sobre um roubo. Isso significa que oito matérias com procedência interior publicadas na editoria de cidades referem-se à violência. Também foram contabilizadas duas matérias (10%) que abordam outros tipos de mortes. A primeira delas, intitulada “Ciclista morre ao ser atingido por moto em Dourados”, aborda um acidente de trânsito e a outra, intitulada “Bebê tem sinais de morte encefálica” relata o caso de uma criança internada no Hospital Universitário de Dourados que apresentava sinais de violência sexual e faleceu em decorrência de traumas na região da cabeça. Embora o crime, que segundo a matéria teria sido

cometido pelos pais, não tenha sido confirmado, o texto não deixa de transparecer a questão da violência.

As opiniões dos entrevistados a respeito dessa característica da cobertura sobre o interior foram divergentes ao tentarem explicar o porquê de as notícias retratarem casos de violência. Para o Jornalista A, esse fato se deve primeiramente à inexistência de correspondentes em cidades fora de Campo Grande, com exceção de Três Lagoas, e ao tamanho das equipes. Uma vez que os repórteres precisam apurar os acontecimentos à distância, levando em consideração os meios que eles têm à disposição (*releases*, boletins de ocorrência e informações de *sites* locais), a tendência acaba sendo um maior número de notícias sobre crimes e mortes. Para o profissional, se houvessem correspondentes em outros municípios, eles talvez poderiam sugerir outros tipos de notícias.

Já o Jornalista B e o Jornalista C acreditam que os casos de polícia chamam mais a atenção do leitor do que outros tipos de notícia.

Eu acho que talvez pela própria questão do ser humano de querer saber o que acontece naquilo que talvez exponha mais esse ser humano, como um acidente. Eu acredito que um acidente, uma morte ela chama mais a atenção do que uma inauguração de um hospital, por exemplo, para dizer os dois lados, um seria a vida e o outro seria a morte. Talvez seja uma coisa do instinto mesmo. Eu penso assim, pelo menos. Não tenho uma definição técnica para te dar. (JORNALISTA B, 2016).

No entanto, o Jornalista C sugere que a questão da violência nas páginas dos jornais nem sempre vai exatamente ao encontro do interesse do leitor. “Eu também acho que é uma questão do jornalismo, uma coisa meio imposta, acho que as pessoas querem ler sobre outros assuntos também, então eu acho que nós vamos seguindo meio automaticamente sem questionar isso” (JORNALISTA C, 2016). Por outro lado, o profissional afirma que conteúdos que envolvam violência têm mais repercussão pelas redes sociais.

Não é de hoje que essa prática é observada no jornalismo impresso, um dos meios de comunicação mais antigos. Antes da chegada da rede mundial de computadores, o *feedback* das empresas de comunicação dependia de pesquisas de opinião feitas geralmente por meio de questionários, de um modo geral em contato direto com o leitor. Hoje, embora o veículo ainda circule de forma tradicional, as mesmas notícias muitas vezes são replicadas pelo próprio *Portal Correio do Estado* ou pela concorrência na *web*, confirmando a premissa disseminada no meio jornalístico sobre esse tipo de cobertura.

O Jornalista C diz observar que tem percebido que há leitura sobre outros tipos de assuntos também, principalmente políticos, embora a maioria das publicações sobre esse

assunto muitas vezes também se relacionem com crimes. “Política também [é bastante comentada], principalmente quando envolve Política e Polícia é muito comentado, mas eu não acho que seja algo imutável, o jornalista poderia arriscar outros assuntos” (JORNALISTA C, 2016).

Ainda na editoria de Cidades, outras duas matérias tinham temáticas ligadas ao meio ambiente. A primeira delas é intitulada “Corumbá não terá brigadas contra incêndio até junho”, aborda o risco da falta de equipes de combate a incêndio tradicionalmente organizadas naquele município no período de seca. A segunda, traz como título “Rio Apa transborda e deixa 24 famílias desalojadas” aborda os problemas da inundação em Bela Vista. A questão climática é vista com bastante importância pelos jornalistas entrevistados, tanto que foi citada como um dos casos em que o *Correio do Estado* já enviou repórteres de Campo Grande para cobrir esse tipo de acontecimento.

Até pela importância estadual, no caso das chuvas, foi uma situação de emergência em vários municípios, Campo Grande também quase entrou na emergência, então é um assunto de importância para o estado como notícia e que a gente imaginou que desse leitura também, fora a questão social que estava acontecendo. Então a gente procurou ir (JORNALISTA A, 2016).

Esse mesmo profissional cita, por exemplo, que já houve diversas situações em que repórteres foram deslocados para acompanhar a situação das cheias no Pantanal Sul-matogrossense, que geralmente motiva a retirada das famílias ribeirinhas de suas casas devido ao risco de inundações. Para os jornalistas, essa situação envolve não somente a questão do desvio noticioso, mas também a questão social. Para o Jornalista C, estragos provocados por fenômenos meteorológicos são como uma “brecha” que os municípios do interior têm para saírem nas páginas do *Correio do Estado* dada a importância desse assunto.

As outras cidades elas saem quando envolve questão indígena, principalmente no sul do estado, ou estragos de chuva. Aí você lembra das outras cidades. Por exemplo no começo deste ano teve muitas chuvas e muitas rodovias caídas, interferindo na vida de todos que viajam, porque aqui você usa o transporte terrestre, principalmente para escoar a produção. Então aí você vê as cidades que nunca vê, como Antônio João, Eldorado, que às vezes nem sabe que existe. Eu vejo também as cidades próximas ao Pantanal aparecem mais nessa questão climática, das cheias. São coisas meio agendadas, tirando essas cinco que eu te falei: Dourados, Três Lagoas, Corumbá, Ponta Porã, que é mais por essa questão de polícia, de fronteira (JORNALISTA C, 2016).

Houve também quatro textos (14,81%) com procedência Interior publicados na editoria de Economia. O primeiro deles, “Obras de fábrica de cimento devem começar neste

ano”, anuncia investimentos de um grupo empresarial de Mato Grosso do Sul na cidade de Bela Vista. A segunda, “Três Lagoas e Selvíria terão maior parcela do ICMS de hidrelétricas”, fala como aquelas cidades serão beneficiadas pela aprovação de uma lei do Governo Federal que altera a forma de cálculo do valor da energia elétrica para fins de repartição do montante obtido pelo pagamento do imposto.

A terceira matéria sobre o Interior publicada em Economia é uma nota intitulada “Senai está com matrículas abertas para cursos”, que anuncia vagas de formação profissionalizante na cidade de Dourados. O último caso também é uma nota, intitulada “Novilho Precoce promove encontro em Bonito”, e aborda a realização de um evento na área rural.

Pelos temas das quatro matérias, percebe-se que existe a tentativa do jornal em fugir do lugar-comum da cobertura sobre o interior que predomina a questão da violência, porém, fala-se pouco do cenário econômico estritamente local. A ideia de cobrir a abertura de empreendimentos que irão gerar empregos ou de um maior ganho para as cidades por meio da divisão dos impostos são assuntos relevantes, porém não é mostrada a realidade econômica que impera no cotidiano dessas localidades, a exemplo do que é feito em Campo Grande, por exemplo, com a alta e queda dos alimentos, notícias sobre empreendedorismo, etc. Uma possível explicação para este dado obtido na análise é a falta de repórteres correspondentes nessas localidades.

Levando em consideração a presença de correspondente em Três Lagoas, esperava-se que esse município, em conformidade com os relatos do Jornalista A, aparecesse em textos que fugissem da questão policial. Segundo o entrevistado, não existe oficialmente uma quantidade pré-estabelecida de textos sobre aquele município nas edições do *Correio do Estado*. Tenta-se, segundo ele, valorizar o correspondente inserindo pelo menos uma notícia por semana, o que segundo a pesquisa atende ao previsto.

Houve ainda duas matérias sobre o interior publicadas na editoria de Política. A primeira delas, “Ex-premedebistas querem cargo de Murilo”, aborda as articulações políticas para a disputa das eleições municipais na cidade de Dourados. A segunda, “Simone recorrerá para liberar bens bloqueados pela Justiça”, discorre sobre a tentativa da senadora Simone Tebet (PMDB) em reverter uma decisão oriunda de um processo por desvio de verbas na época em que era prefeita de Três Lagoas. Embora a personalidade política seja também nacional, o texto volta-se para a questão local, lembrando a situação e fornecendo informações sobre o caso.

Não foram encontradas matérias sobre o interior na editoria de Esportes. Embora alguns textos com procedência estadual veiculados nessa editoria tenham citado municípios de Mato Grosso do Sul, principalmente quando o assunto eram confrontos com times da Capital pelo campeonato estadual de futebol, não são cobertos pelo jornal eventos locais de esportes. Além disso, essa editoria apresenta em sua maioria matérias nacionais retiradas de portais como GloboEsporte.com e até mesmo internacionais com a ajuda de agências, que não valorizam sequer competições em Campo Grande, que embora tenham motivado um número mínimo de textos, não chegam a representar a maioria dentro da cobertura.

A análise da cobertura temática revela que a falta de correspondentes no interior dificulta a variedade temática na cobertura sobre essas cidades. As matérias publicadas em Economia e Política ajudam a equilibrar, mas são poucas em relação ao montante que aborda questões de violência.

c) As fotos

Dando sequência ao estudo sobre as características da cobertura sobre o interior, foram analisadas as imagens que acompanham os textos. Inicialmente, foram contabilizadas quantas matérias estavam acompanhadas por fotos para, em seguida, verificar o conteúdo desses recursos gráficos e de que forma eles complementaram os textos.

Para isso, foi utilizada a classificação taxonômica do fotojornalismo de Cremilda Medina que separa as imagens em informativas ou ilustrativas. No primeiro caso, conforme a autora, tratam-se de imagens carregadas de informação que transmitem alguma mensagem junto com o texto, podendo ser subdivididas em sintética, quando traz em si todo o conteúdo e os contextos do fato noticiado “carregando em si um *semi-lead*, com o conjunto de “o que?”, “quem?” e “onde?” (BENAZZI, 2010, p. 35); descritiva, quando apresenta o registro das características parciais do evento e a pormenorizada, que mostra um detalhe do fato jornalístico, como uma expressão facial dos personagens ou um detalhe de um acidente.

Já as fotos ilustrativas servem apenas como elemento figurativo no texto, sendo geralmente produzidas em um momento posterior ao acontecimento que motivou a publicação, podendo ainda ser imagens de arquivo que muitas vezes não têm total ligação com o texto. Essa categoria se subdivide em registro, quando é feita ao fim do fato jornalístico; retrato, quando apenas identifica um entrevistado ou até mesmo um personagem fora do contexto que motivou a matéria e recurso gráfico, quando uma foto genérica sem

relação direta com o fato, na maioria dos casos retirada do banco de imagens do próprio jornal, apenas para facilitar a diagramação e deixar a página mais “equilibrada” (BENAZZI, 2010).

Ainda nesta etapa da pesquisa as fotos encontradas nos textos de procedência “Interior” foram classificadas quanto ao seu conteúdo em políticos, espaços públicos, paisagens, cenas de crimes, espaços abertos e vítimas de crimes ou acidentes.

Outro elemento importante no quesito fotos é a autoria da imagem, classificadas neste trabalho como autorais, quando acompanhadas pelo nome do fotógrafo que as produziu; jornal local, quando retiradas de veículos de comunicação sediados na cidade em que os fatos transcorreram; assessoria, quando encaminhadas junto com *releases* pelas empresas ou entidades diretamente envolvidas no acontecimento; e arquivo, quando retirada do banco de imagens do próprio veículo.

Tabela 3 – Fotos nas matérias sobre o interior no Correio do Estado

	17/01	25/01	02/02	10/02	18/02	26/02	05/03	Total
Políticos	1	0	0	0	0	0	0	1 (9,09%)
Espaço público	1	0	0	2	0	1	0	4 (36,36%)
Paisagem	0	2	0	0	0	0	1	3 (27,27%)
Cenas de crimes	0	0	1	0	0	0	0	1 (9,09%)
Espaço aberto	0	0	0	0	0	0	1	1 (9,09%)
Vítimas	0	0	0	0	0	0	1	1 (9,09%)
Total	2	2	1	2	0	1	3	11

Foram encontradas fotos em 11 (40,74%) textos sobre o interior, enquanto 16 (59,26%) deles não estavam acompanhados por qualquer tipo de imagem. O único dia em que nenhuma das matérias sobre o interior estava acompanhada por foto foi 18 de fevereiro de 2016. No restante, pelo menos um dos textos apresentava fotografia. Conforme os relatos obtidos por meio das entrevistas com a equipe do jornal, dois fatores podem explicar porque menos da metade dos textos estava ilustrada. O primeiro deles diz respeito à própria diagramação, já que o objetivo da composição da página é compor um equilíbrio entre o texto e os recursos gráficos, sendo muitas vezes os textos do interior utilizados para preencher lacunas que sobraram, geralmente em notas curtas chamadas pelo Jornalista A de “breves”. Outro fator importante é que quando estamos falando de fotos para acompanhar matérias sobre o interior, elas são obtidas por meio de parcerias com fotógrafos de jornais nos próprios municípios onde os fatos transcorreram e então se esbarra na questão da qualidade e a adequação ao fechamento da edição, tendo em vista que esse contato é feito por telefone e o

veículo tem um *deadline*. Basicamente, a única matéria que obrigatoriamente sai com foto, ou algum infográfico, é a que abre a página, que segundo relatos da equipe raramente são do interior.

A gente acaba usando se tiver uma resolução legal para a impressão, porque o que demanda no impresso é você ter um tamanho legal na foto, senão não adianta colocar. Então muitas coisas saem sem foto. Prioriza-se geralmente uma foto, que é o abre de página. E aí se faz contato com o interior e com os leitores que mandam para os *sites* do interior e às vezes mandam para cá. Você tenta ainda achar algum morador da região, alguém que você conhece lá que pode mandar uma foto, um jornalista (JORNALISTA C, 2016).

Com relação ao conteúdo das fotos, quatro delas (36,36%) mostravam espaços públicos. Dessas, três eram informativas. A primeira apresentava o desfile das escolas de samba de Corumbá, um dos eventos mais importantes do interior de Mato Grosso do Sul. Por se tratar de um recorte do evento principal, uma vez que retratava os integrantes da escola de samba, sem mostrar o cenário ao fundo contextualizando o evento, pode-se dizer que ela é descritiva.

A segunda foto informativa que retratava espaço público foi veiculada no dia 17 de fevereiro no texto “Rio Apa transborda e deixa 24 famílias desalojadas”, subclassificada em sintética, uma vez que apresenta as vítimas da inundação carregando seus bens em meio à água, mostrando ao fundo a casa alagada, ou seja, fornecendo um relato imagético do acontecimento.

Já a foto que acompanhava o texto “Buraco na pista provoca acidente em Itaporã”, veiculado em 17 de janeiro, foi classificada como informativa pelo fato de ter sido feita logo após o acidente, muito embora traga em primeiro plano a cratera que provocou a batida e ao fundo, de forma quase imperceptível, o veículo capotado. Desta forma, podemos subclassificá-la em pormenorizada.

Quanto à foto ilustrativa que retratou espaço público, ela acompanhava a matéria “MPE quer ponto eletrônico nos hospitais de Dourados” e trazia a fachada da unidade de saúde, fornecida pela assessoria de imprensa da instituição. Nesse caso, classificada como recurso gráfico.

A presença de fotos que retratam espaços públicos mostra que nesse quesito o *Correio do Estado* se esforça para compor os textos com imagens que retratem o cotidiano das cidades ao invés de optarem exclusivamente por fachadas de órgãos do governo, já que somente uma delas foi empregada como recurso gráfico.

Foram contabilizadas ainda quatro imagens que retratavam paisagens, animais ou elementos da natureza. A única que não era de caráter ilustrativo acompanha o texto intitulado “Exército vai construir pontes metálicas em ação emergencial”, mostrando militares fazendo estudos no local das intervenções descritas no texto. Entre as restantes, a primeira acompanha o texto “Obras de fábrica de cimento devem começar este ano” e mostravam apenas a área onde o empreendimento seria erguido. A segunda está na matéria “Corumbá não terá brigadas de incêndio até junho”, trazendo uma imagem de arquivo mostrando homens tentando apagar as chamas em um matagal. A última, “Novilho precoce promove encontro técnico em Bonito”, traz uma foto da espécie de gado que será tema do evento.

Três fotos em matérias do interior apresentavam pessoas, das quais apenas uma era ilustrativa e traz a imagem de um político. As outras duas mostram vítimas de crime e acidente. A primeira delas acompanha o texto “Menina de 11 anos vítima de estupro e assassinato” mostrava o corpo da garota. Embora sempre seja de caráter mórbido publicar fotos de cadáveres no jornal, houve o cuidado de esconder o rosto, sangue, marcas de golpes e qualquer outro tipo de detalhe desse tipo. A segunda delas acompanha o texto “Ciclista atacado por cobra na zona rural de Coxim” traz o atleta vítima da picada dentro da ambulância recebendo atendimento do Corpo de Bombeiros logo após o ocorrido.

Levando em consideração as 11 fotos analisadas, constatou-se que seis delas eram de caráter informativo e cinco foram utilizadas somente para ilustrar os textos, sem terem relação direta com os fatos narrados.

Todas as imagens utilizadas pelo *Correio do Estado* estavam acompanhadas por algum texto que indicava o crédito, embora quatro delas estivessem referenciadas como de divulgação, não apresentando o nome do profissional que as fez. Conforme os entrevistados, é prática dentro da rotina profissional o cuidado em não publicar imagens sem uma referência a seus autores ou às assessorias que as encaminharam. Para a Jornalista A, a obtenção de imagens para as matérias do interior envolve mais trabalho, já que em poucos casos equipes são enviadas de Campo Grande para cobrir os acontecimentos *in loco*.

Os três profissionais da equipe que atua na versão impressa afirmam unanimemente que o recurso mais utilizado para ilustrar textos do interior é recorrer aos jornais dos municípios onde os fatos transcorreram. Nesses casos os próprios repórteres, além dos editores, têm autonomia para entrar em contato com aquelas pessoas e pedirem o envio dos arquivos por e-mail em alta resolução, uma vez que as versões publicadas na internet não são boas o suficiente para garantir a qualidade da impressão. Pelos relatos, é possível observar

que se criou uma espécie de cultura própria no estado de os jornais locais sentirem-se gratificados de alguma forma em verem suas imagens em periódicos de maior circulação, tal como um reconhecimento do trabalho.

A Jornalista A afirma que nunca presenciou um caso em que a empresa tenha comprado imagens para ilustrar matérias, sejam do interior ou de outras procedências. Ela utiliza o termo “parceria” para definir o contato com a imprensa local.

Nós procuramos sempre pedir, fazemos questão de fazer parceria, pedir normalmente para os *sites* (locais) várias fotos, em alta resolução, e a gente dá o crédito para eles na publicação. É raríssimo, acho que a gente nunca comprou foto, até porque as pessoas não pedem como venda, elas oferecem até para verem o trabalho delas no jornal do tamanho do Correio do Estado, se a pessoa vai ver lá o nome do portal dela, de repente vai ter curiosidade em acessar o portal do interior, o leitor (JORNALISTA A, 2016).

Embora os integrantes da equipe não tenham relatado qualquer tipo de problema com esse procedimento, ele inspira cuidados. Em redações onde o uso de imagens cedidas pelos jornais do interior também é permitida, existe uma formalização por meio de termos de cedência que atestam o caráter gratuito da divulgação, isentando a empresa de qualquer tipo de profissional que aja de má fé acionando a Justiça reclamando valores por aquela publicação mesmo sem ter negociado previamente.

Só tem o que conversei por telefone, normalmente quem faz o contato várias vezes sou eu, porque eu tenho interesse pela foto da capa, ou o editor, ele conversa e manda um e-mail, então eles enviam por e-mail em alta resolução, subentende-se que houve uma conversa anterior e essa pessoa concordou em ceder a foto (JORNALISTA A, 2016).

Ainda com relação aos créditos das imagens obtidas da imprensa local, o Jornalista C afirma que a citação dos créditos, nesses casos, esbarra em outras situações. Segundo ele, geralmente o padrão é publicar o nome do veículo seguido pelo nome do fotógrafo, porém é comum encontrar nos municípios menores fotógrafos informais, que não têm vínculo empregatício com as empresas de comunicação, embora sempre tenham seus produtos veiculados pelo mesmo periódico. Outro caso é com relação aos materiais que os próprios internautas enviaram para os portais do interior, que muitas vezes não adotam uma política rigorosa de créditos e acabam simplificando como divulgação.

Nós entramos em contato com o *site* que publicou, pede a fotografia em alta resolução e o correto é você dar o crédito. Eu geralmente peço o crédito da pessoa que tirou e coloco também o crédito do jornal que publicou, só que assim, no próprio interior às vezes eles têm uma informalidade. Às vezes eles não tem o nome

da pessoa que enviou, às vezes eles recebem pelo WhatsApp também. Então você entra em contato com o jornal, só que o jornal fala que recebeu de um morador, então não tem como você colocar crédito, então você coloca, sei lá, divulgação porque alguém mandou no WhatsApp em algum grupo e disseminou (JORNALISTA C, 2016).

Por conta da questão da qualidade das imagens, conforme o profissional, não é muito comum a redação em Campo Grande receber e usar imagens enviadas por internautas nas notícias sobre o interior, o que ocorre com mais frequência no *site*.

d) As fontes

Foram analisadas as fontes que embasaram as matérias sobre o interior. Diante de várias classificações taxonômicas fornecidas por diversos autores, optou-se nesta pesquisa em mesclar várias nomenclaturas que atendessem aos objetivos. Assim, elas foram divididas em Jornais Locais, quando os dados foram obtidos por meio da imprensa sediada na cidade em que os fatos transcorreram; Personagens, quando pessoas não ligadas a instituições e foram ouvidas diretamente para a elaboração dos textos, seja por estarem diretamente envolvidas com os fatos narrados, seja por terem suas opiniões colhidas sobre determinados assuntos em enquetes; e Oficiais, quando as informações são repassadas por empresas, órgãos públicos ou seus representantes.

No caso das fontes oficiais, elas foram subdivididas em Documentais, Boletins de Ocorrência, Assessoria, Governo (quando um político, secretário ou chefe de departamento foi diretamente ouvido no texto) e Polícia (quando os investigadores, escrivães e policiais foram ouvidos diretamente no texto).

Das 27 matérias sobre o interior, 12 (44,44%) foram escritas com base em apenas uma fonte de informação, quatro (14,81%) com duas fontes e três (11,11%) com três fontes. Em oito textos (29,63%) as fontes de informação não foram claramente referenciadas pelo repórter.

Com relação aos tipos de fontes utilizadas pelos jornalistas do *Correio do Estado*, 25 (67,57%) são de caráter oficial e somente dois são personagens (5,41%). Jornais locais e observação direta foram utilizados em apenas um texto (2,70%) cada (Tabela 4).

Tabela 4 – Fontes das notícias do interior no Correio do Estado

	17/01	25/01	02/02	10/02	18/02	26/02	05/03	Total
Não citada	1	0	1	0	0	3	3	8 (21,62%)
Jornal local	1	0	0	0	0	0	0	1 (2,70%)
Personagem	0	0	0	1	0	0	1	2 (5,41%)
Oficiais	3	4	1	4	5	4	4	25 (67,57%)
Observação direta	0	0	0	1	0	0	0	1 (2,70%)
Total	5	4	2	6	5	7	8	37

Os três jornalistas da versão impressa consultados nesta pesquisa afirmam unanimemente ser extremamente importante a correta referência às fontes de informação nos textos, embora reconheçam que em alguns casos realmente existe a omissão por conta do espaço, já que algumas matérias são utilizadas para preencher lacunas na diagramação, recurso denominado “breve”.

Como são matérias menores, o que acontece: delimita-se um espaço, se você for escrever “segundo boletim de ocorrência” isso ocupa um espaço que a edição impressa não dá conta. Muitas vezes as matérias menores saem sem assinatura também. Você pode notar que os breves às vezes saem com nome e às vezes não, geralmente por causa de espaço (JORNALISTA B, 2016).

Ao levar esse dado em consideração, tem-se que das oito matérias em que não apareceram as fontes de informação, cinco realmente correspondem aos chamados breves (notas), enquanto as outras três não, cujos gêneros, nestes casos, podem ser classificados em notícias, todas relacionadas a assuntos policiais. Dois destes textos foram escritos pelo mesmo repórter. Analisando todas as publicações desse profissional encontradas nas edições analisadas (até mesmo textos de outras procedências), tem-se que a omissão das fontes de informação pode fazer parte do estilo de escrita dele, uma vez que sempre aparecem neles as expressões: “segundo as informações”, “segundo os relatos” e “informações preliminares apontam”.

De acordo com as informações preliminares, pessoas que passavam pelo local ao amanhecer notaram o cadáver e acionaram a Polícia Militar. Imediatamente a Polícia Civil foi chamada e iniciou as investigações em torno do caso, em busca do esclarecimento da autoria e motivação do crime. (CORREIO DO ESTADO, 2016, p.10).

O exemplo acima faz parte do texto “Menina de 11 anos vítima de estupro e assassinato”, veiculado no dia 2 de fevereiro de 2016. Para o leitor, que tem pouco conhecimento da prática jornalística, não fica claro quem forneceu aqueles dados. As

informações tanto podem ter sido retiradas do boletim de ocorrência, quanto passadas por algum investigador, testemunha, escrivão, perito ou até mesmo obtidas por meio de *sites* do interior, uma vez que a fotografia utilizada na matéria foi cedida pelo *Porã News*, de Ponta Porã. Dessa forma, o jornal assume para si a responsabilidade pela veracidade dessas informações, enquanto o leitor confia no que está lendo pela credibilidade que o veículo de comunicação tem.

A análise aponta que o *Correio do Estado* quase não usa informações de *sites* do interior nos textos. Todos os entrevistados enxergam esse recurso com ressalvas. A Jornalista A, por exemplo, prefere que os repórteres, ainda que embasados pelos dados divulgados pela imprensa local, apurem por conta própria os acontecimentos para escreverem suas próprias matérias por considerar mais seguro para manter a credibilidade do jornal. Por outro lado, ela reconhece que essa prática não é adotada na versão *online*, o que corrobora as ideias de Amadori e Marques (2009) sobre as mudanças sentidas nas redações dos veículos de comunicação tradicionais com a chegada da internet. Os relatos mostram que embora os dois suportes pertençam à mesma empresa, o mimetismo é visto com mais naturalidade no *site* do que no impresso, embora a prática seja adotada em ambos, ainda que com menor frequência no meio tradicional.

Essa mudança nos processos de produção após a criação dos portais vai além. A Jornalista A afirma ainda que existe, em algumas ocasiões, a troca e o aproveitamento de materiais entre as equipes do impresso e do *site*. Assim, muitas vezes o *site* escreveu o texto com informações de jornais locais e o impresso, ao aproveitar a matéria, usa a informação sem citar a imprensa local, como se a informação tivesse se consolidado pelo portal. “Então aqui no jornal às vezes a coisa ficou diluída, o que para mim, não é o ideal” (JORNALISTA A, 2016).

A mesma postura é observada também nos relatos do Jornalista B. Segundo ele, os repórteres do impresso sempre checam as informações dos jornais locais antes de publicá-las, embora reconheça que em alguns casos, seja pelo horário de fechamento ou por qualquer outro fator que impeça essa prática, é citada a fonte conforme foi observado nos resultados da pesquisa, já que a única matéria em que há mimetismo foi uma nota (breve) intitulada “Ciclista morre ao ser atingido por moto em Dourados”, publicada em 17 de janeiro de 2016, inserida no canto inferior direito da página e assinada por um dos editores do *site* com a correta referência ao *Dourados Informa*.

O Jornalista C, ainda sobre o mimetismo, descreve com mais precisão os caminhos para o uso desse tipo de recurso e aponta um motivo para que seu uso seja restrito na equipe do impresso. Segundo ele, o repórter em alguns casos liga na redação do jornal local para solicitar uma foto em boa resolução e aproveita para obter alguma informação sobre o fato em questão. Porém, esses dados são utilizados como base, já que é muito comum, conforme o profissional, os próprios portais do interior reproduzirem textos de outros jornais sem citar a fonte, sendo que muitas vezes é mais fácil o repórter do *Correio do Estado*, uma vez que está em Campo Grande, ir diretamente às fontes de informação do que ir de página em página até descobrir quem realmente apurou aquela matéria para fazer a correta citação das fontes. Dessa forma, os dados apurados pela imprensa local são usados como base para que o jornalista da capital formule as perguntas e saiba exatamente quais dados irá coletar. “A orientação que nós temos é para ir além, mas no mínimo dar as mesmas informações que o *site*, confirmar as mesmas informações que o *site* do interior deu” (JORNALISTA C, 2016).

Com relação as 25 fontes oficiais utilizadas pelo *Correio do Estado* na cobertura sobre o interior, cinco (20%) são chefes ou pessoas diretamente ligadas a órgãos públicos, quatro eram agentes políticos (16%), duas são assessorias de imprensa (8%) e houve três casos (12%) em que as informações são referenciadas ao nome dos órgãos públicos sem detalhar algum agente específico que as tivesse fornecido. Ou seja, 56% das fontes oficiais estavam ligadas de alguma forma ao poder público.

Em cinco matérias, essas pessoas foram consultadas pelos jornalistas para manifestar suas opiniões em relação a determinados assuntos, por exemplo na notícia intitulada “Ex-premedebistas querem cargo de Murilo”, uma das poucas sobre o interior que estavam fora da editoria de Cidades, em que três políticos, um deles ocupante de vaga na Assembleia Legislativa no mandato 2015-2019, manifestam suas ideias acerca da conjuntura para as eleições municipais em Dourados, falando das alianças políticas que serão feitas e citando possíveis nomes de candidatos.

Outras quatro pessoas ligadas ao poder público foram entrevistadas para relatarem ou explicarem certos acontecimentos, por exemplo, no texto “Três Lagoas e Selvíria terão maior parcela de ICMS de hidrelétricas”, publicado na editoria de Economia no dia 18 de fevereiro de 2016, em que o senador Fernando Bezerra Coelho detalha como serão aplicadas as mudanças na legislação que ele mesmo propôs, análise que nesse caso serve basicamente para enaltecer seu trabalho e poderia ter sido feita por algum especialista. No entanto, tal opção é

explicada pela pelo perfil voltado à cobertura política do *Correio do Estado* relatado pelos entrevistados.

Em três casos as fontes oficiais foram utilizadas para dar sua versão ou se explicarem sobre denúncias, irregularidades e problemas citados no texto, como por exemplo a assessoria de imprensa da prefeitura de Corumbá e o superintendente do Ibama (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) em Mato Grosso do Sul no texto sobre as brigadas de incêndio citados anteriormente, em que eles tentam apresentar motivos pelos quais não houve articulações para a organização de grupos que possam ajudar a evitar a ocorrência de incêndios florestais no período próximo de estiagem.

Somente em um caso as pessoas diretamente ligadas a órgãos públicos passam informações sobre denúncias e casos específicos, sendo ela a conselheira tutelar do município de Dourados no texto “Bebê tem sinais de morte encefálica”, em que a funcionária pública fala sobre o emblemático caso de uma criança morta no hospital com suspeita de abuso sexual.

Chama atenção ainda o caso da Agepen (Agência Estadual de Administração do Sistema Penitenciário) ouvida no texto “Presidiários faziam bebida artesanal”, que nada acrescenta além de enaltecer o trabalho de fiscalização do órgão, muito embora a descoberta do ato ilícito mostra justamente que houve uma falha prévia que permitiu que os detentos chegassem ao ponto de produzir a bebida alcoólica com restos de comida nas celas, o que de fato não chega necessariamente a ser considerado um mérito.

Em contraponto ao uso predominante das fontes oficiais, não foram encontrados nos textos analisados a presença de personagens apresentando seus relatos sobre os acontecimentos, o que na opinião do Jornalista C acaba tornando a cobertura simplificada, plana.

Foi identificado ainda o uso de documentos como fontes em quatro textos (16%). Nesses casos, os jornalistas embasaram seus textos em sentenças judiciais, denúncias do Ministério Público e outros arquivos. Em três casos, esses recursos embasaram sozinhos toda a matéria e em apenas um texto, intitulado “Três Lagoas e Selvíria terão maior parcela de hidrelétrica”, o repórter usa o conteúdo da lei que recalcula a divisão do imposto e também uma fonte oficial.

Em apenas um caso o repórter utilizou o recurso de observação direta na reportagem. Trata-se do texto sobre o Carnaval de Corumbá, o único que aliás foi produzido *in loco* durante a semana analisada. No material, o jornalista descreve a noite de desfiles, detalha as

alegorias e as fantasias dos participantes e cria uma ambientação propícia que confere ao leitor, mesmo à distância, já que o objetivo principal do *Correio do Estado* é escrever sobre o interior para quem está em Campo Grande, uma ideia sobre como foi o evento.

A polícia e os boletins de ocorrência foram utilizados como fonte em cinco matérias sobre o interior (20%). Entre esses dois tipos de recursos de informação, o mais presente foi o contato direto com as corporações, identificados em quatro textos (16%), enquanto apenas uma queixa-crime foi utilizada. Esse fato surpreende, tendo em vista que todos os jornalistas, tanto do impresso quanto do *site*, consideram o sistema *Sigo*, onde os jornalistas têm acesso a esse tipo de documento sem ter o trabalho de sair da redação, ligar na delegacia ou empregar qualquer tipo de esforço, fundamental na rotina de cobertura.

O Jornalista B afirma que dentro da editoria de Cidades, existem duas pessoas que se dedicam exclusivamente na cobertura dos casos policiais, como se houvesse uma subdivisão na equipe, já que um deles acaba sendo o responsável por editar o material. Essas pessoas geralmente ficam responsáveis por monitorar o sistema da polícia para filtrar, entre os vários boletins, aqueles que tenham mais importância para serem divulgados, tanto de Campo Grande como do interior. Esse aplicativo já está inserido na rotina produtiva da redação do *Correio do Estado*.

Sim, tem dois repórteres, um no portal que chega às 6h e outro no impresso que chega às 7h. A primeira função da pessoa é realmente abrir o *Sigo*, dar uma olhada no que tem, de repente já tem alguma coisa interessante e o repórter do impresso que vê que é uma coisa que interessa mais ele já vai para a rua e apura mais (no caso dos eventos na Capital). (JORNALISTA A, 2016).

A orientação passada para as equipes, conforme os entrevistados, é para que os repórteres utilizem os boletins de ocorrência como ponto de partida para as pautas, da mesma forma como pregam com os *releases*, tentando entrar em contato com o delegado para buscar alguma informação a mais que represente um diferencial da empresa em relação à concorrência, embora o Jornalista B reconheça que essa tática acaba sendo adotada, na realidade, com os casos que pedem esse tipo de tratamento.

O uso do *Sigo* na imprensa, neste caso pelo *Correio do Estado*, esbarra na questão da predominância das matérias policiais quando analisa-se a cobertura do interior. Para o Jornalista C, o sistema aproxima as equipes das cidades além de Campo Grande, porém ajuda a estigmatizar a questão da violência, de modo que acabe dando aos leitores muitas vezes a impressão de que no interior só acontecem tragédias, uma vez que são esses os assuntos que

frequentemente a audiência tem acesso pelo veículo de comunicação. Porém, de um modo geral, atende aos critérios de noticiabilidade referentes ao produto, tendo em vista que, em conformidade com as ideias de Wolf (1995), apresentam determinado tipo de estrutura praticamente formatada para atender às expectativas da imprensa, ou que ostentam características que facilitem seu processo de produção até o resultado final, que no caso seria a publicação.

2.2 O interior nas páginas do Jornal *O Estado*

O jornal *O Estado* de Mato Grosso do Sul foi criado em dezembro de 2002 por iniciativa dos empresários Lídia Vallér e Jaime Vallér. No editorial de estreia, a empresa afirma seu comprometimento com um jornalismo investigativo “sem meias palavras, plugado na agilidade das novas tecnologias, isento de sensacionalismo e atrelamentos que não tragam benefícios à comunidade”. (O ESTADO, 2002, p. 2).

Inicialmente, circulava em Campo Grande, São Gabriel do Oeste, Rio Verde de Mato Grosso, Coxim, Sonora e Pedro Gomes, cidades localizadas dentro do corredor norte do estado, porém, havia promessa de que “na sequência, todo o Estado estará sendo atingido diariamente”.

Curiosamente, apesar do perfil local, a primeira manchete do veículo trazia como destaque uma notícia de esporte nacional: “Peixe quase na final. Timão permanece vivo”, contradizendo a centralização de esforços para que a comunidade local tivesse atendidas as suas necessidades de informação.

O primeiro projeto gráfico foi idealizado pelo jornalista Renato Benício, trazido do Rio de Janeiro para desenhar *O Estado*. Ele, na época, atuava como *designer* gráfico do jornal *O Globo* e foi um dos responsáveis pelo projeto do jornal *Extra*, ambos integrantes do grupo de comunicação comandando pela família Marinho. A primeira edição teve 20 páginas, das quais 11 eram coloridas, basicamente as primeiras páginas de cada editoria presente na época: Opinião, Política, Cidade, Esporte, Polícia, Arte & Lazer.

Figura 3 – Primeira capa do jornal *O Estado*

Em 8 de julho de 2003, antes de completar um ano de circulação, o veículo realizou sua primeira reforma gráfica, novamente encabeçada por Renato Benício. Foram retiradas as tarjas coloridas que identificavam na capa as editorias das matérias de destaque. Elas ficaram menores e mais discretas, assim como a identificação dos cadernos. A 181ª edição, a primeira com as alterações, já contava com 26 páginas, a maioria ainda preta e branca. A manchete era “Servidores param contra a reforma da previdência”. Nessa época, o veículo tinha, em algumas edições, uma página específica para interior dentro da editoria Cidades, trazendo matérias sobre uma determinada cidade ou com abrangência estadual, mas que diziam respeito à periferia do estado. Conforme o Jornalista H, editor de Cidades do veículo, essa seção foi encerrada há um ano durante cortes em algumas páginas, que segundo o Jornalista F ocorrem em razão da alta no dólar, que encareceu a matéria prima para a impressão do veículo e a consequente queda nas vendas do periódico, que forçou algumas mudanças na empresa no intuito de tornar o processo mais econômico.

Figura 4 – Página “interior” do jornal O Estado



A maior mudança no projeto gráfico, entretanto, foi realizada em 18 de janeiro de 2010, quando até mesmo a logomarca do jornal foi alterada. A edição trouxe duas capas com as mesmas notícias, mas a primeira no *layout* antigo e a segunda com o novo padrão com a manchete “Ações contra Campina Verde estão centradas em Odilon”. Diferentemente das outras vezes, não foi publicado um texto explicando os responsáveis pelo projeto. Havia apenas um *banner* comentando a modernização. O interessante é que o texto classifica *O Estado* como “Globalizado, mas com viés regional”, ressaltando o propósito da empresa com relação às notícias locais. A partir dessa edição, o veículo também passa a ser cem por cento colorido.

Figura 5 –Capas do jornal *O Estado* no dia 18/01/10



Relatório da auditoria do IVC aponta que, em contraponto com a proposta estadualizada defendida pelo jornal *O Estado*, a circulação do veículo é bem restrita e até mesmo menos abrangente do que na época de estreia. O jornal tem tiragem média de 6.912 exemplares, dos quais 5.911 circulam em Campo Grande e cidades adjacentes e 281 em outros municípios do interior. Diferentemente do *Correio do Estado*, não tem venda fora do estado.

A lista das cidades onde o veículo tem vendas expressivas mostra que a circulação é bem diferente do que foi anunciado na primeira edição. *Ranking* do IVC mostra que Corumbá é a primeira cidade além da Capital onde o jornal tem maior saída, com média de 135 exemplares de segunda a sábado. Em seguida vem Dourados, com 83 exemplares, Sidrolândia (64), Camapuã (45), Três Lagoas (16), Ribas do Rio Pardo (10) e Deodópolis (2). Nenhuma das cidades que apareceram na lista publicada na primeira edição figura na relação do instituto.

Conforme o Jornalista F, a empresa não conta com correspondentes ou sucursais no interior de Mato Grosso do Sul, mas conta com um repórter em Brasília, o que pode favorecer um grande número de matérias de procedência Nacional. O encerramento dos contratos de trabalhos com os funcionários que ficavam em Dourados, Três Lagoas e Corumbá se deu, segundo ele, primeiramente pela questão econômica, uma vez que a queda nas vendas e a elevação no custo da matéria-prima para a impressão do jornal acabaram forçando cortes de gastos. Em Três Lagoas, local onde o *Correio do Estado* ainda mantém correspondentes, o mercado “tornou-se fraco”, conforme o entrevistado. Em Dourados, o funcionário assumiu uma secretaria e sua vaga não foi repostada.

A estrutura hierárquica do impresso começa com os estagiários, seguidos pelos repórteres. A política de cargos e salários da empresa criou quatro níveis funcionais para os funcionários dessa categoria. Quanto mais alto, melhor se ganha. A partir do nível três, o colaborador adquire a responsabilidade de fechar a página na ausência do editor. Ainda segundo o Jornalista F, há cinco editores divididos nas seguintes seções: Política, Cidades, Economia, Artes e Brasil & Mundo. “A equipe já foi maior. Houve época em que tinha editor de Informática; editor de Rural, (atualmente tem uma página de Rural no fim de semana, mas antes era um caderno de quatro páginas); teve editor de Veículos, que também não trouxe benefícios [econômicos] para a empresa” (JORNALISTA F, 2016).

Existe ainda um chefe de reportagem, que coordena as equipes que estão na rua e dois editores-chefes, um responsável pelo *site* e outro pelo impresso. Esse último cuida do fechamento do jornal, mantendo contato constante com os editores de página e com os revisores e paginadores.

O jornal não tem manual de redação próprio e da mesma forma que o *Correio do Estado* se baseia pelo da *Folha de S. Paulo*. A empresa paga ainda a agência Folha Press para receber conteúdos e fotos de cunho nacional. Conforme o Jornalista F, em época de Copa do Mundo e Olimpíadas, a direção tem o cuidado de fechar um pacote maior que inclui crônicas, maior volume de fotos e outros tipos de conteúdo.

A empresa tenta manter em sintonia as equipes do portal e do impresso, tanto que, segundo o Jornalista F, alguns repórteres do *O Estado*, ao saírem para a rua, sugerem por conta própria versões das matérias para *O Estado Online*. A partir daí fica a cargo do editor avaliar se vale a pena publicar uma nota ou notícia um dia antes que o material circule ou se a pauta é segurada até o dia seguinte, pois se respeitam os assuntos que as equipes conseguiram de forma exclusiva.

2.2.1 Categorias de análise

Seguindo a metodologia proposta para o estudo, foram contabilizadas inicialmente todas as notícias publicadas dentro de uma semana construída. Como o *Estado* não circula aos domingos, para que ambas as coletas de dados tivessem o mesmo número de dias, optou-se em começar o período no sábado, 16 de janeiro de 2016.

a) Procedência

O *Estado* publicou um total de 448 matérias durante a semana analisada, das quais 182 (40,53%) tinham procedência Nacional, 135 (30,07%) Capital, 51 (11,36%) Internacional, 42 (9,35%) Estadual e 39 (8,69%) Interior (Tabela 5).

Tabela 5 – Procedência da notícia no *Estado*

Data	Interior	Capital	Estadual	Nacional	Internacional	Totais
17/01/2016	9	18	6	30	9	72
25/01/2016	10	13	9	20	7	59
02/02/2016	5	18	8	32	6	69
10/02/2016	6	22	3	29	7	67
18/02/2016	2	23	5	26	12	68
26/02/2016	2	18	6	24	7	57
05/03/2016	5	23	5	21	3	57
Totais	39 (8,69%)	135 (30,07%)	42 (9,35%)	182 (40,53%)	51 (11,36%)	449

Alguns municípios do interior foram citados em matérias de outras procedências, figurando, nesses casos, em segundo plano. Foram 24 em textos Estaduais, três em matérias da Capital e outras duas em matérias nacionais.

Essas últimas correspondem à matéria “Lateral de Dourados morre após sofrer mal súbito”, publicada em 2 de fevereiro de 2016, que embora tenha o município do interior no título, fala do falecimento de um jogador de Mato Grosso do Sul atleta de um time paulista. A cidade aparece em segundo plano porque o foco é o acontecimento “morte”, que nesse caso ocorreu em outro estado, tendo sido ouvido como fonte o departamento médico daquele time.

O segundo caso é o texto “Ciclista treina o físico e prepara a mente para encarar 24h de prova”, também publicada em 2 de fevereiro de 2016. A cidade do interior citada é Nova

Andradina, mencionada apenas como o primeiro local em que o atleta treinou na carreira, não sendo foco principal.

O grande número de matérias nacionais era esperado, tendo em vista que o jornal tem correspondente em Brasília e ainda um contrato com a Agência Folha Press. Conforme o Jornalista F, mesmo o jornal sendo escrito principalmente para a população que mora em Campo Grande, é necessário cobrir os assuntos nacionais tendo em vista a repercussão que eles têm, mesmo que os leitores possam facilmente acessar o mesmo conteúdo diretamente nas páginas dos veículos em que *O Estado* se baseia.

Já o Jornalista H afirma que essa “nacionalização” do jornalismo se tornou comum em todos os estados. Ele preferiu não comentar a respeito de Política ser um dos assuntos que mais puxaram o índice de matérias dessa procedência, mas como já trabalhou em Esportes, outro tema que tem bastante presença de matérias nacionais, afirma que os campeonatos locais não atraem mais o interesse dos leitores. Embora não detalhe, afirma que existem pesquisas que dão *feedback* de leitura desses textos.

Embora seja alta, a quantidade de matérias nacionais ficou próxima da quantidade de textos sobre a Capital. Isso reforça, por outro lado, o contato com o leitor local e vai ao encontro da proposta de cobertura do *O Estado*.

Foram citados 46 (58,23%) municípios do interior na cobertura do jornal *O Estado*. Dourados e Corumbá foram os que mais apareceram nas matérias, cada um em 16 textos. Três Lagoas apareceu em sete textos. Houve ainda três municípios citados cinco vezes²⁴, três citados quatro vezes²⁵, seis citados três vezes²⁶, 13 citados duas vezes²⁷ e 18 apareceram apenas uma vez²⁸.

b) Editorias

Entre as 449 matérias publicadas pelo *O Estado*, 108 (24,05%) estavam na editoria de Cidades; 85 (18,93%) em Política, 69 (15,37%) em Esportes; 51 (11,36%) em Brasil e Mundo; 48 (10,69%) em Economia e 44 (9,80%) em Artes e Lazer. Estas são as seções

²⁴ Aquidauana, Maracaju, Naviraí.

²⁵ Bonito, Rio Brilhante, Coxim.

²⁶ Dois Irmãos do Buriti, Ivinhema, Jardim, Deodápolis, Nioaque, Sidrolândia.

²⁷ Miranda, Fátima do Sul, Vicentina, Guia Lopes da Laguna, Porto Murtinho, Nova Andradina, Sonora, Rio verde de Mato Grosso, Aparecida do Taboado, Ponta Porã, Caarapó, Chapadão do Sul, Costa Rica.

²⁸ Itaporã, Bandeirantes, Paranaíba, Água Clara, Tacuru, Bela Vista, Jateí, Antônio João, Caracol, Novo Horizonte do Sul, Ribas do Rio Pardo, São Gabriel do Oeste, Camapuã, Mundo Novo, Bodoquena, Coronel Sapucaia, Itaquiraí, Nova Alvorada do Sul.

veiculadas diariamente pelo jornal. Existem outras cujas páginas são publicadas esporadicamente. Especial teve quatro matérias (0,89%); Rural teve nove (2%); Empregos e Concursos teve cinco (1,11%); Entrevista teve uma (0,22%); Justiça teve 25 (5,57%).

Tabela 6: Editorias das notícias do interior no Estado

	17/01	25/01	02/02	10/02	18/02	26/02	05/03	Total
Política	13	9	13	12	13	14	11	85 (18,93%)
Economia	8	5	10	8	7	4	6	48 (10,69%)
Cidades	18	15	16	16	15	13	15	108 (24,05%)
Brasil e Mundo	7	6	9	3	8	9	9	51 (11,36%)
Esporte	11	0	13	13	14	12	6	69 (15,37%)
Especial	1	2	0	0	1	0	0	4 (0,89%)
Rural	0	9	0	0	0	0	0	9 (2%)
Empregos e Concursos	3	0	0	0	0	0	2	5 (1,11%)
Entrevista	0	1	0	0	0	0	0	1 (0,22%)
Justiça	4	6	0	10	5	0	0	25 (5,57%)
Artes & Lazer	7	6	8	5	5	6	7	44 (9,80%)
Total	72	59	69	67	68	58	56	449

Com relação às notícias sobre o interior, 28 delas (71,79%) foram publicadas na editoria de Cidades; três (7,69%) em Política; três em Artes & Lazer; duas (5,13%) em Esportes; duas em Concursos (5,13%) e uma (2,56%) em Rural. Não foram publicadas matérias sobre o interior em Economia.

Segundo a Jornalista G, isso acontece devido à abrangência que essa seção permite e por incluir dentro desse escopo os temas policiais, que também foram bastante presentes na cobertura. “A nossa divisão de editorias não tem uma página específica de Polícia, por exemplo. Então o que acontece em Polícia se encaixa em Cidades e normalmente o maior número de casos que a gente tem repercutido no interior é de Polícia, infelizmente. Agora, quando é um caso de Política ou Economia a gente encaixa nas outras editorias” (JORNALISTA G, 2016).

O Jornalista F tem uma opinião diferente. Embora ele trabalhe no *site*, afirma que na versão impressa uma das maiores equipes está hoje em Cidades e opina que se trata de uma questão cultural no jornalismo sul-mato-grossense, uma vez que, segundo o entrevistado, os veículos de comunicação sul-mato-grossenses tradicionalmente contratam mais repórteres para essa editoria do que Esportes, por exemplo, justamente pela amplitude de assuntos, que acaba sobrecarregando a seção. Na visão do profissional, essa editoria tem que ser vista de forma diferenciada porque o assunto mais importante do dia geralmente está inserido nela.

Como exemplo, ele cita que uma notícia sobre a campanha de vacinação afetará e interessará a mais pessoas do que um campeonato de judô.

c) As fotos

Foram identificados apenas nove textos sobre o interior acompanhados por foto. Somente um deles tinha duas imagens e o restante, somente uma. Dessa forma, foram analisadas dez fotos na cobertura sobre o interior.

Dessas, seis eram ilustrativas, ou seja, servem apenas como elemento figurativo no texto, não tendo relação direta com o fato apresentado. Uma foi subclassificada em registro por terem sido feitas ao fim do fato jornalístico. Outras duas foram subclassificadas como retrato, por mostrarem somente as pessoas diretamente envolvidas no acontecimento e três eram recursos gráficos, consistindo em imagens de arquivo usadas apenas para equilibrar a página.

Com relação às quatro fotos informativas, não foram identificadas imagens subclassificadas em pormenorizadas, contendo detalhes como expressões faciais. Entre as restantes, duas eram sintéticas, pois apresentavam todos os elementos da notícia e outras duas descritivas, por serem menos complexas e não trazerem todos os elementos.

Tabela 7 – Fotos nas matérias sobre o interior no Estado

	17/01	25/01	02/02	10/02	18/02	26/02	05/03	Total
Políticos	0	1	0	0	0	0	0	1 (10%)
Drogas	0	0	0	1	0	0	0	1 (10%)
Paisagens	1	0	0	0	0	0	0	1 (10%)
Espaço aberto	2	3	0	0	0	0	0	5 (50%)
Esporte	1	0	0	1	0	0	0	2 (20%)
Total	4	4	0	2	0	0	0	10

Não foram identificadas fotos de fachadas de prédios públicos, vítimas de acidentes e suspeitos de crime. Cinco imagens (50%) mostravam espaços abertos, das quais três mostravam acidentes de trânsito e três traziam imagens do Carnaval de Corumbá.

Duas imagens estavam relacionadas a esportes. A primeira delas estava no texto “Tricampeão estadual, ex-goleiro agora busca título como treinador” e mostrava o personagem da matéria. A outra, “Em dois jogos time estará pronto, prevê dirigente” apresentava jogadores comemorando um gol durante uma partida.

Políticos apareceram em apenas uma imagem (10%). Trata-se da vice-governadora Rose Modesto (PSDB) acompanhada por outras pessoas no texto “Embrapa e Basf apresentam soja geneticamente modificada”.

Uma imagem (10%) mostrava paisagem. Trata-se da matéria “MPE pede suspensão do Carnaval em cidade castigada pelas chuvas”, que traz foto de uma erosão aberta em razão de temporais na cidade de Ivinhema. Houve ainda um caso (10%) em que a foto mostrava um carregamento de drogas apreendidas pela Polícia Rodoviária Federal.

Com relação aos créditos das imagens, sete (70%) foram encaminhadas por assessorias de imprensa, enquanto duas (20%) foram cedidas por *sites* do interior e uma foi cedida por um jornal de Campo Grande. Esta última estava no texto “Em dois jogos time estará pronto, prevê dirigente”, veiculada em 10 de fevereiro de 2016, e mostrava jogadores durante uma partida em um município do interior.

Conforme o Jornalista H, é prática comum recorrer aos *sites* sediados nos municípios onde os fatos transcorreram no intuito de obter imagens.

Os pedidos são feitos por telefone e e-mail. Não há pedidos somente quando não conseguimos contatos com os responsáveis, mas o crédito é colocado devidamente. Existem algumas parcerias com *sites* do interior, que nos “favorecem” e liberam as imagens sem que seja necessário entrar em contato toda vez que há necessidade (JORNALISTA H, 2016)

Das duas imagens cedidas pela imprensa local, uma estava no texto “Colisão entre carro e caminhão mata jovem”, publicado em 25 de janeiro de 2016, e como o próprio título da diz retratavam um acidente de trânsito. A segunda estava na matéria “Bope captura ladrões com R\$ 50 mil em joias”, publicada em 10 de fevereiro de 2016, mostrava objetos apreendidos pela corporação durante uma operação.

d) Fontes

Foram identificadas 45 fontes nas matérias sobre o interior no *O Estado*. Das 39 matérias, 35 (89,74%) tinham apenas uma fonte, enquanto quatro (10,26%) tinham mais de uma. O texto “Em Três Lagoas, Rocha diz ser hora de o PMDB deixar o Paço”, publicada na editoria de Política em 25 de janeiro de 2016, tinha quatro fontes, todas elas detentoras de cargos públicos, sendo o deputado estadual Eduardo Rocha²⁹; a prefeita de Três Lagoas,

²⁹ Presidente do PMDB em Campo Grande

Márcia Moura; deputado estadual Ângelo Guerreiro e o deputado estadual Professor Rinaldo³⁰. Eles falam sobre as conjunturas políticas para a campanha eleitoral de 2016 naquele município.

Outras três matérias tinham duas fontes. A primeira delas, “MPE pede suspensão do Carnaval em cidade castigada pelas chuvas”, publicada em 16 de janeiro de 2016, fala sobre um pedido feito pelo órgão para que Ivinhema cancelasse o evento, contendo dados da recomendação do Ministério Público divulgado em Diário Oficial e tem relatos do prefeito falando sobre as providências que serão tomadas com relação à medida.

A segunda, “Estado terá que construir base para bombeiros na cidade turística”, também da editoria de Política, trata da obrigatoriedade de realização de uma obra do governo em Bonito, tem informações da sentença proferida pela juíza Adriana Lampert e do tenente-coronel Hudson Farias falando sobre a estrutura que existe atualmente naquela cidade e sobre a possibilidade de o governo acatar a medida.

Já no texto “Bebê que teria sofrido violência sexual dá sinais de morte cerebral”, publicada em 18 de fevereiro de 2016 na editoria de Cidades, o repórter conversou com a conselheira tutelar que denunciou o caso e com o delegado que o está investigando.

Todas essas estão incluídas dentro das 30 (66,67%) fontes oficiais encontradas nas matérias sobre o interior (Tabela 8). Entre elas, cinco (16,67%) eram políticos; cinco (16,67%) eram documentos; dois (6,67%) eram representantes de órgãos públicos; dois (6,67%) eram assessorias de imprensa; dois (6,67%) eram chefes de empresas ou entidades privadas. Em um caso (3,33%) o órgão público foi citado como fonte sem informar quem forneceu os dados para a matéria.

Com relação às 13 restantes, sete (23,33%) eram boletins de ocorrência enquanto nos outros seis casos (20%) as informações foram atribuídas à polícia. No caso das matérias feitas com base nos registros policiais, as informações são obtidas por meio do sistema *Sigo*, onde são armazenados esses tipos de documentos. A imprensa de Campo Grande tem uma senha especial que acessa as informações necessárias para o *lead* (o que, quem, como, quando, onde e por que) e dependendo do caso algum detalhe a mais.

Conforme o Jornalista H, devido ao fato de a equipe ser muito pequena, o sistema é essencial para a cobertura dos municípios fora de Campo Grande, tanto que é praticamente a única fonte para construir esses textos. Nesses casos, os jornalistas usam as próprias informações para redigir os materiais, tendo o trabalho de entrar em contato com os delegados

³⁰ Vice-presidente regional do PMDB em Mato Grosso do Sul

ou investigadores para coletar dados extras nos casos mais importantes, que a equipe sabe que haverá repercussão social e possivelmente demandará suítes³¹.

Tabela 8 – Fontes das notícias do interior no Estado

	17/01	25/01	02/02	10/02	18/02	26/02	05/03	TOTAL
Não citada	1	5	0	1	0	0	2	9 (20%)
Jornal Local	0	0	1	2	0	0	0	3 (6,67%)
Personagem	1	0	0	0	0	1	0	2 (4,44%)
Observação direta	0	1	0	0	0	0	0	1 (2,22%)
Oficiais	8	7	5	3	3	1	3	30 (66,67%)
TOTAL	10	13	6	6	3	2	5	45

Em nove casos (20%) as fontes não estavam claramente informadas. Em outros três (6,67%) foram utilizados jornais locais para embasar os textos. Em dois (4,44%) o repórter ouviu personagens, enquanto em apenas um caso (2,22%) o texto foi construído com base na observação direta de quem o escreveu.

Conforme o Jornalista H, é norma do jornal citar corretamente as fontes de informação nos textos e o resultado da pesquisa, nesse sentido, contraria as normas do jornal. No entanto, não são feitas reuniões periódicas entre os membros da equipe para corrigir esse tipo de situação. Existem esses encontros, mas de forma esporádica, e o entrevistado não detalhou se há um trabalho de leitura do material publicado no intuito de resolver eventuais problemas.

O mesmo jornalista afirma que é comum usar o mimetismo, ou seja, apropriação de informações publicadas por outros veículo de comunicação, nesse caso os *sites* do interior, para construir o texto. Nesses casos, conforme o profissional, os textos originais são reescritos e as fontes devem ser devidamente citadas.

2.3 Considerações sobre a cobertura do interior nos jornais impressos

Entrevistados de ambas as empresas que fizeram parte deste estudo, ao avaliarem a cobertura sobre o interior, afirmam que ela poderia ir além do que é feito atualmente. Os resultados mostram que a abrangência e os assuntos de interesse ainda são restritos. Isso é favorecido pelo tamanho das equipes, que se desdobram entre os assuntos da Capital e das demais cidades de Mato Grosso do Sul. Dessa forma, leva-se muito em consideração o que as

³¹ É a sequência que se dá a um determinado assunto nas edições subsequentes dos jornais ou, no caso dos jornais *online*, em outras matérias publicadas posteriormente (ERBOLATO, 2001).

equipes presumem que dará mais repercussão baseados muitas vezes nos comentários e compartilhamentos das redes sociais.

Para tentar contornar esse “calcanhar de Aquiles” que seria a mão de obra reduzida, os profissionais tentam otimizar o trabalho ao máximo. Eles sabem que embora não esteja no topo da lista de importância, o interior deve estar presente nas páginas do *Correio do Estado* e do *Estado*. Por isso, entra em cena o uso do *Sigo*, de *sites* de jornais do interior e de assessorias de imprensa como fontes de informação. Mais do que isso, tornam-se ferramentas que facilitam o acesso à informação e acabam direcionando o conteúdo dos jornais para as áreas de atuação dessas fontes.

Outro aspecto interessante é que os entrevistados em ambas as empresas dizem que os *sites* noticiosos são o meio tanto para favorecer a cobertura sobre o interior e como mecanismo para fazerem com que as suas marcas permaneçam no mercado regional.

Essa situação lembra o que Arnt (2002) diz a respeito do jornal impresso. Por ter sido o primeiro veículo de comunicação de massa, ele aos poucos foi perdendo o posto de fonte exclusiva de informações e dividindo espaço com os veículos que foram surgindo no decorrer da história. Se por um lado as profecias mais catastróficas sobre os periódicos não chegaram a se concretizar, do outro surge a necessidade desses veículos saírem da zona de conforto indo ao encontro ao que o público procura (CALDAS, 2002).

Leitores de jornal e usuários de internet têm interesses e curiosidades diferentes. Para assegurar seu espaço, caberá ao jornal do presente investir naquilo que o leitor espera encontrar nele: originalidade, texto interpretativo e analítico, com suas implicações e possíveis repercussões na vida de cada um. O fato situado dentro de um contexto mais amplo, ao lado de pesquisa e opinião. Já na internet o que se busca são informações rápidas e específicas, em poucas linhas (CALDAS, 2002, p.17).

Os veículos impressos tiveram profunda relação com o surgimento dos primeiros jornais *online*, visto que em um primeiro momento, com o advento da internet, muitos impressos marcaram presença na *web* disponibilizando na rede as edições vendidas nas bancas (PINHO, 2003). Essa característica compreende uma das fases do ciberjornalismo descritas por Mielniczuk (2003).

Num primeiro momento, ao qual chama-se de transpositivo, os produtos oferecidos, em sua maioria, eram reproduções de partes dos grandes jornais impressos, que passavam a ocupar um espaço na Internet. É muito interessante observar as primeiras experiências realizadas: o que era chamado então de jornal *online* não passava da transposição de uma ou duas das principais matérias de algumas editoriais. Este material era atualizado a cada 24 horas, de acordo com o fechamento das edições do impresso (MIELNICZUK, 2003, p.2).

Porém, com a popularização de acesso, os veículos albergados na rede evoluíram até a fase de metáfora, começando a explorar os recursos disponíveis e divulgando fatos que se passam entre as edições impressas e despertando atitudes empreendedoras por parte de empresários que decidiram desenvolver projetos exclusivos pela internet, alcançando o chamado jornalismo de terceira geração, com produção de conteúdo voltada unicamente para a *web* (MIELNICZUK, 2003).

Se ainda restam dúvidas sobre a imperiosa necessidade da mudança no perfil dos impressos; dados estatísticos ajudam a comprovar essa situação. Das pessoas ouvidas pelo IBOPE na Pesquisa Brasileira de Mídia 2015, 76% afirmaram que não leem veículos desse tipo. O índice aumentou 1% em relação ao estudo anterior. Em Mato Grosso do Sul, o valor é ainda maior: 82% dos entrevistados não se informam pelos veículos tradicionais. A maioria das pessoas ouvidas prefere consumir informações cotidianas e relativas à cidade onde vivem e 24% preferem notícias policiais, enquanto 3% se interessam por fatos ocorridos ao redor do mundo.

Nesse sentido, ao ser questionado sobre como o *Correio do Estado* pretende se reinventar, o Jornalista A afirma que o futuro é o *Portal Correio do Estado*.

Tanto é que a equipe [do *site*] foi ampliada esse ano [2016] justamente para atender a essa demanda. Todos os jornais sabem disso. Daqui a algum tempo pode ser que ele [impresso] já não seja mais viável e aí não estamos fazendo uma migração, mas hoje estamos fazendo uma mescla, uma união entre os dois, mas o *Portal Correio do Estado* é essa fonte de inovação (JORNALISTA A, 2016).

O mesmo ocorre em o *Estado*. Conforme o Jornalista H, a empresa lança tardiamente sua página na internet e hoje tenta fazer com que ela adquira o mesmo reconhecimento que tem a marca no mercado do jornalismo impresso de Campo Grande. Ele afirma que no futuro o projeto da empresa é migrar a equipe do impresso para o *site*, invertendo os papéis. Se hoje o principal veículo do grupo é a versão tradicional, futuramente ela irá circular somente com as notícias já publicadas na internet.

Não é tão diferente do que o *Portal Midiamax* faz hoje. O *Midiamax* tem um jornal impresso que é distribuído e que usa os materiais [publicados no *site*]. Nós não pretendemos distribuir [*O Estado*], mas continuar vendendo e diminuir os assinantes, só ter em bancas, porque [assinantes] tem um custo com entregadores, é um custo elevado ter os dois ao mesmo tempo e o mercado hoje do impresso é muito caro. Um papel é comprado em dólar e imagina o custo, ainda mais com a cotação de hoje ficou super mais caro imprimir jornal, então por isso que tem essa necessidade de renovar (JORNALISTA F, 2016).

Quando isso ocorrer, segundo ele, a produção feita para a internet vai ser dividida por editorias, o que deve aumentar não apenas o fluxo noticioso, como também pode favorecer uma ampliação e melhora na cobertura sobre o interior, uma vez que haverá mais mão de obra para conduzir as apurações.

3 NOTÍCIAS SOBRE O INTERIOR NOS JORNAIS *ONLINE*

A primeira iniciativa de uma empresa jornalística sul-mato-grossense em lançar-se na rede mundial de computadores foi do *Progresso*, de Dourados, quando o veículo criou um *site* para disponibilizar em *pdf*³² suas edições impressas em 1997 (FORTUNA, 2014). A veiculação dos formatos jornalísticos tradicionais na *web*, como fez esse veículo, insere-se naquela que Mielniczuk (2003) definiu como a primeira fase do jornalismo *online*, a da transposição. Nela, não há produção de conteúdo exclusivo nos portais e a atualização é feita uma vez por dia, junto com a venda das edições que circulam nas bancas.

Em um segundo momento, aproveitando o avanço dos recursos que a internet passou a oferecer às empresas, os veículos de comunicação começam as primeiras tentativas de pensar conteúdos que possam ser visualizados nos computadores, sem abrir mão ao modelo impresso, incrementando dispositivos multimídia e abrindo canais de contato com os leitores por meio de correio eletrônico e fóruns (MIELNICZUK, 2003).

Na terceira etapa desse caminho dos portais noticiosos há a criação de produtos específicos para a internet e maior interação com os leitores por diversos canais, o chamado “jornalismo de terceira geração” (FORTUNA, 2014). Na capital sul-mato-grossense a referência nesse formato, que também foi o primeiro ciberjornal exclusivamente feito para a *web* no estado, é o Campo Grande News, idealizado em 1999 por Lucimar Couto em parceria com o empresário Miro Ceolim.

A internet no jornalismo favoreceu a criação de *blogs* e *sites* informativos, principalmente no interior de Mato Grosso do Sul. Diferentemente dos impressos, não são necessários muitos recursos para se criar um veículo de comunicação *online*, que pode ser composto muitas vezes por somente uma pessoa. No interior é comum encontrar empresas com esse formato, em que o dono redige os textos, tira as fotos e vende os anúncios no intuito de fazer o negócio gerar lucros. Obviamente, a qualidade do material produzido é diretamente proporcional ao tamanho do investimento. Quanto maior um *site*, maiores são as necessidades de sistemas avançados de criptografia de segurança, maiores bancos de dados e vários *links* de internet para evitar que qualquer imprevisto na rede faça com que o portal saia do ar e todos esses aparatos têm alto custo.

³² A sigla inglesa PDF significa Portable Document Format (Formato Portátil de Documento), um formato de arquivo criado pela empresa Adobe Systems para que qualquer documento seja visualizado, independente de qual tenha sido o programa que o originou. (disponível em < <http://www.significados.com.br/pdf/>>. Acessado em 21 de agosto de 2016).

Assim, as maiores empresas jornalísticas que já têm histórico de credibilidade com formatos tradicionais, como o *Correio do Estado* e *O Estado*, partem para a internet aproveitando a marca já consolidada para angariar leitores, e criando um meio de driblar a crise de leitura dos impressos, conforme citado anteriormente neste trabalho.

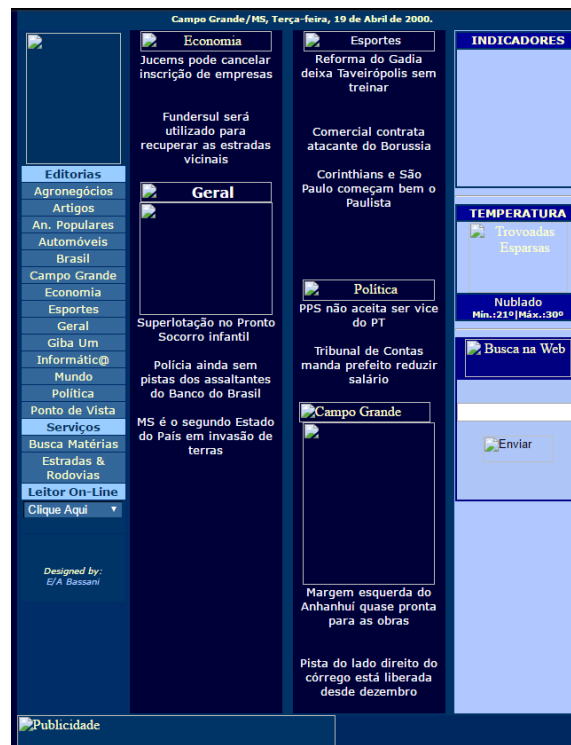
Neste capítulo serão apresentados panoramas históricos e o perfil dos portais de notícias do *Correio do Estado* e do *O Estado* seguidos das análises das notícias durante a semana construída. Foi utilizada a mesma metodologia empregada nos impressos

3.1 O interior no portal *Correio do Estado*

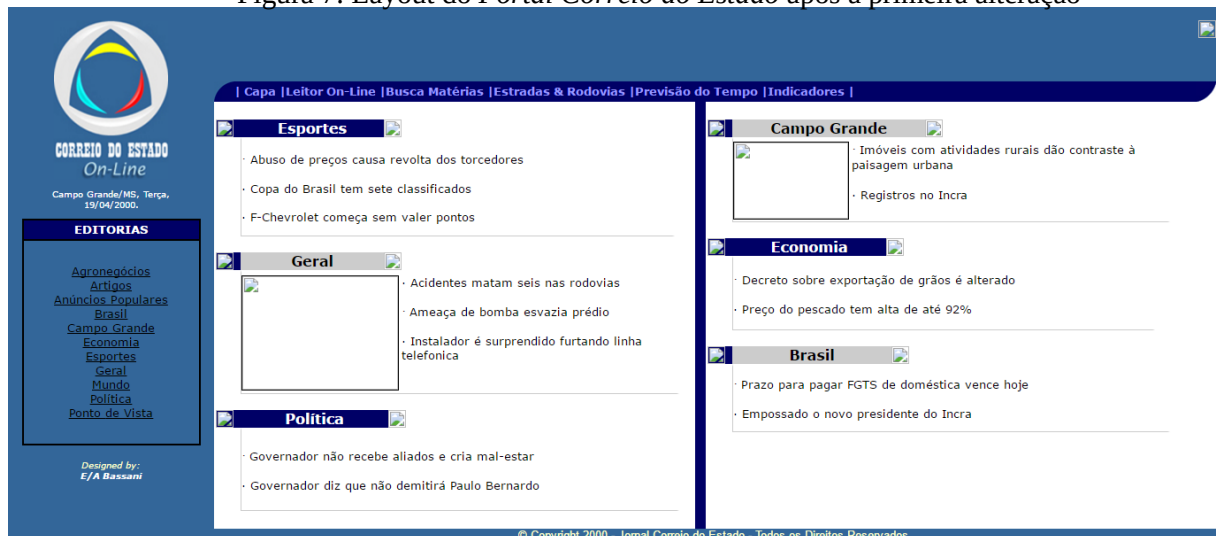
O *Correio do Estado* lançou-se na internet em 2000, pouco depois do surgimento do Campo Grande News. Na época, o *layout* era bem simples, apresentando no centro da página os destaques, divididos em duas colunas, e à esquerda as editorias Agronegócios, Automóveis, Brasil, Campo Grande, Economia, Esportes, Geral, Informática, Mundo, Política, além dos espaços de opinião onde eram veiculados artigos e as colunas Ponto de Vista e Giba Um, esta última ainda é veiculada também na versão impressa.

Nessa época, havia um canal de contato com o internauta chamado Leitor *Online*. O veículo disponibilizava também espaços para Classificados, prometendo valores baixos nos chamados anúncios populares. Havia pouco espaço para publicidade, possivelmente por ser difícil o acesso ao computador naquela época para uma internet discada, que por isso ainda não era atrativa para as empresas investirem em propaganda (Figura 6)³³.

³³ Todas as figuras contendo *layouts* antigos do Portal *Correio do Estado* foram obtidas por meio da ferramenta *Way Back Machine* da organização *Internet Archive* (<https://archive.org/web/>)

Figura 6: Primeiro layout do *Portal Correio do Estado*

Ainda naquele ano, houve outras duas reformulações na página. Na primeira delas (Figura 7), o site ganhou um menu na parte superior com serviços de Anúncios, Previsão do Tempo, e situação de estradas e rodovias. A lista com as editorias foi mantida e os destaques, ainda posicionados em duas colunas, eram dispostos em tópicos, alguns acompanhados por fotos.

Figura 7: Layout do *Portal Correio do Estado* após a primeira alteração

Em seguida (Figura 8), a página ganha incremento de novas cores e um *design* mais organizado, apresentando as notícias em formato de lista, separadas por editoria. O veículo ganha também o que parece ser um *widget*³⁴ de previsão do tempo, em que o leitor inseria o nome da cidade para obter informações sobre as condições meteorológicas em sua cidade. Esta possivelmente foi uma maneira de aproximar internautas de outras partes do estado para a leitura do portal.

A página era basicamente centralizada com *hiperlinks* para o acesso dos textos, não havendo, ainda, o uso de recursos multimídia, como vídeos, infográficos. Apenas pela análise da página, não é possível afirmar em qual das fases do jornalismo *online* o veículo estava. Nessa época foi inserida no portal a enquete, uma forma de manter a interatividade com o internauta.

Figura 8: Layout do *Portal Correio do Estado* após a segunda alteração

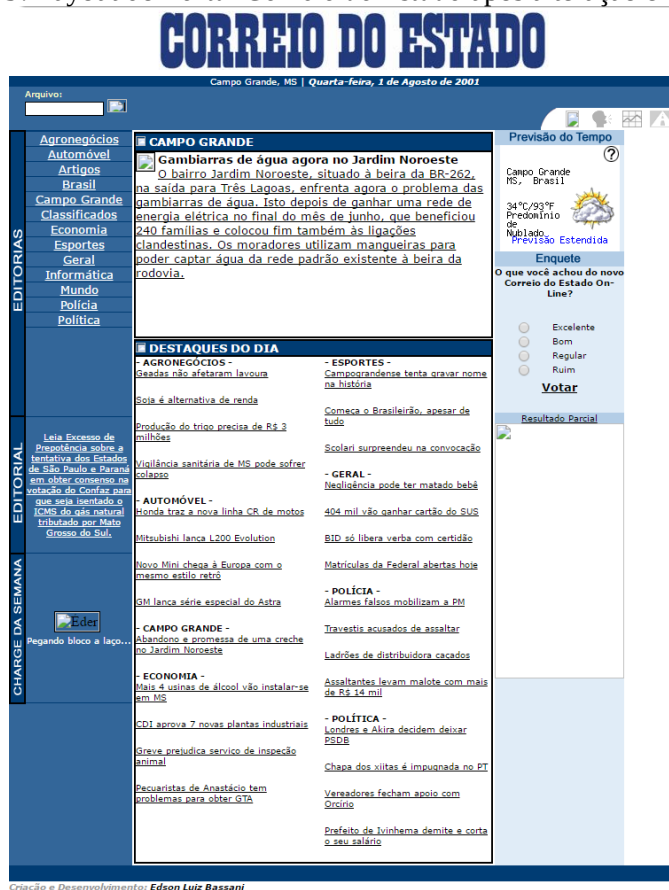


³⁴ Componente que pode ser utilizado em computadores, celulares, tablets e outros aparelhos para simplificar o acesso a um outro programa ou sistema. Eles geralmente contêm janelas, botões, ícones, menus, barras de rolagem e outras funcionalidades.

A próxima mudança foi registrada em 2001 (Figura 9), quando foi incorporada ao portal a marca do *Correio do Estado* semelhante àquela que é utilizada atualmente. Foi criado um espaço no topo da página para uma notícia de destaque de Campo Grande, que apresentava o *lead* da notícia do dia. O *widget* de previsão do tempo foi substituído e passou a apresentar diretamente informações meteorológicas apenas da Capital.

No menu, ainda mantido na lateral esquerda do portal, foram separadas as editorias dos conteúdos opinativos. Charge e Editorial ganham, dessa forma, um espaço próprio. Os demais destaques do dia ainda são disponibilizados em formato de lista, valorizando o texto e com pouco uso de imagens.

Figura 9: Layout do *Portal Correio do Estado* após alteração em 2001



A próxima mudança significativa no portal ocorre em 2003 (Figura 10). A página perde a cor predominantemente azul e passa a ter o fundo branco, apenas com os detalhes coloridos. Os destaques são reorganizados e passam a incluir mais imagens.

Os itens do menu continuam os mesmos, com a diferença de que os classificados passam a ser apresentados separados dos itens noticiosos. O *widget* de tempo passa a incluir cidades do interior do estado automaticamente e o caderno de variedades do *Correio do Estado* ganha um destaque próprio.

Nesse período ainda não há a presença da manchete. O topo da página apresenta as notícias mais importantes separadas por editoria, trazendo títulos curtos com no máximo duas linhas e preenchimento colorido para destaca-los. Abaixo deles, três destaques temáticos com foto seguido de vários plantões de últimas notícias, também separados por assunto.

Figura 10: Layout do *Portal Correio do Estado* em 2003

CORREIO DO ESTADO

Quinta-feira, 4 de Dezembro de 2003.

Cadernos
 Artigos
 Brasil
 Caderno B
 Economia
 Editorial
 Entrevista
 Esportes
 Informática
 Internacional
 Geral
 Polícia
 Política
 Rural
 Turismo
 Veículos

Classificados
 Aluguel, venda de imóveis, veículos, serviços e muito mais...

Editorial
 Leia Avanço Importante, sobre a proposta do Ministério da Educação em torno da realização dos Provedores, que representa um passo a frente na melhoria da qualidade de ensino do País.
 Leia mais...

Serviços
 Arquivo
 Assinaturas
 Expediente
 Roteiro da TV

Economia
 Aumento da arrecadação garante 13º e salários

Esportes
 Brasil enfrenta hoje a Austrália

Geral
 Ongs se unem contra usinas de álcool no Pantanal
 Desembargador de MS é afastado de cargo no TRF

Internacional
 Na Síria, Lula cobra ousadia dos empresários

Política
 Ocirio inicia mudanças no Governo pela MSGás

Turismo
Roteiro recheado de natureza
 Uma das maneiras mais simples de conhecer um pouco da fauna e flora exuberantes do Pantanal é atravessar a Estrada Parque, via antiga de terra batida que dá acesso a Corumbá. É nada melhor do que as férias para curtir o melhor da natureza e um dos maiores recantos do ecoturismo da região. A Estrada Parque começa nas proximidades da cidade de Corumbá, no Lampião Acesso, e segue para o sudoeste do Estado, até chegar ao Buraco das Piranhas (BR-262). São aproximadamente 116 km de extensão que incluem a transposição de balsa do Rio Paraguai, no Porto da Manga. Ao longo da estrada, distribuem-se diversos empreendimentos turísticos (hotéis e pousadas) que oferecem opções de passeios de pesca e de observação da natureza, sítios e fazendas e restaurantes. Quem trafega pela Estrada Parque poderá ver capivaras, jacarés, tuiuius, garças e até araras-azuis, entre outros animais.

Guias de turismo recebem treinamento
 O Sindicato dos Guias de Turismo de Campo Grande e órgãos públicos estão capacitando pessoal para trabalhar no city tour da cidade

Estado sediará congresso mundial em Bonito
 No próximo ano, Mato Grosso do Sul será sede do Congresso Mundial de Guias de Turismo, como parte da programação do Festival de Inverno de Bonito

Outros Destaques

Economia	Geral
04/12/2003 - Governo mantém alíquota do imposto em 27,5%	04/12/2003 - Paciente morre em posto de saúde
04/12/2003 - Preços dos automóveis caíram 1,4%	04/12/2003 - Médico de hospital nega negligência
04/12/2003 - Cheques sem fundos aumentam 33,8%	04/12/2003 - Ministério da Saúde faz devassa nos postos de Três Lagoas
04/12/2003 - Campanha une vendas e solidariedade	04/12/2003 - Servidor estadual protesta para exigir reposição salarial

Esportes
 04/12/2003 - Cruzeiro é o melhor também nas rendas
 04/12/2003 - Gil descansa após jogar na

Política
 04/12/2003 - Queda de presidente da MSGás muda secretário
 04/12/2003 - Governo busca acordo para votar

Tempo em MS
 Capital | 31º
 N. Nordeste | 34º
 Pantanal | 34º
 S. Maracaju | 32º
 Sul | 29º

Charge

A página do *Portal Correio do Estado* entre janeiro e março de 2016, período em que este trabalho foi realizado, apresenta um menu superior com a lista das editorias das notícias, artigos, classificados, serviços, resultados da loteria e o *link* para o plantão de últimas notícias. Antes, a lista com as publicações e seus respectivos horários tinham destaque na página e agora precisam ser acessadas pelo leitor ou consultadas na parte inferior da janela.

Figura 11: Layout atual do *Portal Correio do Estado*



De janeiro a março de 2016 a equipe do *Portal Correio do Estado* contava com nove jornalistas e dois estagiários. Dois desses profissionais são editores, outros dois são subeditores e o restante atua como repórter. Não existe reunião de pauta. O dia a dia começa com o primeiro funcionário às 6h, que é responsável pela ronda matinal pelas delegacias e também acessa o *Sigo* para consultar os boletins de ocorrência. Mais tarde, quando a redação do impresso também começa a funcionar, um representante do *site* participa da definição das pautas. Conforme o Jornalista D, que atua no portal, embora não haja um encontro diário exclusivo do *online*, a equipe tenta conversar frequentemente durante o dia para conseguir organizar a demanda noticiosa. Isso ocorre porque no impresso existe espaço delimitado e um horário de fechamento, enquanto no *site* as matérias são veiculadas na medida em que os fatos são apurados, processados e escritos.

Não há, conforme o entrevistado, uma exigência da empresa para que haja inserções em determinados intervalos de tempo, prática adotada por outras empresas jornalísticas de Campo Grande. No entanto, para não haver longos períodos sem conteúdo, a equipe estabeleceu informalmente um mínimo de 15 minutos entre uma notícia e outra nos dias úteis e vinte aos fins de semana e feriados.

No *site* foram criadas páginas específicas para algumas cidades do interior, sendo elas Dourados, Corumbá e Três Lagoas. Conforme o Jornalista D, todas as vezes que alguém publica algo sobre essas localidades, a mais recente entre elas será automaticamente a manchete desse espaço. Os demais destaques são alterados pelos editores segundo a ordem de importância dos fatos. Isso incentiva os jornalistas a buscarem mais fatos sobre essas localidades no intuito evitar manter assuntos velhos segundo o Jornalista D conforme os relatos a seguir.

Temos uma meta que varia de cada cidade. Eu tenho o ideal, que seria Campo Grande ter uma notícia a cada 15 minutos; Dourados, o ideal é ter uma notícia a cada hora; Ponta Porã, uma notícia a cada duas horas. Temos essas metas, mas não é fácil, porque realmente de Campo Grande você conseguir informações e fazer uma matéria do interior é um pouco complicado, mas nós temos tentado bater. (JORNALISTA D, 2016).

Ainda conforme o Jornalista D, a questão do acesso é bastante presente na rotina produtiva da equipe e isso interfere diretamente na forma e no lugar do interior dentro da redação do *Portal Correio do Estado*.

Para dizer bem a verdade, somos muito ligados a essa questão do acesso. Tem os assuntos que você sabe, acha que é interessante, que é necessário publicar, mas sabe

também que não vai dar uma leitura assim tão grande, mas você publica. Não é uma coisa que você vai descartar, mas hoje, querendo ou não, a maior parte dos leitores é de Campo Grande. Hoje, no portal, temos um programa, umas técnicas justamente para conseguir mais leitores do interior, que é o nosso objetivo. Hoje, querendo ou não a maior parte [dos leitores] é de Campo Grande (JORNALISTA D, 2016).

O portal, ainda segundo Jornalista D, raramente envia equipes ao interior para cobrir *in loco* os acontecimentos. Pelos relatos, dá-se a impressão que embora no impresso essas ocasiões sejam também esporádicas, ocorrem mais do que no *online*. “Não sei se dá para falar algum evento específico, teria que ser um evento que vai render um material a nível nacional, igual à queda do avião do Luciano Huck³⁵. Se fosse no interior, com certeza [haveria cobertura no local]” (JORNALISTA D, 2016).

3.1.1 Categorias de análise

Seguindo a metodologia proposta para esta pesquisa, foram contabilizados todos os textos informativos do *Portal Correio do Estado* durante uma semana construída. Em um primeiro momento foi analisada a procedência para verificar qual a presença de notícias sobre o interior do estado no portal. Em seguida, as notícias sobre o interior foram separadas e analisadas individualmente segundo os critérios editoriais/temas, fontes e fotos.

a) Procedência

Entende-se como procedência neste trabalho a origem dos fatos que embasaram as matérias publicadas pelo *Portal Correio do Estado*. O objetivo é verificar a presença das matérias sobre o interior e compará-la às inserções sobre os demais níveis de cobertura.

Na semana analisada, o *site* publicou 522 textos, média de 75 matérias por dia. Destas, 179 (34,29%) tinham procedência nacional, cujas informações foram retiradas de *sites* e agências de notícias dos grandes centros, como São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. Outras 124 (23,75%) tinham procedência de Campo Grande, enquanto 68 (13,03%) tinham procedência internacional, 102 (19,54%) eram do interior e apenas 49 (9,39%) descreviam fatos que atingiam a todas as cidades de Mato Grosso do Sul (Tabela 9).

³⁵ No dia 24 de maio de 2015, uma aeronave de pequeno porte em que viajavam o apresentador de televisão Luciano Huck, a esposa dele e também apresentadora Angélica, os filhos do casal e funcionários da família fez um pouso forçado em Campo Grande. As vítimas tiveram ferimentos considerados leves.

Tabela 9 – Procedência da notícia no *Portal Correio do Estado*

Data	Interior	Capital	Estadual	Nacional	Internacional	Totais
17/01/2016	16	10	6	19	11	62
25/01/2016	10	18	12	24	14	78
02/02/2016	16	21	7	26	11	81
10/02/2016	21	19	8	27	15	90
18/02/2016	6	23	7	31	10	77
26/02/2016	14	17	8	29	5	73
05/03/2016	19	16	1	23	2	61
Total	103 (19,73%)	124 (23,75%)	48 (9,20%)	179 (34,29%)	68 (13,03%)	522

Entre as 351 matérias com procedências Capital, estadual, nacional e internacional, 23 citaram municípios do interior do estado. Da mesma forma que os impressos, as localidades, nesses casos específicos, não consistiam no foco da notícia e apareciam em segundo plano para explicar ou descrever algum elemento do texto.

A maioria desses casos foi registrada entre as matérias estaduais, em que 22 (88%) citavam municípios do interior. Somente em uma matéria da Capital foram encontradas cidades do interior citadas pelo repórter. Dessas 23 matérias, dez correspondem a previsões meteorológicas, configurando a maioria, e o restante se divide entre editais de concursos públicos, balanços de operações policiais realizadas em combate a crimes, agendas políticas e fiscalização de trânsito. Houve também um caso de matéria internacional que citava um município do interior. Tratava-se de um crime cometido por policiais paraguaios. Levando em consideração os índices encontrados, obteve-se média de 14 matérias sobre o interior por dia no *site* do *Correio do Estado*, correspondendo a um dos menores índices encontrados. As matérias com temática nacional se sobressaíram entre as demais.

Se por um lado a opção pelos fatos nacionais na versão impressa tem caráter político, conforme apontaram os entrevistados, no *site* tem dois motivos. O primeiro deles é a questão do acesso e o segundo tem relação com o intervalo de tempo entre uma publicação e outra estabelecido como meta. Conforme o Jornalista D, não é comum utilizar textos retirados de portais como *Terra*, *Uol* e *G1* durante a manhã, uma vez que as equipes trabalham geralmente com grande volume de acontecimentos transcorridos durante a madrugada no estado inteiro. Além disso, o veículo só dispõe de equipes até as 20 horas e não poderia ficar sem ter notícia entre esse horário e a entrada do primeiro funcionário no dia seguinte. Então, conforme o entrevistado, são programadas matérias que entram automaticamente preenchendo essa lacuna e dando a impressão de que a empresa não para.

Embora não faça sentido que a imprensa dita estadual se prenda aos conteúdos nacionais, a equipe do *Portal Correio do Estado* afirma ter um grande número de leituras nesse tipo de notícia por meio da repercussão que elas têm nas redes sociais. Ou seja, existem pessoas que ao invés de acessar diretamente os portais nacionais para ver o que se passa em outros estados e no mundo, preferem acessar os *sites* locais para ler esse tipo de conteúdo.

Tem gente que entra no *Terra*, no *Uol*, mas também tem muita gente que está no nosso [portal] e lê [as notícias nacionais]. Temos um *feedback* muito bom. Muitas vezes tem notícias nacionais ou até mesmo internacionais que no dia acabam ficando entre as mais lidas, tem um retorno bom. [...]Esses dias mesmo coloquei uma [notícia] sobre o Estado Islâmico que tinha feito uma ameaça relacionada ao Brasil e foi uma das mais lidas. E todos aqui comentam notícias nacionais e até internacionais. Não podemos ignorar isso (JORNALISTA D, 2016).

Foram citadas 54 (68,35%) cidades do interior pelo *Portal Correio do Estado*. Dourados foi a mais citada, tendo aparecido 23 vezes. Corumbá ficou em segundo lugar tendo aparecido em 22 textos. Ponta Porã vem em seguida em 18 matérias e Três Lagoas, única cidade em que a empresa tem correspondentes, foi citada 14 vezes. Coxim e Amambai foram citadas oito vezes. Outras quatro cidades³⁶ apareceram seis vezes; duas³⁷ foram citadas cinco vezes; três³⁸ apareceram quatro vezes; cinco³⁹ foram citadas três vezes; 16⁴⁰ apareceram duas vezes e 18⁴¹ apareceram apenas uma vez.

b) Fontes

Predominaram na cobertura sobre o interior do *Portal Correio do Estado* as fontes oficiais, que apareceram em 47(45,63%) textos (Tabela 4). Entendem-se como tal pessoas que se pronunciam por instituições privadas ou públicas (SCHMITZ, 2011).

Autores que trabalham a relação entre fontes e jornalismo apontam há décadas que os veículos cada vez mais têm buscado informações junto às empresas e assessorias de imprensa, assim como faz o *Correio do Estado*. Essa prática relaciona-se aos critérios de noticiabilidade

³⁶ Naviraí, Mundo Novo, Aquidauana, Nova Andradina

³⁷ Paranaíba e Sidrolândia

³⁸ Aral Moreira, Iguatemi, Fátima do Sul.

³⁹ Maracaju, Sonora, Costa Rica, Bataguassu e Miranda

⁴⁰ Sete Quedas, Porto Murtinho, Jardim, Cassilândia, Coronel Sapucaia, Dois Irmãos do Buriti, Nova Alvorada do Sul, Bonito, Aparecida do Taboado, Rio Verde de Mato Grosso, São Gabriel do Oeste, Anastácio, Bela Vista, Rio Negro, Rio Brilhante, Camapuã

⁴¹ Ivinhema, Caarapó, Guia Lopes da Laguna, Figueirão, Itaquiraí, Juti, Pedro Gomes, Alcinoópolis, Chapadão do Sul, Ribas do Rio Pardo, Água Clara, Anaurilândia, Brasilândia, Glória de Dourados, Laguna Carapã, Corguinho, Paranhos, Itaporã.

relativos ao produto. Conforme Wolf (1995), a operacionalização de caráter fabril da imprensa força os profissionais a buscarem materiais que não apenas atendam às expectativas do interesse noticioso, mas que também apresentem determinados tipos de estrutura já formatados para facilitar o fechamento. Assim, o *release*, ou até mesmo, para citar um exemplo sul-mato-grossense, o *Sigo*, em que os boletins de ocorrência são acessados sem precisar sair da redação ou entrar em contato com a polícia, tornam-se grandes candidatos à publicação.

Como apontaram os entrevistados, a minutagem acaba criando uma série de *deadlines* ao longo do expediente, ampliando ainda mais essa necessidade pelos conteúdos pré-formatados.

Tabela 10 – Fontes das notícias do interior no *Portal Correio do Estado*

Data	Não citada	Jornal Local	Personagem	Oficial	Totais
17/01/2016	4	3	2	7	16
25/01/2016	2	5	1	3	11
02/02/2016	4	3	0	9	16
10/02/2016	3	4	2	12	21
18/02/2016	1	2	0	3	6
26/02/2016	6	2	0	6	14
05/03/2016	6	5	1	7	19
Totais	26 (25,24%)	24 (23,30%)	6 (5,83%)	47 (45,63%)	103

Em 26 matérias (25,24%), as fontes não foram citadas claramente. Nesses casos, o veículo de comunicação assume indiretamente as informações para si, enquanto os leitores confiam no que estão lendo pela tradição e credibilidade da empresa. Se algum desses dados estiver errado, será necessária uma correção. No caso do impresso, bastaria publicar uma errata no dia seguinte, mas na internet existem vários *blogs* e *sites* que poderiam republicar ou compartilhar o texto incorreto antes que a retificação esteja no ar. O problema, então, ganharia outras dimensões. Alguns internautas terão acesso ao conteúdo certo e outros não, produzindo varias versões de um mesmo fato.

O Jornalista D afirma que existe orientação da empresa para a correta referência às fontes de informação, mas reconhece que diante da pressão do trabalho diário a equipe não está isenta de cometer erros, embora não tenha classificado como tais as 26 matérias sem fonte evidenciadas na pesquisa. A desproporcionalidade entre o número de editores, repórteres e a quantidade diária de publicações favorece esse “ponto fraco”.

Pelo menos as matérias que entram na capa, que damos destaque maior, procuramos ler todas. Às vezes é difícil. Estão lá para serem liberadas dez matérias e a equipe é pequena, então às vezes sobra um pouco para o editor fazer alguma outra coisa além, às vezes até apurar alguma coisa, mas a gente sempre reforça, porque você percebe que o repórter faz uma matéria e já salvando naquela agilidade acontecem os erros. Só de ele parar para reler com calma e salvar a matéria, dar uma relida, já melhora bastante. (JORNALISTA D, 2016).

Em apenas seis casos (5,83%) foram ouvidos personagens, ou seja, pessoas não ligadas a qualquer tipo de entidade. Em 24 (23,30%) matérias foram usadas informações de jornais *online* das cidades onde os fatos transcorreram. Esta situação configura o que Tófoli (2009) chama de mimetismo, ou seja, apropriação de textos prontos, de assessoria ou de outros jornais. No caso do *Portal Correio do Estado*, as matérias da imprensa local são retextualizadas e as fontes devem ser citadas segundo as orientações da empresa.

O mimetismo dentro do campo da comunicação pode ser entendido sob dois aspectos. Um deles, conforme aponta Ramonet (1999), tem relação com a imitação do conteúdo produzido pelos veículos com a intenção de não ficarem para trás na cobertura, lembrando que essa concorrência desenfreada foi causada pela grande convergência que se observa na internet e a velocidade que ela implica. Para o autor, trata-se de uma febre que se apodera repentinamente da mídia e faz com que ela corra em busca das informações de um determinado acontecimento diante do pretexto de que os demais meios irão atribuir uma grande importância ao evento. A partir de então, ocorre um efeito em cadeia, de maneira que “quanto mais os meios de comunicação falam de um assunto, mais se persuadem, coletivamente, de que este assunto é indispensável, central, capital, e que é preciso dar-lhe ainda mais cobertura” (RAMONET, 1999, p.8). Os diferentes suportes se autoestimulam e muitas vezes se deixam arrastar para a superinformação.

A segunda questão tem relação com a apropriação de informações e até mesmo do texto propriamente dito e configura o objeto de análise deste estudo. Por conta da abrangência ilimitada e a ausência de espaços-limite em termos de dimensão de conteúdo, a internet se ergue como concorrente da mídia tradicional. Não há como o noticiário do meio-dia deixar de fora o que foi manchete no *online* que está sendo motivo de debates e discussão dentro das redes sociais ou do ambiente virtual como um todo e ignorar esses fatos é o primeiro passo para uma perda gradativa de audiência que por sua vez pode reduzir receitas com publicidade (visto que empresa exige visibilidade para comprar espaços onde irá mostrar seus produtos),

além de anos de prestígio conseguidos em uma época que o público só dispunha do televisor para se manter informado sobre o que se passava na cidade.

A questão é que a internet é instantânea e o trabalho jornalístico atrelado a ela já nasce com características fabris, de modos de produção, tendo de produzir mais conteúdo dentro de um espaço de tempo menor para obedecer a essa lógica comercial como um simples operário, muitas vezes chegando a pular etapas já consolidadas da prática jornalística, como por exemplo a correta apuração e checagem das informações, soltando dados que muitas vezes não condizem com a realidade (TÓFOLI, 2010).

Na ânsia pela rapidez, buscam-se então meios para facilitar a exigência das chefias de redação de inserções muitas vezes em tempos pré-definidos. Um deles é o uso de informações prontas, já apuradas por outros veículos ou encaminhadas por agências de notícia, empresas especializadas na produção massiva de conteúdo para publicação.

Para a autora, no campo de vista ético, essa prática vai de encontro a pelo menos cinco pontos estabelecido pelo código deontológico da profissão, que prega divulgação precisa e correta dos dados contidos na reportagem, devendo o repórter pautar-se pela veracidade dos fatos, que culmina em um importante trabalho de recolha e correta apuração, além do que é obrigação do jornalista respeitar o direito autoral. Pereira (2004) fez um estudo de caso e aponta que a prática tornou-se pragmática dentro da redação que ele analisou, de forma que os jornalistas já não se importavam se estavam dignificando ou não o ofício uma vez que utilizavam conteúdos prontos publicados por outrem, de maneira que se percebe tratar-se de uma prática impregnada dentro da rotina.

Conforme o Jornalista E, o uso de informações alheias pelo *Portal Correio do Estado* não é feito aleatoriamente, existindo uma parceria prévia com os portais do interior. Assim, existem alguns *sites* que não autorizam a divulgação de suas apurações pela imprensa da Capital. O profissional conta que um dos primeiros procedimentos adotados pelos repórteres é entrar em contato com a redação daqueles veículos para se inteirar sobre o caso que está sendo coberto e tentar alguma informação que possa ter sido deixada de lado e que possa ser usada como diferencial. Porém, novamente a correria diária é citada como empecilho para que esta prática seja feita com frequência, de modo que em casos urgentes, opta-se pela retextualização.

O mimetismo é adotado quase que unanimemente pela imprensa campo-grandense na cobertura sobre o interior, sendo vista com naturalidade pelos profissionais que atuam na cidade. Da mesma forma como a imprensa regional utiliza esse recurso na cobertura de

assuntos que transcorrem em outras instâncias, a imprensa nacional também o faz nas coberturas internacionais com veículos de outros países. Desde que a fonte seja devidamente citada, resguardando os direitos intelectuais de quem produziu o conteúdo original, não há qualquer desvio ético, mas e como fica a informação? Para responder a essa pergunta primeiramente é necessário entender como funciona o processo de configuração da notícia e para isso, parte-se do pressuposto de que a relação dos indivíduos com o mundo é mediada pela percepção significativa das coisas, visto que o mundo pode ser encarado como um ambiente complexamente organizado cujo sentido será atribuído pelo sujeito por meio da percepção, dando às coisas o sentido e valor relacionados à interação com uma sociedade que partilha forma de vida e conhecimento (SILVA, 2013).

A matéria constitui um excerto da realidade que é retirado do seu contexto original pelos jornais tendo em vista os critérios de noticiabilidade. O repórter não constrói um texto de caráter informativo em primeira pessoa, uma vez que raramente tem contato direto com o fato no momento exato em que ele acontece. Os parágrafos são estruturados com informações passadas por terceiros diante de diferentes versões e explicações para um mesmo acontecimento. Isso fornece ao leitor o que ele precisa para confiar no que lê, ou seja, a reportagem ganha status de verdade, de fé pública. Para Gomes (1993), é universalmente aceita a ideia de que o material básico das reportagens é composto basicamente de fatos.

Então deparamo-nos com duas igualmente inquebrantáveis teses sobre a natureza do jornal: a) O jornal é composto de por mensagens elaboradas propositadamente, constituídas na forma de textos com os quais nos pomos em relação na leitura – as notícias; b) As notícias do jornal referem-se a dados da realidade, que se apresentam na forma de eventos ou fenômenos, com os quais é possível pôr-se em relação imediata na experiência e/ou mediata no texto – os fatos (GOMES, 1993, p.2).

Para Koch (apud SILVA, 2013), esse processo ocorre em diversos níveis de significação. O primeiro deles, chamado evento-limite, corresponde ao acontecimento em si, ou seja, ao acidente, homicídio, ao roubo. A imprensa não está presente nas ocasiões em que esses fatos transcorrem, mas eles, por sua vez, irão chamar a atenção dos jornais pelas suas características dissonantes da regularidade cotidiana, levando em consideração também os critérios de noticiabilidade influenciados, entre outras coisas, pelos aspectos culturais dos profissionais, da sociedade local, das normas institucionais da empresa jornalística, etc.

A partir daí, começa o trabalho de apuração. Um repórter é designado para o caso e ele sai em busca de fontes que o ajudem a reconstruir o acontecimento e estruturar seu texto. Esse processo de recolha representa o segundo nível de significação, chamado por Koch de evento

atributivo, uma vez que os dados são passados em um momento posterior ao evento limite, já se constituindo como versões ou opiniões.

Quando o jornalista chega à redação e reúne todos os elementos, produz o texto e o publica, ocorre então o terceiro nível. A notícia passa também a ser um evento porque, de certa forma, irá influenciar na vida cotidiana podendo até mesmo afetar a opinião diante da formação de representações a respeito do fato narrado, por conta disso, a notícia ganha status de fato jornalístico. Enquanto isso, do outro lado do processo, o leitor está no quarto nível da cadeia, porque está lendo um relato composto pela interpretação do repórter das impressões de terceiros posteriores ao momento em que houve o evento limite.

Nesse emaranhado de situações, a verdade se coloca de duas formas. Primeiro, como a compreensão verdadeira daquilo que o material se refere. Segundo, sob a ótica do que é narrado a respeito dos fatos, ou seja, a verdade do texto (GOMES, 1993).

Além de todo aparente isomorfismo das afirmações, fato e notícia são claramente considerados heterogêneos. As notícias são textos dotados de sentido que, por sua vez, falam de fatos; são objetos com os quais um sujeito (o leitor) pode entrar em comunicação ou interação linguística (ou linguístico-imagética, no caso do telejornal). OS fatos, em princípio, são objetos “mudos”, isto é, objetos com os quais não é possível nenhuma comunicação ou interação linguística (GOMES, 1993, p. 2)

Silva (2006) afirma que, apesar de a audiência aumentar o conhecimento por meio do que lê nas páginas de jornal diante do pressuposto da verdade acerca dos fatos narrados, ela não formula concepções acerca do próprio acontecimento em si, mas diante da realidade jornalística, tendo em vista a notícia é um produto que já não tem uma ligação direta com o que relata.

A linguagem jornalística aparece como composta dos mais diversos relatos enunciativos com sentido de referir objetos do mundo. No entanto, mesmo que apresente para o leitor um fato “novo” como informação genuína, este fato carrega em seu bojo um “dado”, ou seja, uma informação de fundo, que é sobre este (*background*) que a leitura do leitor vai incidir. Assim sendo, mesmo que o “dito” tenha um mesmo referente, o sentido é diferente para cada interlocutor (SILVA, 2006, p. 13).

Notícias jornalísticas podem então ser compreendidas como “microepisódios de sentido inacabado relacionados a algo gradualmente refigurado na imaginação dos receptores com o auxílio da memória” (MOTTA, 2005). Dessa forma, conforme o autor, a audiência as

lacunas e faz as conexões necessárias com base em sua relação com o cotidiano construindo conexões, recompondo a narrativa e fazendo a fusão de horizontes e isso faz com que ele atue como um verdadeiro detetive recolhendo todas as pistas da história.

Tambosi (2007, p. 36) entende que “verdadeiras ou falsas são as nossas afirmações, sentenças, crenças, proposições etc. – não a realidade, o mundo objetivo –, e que afirmações ou proposições falsas não geram conhecimento”. Nesse contexto, para o autor, a verdade está situada dentro da relação entre uma proposição e a relação dela com o mundo, ou seja, trabalha a questão em nível do texto de forma que uma sentença será verdadeira somente se estiver relacionada a um fato do mundo. Trata-se de uma das teorias mais antigas da verdade e que melhor se encaixa quando estamos falando de jornalismo.

À atividade jornalística é insuficiente a simples coerência entre proposições ou afirmações. Tampouco se pode avaliar uma notícia, que é o relato de um determinado fato ou acontecimento, pelo exclusivo critério de utilidade, ainda que a informação possa ser útil. O Jornalismo se situa no plano linguagem-mundo, discurso realidade – ou seja, não é autorreferencial –, posição que compartilha epistemologicamente com as ciências. Se fosse um ramo da literatura, bastar-lhe-ia a coerência entre enunciados. À ficção basta a coerência, mas o Jornalismo não é ficção. Como seu imperativo ético é a verdade, que não pode ser um mero ideal, necessariamente ele terá que se defrontar com as teorias da verdade – e a da correspondência (dos relatos com os fatos) parece ser a mais adequada ao campo jornalístico (TAMBOSI, 2007, p. 40).

Ou seja, o jornalismo está inserido dentro de um conceito de verdade que envolve a relação texto-mundo, justamente por isso se diferencia, por exemplo, da literatura. No entanto, o fato jornalístico continua sendo construído por meio de relatos de pessoas que estão relacionadas ao acontecimento em si e muitas vezes existem informações obtidas por outros meios que não relatos de fontes que sequer são passíveis de apuração, mas como denúncia, são colocadas a público. Tambosi levanta o questionamento se esses dados também são enquadrados dentro de uma teoria que atribui sentido verdadeiro apenas às coisas que estão relacionadas com o mundo, ou seja, como um item que não pode ser provado se realmente está inserido dentro do plano dos eventos do mundo pode ser tido como verdade? “Com efeito, não há garantia de que as afirmações (ou “discursos”) sejam verdadeiras a priori, mas isto não impede que o jornalista alcance a verdade, por mais aproximativa que seja” (TAMBOSI, p. 46).

Não cabe aqui condenar ou não essa prática. A intenção é mostrar que esse procedimento tem influências no chamado “fato jornalístico” tal qual foi definido anteriormente. Tendo em vista a existência de uma verdade acerca dos fatos e acerca nas

narrativas, Gomes (1993, p. 6) questiona “se o fato – aquilo de que fala o texto – for ele mesmo estabelecido a partir de outro texto, como normalmente acontece nos jornais, como poderemos entender a questão da verdade da notícia, no primeiro ou no segundo sentido?”. De fato, para o autor, a questão atinge níveis complexos de discussão tendo em vista um sistema baseado em interpretações de forma que nós passamos a conhecer as coisas não como em si mesmas, mas já organizadas mediante a intervenção de um sujeito, no caso, o jornalista. Isso implica em afirmar que “[...] a verdade do discurso dos outros não está naquilo que eles dizem, mas na relação complicada entre o que é dito explicitamente e aquilo que implicitamente está presente neste dizer” (GOMES, 1993, p.11).

A apropriação de informações de outros veículos já está impregnada na rotina jornalística principalmente dentro das redações focadas na *web*, criando o que podemos chamar de uma “política da boa vizinhança” da informação. Entretanto, mesmo que não julguemos essa prática com o objetivo de condená-la ou exaltá-la, é claro que ela interfere no processo de apreensão do conteúdo jornalístico por parte do leitor. Se considerarmos o fato jornalístico como um item no processo de interpretação da notícia, temos que o mimetismo inaugura novos níveis de compreensão a partir do momento em que o repórter se coloca no lugar do leitor na escala de leitura e apreensão textual.

Temos aqui um interessante paradoxo. O fato jornalístico é transformado novamente em uma mistura de evento limite com fato atributivo (Koch apud Silva, 2013) e a partir da *mimesis* estará sujeito ao mesmo procedimento adotado em casos apurados diretamente pelo repórter. É justamente nessa etapa de reinterpretação de uma interpretação que se incorre ao erro, tal qual uma fotocópia de uma fotocópia faz com que haja perda de qualidade da imagem. Não é possível afirmar que isso sempre ocorra, trata-se na verdade de um risco que o profissional da imprensa está sujeito ao tomar a decisão ou ao jornal quando impõe o uso de dados prontos de outros veículos como regra. Quando se fala desse fluxo de informações, sofre quem está na ponta do processo. O leitor, não somente estará apenas geograficamente afastado do evento limite, mas também a um nível interpretativo.

c) As fotos

Existindo a imagem entre o imaginário e a realidade, ela acaba sendo traduzida por meio dos instrumentos técnicos de captação como uma percepção humana do mundo, de

forma que essa representação mental e técnicas se associam: a instrumentação concretiza a ligação entre o imaginário e o real ao fabricar uma imagem (BUITONI, 2007).

No caso específico do ciberjornalismo, o computador tornou possível transformar imagens em códigos e, uma vez reduzidas a números, podem ser facilmente armazenadas em banco de dados, de onde podem ser acessadas à vontade pelos repórteres (MANOVICH, 2005). Conforme o autor, a transposição de suportes tradicionais ou criação de novos recursos por meio do computador é um marco na evolução dos meios de comunicação e o uso da máquina com essa finalidade dá origem ao que ele denomina novas mídias, classificadas como “objetos culturais que usam a tecnologia computacional digital para distribuição e exposição” (MANOVICH, 2005, p.25).

O mesmo teórico propõe a atribuição de cinco características principais às mídias contemporâneas, que serviriam para diferenciá-las entre àquelas consideradas tradicionais: representação numérica, modularidade, automação, variabilidade e transcodificação. Assim, as fotografias quando inseridas pelos meios digitais passam a ser descritas pela máquina por meio de funções matemáticas armazenadas pelos computadores, possui uma estrutura fragmentada que pode ser agrupada em objetos de maior escala sem perder suas características, localizado em meio a bancos de dados e por meio de sistemas de buscas na internet, possuir versões menores para serem abertas em computadores com velocidades menores e ser “lida” pelo sistema do computador de modo que esteja visível para o usuário por meio da interface.

Esses cinco elementos não apenas tornam possível transformar uma fotografia em uma nova mídia, mas também torna possível agrupá-la com outros elementos dando origem às estruturas multimidiáticas que constituem uma das características básicas do jornalismo feito para a rede mundial de computadores (MANOVICH, 2001).

Para o autor, isso implica no surgimento de uma nova forma de linguagem, que enfatiza a cultura do visual e estrutura a experiência do internauta e essa influência dos meios digitais afeta diretamente o jornalismo (DEUZE, 2007). Entende estar chegando ao fim a profissão tal qual ela foi concebida, já que a internet tem deixado os outros meios de comunicação obsoletos, dada a velocidade com a qual as informações circulam por ela, que não precisam esperar a publicação das edições pela manhã ou o horário do *fade* do telejornal. Na realidade, o que está em xeque são as atuais condições de trabalho desses profissionais, tendo em vista a convergência tecnológica e cultural, que força o surgimento de um novo perfil de jornalista, diante de novas ferramentas e possibilidades.

Nesse sentido, os repórteres de *online* com um simples comando do *mouse* e teclado podem copiar imagens de outros veículos e utilizá-las inserindo-as em seu sistema de publicação, existindo para as imagens também o mimetismo citado no tópico anterior. Nesta etapa analisamos as características da cobertura fotográfica sobre o interior do *Portal Correio do Estado* da mesma forma como foi realizado na versão impressa, baseando nosso trabalho principalmente no conteúdo que elas exprimem, metodologicamente definidos como espaço aberto (locais públicos, cenas de crimes, paisagens), presos e suspeitos de crimes, policiais (durante a execução de suas atividades profissionais), vítimas de crimes, políticos, órgãos públicos e famosos.

Embora as fachadas de prédios da administração pública também sejam consideradas como de espaço aberto, a distinção valeu-se para destacar o uso desse tipo de foto nos jornais, uma vez que pode ter relação com os critérios de noticiabilidade usados pela empresa jornalística.

Durante a semana analisada, das 103 matérias sobre o interior, 71 (69,61%) apresentaram pelo menos uma imagem, enquanto 32 (31,07%) não.

Tabela 11 – Fotos nas matérias sobre o interior no *Portal Correio do Estado*

Data	Esp. aberto	Pres.	Polícia	Vít.	Político	Órg. Pub.	Fam.	Tot.
17/01/2016	7	0	1	0	1	0	0	9
25/01/2016	3	0	0	2	0	0	0	5
02/02/2016	8	3	0	1	1	0	1	14
10/02/2016	11	1	0	2	0	1	0	15
18/02/2016	1	1	0	1	0	1	0	4
26/02/2016	7	1	0	2	0	0	0	10
05/03/2016	13	1	0	0	0	0	0	14
Total	50 (70,42%)	7 (9,86%)	1 (1,41%)	8 (11,27)	2 (2,82%)	2 (2,82%)	1 (1,41%)	71

Entre as 71 fotos analisadas, 50 (70,42%) retratam espaços abertos. Em oito casos (11,27%), estampam vítimas de acidentes ou de crimes. Em sete (9,86%), eram imagens de presos. Políticos e fachadas de órgãos públicos só apareceram em duas imagens, cada. Artistas e policiais em serviço apareceram apenas uma vez cada.

Com relação aos créditos das imagens, 38 (53,52%) são de assessorias de imprensa e 24 (33,80%) foram retiradas de jornais locais, recurso semelhante utilizado nas fontes, conforme observado anteriormente. Os dois itens atingem 87,32% de todas as fotografias do

Portal Correio do Estado. Isso evidencia sua aplicação em razão da disponibilidade, que por sua vez remete aos critérios relativos ao produto apontados por Wolf (1995), uma vez que tais elementos chegam à redação junto com materiais pré-formatados e auxiliam as equipes quanto à exigência de tempo da empresa.

Nesse caso, o trabalho dos jornalistas consiste apenas em salvar as imagens em seus computadores para depois inseri-las no sistema, não exigindo logística para a obtenção das mesmas. Ou seja, é muito mais fácil usar, gratuitamente, uma imagem do fotógrafo de um jornal local ou de uma assessoria que entrar em contato com profissionais que morem nas localidades em questão, ou até mesmo enviar equipes diretamente ao local dos assuntos para produzir as fotos, uma vez que se o assunto é factual, raramente será possível que um funcionário se desloque de Campo Grande e chegue a tempo.

Dessa forma, também resvalamos nos critérios relativos ao meio. Enquanto no jornal impresso, dependendo da localidade e do tempo de viagem, torna-se mais viável enviar uma equipe para cobrir diretamente os fatos, levando em consideração a inexistência de sucursais do *Correio do Estado* no interior, no *site* já não existe essa possibilidade dado o imediatismo que esse suporte de veiculação de informações exige, consistindo em uma limitação.

d) Temas de cobertura

Diferentemente do que foi feito com os impressos, a análise sobre os temas presentes na cobertura sobre o *Portal Correio do Estado* não foi baseada em editorias, uma vez que o *site* publica em Cidades as matérias do interior. Por isso, foi realizada uma leitura flutuante do material e depois definidos os índices e indicadores deste tópico. Esta parte do estudo corresponde aos critérios substantivos da notícia apontados por Wolf (1995), correspondendo então às características do evento em si.

Ao analisarmos os temas de cobertura sobre o interior, e levando em consideração que a maioria dos internautas do *Portal Correio do Estado* está em Campo Grande, encontramos pistas que ajudam a entender qual a representação do interior criada pelo veículo. Nesta etapa buscou-se verificar, com base nos assuntos que mais motivaram os textos sobre o interior, qual a imagem que o veículo fornece aos seus leitores, em sua maioria distantes das localidades onde os fatos transcorrem.

Com base nos textos analisados foi possível estratificar as seguintes categorias: trânsito, crimes, serviços, meio ambiente, mortes (que não se enquadrem nas categorias

trânsito e crimes), variedades, política, turismo, cotidiano, conflito agrário e outros incidentes que não se enquadraram em nenhuma das categorias anteriores.

Tabela12 - Temas de cobertura das notícias do interior no Portal Correio do Estado

Dia	17/01	25/01	02/02	10/02	18/02	26/02	05/03	Total
Trânsito	3	1	1	0	2	0	2	9 (8,82%)
Crimes	7	5	11	14	2	11	11	61 (59,80%)
Serviços	0	0	0	0	1	1	1	3 (2,94%)
Meio Amb.	0	1	1	2	0	0	0	4 (3,92%)
Mortes	2	0	1	1	1	0	2	7 (6,86%)
Variedades	0	0	0	1	0	0	1	2 (1,96%)
Política	1	2	2	0	0	0	0	5 (4,50%)
Turismo	1	0	0	0	0	0	0	1 (0,98%)
Cotidiano	1	0	0	3	0	1	2	7 (6,86%)
Conf. Agrário	1	1	0	0	0	0	0	2 (1,98%)
Out. incidentes	0	0	0	0	0	1	0	1 (0,98%)
Total	16	10	16	21	6	14	19	102

Das 102 matérias sobre o interior, 61 (59,80%) narravam algum tipo de crime. Outras nove (8,82%) discorriam sobre acidentes de trânsito, alguns deles com mortes e outras sete matérias (6,86%) falavam sobre outros incidentes que também resultaram em óbito, como afogamentos, doenças, etc. Nota-se, portanto, que 75% dos textos publicados diziam respeito a mortes ou fatos violentos.

O gênero policial figura nas páginas dos jornais brasileiros desde 1917, tendo se difundido principalmente na década de 1970 (MELÉN, 2011). Tratar violência, morte e crimes como elementos que interferem na seleção noticiosa simplesmente pelas características impactantes que possuem esses fatos não é novidade. Eles aparecem em pelo menos duas listas de valores-notícia relacionados por Silva (2014a) entre vários autores que trabalham com esse tema. Novamente estamos falando de critérios substantivos de seleção, que se relacionam também com a questão dos desvios normativos de Shoemaker (apud SILVA, 2014b), uma vez que se relacionam com a violação de regras sociais.

Se por um lado está claro que o tripé morte-violência-crime constituem um importante critério de noticiabilidade, existe a preocupação dos efeitos que este tipo de cobertura pode trazer à sociedade.

De um modo geral, pode-se dizer que o aumento da violência foi acompanhado, nesta década, não somente pela ênfase da cobertura de seus episódios, mas também por um intenso debate sobre a natureza e as consequências deste aumento. Este excesso da tematização teve o efeito de construir um determinado imaginário sobre a

violência, que passou a informar e a produzir atitudes sociais a ela referenciadas. (RONDELLI, 1998).

É possível que, nesses casos, haja uma imagem negativa das cidades localizadas no interior do estado. Se os jornais da Capital são os poucos contatos que a população de Campo Grande. Em relação à Capital, também há pauta sobre violência, mas outros conteúdos de natureza econômica e organização do espaço urbano ajudam a equilibrar o cenário, gerando outros tipos de imagens.

A propósito descreve Shaw: “em consequência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos”. A presentificação dos mass media na vida pessoal estabelece outros níveis de comprometimentos, entre eles, a afirmação de modelos de personalidade, a estereotipia de natureza etnocêntrica e discriminatória contra minorias sociais e a criação de expressões e juízos que substituem rapidamente o pensamento autônomo e firmado na experiência (COSTA, 2002).

Porém, há que se pensar que a opção pelos temas policiais não está apenas relacionada ao apelo pelo sensacional, principalmente em coberturas sobre o interior. Se na Capital acontece um homicídio, por exemplo, as equipes podem escolher entre deslocar um repórter ao local ou cobrir outro evento, aplicando, nesse caso, diversos critérios para definir o que realmente será publicado. Porém, quando a cobertura do interior é feita à distância, muitas vezes os profissionais tendem a usar os meios que têm às mãos, levando em consideração, conforme dito anteriormente, que os jornalistas que trabalham voltados para a *web* também sofrem com imposições de prazos que muitas vezes pressionam mais do que o *deadline* da edição tradicional.

Os resultados da análise das fontes comprovam isso, não apenas pelo mimetismo, mas também pelo uso de *releases*, que facilitam a conversão da matéria prima em produto final. Além disso, o resultado do jornal, em termos de leituras, acaba gerando estereótipos do trabalho jornalístico dentro da comunidade profissional campo-grandense, criando exemplos de como trabalhar em redações de *online*.

De modo geral, a cobertura noticiosa sobre o interior no *Portal Correio do Estado* tem pouca variedade temática, foca principalmente em temas policiais e mortes, talvez não pelo apelo ao sensacional, mas pela facilidade com que esses materiais chegam e são processados.

3.2 O interior no *Estado Online*

O jornal *O Estado* lançou-se na internet em 2010 ao inaugurar uma página transpositiva onde os leitores podiam acessar versões *pdf* do material impresso. No dia 26 de agosto de 2014, aniversário de Campo Grande, criou seu portal com conteúdo exclusivo para a *web*, sendo um dos mais recentes da cidade.

A proposta da empresa na época foi ir além do que a concorrência fazia, realizando debates e discussões *online* acerca de temas relevantes para a sociedade. Esses eventos assemelhavam-se a um fórum de discussões. O primeiro deles, na própria estreia do portal, focou no planejamento urbano de Campo Grande com a mesa redonda “Mobilidade urbana: Campo Grande em movimento”, que contou com a presença do arquiteto urbanista especialista em trânsito Fayez Rizk, Paulo Kinoshita (Agetran – Agência Municipal de Transporte e Trânsito) e Cristina Chicol Manvailer (Planurb – Instituto Municipal de Planejamento Urbano), o presidente da Associação Comercial Jose Carlos Polidoro e Adelaido Spinosa (Conselho Comunitário do Centro). O mediador foi o também arquiteto e urbanista Ângelo Arruda. A ideia era que o internauta interagisse em tempo real com os convidados enviando opiniões e perguntas, a exemplo do que fazem jornais *online* de abrangência nacional. Porém, esse recurso não é mais usado.

Na opinião do Jornalista F, *O Estado* começou tarde a investir na rede mundial de computadores, uma vez que já existiam várias empresas que produziam conteúdos para a internet. O espaço do mercado na época era dominado pelo portal *Campo Grande News* e *Midiamax*. Além deles, havia outros jornais *online* de menor porte como *Capital News*. Porém, todos eles trabalhavam exclusivamente para a rede, sendo o *Portal Correio do Estado* o principal concorrente, uma vez que também era um veículo impresso que explorava os recursos da *web*, tendo sido, desta forma, uma grande influência na decisão dos donos do *O Estado* em investirem em outro segmento.

O que o jornal pensou? Vamos abrir um *site* menor utilizando materiais do jornal, tanto que na abertura do *site* tinha apenas três pessoas: o editor, um repórter de manhã e um de tarde. Com o tempo, com a necessidade também de ganhar espaço no mercado, e hoje é uma luta do jornal, porque o jornal tem um nome, o *site* não tem, então como a gente entrou de vez no mercado? Com vídeos. (JORNALISTA F, 2016).

Em outubro de 2015, dessa forma, o *Estado Online* começou a investir na produção de pequenos vídeos, inaugurando a *TV O Estado* (Figura 12). Conforme o Jornalista F, houve a

tentativa de rodar pequenos telejornais ao vivo pelo Facebook, mas a pouca experiência dos jornalistas com televisão, acabava dificultando o processo, uma vez que eles acabavam gaguejando e se perdiam na leitura dos textos. Os programas então passaram a ser gravados dentro da sala de reuniões do jornal e postados na internet. Logo a empresa viu o resultado positivo da iniciativa. De acordo com o entrevistado, a página do portal na rede social triplicou o número de curtidas graças aos vídeos. Consequentemente, houve mais investimentos no setor. Um estúdio foi montado dentro da redação e um editor de imagens foi contratado para tratar o material e dar-lhe maior qualidade.

O acerto do jornal ficou claro quando ele começou a estimular a concorrência a também produzir vídeos para a internet, tanto que o próprio *Campo Grande News*, veículo mais antigo na cidade, reativou a *TV News* no primeiro trimestre de 2016, produzindo matérias jornalísticas em vídeo para a internet. No entanto, diferentemente do *O Estado Online*, o outro *site* adotou o mesmo formato tradicional das televisões nos conteúdos que publica, enquanto portal do jornal *O Estado* realiza programas em estúdio e vários deles com um tom de humor. Além disso, a equipe do veículo desenvolveu vários tipos diferentes de programas, cada um deles com determinados formatos.

Temos hoje um programa de entrevista de esportes que eu estou à frente por causa da experiência de ser repórter de esportes e por causa do *site*, entrevistas, fatos urgentes, estamos com uma plataforma de tentar fazer um giro melhor da redação com pessoas, com maior qualidade. Tínhamos um programa antes, mas acabou, era o Sem Saída. Era um programa mais rápido. A intenção desses vídeos, é fazer uma coisa que infelizmente os concorrentes não fazem, que é uma coisa mais solta. Eles estão introduzindo a televisão dentro da internet e a internet não permite isso. É uma coisa diferente, é um público diferente, tanto que o que sai no *site*, a nossa linguagem, até de título, é totalmente diferente do impresso (JORNALISTA F, 2016).

Existe separação entre as equipes do impresso e *online*, tanto que não há na estrutura funcional da empresa um editor-geral que seja responsável por ambas as equipes, como há, por exemplo, no *Portal Correio do Estado*. Ao contrário, existem dois editores-chefes, um para cada plataforma, com o mesmo nível hierárquico. Acima deles apenas os diretores da empresa. Conforme o Jornalista F, o cargo mais baixo na redação do portal é de estagiário, seguidos dos repórteres. A empresa tem um plano de cargos e salários que subdivide esta categoria em quatro níveis. A partir do terceiro, o funcionário adquire a responsabilidade de editar os textos na ausência do editor-chefe, seja em plantões seja em horários de almoço e folgas. Há também um acadêmico de Publicidade e Propaganda responsável pelas redes

sociais do veículo e um publicitário que cuida da inserção de *banners* conforme os pedidos dos clientes.

O Estado *Online* tem hoje seis pessoas, sendo dois estagiários, três repórteres e o editor-chefe atuando na produção de conteúdo jornalístico. Conforme o Jornalista F, existe bastante rotatividade na empresa. Os funcionários com mais experiência, segundo ele, são quatro pessoas que têm 30 anos de profissão, dois deles são editores da versão impressa. O restante tem de quatro a cinco anos de carreira. Na opinião do entrevistado, a idade da equipe tem seus bônus e ônus. Como vantagens, ele cita o maior envolvimento dos repórteres no trabalho diário, que atuam com mais força de vontade. Por outro lado, perde-se nas fontes de informação, já que profissionais mais antigos carregam consigo contatos geralmente em postos mais altos da administração pública, e também no acompanhamento dos desdobramentos de fatos, já que o repórter que está diariamente em contato com os envolvidos de uma determinada operação ou investigação policial, por exemplo, sabe com mais precisão do que os colegas que tipo de dados são necessários para dar continuidade ao assunto e tem mais facilidade para conversar com os agentes envolvidos.

Não há correspondentes no interior e toda a cobertura é feita da redação em Campo Grande. Segundo o Jornalista F, havia profissionais contratados pelo jornal, com carteira assinada, em Três Lagoas, Dourados e Corumbá. O primeiro a sair foi o de Três Lagoas, pois a vendagem do periódico naquele município não justificava a manutenção de um colaborador naquele local, além disso o trabalho não estava sendo realizado de forma satisfatória, já que algumas matérias para o impresso não estavam sendo enviadas a tempo do fechamento e muitas vezes chegavam somente um dia após terem sido pautadas. Em seguida, o profissional de Dourados assumiu um cargo público na prefeitura e não foi contratado outro para substituí-lo. Já o de Corumbá foi cortado por problemas financeiros. Em contrapartida, a equipe da Capital ganhou novos integrantes.

Embora o veículo tenha maior circulação e acessos em Campo Grande e Mato Grosso do Sul, a empresa conta com um correspondente em Brasília. Isso mostra que é dada mais importância para os assuntos de interesse nacionais e da Capital, em detrimento do que acontece no interior. Sobre a cobertura do interior, conforme o Jornalista F, ela é feita para que as pessoas de Campo Grande saibam o que ocorre em outros municípios.

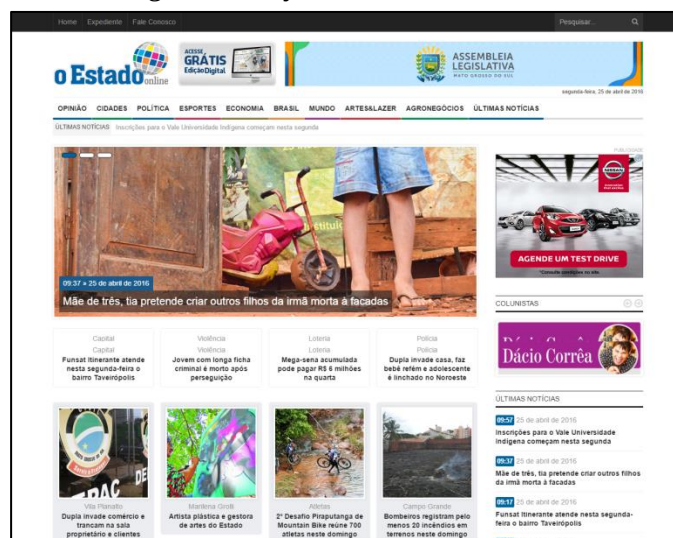
A versão *online* do jornal *O Estado*, intitulada *O Estado Online*, tem atualização diária em todos os dias da semana, ao contrário do impresso, que não circula aos domingos. Desde sua inauguração ainda não houve mudança de *layout*. A página é apresentada com um

destaque rotativo de topo no qual são inseridas as matérias mais relevantes independentemente do assunto. Abaixo, de forma simétrica, são apresentados quatro destaques sem foto com título padrão de três linhas e outros quatro destaques com foto cujos títulos chegam a quatro linhas.

Na sequência, aparecem os vídeos da *TV O Estado*, com as entrevistas e o material audiovisual produzido pela equipe. Abaixo seguem os destaques por editoria, cujos nomes são identificados cada uma por uma cor diferente. A quantidade de textos chamados nesse espaço varia entre quatro e cinco, alguns apresentam fotos e outros, não.

O plantão de últimas notícias fica em uma coluna à direita da página e só apresenta os seis textos mais recentes publicados pelo veículo. Para acessar a lista completa, o internauta precisa clicar no *link* e abrir uma página específica com todo o histórico. Ao contrário do *Portal Correio do Estado*, o jornal ainda mantém arquivo com todas as publicações desde o início das atividades.

Figura 12: Layout do Estado Online



4.2.1 Categorias de análise

a) Procedência da notícia

Nos sete dias analisados, *O Estado online* publicou um total de 364 textos jornalísticos, dos quais 133 (36,54%) tinham procedência da Capital. Outros 93 (25,55%)

textos tinham procedência nacional e as matérias sobre o interior aparecem em terceiro lugar, com 64 (17,31%) publicações. A quantidade inferior de matérias no *Estado Online* em relação ao *Portal Correio do Estado* se deve aos horários de funcionamento diferentes, sendo que o primeiro funciona 24 horas e o segundo opera das 7h às 21h, conforme é possível observar pelos plantões de últimas notícias.

Embora a quantidade de textos nacionais tenha superado a de textos sobre o interior, é interessante observar que as matérias sobre a Capital ficaram em primeiro lugar, o que reflete a questão da proximidade como um importante valor-notícia. Embora o *Estado Online* tenha uma equipe pequena, de apenas seis pessoas, existe a produção de conteúdo local, um dos fatores que contam a favor do veículo na busca pela audiência, enquanto no *Portal Correio do Estado* predominaram as notícias nacionais até mesmo em relação às estaduais e sobre a Capital. Sobre a questão da proximidade no ciberjornalismo, Barbosa (2002) entende que a rede mundial de computadores favoreceu o chamado jornalismo local.

Os portais regionais operam de maneira segmentada, com a disponibilização de conteúdos, entretenimento e serviços para comunidades determinadas localizadas em cidades e regiões. Valem-se do princípio da proximidade aplicado através da tecnologia das redes - proximidade tanto no sentido original da palavra vinda do latim *proximitate*, relativo à condição de contigüidade, adjacência, vizinhança, como também quanto à proximidade como um dos fatores de noticiabilidade para as informações, jornalísticas e de serviço. Além disso, são um formato que pode ser utilizado como interface para intensificar as relações com a própria comunidade e o público no seu entorno, através da articulação entre o ciberespaço e o próprio espaço territorial (BARBOSA, 2002, sem página).

Embora o resultado deste estudo tenha mostrado que há uma quantidade considerável de inserções nacionais entre as publicações do *Estado Online*, levando em consideração as notícias que dizem respeito à comunidade sul-mato-grossense (interior, Capital e estadual), observa-se que a maioria do conteúdo aborda questões locais e regionais, o que em certo ponto confirma a proposta do veículo em atender às necessidades comunicativas de Mato Grosso do Sul.

A presença de conteúdos nacionais e internacionais, por outro lado, reforça o que diversos autores que trabalham com a relação entre jornalismo local e global pregam quando se fala da imprensa na internet. Para Silva Júnior (2004), esse *modus operandi* envolve principalmente o movimento da informação, desde o acontecimento, passando pelo processo de produção, publicação e consumo, bem como o fluxo noticioso que se dá entre veículos em diversas localidades. O autor foca na transmissão de conteúdo internacional via agências de notícias para diversos países, no entanto, esse “caminho” que a informação percorre pode ser

analisado dentro de um aspecto menor, por exemplo, dentro do país, quando há difusão de dados nacionais para mídia expressamente local.

Existe ainda a questão da proximidade social do repórter com a comunidade a qual ocorrem os acontecimentos que irá narrar. Este é um dos elementos mais relevantes para se descobrir a lógica que guia todo o processo, mesmo que isso envolva a publicação de fatos de outros locais (FERNANDES, 2014).

O surgimento das redes informativas deu impulso ao fluxo informativo, transformando-o tal qual analogia feita por Hannerz (1997, p. 14) ao atribuir a essa questão a característica de cursos d'água, suscitando a possibilidade de pensar o assunto como “tanto em rios caudalosos quanto em estreitos riachos, tanto em correntezas isoladas, quanto em confluências, ‘redemoinhos’”.

Com o advento da internet e um mundo marcado por conexões que promovem contatos em primeira pessoa entre agentes em pontos distantes do globo, essa relação macro e micro chega a ser subjetiva.

A sensação é que “lá” seremos sempre periféricos (com algumas raras exceções), pois além de uma série de razões que aparecem já bem elaboradas a partir de balanços e reflexões sobre a área, haveria uma certa indexação a uma suposta posição periférica do Brasil nas franjas do assim chamado ocidente (LEIRNER, 2014, p. 1).

Tabela 13 – Procedência da notícia no *Estado Online*

Data	Interior	Capital	Estadual	Nacional	Internacional	Totais
17/01/2016	15	3	2	11	5	36
25/01/2016	15	18	9	15	4	61
02/02/2016	4	32	9	15	3	64
10/02/2016	10	19	7	14	8	58
18/02/2016	4	16	8	16	3	47
26/02/2016	9	25	6	12	3	55
05/03/2016	6	20	6	10	2	44
Total	63 (17,31%)	133 (36,54%)	47 (12,91%)	93 (25,55%)	28 (7,69%)	364

Da mesma forma como ocorre no *Portal Correio do Estado*, as equipes focam na questão do acesso ao apurar fatos do interior. Conforme o Jornalista F, interior raramente se torna manchete principal da página, por exemplo, ficando restritas, dependendo da importância do fato, aos destaques menores que aparecem na sequência. “Eu até brinco que a gente é um jornal municipal, tanto que antigamente tinha dentro do jornal uma página só de interior, só que não tem mais” (JORNALISTA F, 2016).

Foram citadas pelo Estado *Online* 59 (74,68%) municípios do interior. Dourados foi o que mais apareceu, tendo sido incluído em 15 matérias. Em segundo lugar ficou Três Lagoas, que apareceu em 10 textos. Aquidauana foi citada em oito textos, enquanto Corumbá e Ponta Porã apareceram em sete textos. Costa Rica e Dois Irmãos do Buriti foram citados em seis matérias, cada. Houve ainda quatro cidades⁴² citadas em cinco matérias; sete cidades⁴³ citadas em quatro matérias; 11 municípios⁴⁴ citados em três textos; 19 municípios⁴⁵ citados em dois textos e 11 cidades⁴⁶ apareceram apenas uma vez.

b) As fontes

Foram identificadas 67 fontes de informação entre os 63 textos analisados. Em 50 deles (79,37%) havia somente uma fonte, em quatro (6,35%) as informações foram obtidas com duas fontes e em nove (14,29%) a fonte não foi claramente citada.

O Jornalista F explica a predominância de textos com apenas uma fonte pela própria essência do jornalismo *online* que, na opinião dele, tem que ser feita com mais agilidade que no impresso. Neste, existe apenas um *deadline*, enquanto no outro, o “fechamento” se dá em intervalos de no máximo 25 minutos. Além disso, existe a pressão da concorrência.

Às vezes não dá para fazer um texto com uma apuração completamente correta, escutar diversas fontes, pegar fotos diferentes, esperar o relatório que sai no fim da tarde. É diferente do impresso, em que você é pautado com duas ou três pautas e tem um horário, mas você pode ir cozinhando durante seu expediente. O *online* não permite muito isso, porque se demorar um pouco, ou já saiu em outro lugar ou você fica com outra matéria e fica sobrecarregado. (JORNALISTAF, 2016)

Em alguns dos casos em que não foram citadas claramente as fontes, com um olhar jornalístico pode ser até possível deduzi-las. Na matéria intitulada “PMA autua empresa em R\$ 15 mil por degradação de área protegida”, por exemplo, a origem das informações não é explicitada no texto. Porém, a imagem que acompanha o texto foi encaminhada por assessoria de imprensa da polícia, o que leva a crer que todo o material usado para escrevê-lo é de

⁴² Miranda, Guia Lopes da Laguna, Amambai, Coxim.

⁴³ Sete Quedas, Taquarussu, Fátima do Sul, Aral Moreira, Ivinhema, Deodápolis, Novo Horizonte do Sul.

⁴⁴ Bela Vista, Vicentina, Jardim, Batayporã, Caracol, Anastácio, Coronel Sapucaia, Naviraí, Mundo Novo, Caarapó, Nioaque.

⁴⁵ Nova Andradina, Bataguassu, Sonora, Camapuã, Porto Murtinho, Aparecida do Taboado, Tacuru, Laguna Carapã, Eldorado, Iguatemi, Itaquiraí, Japorã, Juti, Paranhos, Rio Verde de Mato Grosso, Alcinópolis, Jateí, Chapadão do Sul, Sidrolândia.

⁴⁶ Ribas do Rio Pardo, Água Clara, Figueirão, Pedro Gomes, Rio Negro, Antônio João, Maracaju, Terenos, Bodoquena, Douradina, Nova Alvorada do Sul.

caráter oficial. Porém, não há como fazer essa afirmação, uma vez que a matéria poderia ter sido transcrita de um boletim de ocorrência e somente a imagem da polícia ter sido utilizada para ilustrar o fato.

Já no texto intitulado “Jovem é morto a tiros em frente de casa em Dourados”, a situação é ainda mais confusa. A matéria tem características tanto de boletim de ocorrência como também as informações poderiam ter sido apuradas diretamente pelo repórter ou então retiradas de jornal local.

Nesses dois exemplos, contudo, vale lembrar que a maioria dos internautas não têm conhecimentos prévios das técnicas jornalísticas para deduzir por conta própria de onde foram retiradas as informações. Nesses casos, o jornal implicitamente assume as informações e as consequências de possíveis erros para si, de forma que a audiência confia no que lê pela credibilidade que tem o veículo e muitas vezes esse detalhe passa despercebido.

Os jornalistas, ao apurar uma informação no intuito de publicá-la, levam em consideração o interesse dos leitores que pretendem atingir. Nesse sentido, deveriam prestar contas tanto à empresa em que atuam, como também às próprias fontes e ao público. Da mesma forma, a fonte também tem um importante papel neste esquema, uma vez que ao ser entrevistada e ter suas declarações publicadas e lidas por várias pessoas, adquire posição de representante e seu depoimento muitas vezes pode trazer consequências pessoais ou sociais. “Portanto, na posição de representante, a sua responsabilidade está na consequência do que diz ou faz, respondendo primeiramente a quem representa, pela imagem que transmite e reputação que forma, e segundo, ao seu público e à sociedade em geral” (SCHMITZ, 2011, p. 56).

A premissa do jornalismo em retratar a “verdade” para a sua audiência se origina no fim do século XIX no intuito de conferir autonomia e independência ao ofício, desvinculando-o da política por meio de textos baseados no relato de fatos, compondo assim uma espécie de contrato de leitura entre os produtores da informação e o público (FRANZONI, RIBEIRO E LISBOA, 2011). Isso deu origem a um paradigma profissional que tenta deixar clara a divisão entre jornalismo e propaganda (TRAQUINA, 2005).

Desta forma, ao não citar claramente as fontes de informação, esse contrato implícito se quebra, de forma que o veículo assume a informação para si. Se as fontes incorrem em erro, o jornal acaba errando junto. Além disso, a prática também prejudica a credibilidade que o leitor tem para com o veículo, muito embora a maioria sequer se atente para este detalhe.

Conforme os dois jornalistas da equipe do *Estado Online* entrevistados, pelas normas da empresa os repórteres devem citar claramente as fontes de informação no texto, sendo esses casos possíveis erros que passaram despercebidos pelos olhos do editor.

Acho que passou pela pessoa que escreveu, porque eu acho que tem ao menos que dar de acordo com tal (sic). É feio você publicar na íntegra um *release*. É feio porque é serviço de preguiçoso, mas você rescrever, tem que falar “de acordo com fulano”, “de acordo com o batalhão”, “de acordo com a polícia (JORNALISTA F, 2016).

Em 19 casos (28,36%), as matérias foram embasadas com informações de jornais locais (Tabela 14).

Tabela 14 – Fontes das notícias do interior no *Estado Online*

Data	Não citada	Jornal Local	Personagem	Oficial	Totais
17/01/2016	2	9	0	4	15
25/01/2016	2	2	2	10	16
02/02/2016	0	0	0	5	5
10/02/2016	1	1	0	9	11
18/02/2016	1	1	0	2	4
26/02/2016	2	2	0	5	9
05/03/2016	1	4	1	1	7
Totais	9 (13,43%)	19 (28,36%)	3 (4,48%)	36 (53,73%)	67

O mimetismo, ou a apropriação de textos de jornais locais para a produção de matérias sobre o interior, é considerado procedimento padrão dentro do *O Estado Online*. Conforme o Jornalista F, a equipe do veículo firmou parcerias informais com a imprensa de outros municípios, que conferiram autorização prévia tanto para o uso de fotos como de informações. Nesses casos, há retextualização das matérias originais, de forma semelhante ao que ocorre no *Portal Correio do Estado*.

Nem sempre [publicamos na íntegra as matérias do interior], porque às vezes não está tão de acordo com a nossa linguagem. A gente dá uma modificada, escreve de acordo e eu faço questão de assinar meu nome com o *site* tal. Se tem uma fala lá, falou para o *site* tal. Tanto que se eles quiserem também podem publicar o nosso material do mesmo jeito. Seria uma coisa informal. (JORNALISTA F, 2016)

Conforme a Jornalista G, existe o cuidado, nesses casos, de citar o *site* do qual as informações foram obtidas. Os relatos do entrevistado confirmam a forte presença dos critérios de noticiabilidade relativos ao produto. Como a equipe é pequena e são muitos os acontecimentos transcorridos durante o expediente, sobressaem aqueles que são mais práticas para serem configurados e publicados. Por isso que o uso de *sites* do interior como fonte acaba sendo bastante presente. Segundo o profissional, são poucas as vezes em que os repórteres entram em contato com as empresas jornalísticas locais para obter dados adicionais ou apuram diretamente os fatos do interior. Ele cita um caso recente de uma suspeita de estupro ocorrido em Dourados, em que entrou em contato direto com as autoridades policiais por considerá-lo delicado e por ter maior repercussão.

Normalmente, casos de violência sexual merecem muita atenção, tanto para a vítima quanto para o autor e não só no interior como aqui também. Casos de política talvez, que você tenha em mãos telefones fáceis de ligar. Esses tipos de casos a gente pode e deve fazer. Você não precisa de assessoria, você tem o telefone da pessoa. Eu acho que o necessário é ligar diretamente na fonte. (JORNALISTA G, 2016)

Em dois casos, a matéria sobre o interior foi assinada com o nome do jornal de onde foram obtidas as informações, confirmando o que disse o Jornalista F durante a entrevista. A primeira delas, publicada em 25 de janeiro de 2016, foi intitulada “Grupo bate em jovem; amigo ajuda e também é agredido e ameaçado” e narra o caso de ameaça e lesão corporal dolosa ocorrido na cidade de Corumbá. No texto há menção do número do boletim de ocorrência, mas sem citá-lo claramente como fonte. Só foi possível identificar a origem das informações ao observar a assinatura da matéria.

O segundo caso foi um texto intitulado “Carro capota antes de bater em eucaliptos e motorista morre”, publicado em 5 de março. Nele, o nome do repórter aparece junto com o *site Dourados Agora* na assinatura, embora no texto haja clara menção do portal douradense como fonte das informações publicadas.

Nos sete dias analisados, *O Estado Online* utilizou fontes oficiais em 36 (53,73%) textos. Dessas, 15 são boletins de ocorrência acessados dentro do *Sigo*, sistema da polícia onde são armazenados os registros e que os jornalistas têm acesso mediante uma senha especial fornecida pela corporação. Segundo relatos do Jornalista F, o uso desse recurso varia quando o fato a ser coberto ocorre na Capital e no Interior. Quando é em Campo Grande, segundo ele, a orientação é, dependendo da repercussão que pode ter, enviar repórteres diretamente ao local para apurar os fatos por conta própria, usando, nessa situação, as

informações do boletim de ocorrência como ponto de partida, como se fosse um *release* ou sugestão de pauta, por exemplo. Porém, no caso do interior, como a equipe é pequena e dificilmente conseguirá ir para o local, o texto é redigido conforme as informações disponíveis.

O Jornalista G diz que o sistema tem boa funcionalidade, embora use pouco por não escrever muitas matérias policiais. Na opinião dele, chega a ser melhor usar dados do programa da polícia do que apurar diretamente, tendo em vista que se trata de uma fonte de caráter oficial, um documento público. Mesmo quando a pessoa registra um crime de má fé, ou seja, mente ter sido assaltada, roubada, etc., o repórter não deve ser responsabilizado, uma vez que aquele que incorreu em falsa comunicação está cometendo um delito. Entretanto, o profissional alerta que é preciso certo tipo de cuidados com relação a alguns tipos de casos, por exemplo, estupro. Nessas ocasiões ele prefere apurar os fatos diretamente com as fontes ao invés de confiar no que está escrito no boletim de ocorrência.

Como a equipe é pequena e cobre o interior à distância, ainda conforme o Jornalista G, torna-se inviável entrar em contato direto com as delegacias para obter alguma informação extra que faça a matéria do *O Estado Online* ter algum diferencial em relação à concorrência.

A gente faz isso na Capital, no interior não. Até porque eles não atendem. Muito difícil. E se você pensar que se a gente for ligar para todas as delegacias também, não é funcional por conta da nossa equipe. Talvez se tivesse uma equipe maior e uma pessoa fixa para fazer polícia, talvez fosse o caso de cultivar essas fontes todas, mas por conta do adiantado da hora não rola (JORNALISTA G, 2016).

A polícia foi citada como fonte em outras cinco matérias. Em todos esses casos, as informações são atribuídas à corporação, não tendo os agentes (delegados, comandantes) sido ouvidos diretamente, o que confirma as informações passadas pelos entrevistados.

Com relação às demais 16 fontes oficiais, cinco delas são documentais, ou seja, correspondem a decisões judiciais, denúncias do Ministério Público ou leis utilizadas para embasar as matérias. Em um caso, no texto “Morre bebê de 10 meses que estava internado no HU de Dourados”, a informação foi atribuída ao órgão, no caso o hospital público local, sem especificar se foi por meio de assessoria de imprensa, algum funcionário, etc.

Somente um político foi citado como fonte. Esse caso corresponde à matéria “PM receberá reforço significativo durante carnaval em Corumbá”, em que o prefeito daquele município, Paulo Duarte, foi entrevistado. Em outros quatro casos, as fontes utilizadas são representantes de órgãos públicos. São pessoas que, embora não necessariamente ligados a

algum partido, chefiam autarquias e repartições ligadas à prefeitura e ao governo, como por exemplo no texto “Fátima do Sul cancela aporte para o carnaval, mas festa vai acontecer”, em que o texto é construído com base em uma publicação feita pelo coordenador de eventos do município, Marcelo Ferreira, no Facebook.

Em outros dois casos as fontes oficiais correspondem a representantes de entidades privadas, como empresas, como no texto “Senai de Três Lagoas oferece 300 vagas em 10 cursos profissionalizante”, que embora preste serviço ao poder público, não faz parte diretamente da administração municipal. Assessorias de imprensa foram citadas como fonte em três textos.

Para o Jornalista G, quando a matéria é construída com base em *releases* é mais comum, mesmo sendo no interior, ligar para as fontes diretamente para coletar algum detalhe a mais, embora o uso de materiais de divulgação, segundo ele, seja feito quando é encaminhado por órgãos públicos ou empresas grandes.

c) As fotos

Da mesma forma que no impresso, as fotos ajudam os jornais *online* a equilibrarem as capas, evitando assim apresentar ao leitor uma interface somente com texto. No caso do *O Estado Online*, existe o chamado *slead*, onde três notícias com fotos grandes se alternam. Existem outros destaques menores que também são acompanhados por imagens. Conforme o Jornalista G, a equipe tenta, sempre que possível, colocar pelo menos uma imagem em cada matéria publicada.

Das 63 matérias sobre o interior no *Estado Online*, 32 estavam acompanhadas por fotografias. A única matéria que tinha mais de uma imagem foi a intitulada “Motociclista morre após colidir contra picape, na rodovia MS-134”, que tinha duas fotografias. Dessa forma, foram analisadas 33 fotografias segundo a função no texto (informativa e ilustrativa), conforme o conteúdo (espaço aberto, órgão público, presos, policiais, vítimas e famosos), e quanto aos créditos da imagem (autoral, jornal local, assessoria de imprensa ou divulgação, arquivo).

Com relação à função das imagens no texto, foram contabilizadas 20 (60,61%) fotos ilustrativas, que servem apenas como elemento figurativo no texto, sendo geralmente produzidas em um momento posterior ao acontecimento que motivou a publicação, podendo ainda ser imagens de arquivo que muitas vezes não têm total ligação com o texto. Dessas, 11

(55%) são subclassificadas em registro, ou seja, feitas ao fim do fato jornalístico. Todas elas correspondem a imagens de objetos apreendidos pela polícia ou áreas onde foram realizados flagrantes de crimes ambientais.

Outras cinco fotos (25%) são subclassificadas em retrato, ou seja, identificam alguém envolvido no fato jornalístico cuja imagem foi capturada ao fim do acontecimento. Quatro deles correspondem a imagens de presos por suspeita de envolvimento em algum crime e uma delas, na matéria intitulada “João Bosco & Vinicius fazem show de abertura da Exporã”, que traz uma foto de divulgação dos artistas em questão.

Em quatro casos (20%), as fotos ilustrativas correspondem a recursos gráficos, ou seja, não têm relação direta com o fato em si, tendo sido recuperadas de bancos de imagens do próprio jornal ou das assessorias de imprensa apenas como recurso estético, evitando assim publicar um bloco de texto. O caso que mais chama a atenção é o da matéria intitulada “Homem tenta matar ex-mulher e 4 crianças presenciam o crime”. O crime que motivou o texto aconteceu em Corumbá, mas estava acompanhado por uma foto da delegacia de Nova Andradina. A imagem, nesse caso, não identifica o município, mostrando o brasão da Polícia Civil e um giroflex de uma viatura, embora tenha sido legendado da seguinte forma: “O caso foi registrado na delegacia de Nova Andradina”, ou seja, traz uma informação diferente do texto.

Com relação as 13 fotos informativas (39,39%), oito delas foram subclassificadas em descritivas por trazerem consigo características parciais do evento jornalístico, sem contemplar todas as informações do *lead*. Por exemplo, a imagem da matéria “Motorista perde controle da direção e atinge caminhão parado”, publicada no dia 25 de janeiro, que mostra o veículo envolvido no acidente com a frente presa embaixo do caminhão, sem revelar o cenário de fundo (onde) ou as pessoas envolvidas no fato (quem). Já as cinco fotos restantes (38,46%) eram sintéticas, ou seja, traziam consigo mais informações a respeito do acontecimento, como por exemplo a imagem da matéria “Jovem de 20 anos morre após ser atingida por caminhão caçamba”, publicada no dia 18 de fevereiro, que mostra o veículo que atingiu a vítima, o corpo da jovem coberto por um lençol e o lugar onde ocorreu o acidente.

Para Benazzi (2010), a diferença entre essas duas subclassificações das fotos informativas são sutis e envolvem mais uma questão de complexidade e quantidade de elementos presentes. No caso das imagens sintéticas, conforme o autor, geralmente pode-se resumir o acontecimento jornalístico por meio delas, enquanto as descritivas apresentam menos elementos, tornando impossível, por exemplo, identificar todas as informações

principais (o que, quem e onde) da foto. Já as imagens pormenorizadas são identificadas mais facilmente porque são detalhes, geralmente em fotografias fechadas, que mostram uma expressão facial, um objeto, etc. Não houve imagens desse tipo no *O Estado Online*.

Com relação aos créditos das imagens, 14 delas (42,42%) foram encaminhadas por assessorias de imprensa enquanto oito (24,24%) foram obtidas por meio dos jornais *online* do interior. Pelos relatos colhidos durante as entrevistas, esperava-se o contrário: que a maioria das imagens fosse da imprensa local, já que normalmente, segundo o Jornalista F, a cobertura fotográfica do interior é baseada em imagens retiradas desses veículos. Existe uma parceria informal definida entre o *Estado Online* e a imprensa local onde foi dado consentimento prévio de algumas empresas de comunicação para a divulgação de imagens pelo veículo sediado na Capital, desde que seja dado o crédito devido. Isso não quer dizer, de acordo com o Jornalista G, que qualquer imagem será usada, havendo cuidado de evitar fotos bizarras e mórbidas, como cadáveres e cenas impróprias para o público, que segundo ele é comum encontrar na imprensa fora de Campo Grande. O Jornalista F explica que na cobertura nacional, por outro lado, *O Estado* teve o cuidado de conferir maior formalidade ao uso de imagens, sendo um dos poucos, talvez o único na Capital, a ter um contrato assinado com a agência de notícias Folha Press, tanto para fotos como para matérias.

A prática de usar fotos de *sites* locais na cobertura sobre o interior não é restrita ao *O Estado Online*, conforme aponta o estudo feito no *Portal Correio do Estado* e segundo relatos do Jornalista G. Ele afirma que já trabalhou em outras empresas de comunicação desse mesmo gênero no município e em todos eles havia esse costume. O profissional entende que é interessante para as empresas de comunicação de outros municípios que a imprensa de Campo Grande, que tem maior abrangência, divulgue informações e fotografias.

O Jornalista F afirma que em nenhuma hipótese a empresa compra imagens para publicá-las e diz que essa também é uma característica da imprensa de Mato Grosso do Sul, tanto que da mesma forma são raros os casos que alguém oferece fotos por determinado preço.

Infelizmente, em Mato Grosso do Sul, não tem essa cultura. Ninguém compra foto de ninguém. O que eles fazem é copiar, mas por exemplo, quando teve a editoria de esportes e tinha jogos nacionais no interior a gente pedia emprestado. “Ah, mas vocês vão cobrar”, eu já chego falando que a gente não paga, mas dá crédito, tem a divulgação em Campo Grande (JORNALISTA F, 2016).

Embora o Jornalista G tenha dito que são poucos os casos em que algum internauta ou fotógrafo que trabalhe nessas cidades e que não tenha vínculo com *sites* noticiosos encaminhe imagens para a redação do *O Estado Online* em Campo Grande, em cinco casos (15,15%) as imagens foram classificadas como autorais, ou seja, traziam apenas o nome de quem as fez sem vincular essa pessoa a algum jornal, empresa ou assessoria de imprensa. Em outros dois textos (6,06%) foram usadas imagens de arquivo pessoal, ou seja, retirados das redes sociais de pessoas envolvidas nos fatos jornalísticos ou enviadas por elas mesmas.

Foram identificadas ainda quatro fotos (12,12%) sem crédito. Pelos relatos colhidos nas entrevistas é possível dizer que isso constitui um erro do repórter que escreveu o texto, uma vez que ambos os jornalistas consultados afirmam ser extremamente importante e parte do procedimento adotado pela empresa a correta menção dos créditos. “Sim, ele [repórter] vai ser o responsável. Se eu escrevi uma matéria e coloquei uma foto indevidamente eu vou responder por isso” (JORNALISTA G, 2016). A prática representa um desvio grave, tendo em vista que contraria o preconizado na Lei 9.610:

Art. 79. O autor de obra fotográfica tem direito a reproduzi-la e colocá-la à venda, observadas as restrições à exposição, reprodução e venda de retratos, e sem prejuízo dos direitos de autor sobre a obra fotografada, se de artes plásticas protegidas.

§ 1º A fotografia, quando utilizada por terceiros, indicará de forma legível o nome do seu autor. (BRASIL, Lei nº 9.610, 19 de fevereiro de 1998).

A violação do preceito legal prevê que o infrator responda por dano moral e ainda seja obrigado a retificar o erro, embora não trate especificamente de que forma isso poderia ser feito no jornal *online*, mas determinando, em outros casos, a publicação de erratas.

O uso de imagens sem crédito vai além de simples danos financeiros. Para Oliveira (2010), o fotojornalismo provocou uma mudança na forma de o público se relacionar com a informação por meio da valorização do que é visto e para os profissionais, o ofício tem um sentido muito mais profundo.

Para muitos profissionais da imagem, fotografar é eternizar o momento que poderá ser contemplado por futuras gerações. Alguns atribuem ao fotojornalismo a documentação absoluta da verdade e a reprodução exata da realidade. A fotografia nos ensina um código visual, transformado e ampliado de acordo com nossos conceitos culturais e de observação, construindo-se dessa forma uma cultura visual, embasada na ética e na estética. O registro fotográfico sinaliza a existência de determinados cenários socioculturais, econômicos e político, podendo refletir esta ou aquela ideologia (OLIVEIRA, 2010, p. 429).

Zanetti e Boni (2006) explicam que a discussão sobre a questão dos direitos autorais nas fotografias de jornais é recente, já que a fotografia foi reconhecida como objeto digno de proteção pela lei que protege as propriedades intelectuais, mas ao mesmo tempo, com o surgimento de tecnologias que otimizaram a captação de imagens e sua consequente inserção no meio amador, provocaram uma banalização ao direito autoral. Alguns jornais *online* de grande porte, como o *Portal G1*, que pertence às organizações *Globo*, levam o assunto com mais seriedade ao exigir dos fotógrafos, sejam eles amadores ou não, a assinatura de termos de cedência de imagens que garantem a veiculação do crédito independentemente se o produto ter sido comprado pela empresa ou não. Isso não ocorre no jornal *O Estado Online*, conforme disseram os entrevistados talvez porque, segundo o Jornalista F, nunca houve qualquer tipo de problema com relação a isso.

Vários profissionais, por outro lado, consideram a contribuição dos fotógrafos como negligenciáveis, mostrando a desvalorização da imagem em um momento que as pessoas passaram a carregar consigo câmeras e celulares capazes de registrar acontecimentos com qualidade suficiente para encaminhar aos jornais (FREUND apud ZANETTI e BONI, 2006).

Para os autores, os profissionais precisam estar atentos à evolução dos sistemas e formatos para cobrar a proteção de seus direitos sobre as imagens que produzem, caso contrário, “um simples legado de leis não tornará sua proteção eficaz. É o conhecimento e a luta pelos direitos que modificam as atitudes” (ZANETTI e BONI, 2006, p. 176).

Com relação ao conteúdo das imagens que acompanham as notícias sobre o interior, nove delas (27,27%) apresentam espaços abertos (Tabela 15). Todos esses casos são locais de acidentes, mostrando além dos veículos envolvidos na batida, o lugar onde eles transcorrem, como por exemplo na matéria “Carro capota antes de bater em eucaliptos e motorista morre”, publicada dia 5 de março de 2016, que mostra o veículo em meio às árvores.

Tabela 15: Fotos nas matérias sobre o interior no *O Estado Online*

	17/01	25/01	02/02	10/02	18/02	26/02	05/03	Total
Políticos	0	1	0	0	0	0	0	1 (3,03%)
Espaço público	0	1	1	2	0	0	0	4 (12,12%)
Paisagem	0	2	1	2	0	0	0	5 (15,15%)
Espaço aberto	2	2	0	0	1	1	3	9 (27,27%)
Vítimas	3	1	0	0	0	0	0	4 (12,12%)
Drogas e apreensões	0	0	0	0	1	3	0	4 (12,12%)
Presos	1	0	0	0	0	1	1	3 (9,09%)
Outras pessoas	0	2	0	0	0	0	1	3 (9,09%)
Total	6	9	2	4	2	5	5	33

Cinco fotos (15,15%) apresentavam imagens de paisagens, todas elas relacionadas a flagrantes de crimes ambientais feitos pela polícia. Espaços públicos, vítimas de crimes e acidentes e drogas apareceram em quatro imagens (12,12%) cada. No primeiro caso, três delas mostravam fachadas de prédios públicos, sendo uma delas a UEMS (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul), outra a delegacia de Nova Andradina e a terceira a Prefeitura de Alcinópolis. A quarta imagem mostra uma ponte construída pelo Governo Estadual que ruiu. Esse último caso poderia ter sido classificado como paisagem, já que o local fica em área rural, porém, como apresenta obra pública, recebeu essa classificação.

Presos e outras pessoas apareceram em três imagens cada. No primeiro caso são imagens fornecidas pela polícia que mostram suspeitos de cometerem crimes. O segundo caso compreende as matérias intituladas “Senai de Três Lagoas oferece 300 vagas em cursos profissionalizantes”, que mostra alunos durante uma das aulas; “Pesquisa de demanda internacional é aplicada em Ponta Porã”, que mostra os agentes aplicando questionários aos passageiros em um aeroporto e a matéria “João Bosco & Vinicius fazem show de abertura da Exporã” que mostra os artistas em questão.

d) Temas de cobertura

Das 63 matérias publicadas pelo Estado *Online* durante a semana analisada, 36 (57,14%) abordavam crimes, mortes e outros casos de violência (Tabela 16). Outros três casos (15,87%) narravam acidentes de trânsito com vítimas e três textos (4,76%) abordavam outros tipos de mortes não relacionadas com a violência, como pacientes em hospitais que não resistiram aos tratamentos ou até mesmo pessoas que morreram de causas naturais.

Tabela 16: Temas das notícias sobre o interior no Estado *Online*

	17/01	25/01	02/02	10/02	18/02	26/02	05/03	TOTAL
Acidentes	2	2	1	0	1	1	3	10 (15,87%)
Crimes e violência	9	7	2	8	2	7	1	36 (57,14%)
Outras mortes	1	0	0	0	1	1	0	3 (4,76%)
Solidariedade	1	0	0	0	0	0	0	1 (1,59%)
Meio ambiente	2	1	0	1	0	0	0	4 (6,35%)
Política	0	2	1	0	0	0	1	4 (6,35%)
Emprego	0	1	0	1	0	0	0	2 (3,17%)
Segurança pública	0	1	0	0	0	0	0	1 (1,59%)
Turismo	0	1	0	0	0	0	0	1 (1,59%)
Lazer	0	0	0	0	0	0	1	1 (1,59%)
Total	15	15	4	10	4	9	6	63

Para o Jornalista F, esse dado se explica pelo apelo à leitura. A equipe, segundo ele, trabalha para encontrar fatos de potencial repercussão nas redes sociais, um dos meios pelos quais o jornal tem o *feedback* dos materiais que põe no ar. Na opinião do profissional, casos que envolvam mortes, por exemplo, sempre têm que ser publicadas, além dos *page views*, até mesmo para avisar parentes e conhecidos das vítimas sobre os ocorridos.

O Jornalista G reconhece que o maior número de matérias sobre o interior que a equipe tem produzido refere-se a assuntos policiais. Ele discorda que a predominância desse tipo de fato gera algum estereótipo sobre os municípios que frequentemente aparecem na mídia com algum caso de violência. Na opinião dele, as cidades já carregam esse tipo de imagem por si, independentemente do conteúdo que os jornais veiculam sobre elas, como por exemplo a fronteira, cujos municípios, segundo ele, são famosos porque notoriamente tornaram-se corredores do tráfico de drogas e crimes de pistolagem. O profissional diz ainda que a violência, por outro lado, está disseminada em toda a sociedade, não se restringindo a uma região específica. O mesmo afirmou o Jornalista F.

Nas cidades de fronteira quase toda a semana tem um assassinato ou uma pistolagem, mas a própria pessoa que está lendo já tem uma dimensão do que é o local. Sabe bem o que é forte em cidade de fronteira, que ou é comércio, a compra, ou a pistolagem, mas eu acho que isso não cria o local [estereótipo]. Às vezes você vai para Ponta Porã, conhece a cidade, visita parente. (JORNALISTA F, 2016)

Não foram encontradas matérias sobre economia, mas foram publicadas quatro (6,35%) sobre política. A primeira delas, veiculada no dia 25 de fevereiro, intitulada “Fátima do Sul cancela aporte para o Carnaval, mas festa vai acontecer”, embora diga respeito a um evento ligado ao lazer da população, aborda a realização do mesmo diante das dificuldades financeiras do município, que teve até mesmo a intervenção do Ministério Público solicitando o cancelamento em virtude de outras necessidades da sociedade local, como saúde e educação.

Outras duas matérias sobre Política diziam respeito a denúncias de irregularidades no poder público em municípios do interior. A primeira delas, intitulada “Série de erros em obra são causas de queda ‘dominó’ de ponte em Guia Lopes”, tem como base um laudo técnico que apurou as causas da queda de uma ponte construída com dinheiro público naquele município. O caso teve grande repercussão porque um vídeo feito por um cinegrafista amador mostra o momento em que as vigas que sustentavam a pista de rolamento desabam como um efeito

dominó. Essas imagens tiveram repercussão nacional. Ocorre que há indícios de irregularidades na construção do empreendimento, e por isso a situação começou a ser investigada. Pelo texto é possível observar que se trata de um caso que está sendo acompanhado pelo *O Estado Online*, tendo em vista que o repórter preocupou-se em informar o leitor que algumas das informações que constam no documento já haviam sido divulgadas anteriormente pelo jornal com exclusividade.

A terceira matéria diz respeito a uma denúncia de nepotismo em Alcínópolis. O texto é embasado por uma denúncia do Ministério Público, que investigou a situação e fez a recomendação para que a situação seja regularizada em determinado prazo para que a administração pública evite a abertura de ação por improbidade.

O quarto caso de política publicado pelo *O Estado Online* diz respeito a um protesto pedindo a saída da presidente Dilma Rousseff (PT). Em 2016 houve várias manifestações semelhantes em todo o país de pessoas descontentes com o governo na tentativa de pressionar o Legislativo a aprovar o *impeachment* da gestora nacional. No texto analisado, é descrito o ato em Dourados, que teve baixa adesão de pessoas.

Quatro textos (6,35%) abordavam assuntos ligados ao meio ambiente, como por exemplo cheias de rios, riscos de incêndio em vegetação por conta do tempo seco e o caso de um filhote de anta encontrado atropelado em uma rodovia do estado.

Também foram contabilizadas duas matérias sobre emprego, que traziam editais de concursos e abertura de inscrições para cursos profissionalizantes, uma matéria sobre segurança pública, que falava sobre o reforço policial para o Carnaval em Corumbá, uma sobre solidariedade, pedindo ajuda para a família de um policial militar que descobriu ser portador de uma doença grave e uma sobre lazer, anunciando as principais atrações de uma feira agropecuária na cidade de Ponta Porã.

As matérias sobre o interior do *O Estado Online*, embora haja editorias na página, são publicadas em sua maioria na editoria de Cidades. Isso porque, segundo a equipe do jornal, essa nomenclatura aborda assuntos sobre o cotidiano e por ser abrangente, engloba, por exemplo, os casos policiais, as notícias sobre meio ambiente, etc.

Para o Jornalista F, é dada grande importância para a editoria de Cidades não apenas pelo *O Estado Online*, mas também pela imprensa campo-grandense justamente por essa abrangência de temas. Ele observa que as maiores equipes nas redações são relacionadas a essa seção. Isso porque os assuntos publicados em Cidades acabam interessando a mais pessoas do que Esporte, por exemplo, que interessa apenas os torcedores de determinados

times ou pessoas que têm o costume de acompanhar campeonatos. Até mesmo por isso, segundo ele, que o veículo estudado cobre pouco outros assuntos, já que a equipe pequena força o editor a organizar a cobertura de modo a conseguir publicar o maior número possível de matérias com potencial de leitura, ao passo que notícias de esportes relacionadas ao interior, e Mato Grosso do Sul como um todo, têm pouco acesso. De certa forma essa prática favorece a grande quantidade de textos nacionais encontrada nos sete dias analisados, uma vez que opta-se em divulgar, por outro lado, notícias sobre os grandes times nacionais, embora, segundo o Jornalista F, têm-se o cuidado de não falar muito sobre o Campeonato Brasileiro justamente por não haver mão de obra suficiente para fazer a retextualização de notícias sobre todas as rodadas.

2.3 Considerações sobre a cobertura do interior nos sites

Os jornais *online* estudados estão dentro de um mesmo contexto: fazem parte de empresas jornalísticas com tradição na versão impressa. Nos dois casos surgiram das iniciativas dos diretores em investirem em outra mídia, em um primeiro momento para complementar a mais tradicional, mas no futuro, diante do aumento no custo de produção e queda nas vendas, como mostra a Pesquisa Brasileira de Mídias, podem se tornar a primeira opção.

Alguns veículos de abrangência nacional já experimentaram essa integração, trazendo grandes mudanças nas rotinas produtivas. Por exemplo, *O Globo* desde 2008 unificou as versões *online* e impressa, exigindo que os repórteres levassem para a rua gravadores digitais, câmeras e celulares de forma a produzirem conteúdos para serem disponibilizados na rede (KISCHINHEVSKY, 2009).

Enquanto esse momento não chega em Mato Grosso do Sul, as equipes dos portais analisados são bem menores em relação às dos impressos, o que inviabiliza a divisão por editorias e reforça a ideia do jornalista multitarefa, ou seja, aquele que é capaz de cobrir vários tipos de assuntos. Porém, quando o assunto é interior, as matérias acabam restritas aos casos policiais dentro dos assuntos que corresponderiam à editoria de Cidades. Isso porque fala-se pouco dos aspectos políticos e econômicos dessas localidades, em contrapartida, não falta espaço para os acidentes e crimes. Além disso, percebe-se ainda que os jornalistas dos *sites* têm menos experiência do que os do impresso. Dessa forma, quem está mais tempo no mercado, mesmo diante de novas possibilidades de trabalho, acaba agindo de modo mais

“tradicional”, enquanto os demais já se contentam em apenas transformar um boletim de ocorrência em nota sem se preocupar se houve desdobramento ou simplesmente checar se aquelas informações são verdadeiras ou se a polícia já tem novas versões para os casos descritos.

A falta de correspondentes ou sucursais que atendam às necessidades das empresas – embora o *Correio do Estado* tenha um repórter *freelancer* em Três Lagoas – faz com que o trabalho seja à distância. Enquanto no impresso, talvez pela tradição, haja o esforço de ter uma apuração própria, no *online* prevalece o que é mais fácil. Isso quer dizer que na cobertura sobre o interior, uma vez que não há como enviar os jornalistas aos locais onde os fatos acontecem, sobressaem os critérios relativos ao produto na cobertura, especificamente com relação à disponibilidade do material. Assim, entram em cena o *Sigo*, os *releases* e os *sites* do interior como importantes recursos tanto para a captação de informações quanto para a obtenção de fotos, uma vez que nesses locais todos os recursos estão disponíveis de forma fácil, exigindo pouco trabalho para formatá-los e transformá-los em notícia.

Esse tipo de rotina produtiva em jornais *online* já havia sido observado por diversos autores, entre eles Neveu (2006), que trabalha com o conceito de “jornalista sentado” para designar a nova geração de profissionais que já não sai da redação para coletar as informações e as busca prontas por meio de diversas fontes, em oposição ao “jornalista em pé”, que seria o profissional que tem contato direto com as fontes por meio de entrevistas. No caso do *Correio do Estado* e *O Estado Online*, esse *modus operandi* é favorecido pela estrutura da empresa, já que ela não dispõe de redações fora de Campo Grande ao passo que é inviável viajar com frequência para fazer a cobertura.

Pelos relatos das entrevistas, observa-se que os jornalistas sustentam essa prática em dois motivos principais. O primeiro deles é o fator tempo. Em vários momentos, por exemplo, o Jornalista D, da equipe do *Portal Correio do Estado*, fala em como a pressa interfere na rotina e como impede algumas práticas que talvez garantissem uma cobertura diferente em relação ao interior, como por exemplo, se dar ao trabalho de ligar para o delegado e buscar alguma informação que não consta nos boletins de ocorrência.

O segundo elemento que favorece o jornalismo sentado é a questão do acesso. Nas duas coberturas analisadas é bastante frequente o uso de boletins de ocorrência por meio do Sistema *Sigo*, que por sua vez eleva a quantidade de textos sobre violência. Vários jornalistas entrevistados afirmam que matérias sobre acidentes com morte e crimes têm mais acesso, e alguns arriscam dizer que por isso investem menos na cobertura de assuntos econômicos ou

políticos, que embora também sejam feitos por telefone, dariam um pouco mais de trabalho. Há certo tempo os portais precisavam contratar serviços que medissem a quantidade de *page views*, como *Google Analytics*⁴⁷. Hoje, embora elas ainda usem essa ferramenta, basta olhar a repercussão das notícias pelas redes sociais. Quanto mais comentadas e compartilhadas, mais acessos elas estão proporcionando ao jornal.

Nesse caso, qual a imagem sobre o interior que o *Portal Correio do Estado* e *O Estado Online* fornecem? Embora seja necessário realizar um estudo de recepção para responder essa pergunta com clareza, este trabalho fornece alguns subsídios que podem referenciar essa representação.

Em ambas as empresas os jornalistas foram claros em afirmar que o trabalho serve para que os leitores de Campo Grande saibam o que se passa no interior. Embora muitas pessoas que vivem na Capital possam ter migrado do interior ou então tenham parentes em outros municípios e viagem para essas localidades com frequência, poucos têm um conhecimento vasto das características principais de cada uma das 79 cidades do estado e o contato com elas muitas vezes pode se dar pela mídia.

Nota-se que são poucas as cidades que aparecem na cobertura, prevalecendo as maiores localidades, o que pode ser facilmente explicado por meio do fluxo noticioso, embora o *Portal Correio do Estado* trabalhe com página específicas para Dourados, Três Lagoas e Corumbá, o que força a equipe a buscar diariamente notícias sobre esses lugares para trocar todos os destaques.

A questão das fontes, e como predominam nelas o uso de informações de caráter oficial, principalmente dos boletins de ocorrência, alia-se ao resultado obtido no estudo dos temas das notícias e revelam que a violência ainda é marcante quando se fala na cobertura do interior. Embora os jornalistas não concordem, se ambos os veículos forem o único contato que alguém tenha com o interior, o fato de ver aquela cidade todos os dias com alguma morte ou crime favorece uma imagem violenta do município. É o caso, por exemplo, de alguns municípios na região de fronteira. Não se nega o fato de que é notória a presença do tráfico de drogas no local, até mesmo por conta da separação entre Brasil, Paraguai e Bolívia ser seca, mas esses municípios têm outros elementos que poderiam ser explorados pela imprensa, como por exemplo a questão econômica ou até mesmo cultural, que poderia, por outro lado, esbarrar na questão do acesso para ser realmente viável esse tipo de cobertura.

⁴⁷ Plataforma que pertence ao Google que pode ser contratada para monitorar os acessos das páginas. A empresa envia relatórios mensais com gráficos que mostram a variação nas leituras do conteúdo publicado, permitindo realizar um trabalho que vá ao encontro do que o público quer ler.

Quanto à cobertura policial em si, nota-se pelas matérias que ela apresenta pouco desdobramento, ficando restritas aos boletins de ocorrência. Foram poucas as matérias analisadas que representavam suítes de casos divulgados anteriormente. Grande parte possivelmente seria a primeira e última publicação daqueles fatos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração as coberturas dos quatro veículos analisados, 73 (92,41%) municípios do interior de Mato Grosso do Sul foram citados. Dourados apareceu 65 vezes, Corumbá 52 vezes, Três Lagoas 35 vezes e Ponta Porã 31 vezes. Essas cidades, nessa mesma ordem, ocupam depois da Capital o topo do *ranking* do número de habitantes do estado pelo IBGE. Obviamente quanto maior o lugar, mais chances há de acontecimentos com potencial noticioso.

Com relação aos demais municípios, Coxim (14º município em número de habitantes) foi citado 21 vezes; Aquidauana (9º), 20 vezes; Amambai (12º), 17 vezes; Naviraí (6º), 16 vezes e Fátima do Sul (35º), 13 vezes. Houve ainda três municípios⁴⁸ citados 12 vezes; cinco⁴⁹ citados 11 vezes; seis⁵⁰ citados nove vezes; um⁵¹ citado oito vezes; oito⁵² citados sete vezes; cinco⁵³ citados seis vezes; três⁵⁴ citados cinco vezes; 10⁵⁵ citados quatro vezes; cinco⁵⁶ citados três vezes; oito⁵⁷ citados duas vezes e nove⁵⁸ apareceram somente uma vez.

Entre os jornais analisados, o *O Estado* e *O Estado Online* citaram, juntos, mais municípios do que o *Correio do Estado* e seu portal noticioso. Nos primeiros, apareceram 73 municípios enquanto nos demais apareceram apenas 61. O grande número de municípios, principalmente os de pequeno porte, citados pelo *O Estado* e *O Estado Online* se deu principalmente em razão das matérias relacionadas à meteorologia. Somente o texto “Com 37 municípios em emergência, MS ainda não recebeu recursos federais”, publicado em 26 de fevereiro, citou o nome de metade dos municípios que apareceram em toda a cobertura.

No caso do *Correio do Estado*, as matérias ligadas ao clima também favoreceram o número considerável de cidades do interior citadas durante a cobertura. Isso porque o veículo, além de ter noticiado também os estragos causados pelos temporais que atingiram Mato Grosso do Sul durante a semana construída, tem o costume de publicar uma previsão do tempo diária com a situação meteorológica das principais cidades (Dourados, Três Lagoas,

⁴⁸ Maracaju, Sidrolândia, Miranda.

⁴⁹ Nova Andradina, Mundo Novo, Bela Vista, Costa Rica e Dois Irmãos do Buriti.

⁵⁰ Bonito, Sonora, Jardim, Aral Moreira, Ivinhema, Guia Lopes da Laguna.

⁵¹ Rio Verde de Mato Grosso.

⁵² Paranaíba, Rio Brillhante, Porto Murtinho, Aparecida do Taboado, Caarapó, Vicentina, Sete Quedas e Deodápolis.

⁵³ Iguatemi, Camapuã, Chapadão do Sul, Coronel Sapucaia e Nioaque.

⁵⁴ Bataguassu, Anastácio e Novo Horizonte do Sul

⁵⁵ São Gabriel do Oeste, Itaporã, Nova Alvorada do Sul, Ribas do Rio Pardo, Alcínópolis, Laguna Carapã, Itaquiraí, Tacuru, Caracol e Taquarussu.

⁵⁶ Rio Negro, Água Clara, Jateí, Juti e Paranhos.

⁵⁷ Cassilândia, Bandeirantes, Figueirão, Pedro Gomes, Antônio João, Bodoquena, Eldorado, Japorã

⁵⁸ Anaurilândia, Brasilândia, Glória de Dourados, Corguinho, Ladário, Selvíria, Jaraguari, Douradina e Terenos.

Ponta Porã e Corumbá), citando outros lugares com alterações relevantes na temperatura, umidade relativa do ar e chuvas.

A questão da meteorologia indica a presença de critérios substantivos da notícia na cobertura sobre o interior, que envolvem as características de relevância do fato em si para que seja considerado noticiável. Nesse caso, levando em consideração os preceitos de Wolf (1995), relaciona-se com a quantidade de pessoas afetadas pelo fato jornalístico, nesse caso pela destruição de ruas, casas, pontes em razão de alagamentos, deslizamentos de terra e erosões. Além disso, esses fatos também se sustentam dentro das rotinas produtivas pelos seus desdobramentos. Isso é evidenciado pelas próprias matérias sobre essa temática na semana analisada, tendo em vista que elas próprias são suítes que narram a recuperação dos estragos e as providências tomadas pelas administrações municipais para conseguir direcionar recursos a esses trabalhos.

A meteorologia, quando vista sob a luz desses dois valores notícia, reforça as ideias de Silva (apud [Shoemaker & Cohen, 2013](#)) a respeito do desvio como característica de certos eventos para que sejam considerados noticiosos, uma vez que estão ligados à ruptura de uma determinada ordem social anteriormente estabelecida. Nesse sentido, as chuvas estariam relacionadas aos desvios estatísticos, que são eventos incomuns que chamam a atenção por configurarem realizações ou acidentes acima ou abaixo da média.

Essa questão do desvio, da quantidade de pessoas envolvidas e do potencial de repercussão são percebidos dentro das rotinas produtivas pelos relatos dos jornalistas. No caso do *Correio do Estado*, a Jornalista A afirma que os estragos causados pelos temporais chegaram a justificar o envio de repórteres ao interior para cobrirem pessoalmente esses fatos, prática incomum dentro da empresa tendo em vista os gastos que ela envolve.

No caso das chuvas, foi uma situação de emergência em vários municípios. Campo Grande também quase entrou na emergência. Então é um assunto de importância para o estado. Como notícia, nós imaginamos que desse leitura também, fora a questão social que estava acontecendo [tendo em vista a situação dos desabrigados]. (JORNALISTA A, 2016).

Da mesma forma, a Jornalista C cita as notícias relacionadas ao estrago causado pelas chuvas ao elencar os fatos que mais motivam publicações relacionadas ao interior. “No começo deste ano [2016] houve muita chuva e muitas rodovias danificadas, interferindo na vida de todos que viajam” (JORNALISTA C, 2016).

No caso do *Estado*, o jornalista F também cita as chuvas como um dos temas de interesse para o jornal. Segundo ele, certos temas atendem aos interesses específicos das

pessoas que vivem nos municípios do interior e são cobertos pela imprensa local. O veículo sediado na Capital, por outro lado, deve atentar-se aos fatos que podem chamar a atenção de pessoas em outras localidades.

O desvio também está presente na cobertura policial dos jornais. Das 232 matérias sobre o interior analisadas em todos os veículos, 117 (50,43%) estavam relacionadas a crimes e violência. Porém, embora também represente um desvio estatístico, estão relacionadas também com os desvios normativos por constituírem quebra de regras socialmente estabelecidas.

O alto índice de textos sobre criminalidade e violência, conforme mostra esta pesquisa, pode reforçar estereótipos negativos de certos municípios, principalmente aqueles localizados na região de fronteira. Isso porque os jornais, enquanto meios de comunicação de massa, atingem determinado público em um curto espaço de tempo influenciando ou esclarecendo as pessoas (ALEXANDRE, 2001). Esse fenômeno é chamado de representação social, entendido por Guareschi (2000) como um conhecimento socialmente construído e disseminado formado dentro do sendo comum que está inculcado na mente das pessoas.

Os meios de comunicação de massa fazem parte de um nível de realidade social composto por expressões simbólicas da realidade objetiva, composto ainda por várias outras esferas identificadas pelo indivíduo (ALSINA, 1985). Em um nível mais superficial, conforme o autor, existe a realidade objetiva, representada pelo mundo que existe fora do indivíduo e encarada como algo que não necessita de verificação ou dúvidas. Em um nível mais profundo encontra-se a realidade social subjetiva. Essa é única de pessoa para pessoa e pode ser formada a partir dos elementos das duas realidades anteriores, havendo uma construção individual da realidade, dos fatos, dos acontecimentos. É dessa forma que o jornalismo contribui nesse processo: legitimando-se cotidianamente na atividade para a qual a confiança do público foi depositada.

Não cabe nesta pesquisa aprofundar na relação entre as representações sociais e a mídia tendo em vista a natureza complexa do assunto. Esse fenômeno foi conceituado para ilustrar o efeito que pode ter certos tipos de cobertura para um público que está longe dos municípios onde transcorrem os fatos. Embora muitas pessoas tenham parentes no interior ou viagem com frequência a trabalho ou lazer, somente quem vive em um município tem mais precisão para descrever a sua realidade. Os jornalistas entrevistados, por outro lado, entendem que esse constante fluxo por si favorece a noção da realidade local, não cabendo aos meios de comunicação construir essas imagens.

Por exemplo, nas cidades de fronteira quase toda a semana tem um assassinato ou uma pistolagem, mas a própria pessoa que está lendo já tem uma dimensão do que é o local. Se for cidade de fronteira, sabe bem que o forte é comércio, a compra, ou a pistolagem, ou alguma coisa [relacionada à] droga. Eu acho que isso [cobertura sobre violência] não cria o local. (JORNALISTA F, 2016).

É interessante observar que o próprio estereótipo do que seja um município do interior está presente no próprio relato do profissional, integrante da equipe do *O Estado Online*. Levando em consideração que os profissionais da imprensa também são agentes sociais e fazem parte de um grupo também bombardeado por informações a respeito de determinados fatos e acontecimentos, é natural que crie imagens sobre determinados elementos. Essas representações, por conseguinte, acabam influenciando em sua rotina, extravasando para os textos, como apontou este estudo.

Isso é evidenciado, por exemplo, quando os jornalistas associam a criminalidade e violência com a realidade e justificam essa cobertura com base na repercussão que ela tem junto ao público, já que para eles, notícias dessa categoria são bastante comentadas e replicadas pelas redes sociais, meios pelos quais a equipe têm um *feedback* do público sem precisar recorrer a pesquisas de opinião.

O crime, a violência em geral, choca todo mundo, qualquer um. Ao se deparar com uma notícia de morte, todos se espantam de alguma forma e se interessam porque faz parte da nossa realidade. E, sim, dá muito mais leitura, com certeza. É muito mais fácil você fazer uma matéria assim de violência até para mostrar a realidade (JORNALISTA D, 2016).

É interessante observar também que o uso das redes sociais, inaugurado com o advento da internet e bastante presente nas rotinas produtivas dos jornais *online*, como mostra o relato do Jornalista D, integrante da equipe do *Portal Correio do Estado*, estendeu-se também aos veículos impressos. Essa repercussão, principalmente no *Facebook*, não quer dizer necessariamente que os internautas estão lendo o conteúdo divulgado pela rede, mas ainda assim é vista com bons olhos pela imprensa, que busca diariamente atualizar suas linhas do tempo com notícias que acreditam adequar-se ao que os leitores vão replicar e comenta, ajudando as equipes a presumirem o que será de interesse de sua audiência.

Esse mecanismo de “observação da opinião do público” ajuda as empresas a organizarem sua rotina de modo a focar em determinados assuntos em detrimento de outros. Isso porque no impresso, o espaço é limitado e no *online*, embora não haja limite e possam ser publicadas centenas de matérias, a minutagem e a própria capacidade produtiva da equipe exige uma seleção entre os fatos que serão transformados em notícia.

As entrevistas mostram que as equipes principalmente das versões *online* dos objetos de estudo são pequenas, o que também é entendido por Wolf (1995) como um critério de noticiabilidade, nesse caso relativo ao meio. Junto com ele, no caso dos veículos analisados, entram em questão os chamados critérios relativos ao produto, ou seja, características do próprio fato jornalístico, que conferem potencial para se tornar notícia, conforme a avaliação feita pelos profissionais envolvidos. Em vários momentos os jornalistas consultados afirmam que poderiam explorar mais os acontecimentos transcorridos no interior, mas não o fazem por falta de mão de obra. Isso significa que aquele fato que chega à redação pré-formatado ou cuja disponibilidade evite uma apuração prolongada se sobressaem em relação os temas econômicos e políticos, que exigem consultas a mais de uma fonte e tempo para organizar e interpretar dados.

Por isso que nas análises de fotos e fontes predominaram créditos de cunho oficial, principalmente os boletins de ocorrência, que por sua vez ajudam também a elevar as notícias de cunho policial, conforme abordado anteriormente.

Nesse caso, chega-se à conclusão de que a cobertura do interior nos veículos analisados é feita sob a ótica de quem mora na Capital e voltada também para quem mora em Campo Grande. Por isso, diferentemente do que ocorre no município, em que os repórteres cobrem *in loco* os fatos, o trabalho é feito à distância, e por isso sujeito a estereótipos e focada em determinados assuntos em detrimento de outros.

A pesquisa abre margem para vários outros estudos que poderiam dizer ainda mais sobre a cobertura noticiosa que é feita entre esses dois níveis de abrangência: local e estadual, principalmente algum que trabalhe essa questão sobre o ponto de vista do público, para saber qual a representação que ele cria sobre o interior com base nas notícias veiculadas durante a semana construída, visualizando, dessa forma, se o que os jornalistas do *O Estado* e *Correio do Estado*, junto com suas respectivas versões *online*, presume ser interessante ao público está indo ao ou de encontro ao que o público espera.

Da mesma forma é interessante ouvir quem está no interior sobre a cobertura feita pelos grandes jornais, para entender não somente a representação deles sobre a imprensa de cunho estadual, mas também para saber qual o uso que eles fazem desse meio de comunicação, já que, conforme a opinião de um dos entrevistados, essas pessoas têm uma mídia local para atender a seus interesses em termos de notícia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALSINA, Miguel R. **La construcción de la noticia**. Buenos Aires: Paidós, 1985.
- AMADORI, Rosane; MARQUES, Márcia Gomes. **A instantaneidade e a construção da notícia no jornalismo online**. In: Congresso de Ciências da Comunicação da Região Centro-Oeste, 11., 2009, Brasília. Anais.
- ARNT, Héris. Do jornal impresso ao digital: novas funções comunicacionais. **XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Salvador: 2002.
- BARBOSA, Suzana. **Jornalismo digital e a informação de proximidade: o caso dos portais regionais, com estudo sobre o UAI e o iBAh**. 2002. Dissertação (mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, 2002.
- GOMES, Wilson. **Verdade e Perspectiva. A Questão da Verdade e O Fato Jornalístico**. Textos de Cultura e Comunicação, Salvador, Ba, v. 29, p. 63-83, 1993
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BENAZZI, Lauriano Atílio. **Fotojornalismo: taxonomia e categorização de imagens jornalísticas**. 2010. Dissertação (mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília: Secom, 2015.
- _____. **Lei nº 9.610**, de 19 de fevereiro de 1998.
- BUENO, Thaisa e REINO, Lucas Santiago Arraes. Onde está o gancho? **XIV Congresso de Ciências da Comunicação da Região Nordeste**. Recife, 2012.
- BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. Fotografia e jornalismo: da prata ao pixel – discussões sobre o real. **Líbero**, n. 20, 2007.
- CALDAS, Álvaro. O desafio do velho jornal é preservar seus valores. In: CALDAS, Álvaro (org). **Deu no jornal: o jornalismo impresso na era da internet**. Rio de Janeiro: Ed. Puc Rio; São Paulo: Loyola, 2002.
- CÂMARA, Rosana Hoffman. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Gerais: revista interinstitucional de psicologia**, Minas Gerais, v. 6, n. 2, p. 179-191, jul.-dez. 2013.

CASTRO, Alexandre. Teorias do Jornalismo, Universidade e Profissionalização: Desenvolvimento Internacional e Impasses Brasileiros. **XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Fortaleza, 2012.

CORREIO DO ESTADO. **Especial 65 anos**. *Correio do Estado*, Campo Grande, p.16-17, 7 fev. 2014.

COSTA, Belarmino Cesar Guimarães da. **Estética da violência: jornalismo e produção de sentidos**. Campinas: Editora Umep, 2002.

DEOLINDO, Jacqueline da Silva; MOREIRA, Sônia Virgínia. Mídia, cidade e “interior”. **Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 21, p. 19-29, jul. 2013.

DEUZE, Mark. **Media work: digital media and society series**. Cambridge: Polity Press, 2007.

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de codificação em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2001.

FERNANDES, Mário Luiz. A proximidade como critério de noticiabilidade: a força da notícia local. In: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo; FERNANDES, Mário Luiz (org.). **Crítérios de noticiabilidade**. Florianópolis: Insular, 2014. P. 139-156.

FORTUNA, Fernanda França. **Perfil do ciberjornalismo em Mato Grosso do Sul: mapeamento e avaliação dos portais noticiosos**. 2014. Dissertação (mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2014.

GOMES, Wilson. **Verdade e Perspectiva. A Questão da Verdade e O Fato Jornalístico**. Textos de Cultura e Comunicação, Salvador, Ba, v. 29, p. 63-83, 1993

GUARESCHI, Pedrinho. Representações sociais e ideologia. **Revista de Ciências Humanas. Edição especial temática**, 2000.

FRANZONI, Sabrina; RIBEIRO, Daiane Bertasso; LISBOA, Sílvia Saraiva de Macedo. A verdade no jornalismo: relações entre prática e discurso. **Verso e reverso**, v. 25, n. 58, jan. – abr. 2011.

INSTITUTO VERIFICADOR DE COMUNICAÇÃO. **Relatório auditorial Correio do Estado**. Segundo semestre de 2014a.

INSTITUTO VERIFICADOR DE COMUNICAÇÃO. **Relatório auditorial O Estado** . Segundo semestre de 2014b.

JORNALISTA A. **Entrevista concedida a Ricardo Campos Júnior**. Campo Grande, 21 mai. 2015. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “A” desta dissertação]

JORNALISTA B. **Entrevista concedida a Ricardo Campos Júnior**. Campo Grande, 21 mai. 2015. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “B” desta dissertação]

JORNALISTA C. **Entrevista concedida a Ricardo Campos Júnior.** Campo Grande, 21 mai. 2015. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “C” desta dissertação]

JORNALISTA D. **Entrevista concedida a Ricardo Campos Júnior.** Campo Grande, 21 mai. 2015. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “D” desta dissertação]

JORNALISTA E. **Entrevista concedida a Ricardo Campos Júnior.** Campo Grande, 21 mai. 2015. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “E” desta dissertação]

JORNALISTA F. **Entrevista concedida a Ricardo Campos Júnior.** Campo Grande, 7 jun. 2015. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “F” desta dissertação]

JORNALISTA G. **Entrevista concedida a Ricardo Campos Júnior.** Campo Grande, 8 jun. 2015. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “G” desta dissertação]

JORNALISTA H. **Entrevista concedida por e-mail a Ricardo Campos Junior.** Campo Grande, 30 jun. 2015 [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “H” desta dissertação]

JORNALISTA I. **Entrevista concedida por e-mail a Ricardo Campos Junior.** Campo Grande, 6 jul. 2015 [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “I” desta dissertação]

KISCHINHEVSKY, M. Convergência nas redações: mapeando os impactos do novo cenário midiático sobre o fazer jornalístico. In: RODRIGUES, Carla (Org.). **Jornalismo Online: modos de fazer.** Rio de Janeiro: Ed.PUC-Rio: Sulina, 2009. p.57-74.

MANOVICH, Lev. “**Novas mídias como tecnologia e ideia: dez definições**”. In: LEÃO, Lucia (org). O chip e o caleidoscópio: reflexões sobre as novas mídias. São Paulo: Ed. Senac, 2005.

_____. **The language of new media.** Cambridge: Mit Press, 2001.

MEDINA, Cremilda; LEANDRO, Paulo Roberto. **A arte de tecer o presente: jornalismo interpretativo.** São Paulo: Média, 1973.

MELÉN, Viviane de Nazaré de Oliveira. Jornalismo policial: uma análise dos critérios de noticiabilidade do Caderno Polícia, do Jornal Diário do Pará. **Puçá: revista de comunicação e cultura na Amazônia**, Belém, v. 1, n1. p. 26-50, jan./jun. 2011.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 1985.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual.** (Tese de Doutorado). FACOM/UFBA, 2003. Disponível em: <[http://pt.scribid.com/doc/12769270/ Jornalismo-na-web-uma-contribuicao-para-o-estudodo-formato-da-noticia-na-escrita-hipertextual](http://pt.scribid.com/doc/12769270/Jornalismo-na-web-uma-contribuicao-para-o-estudodo-formato-da-noticia-na-escrita-hipertextual)>.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Jornalismo e configuração narrativa da história do presente. Revista Contracampo, n. 12, 2005. Disponível em <<http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/view/557>>.

NEVEU, Erick. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006.

OLIVEIRA, Erivam Moraes. O resgate da ética no fotojornalismo: a banalização das imagens nos meios de comunicação. **Fórum Nacional de Professores de Jornalismo - XIII Encontro Nacional de Professores de Jornalismo**. Viçosa, 2010.

PEREIRA, Fábio Henrique. A produção jornalística na internet e a construção da identidade profissional do webjornalista. **V Congresso Iberoamericano de Periodismo Em Internet**. Bahia, 2004.

PINHO, J. B. **Jornalismo na internet: planejamento e produção da informação online**. São Paulo: Summus editorial, 2003.

RAMONET, Ignacio. **Tiranía da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 1999.

RONDELLI, Elizabeth. Imagens da violência: práticas discursivas. **Tempo Social; Rev. Sociol.** USP, S. Paulo, 10(2): 145-157, outubro de 1998.

SANTOS, Milton. Classificação funcional dos jornais brasileiros: as regiões jornalísticas. **Revista da Rede Alcar**, ano 7, n. 83, 2007. Disponível em: http://www2.metodista.br/unesco/rede_alcar/Rede_Alcar83/serie_imprensa.htm.

SCHMITZ, Aldo Antônio. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo**. Florianópolis: Combook, 2011.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. In: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo; FERNANDES, Mário Luiz (org.). **Critérios de noticiabilidade**. Florianópolis: Insular, 2014a. P. 139-156.

SILVA, Marcos Paulo. A significância social como dimensão da noticiabilidade. In: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo; FERNANDES, Mário Luiz (org.). **Critérios de noticiabilidade**. Florianópolis: Insular, 2014b. P. 139-156.

_____. **A construção cultural da narrativa noticiosa: noticiabilidade, representação simbólica e regularidade cotidiana**. 2013. Tese (doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2013.

SILVA, Marconi Oliveira da. **Imagem e verdade: jornalismo, linguagem e realidade**. São Paulo: Annablume, 2006.

SHOEMAKER, Pamela. News and newsworthiness: A commentary. **Communications**, v. 31, n. 1, p. 105–111, 2006.

SHOEMAKER, Pamela; JOHNSON, Philip R.; SEO, HYUNJIN e WANG, XIULI. Readers as gatekeepers of *online* news. **Brasilian journalism research**, v. 6, n. 1, 2010.

SOUZA, Jorge Pedro. Elementos de jornalismo impresso. Porto, 2001.

SCWHENGBER, Isabela de Fátima. Aspectos históricos do jornal Correio do Estado. **6º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho**. UFF: Niterói, 2008.

TAMBOSI, Orlando. Jornalismo e teorias da verdade. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v. 30, n.1, p. 35-48, 2007.

TEIXEIRA, Juliana de Oliveira. A importância dos componentes gráficos para a visualidade. **III Encontro Nacional de Estudos da Imagem**, Londrina, 2011.

TÓFOLI, Luciene. Os “novos” temas de ética em Jornalismo. **XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**. Vitória, 2010.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. 2.ed. Florianópolis: Insular, 2005.

VEIGA, Luciana; GONDIM, Sônia Maria Guedes. A utilização de métodos qualitativos na Ciência Política e no Marketing Político. **Opin. Publica**, Campinas , v. 7, n. 1, p. 1-15, 2001 .

WALTZ, Igor. O “jornalista sentado” e condições de produção: considerações sobre práticas profissionais na comunicação em rede. **6º Simpósio Internacional de Ciberjornalismo**. Campo Grande, 2015.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. 8. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1995.

ZANETTI, Camila Bruna e BONI, Paulo César. Um fotógrafo chamado “arquivo”: a complexidade dos direitos autorais da obra fotográfica. **Discursos fotográficos**, Londrina, v.2, n. 2, p. 159-178, 2006.

APÊNDICE A – Entrevista com Jornalista A, da equipe do *Correio do Estado*

Entrevistador: Quantos jornalistas tem a equipe do Correio do Estado?

Jornalista A: De 23 a 25 pessoas

Entrevistador: A empresa exige formação em jornalismo?

Jornalista A: Sim

Entrevistador: Além da formação em jornalismo, exige alguma especialização, como pós-graduação, mestrado ou doutorado?

Jornalista A: não

Entrevistador: Ainda que não exija especialização, dá prioridade em contratar pessoas que tenham algum tipo de especialização?

Jornalista A: Não necessariamente

Entrevistador: O jornal tem sucursais no interior?

Jornalista A: Hoje nós temos só Três Lagoas. Há alguns anos atrás, há uns dez anos, tínhamos Dourados, Três Lagoas e Ponta Porã, mas agora só Três Lagoas. Na verdade tem só uma correspondente, só em Três Lagoas.

Entrevistador: Esse correspondente é contratado pela empresa ou é freelancer?

Jornalista A: É um freelancer fixo que a gente contrata por matéria, mas ela é a única pessoa a quem a gente recorre.

Entrevistador: O jornal dispõe de manual de redação?

Jornalista A: Não temos manual próprio, mas nos direcionamos e baseamos pelo manual da Folha de S. Paulo.

Entrevistador: Como é a organização funcional do jornal?

Jornalista A: Nós temos os repórteres que são divididos por editorias em Cidades, Economia, Cultura, etc. Aí vem o subeditor, que é a pessoa que auxilia o editor a fechar. O editor e o sub são as pessoas que revezam no feriado e fim de semana, mas [o sub] é uma pessoa que tem uma função auxiliar. E tem dois editores-gerais que conversam com os editores, os sub e os repórteres sobre as pautas para fazer um direcionamento. Acima da gente tem Antônio João, que é um dos diretores, mas ele é um diretor que cuida mais da linha editorial mesmo do jornal.

Entrevistador: A cobertura do interior serve para as pessoas de Campo Grande saberem o que se passa no interior ou para as pessoas do interior saberem o que se passa na cidade delas?

Jornalista A: Nós tentamos fazer os dois, mesclar aquilo que é uma matéria interessante, que dê leitura, e também tentamos atender aquele público que temos no interior. Por exemplo, privilegiamos Três Lagoas porque temos uma vendagem muito boa lá e deveríamos até tentar ampliar isso. Então tentamos fazer uma cobertura nesse sentido: onde nós temos correspondente. Temos bastante material em Três Lagoas, até porque temos um público lá. Mesmo fora desse âmbito, tentamos atender aquelas matérias que são interessantes como leitura e que possam atender o público de Campo Grande.

Entrevistador: Se você tivesse que definir uma ordem de importância entre as instâncias de cobertura Interior, Capital, Estadual, Nacional e Internacional, como seria?

Jornalista A: Estado e Nacional hoje estão muito ligados por conta da questão política, tanto é que se você pegar as últimas edições, não só da última semana, mas se você pegar dos últimos dois meses, nós demos muitas manchetes nacionais por conta do viés político e até pela linha editorial do jornal que privilegia mais a questão política. Então Estado e Nacional estão próximos, Nacional no sentido político, Campo Grande, Interior e Internacional. Só para dizer, desde que eu estou aqui a gente deu o atentado de Paris, foi a única vez, mas foi uma situação drástica, diferenciada.

Entrevistador: Em sua opinião, qual a importância de um jornal como o Correio do Estado, que tem essa vertente estadualizada, cobrir o interior?

Jornalista A: Eu acho que na verdade a gente deveria fazer até um pouco mais, discutir um pouco mais sobre esse redirecionamento. O Correio do Estado, apesar de algumas pessoas dizerem que o impresso vai morrer daqui a pouco, ele ainda é o maior jornal do estado, ainda tem muito peso, bastante credibilidade e vamos trabalhar isso para o futuro, tanto é que o portal está aí para isso, estamos fazendo, tentando fazer uma mesma plataforma, porque a gente sabe que o impresso vai ter uma vida longa, média talvez, mas daqui a pouco o nome Correio do Estado, esse nome que foi fortificado como impresso, ele vai ser transportado para o *online*. Então aí eu acho que a gente vai ter que trabalhar mais a abrangência interior porque não é só Capital que dá *page-view*, internet tem em todo país e no mundo, então a gente também precisa desse público do interior, atender, precisa ser visto. Talvez hoje não seja tão visto quanto gostaríamos que fosse.

Entrevistador: No formato impresso, existe a possibilidade de o Correio do Estado se reinventar para se manter por mais algum tempo?

Jornalista A: É o portal. Tanto é que a equipe (do *site*) foi ampliada esse ano justamente para atender a essa demanda. Todos os jornais sabem disso. Daqui a algum tempo pode ser que ele (impresso) já não seja mais viável e aí a gente está fazendo essa... não está fazendo uma migração, hoje estamos fazendo uma mescla, uma união entre os dois, mas o *Portal Correio do Estado* é essa fonte de inovação.

Entrevistador: Hoje como que é essa relação entre as equipes do impresso e do *site*?

Jornalista A: A gente vem trabalhando isso dia a dia. Nós tentamos fazer muito com que um converse com o outro sobre as pautas para trocar informações. Lógico que tem material especial, de fim de semana que a gente prepara que é para o impresso, que o impresso, na verdade, é o carro-chefe, mas ele (*site*) tem as pautas especiais dele também que a gente faz até um *link* para os especiais dele no Caderno B, que tem uma página, todo fim de semana sai um pedaço das matérias do portal justamente para chamar o portal e no dia a dia tentamos trabalhar até a relação da informação. Então assim, o que o portal apurou a gente também utiliza e assina junto, o que a gente apura também passa para o portal sem problemas. Só aquele material específico, um pouco mais especial, ou então aquela foto inédita que só a gente tem e a gente segura para o impresso, mas temos trabalhado isso muito, foi até um pedido da diretoria que a gente trabalhasse cada vez mais integrados.

Entrevistador: Então tem matérias no impresso que são escritas pela equipe do *site*?

Jornalista A: Tem. Já aconteceu de algumas matérias que o portal fez, matérias especiais que a gente combinou de a matéria deles entrar meia-noite e já está na edição daquele dia.

Entrevistador: Mas a mesma matéria?

Jornalista A: A mesma matéria ou então um pouquinho diferenciada. Já aconteceu de a gente pedir uma cobertura para o portal, para um repórter do portal, essa cobertura dele ele fez para o portal e fez outra trabalhada e maior para o impresso, assinando pelo portal.

Entrevistador: Mas com vieses diferentes?

Jornalista A: Já aconteceu de um assunto, a gente tenta dar essa união, um complementando o outro.

Entrevistador: Existe reunião de pauta no jornal?

Jornalista A: São duas reuniões. Temos uma reunião meio-dia e meia, em que o portal está presente, tanto na primeira como na segunda. Essa reunião de meio-dia e meia é a reunião em que a gente sabe o que aconteceu na manhã e já faz um afunilamento do que pode ser ou não o abre das páginas e possivelmente o abre do jornal. E tem uma segunda reunião que é com o Antônio João, em seguida dessa, em que a gente conversa com ele, isso quando ele não vem

aqui, é que às vezes não batem os horários. Depois tem a reunião final que é às 17h, em que fechamos as páginas e já definimos qual será a manchete.

Entrevistador: Nessa reunião também são definidos quais os temas sobre o interior que serão cobertos?

Jornalista A: Não, o que vai chegando durante o dia ou a gente já sabe, vê nos outros portais, acompanha, por exemplo “ah, aconteceu alguma coisa lá, pede para o fulano dar uma olhada, para a nossa correspondente dar uma olhada”, ou então a gente sabe de um caso grande, por exemplo, ontem teve venda de doses de vacina em Bela Vista, então ligamos, pegamos informações de Bela Vista, quisemos dar importância para isso e pedimos uma apuração melhor em relação a isso.

Entrevistador: Em quais ocasiões em que a empresa sente a necessidade de mandar alguém de Campo Grande para o interior?

Jornalista A: Depende do assunto. Tem assuntos que conseguimos resolver, hoje, por telefone, com WhatsApp, por internet. As pessoas também estão muito dispostas a mandar material. Então tem gente que manda fotos, tem gente que manda vídeo, então a gente consegue. Tem situações que não, por exemplo essas chuvas dos últimos tempos que arrasou Iguatemi ou Naviraí, a gente mandou equipe. Porque a gente não tem equipe então para nós era primordial ter alguém nosso lá para cobrir da maneira que a gente queria, então depende muito do assunto.

Entrevistador: Em termos de noticiabilidade, porque a empresa decidiu que era importante cobrir esse evento?

Jornalista A: Até pela importância estadual, no caso das chuvas, foi uma situação de emergência em vários municípios, Campo Grande também quase entrou na emergência, então é um assunto de importância para o estado como notícia e que a gente imaginou que desse leitura também, fora a questão social que estava acontecendo. Então a gente procurou ir.

Entrevistador: Só repórter ou foi fotógrafo junto?

Jornalista A: Mandamos equipe completa, repórter, fotógrafo e o motorista que é para poder trabalhar tranquilamente com mobilidade.

Entrevistador: Tem algum evento que vocês saibam que quando ele acontece já é padrão mandar equipe para o interior?

Jornalista A: Sim, visitas do presidente, sempre. A gente manda, credencia, com certeza vai. Esse da chuva depende. Já mandamos muitas equipes para o Pantanal em época de cheia também.

Entrevistador: Nessas ocasiões, quando mandam repórteres para cobrir algum evento político por exemplo, aproveitam para fazer outra pauta local?

Jornalista A: Sim, se a gente sabe que tem alguma coisa rolando, ou quer lembrar um assunto, a gente aproveita e pede para ele fazer, tenta casar. Às vezes a pessoa vai um dia antes para fazer esse material com calma aí já fica só para a visita presidencial. Outro assunto que a gente também foi acompanhar foi a Caravana da Saúde, desde o começo, na primeira edição, é um evento inédito de grandiosidade e pelo interesse popular que tem isso, a gente manda equipe, aproveita e faz outras coisas também na cidade, faz situação de BR, ou então a situação da cidade mesmo.

Entrevistador: As cidades do interior são tratadas como iguais ou existe alguma relação entre as notícias que saem sobre o interior ou as cidades com maior porte econômico?

Jornalista A: Eu particularmente avalio mais pela importância da matéria, não necessariamente se ali é grande ou pequeno, mas às vezes o fato em si é tão grandioso que se sobrepõe a algumas outras questões.

Entrevistador: E por que, em sua opinião, que a cobertura sobre o interior é mais presente na editoria de Cidades?

Jornalista A: A editoria de Cidades é muito abrangente. Ela acaba sendo, assim, o que não é Política, o que não é Economia, vira Cidades. Às vezes até tem algum fato político, com viés aparentemente político, que tem um outro olhar que acaba sendo mais Cidades, porque se ficar em Política vai ficar restrito a algum tipo de apuração que às vezes não vai conseguir abranger o todo, então acaba ficando em Cidades por causa disso. Por exemplo, operação do Gaeco na Câmara dos Vereadores. Seria Política até, mas pela abrangência, pelo tipo da investigação que apura desvio de verbas da Saúde, mexe com o cotidiano, então a gente acaba deixando mais em Cidades mesmo até pela abrangência da editoria.

Entrevistador: Ao contabilizar as matérias percebi que dentro de Cidades a maioria dos textos sobre o interior eram referentes à violência, não apenas assassinatos, mas acidentes e outros crimes. Por que isso acontece? É proposital? Faz parte da linha editorial?

Jornalista A: Não, é circunstancial, porque como não temos equipes, não temos, por exemplo, se for olhar as matérias de Três Lagoas são extremamente trabalhadas, são matérias de economia, porque ela (correspondente), na verdade, está atrás de uma informação diferenciada para poder vender para nós. No caso dos outros municípios, vamos, na verdade, pelo acontecimento, pelo factual e por isso que acaba entrando esse tipo de matéria, que é um assassinato, ou então um acidente grave, alguma coisa assim, mas eu acho que é mais

circunstancial, porque eu acho que se a gente tivesse talvez uma equipe fixa, essa pessoa iria se interessar também e vender outros tipos de matéria que não aquele factual.

Entrevistador: E no caso, por exemplo, ainda na violência, é o que o jornal presume ser interesse do leitor ou faz parte do interesse jornalístico?

Jornalista A: Eu acho que mais no interesse jornalístico, aquilo que chama mais a atenção também.

Entrevistador: Você comentou a respeito do repórter do interior que ele sugere matérias.

Jornalista A: Sim, na verdade Três Lagoas é uma cidade que a gente mais recebe sugestão do que a gente dá para ela, que é a Renata Prandini, que é a nossa colaboradora lá. Ela sugere bastante pauta e normalmente com viés mais econômico, acabou se condicionando mais a isso, mas ela também faz matérias de cidades, política também agora vai entrar. Mas ela que oferece muito mais. Mas, se tem matéria de violência, alguma coisa, você pode ver que é uma apuração que o *site* fez e que (o impresso) puxa, a maioria das matérias desse tipo a gente puxa do portal, porque como a gente também tem uma equipe reduzida aqui a gente tem que priorizar o que vai ser apurado ou não, então a gente faz essa divisão com o portal: “ah, fulano, vocês estão dando, então a gente vai pegar de vocês”. Se a gente já começou, aí passa para o portal.

Entrevistador: Com relação à correspondente, vocês têm uma meta de quantidade de matérias dela a serem publicadas?

Jornalista A: Na verdade eu já conversei com ela de a gente buscar dar sempre pelo menos uma vez por semana. Pelo menos uma vez por semana a gente tem matéria dela. Como ela é nova, ela não era correspondente até ano passado, começou esse ano, ela tem algumas coisas que ela está aprendendo até a linguagem e o que o jornal dá importância, mas a gente procura conversar com ela toda semana, oferecer matérias também, ela também oferece bastante.

Entrevistador: Com relação às fotos, como que o jornal faz para obter imagens para ilustrar matérias do interior?

Jornalista A: Nós procuramos sempre pedir, fazemos questão de fazer parceria, pedir normalmente para os *sites* [locais] várias fotos, em alta resolução, e a gente dá o crédito para eles na publicação. É raríssimo, acho que a gente nunca comprou foto, até porque as pessoas não pedem como venda, elas oferecem até para verem o trabalho delas no jornal do tamanho do Correio do Estado, se a pessoa vai ver lá o nome do portal dela, de repente vai ter curiosidade em acessar o portal do interior, o leitor

Entrevistador: Então, por exemplo, é como se tivesse uma cultura dos jornais do interior em enviarem suas imagens para os jornais estaduais?

Jornalista A: É, na verdade a gente liga. A gente procura, vê quem está dando a matéria e pede a foto. Normalmente, nunca vi alguém pedi dinheiro. A pessoa oferece sem problemas.

Entrevistador: Existe essa negociação algum termo que a pessoa tem que assinar?

Jornalista A: Não, só tem o que conversei por telefone, normalmente quem faz o contato várias vezes sou eu, porque eu tenho interesse pela foto da capa, ou o editor, ele conversa e manda um e-mail, então eles enviam por e-mail em alta resolução, subentende-se que houve uma conversa anterior e essa pessoa concordou em ceder a foto.

Entrevistador: E com relação às informações, o impresso utiliza informações de *sites* do interior?

Jornalista A: Eu prefiro que apure. Eu acho mais seguro, mas já aconteceu. Eu vejo pelo portal, que às vezes usa informação citando a fonte e aí o jornal às vezes usa por tabela essa informação e aí não cita mais. Então aqui no jornal às vezes a coisa ficou diluída, o que para mim, não é o ideal, mas o portal usa bastante informação do interior citando a fonte.

Entrevistador: Existe, então, essa cobrança de os repórteres deixarem bem claro na matéria de onde que eles obtiveram as informações?

Jornalista A: No portal isso é muito mais claro que no impresso. Como no impresso, dependendo da nota ela vira um breve, como nós chamamos, é um espaço muito pequeno para conseguirmos dar isso (referenciar a fonte), mas o controle é feito mais pelo portal.

Entrevistador: O *Sigo*, como que o impresso utiliza o *Sigo*? Os repórteres entram em contato com o delegado ou com outras fontes para buscar mais informações?

Jornalista A: Sim, tem dois repórteres, um no portal que chega às 6h e outro no impresso que chega às 7h. A primeira função da pessoa é realmente abrir o *Sigo*, dar uma olhada no que tem, de repente já tem alguma coisa interessante e o repórter do impresso que vê que é uma coisa que interessa mais ele já vai para a rua e apura mais (no caso dos eventos na Capital). O BO é um ponto de partida. No interior é a mesma coisa. No caso ele vai ligar e pegar mais informações.

Entrevistador: Existe relação do uso de um *release* para preencher espaço?

Jornalista A: Sim, isso você pode até ver com a editora de Cidades, é o que a gente chama de breves, só para preencher alguma coisa, a gente puxa do portal, puxa algum *release*.

Entrevistador: Com relação ao uso de *releases*. A gente vê que há predominância no uso deles normalmente na cobertura geral, mas também no interior. De que forma eles facilitam nessa cobertura?

Jornalista A: A informação chega para nós, é muito mais fácil. Ali ela está mais mastigada, segundo a pessoa que mandou, o que é mais interessante, mas eu considero sempre um ponto de partida. A não ser que seja uma nota, algo que não vá comprometer muito e que já esteja ali. Ele é interessante por causa disso, porque facilita muito.

Entrevistador: Mas cabe ao editor definir se ele usa o *release* como ponto de partida ou se pede para o repórter dele ir além?

Jornalista A: Sim, a não ser que ele converse com a gente e fale “olha, tenho uma informação assim, mas só tem isso do *release*” ou às vezes a gente consegue alguma informação além do *release* e pede para segurar a informação para dar no dia seguinte de outra maneira. É tudo conversado, mas de uma maneira geral o editor da página que resolve com o repórter.

APÊNDICE B – Entrevista com Jornalista B, da equipe do *Correio do Estado*

Entrevistador: Com relação à cobertura sobre o interior, ela serve para que as pessoas e Campo Grande saibam o que se passa nas cidades do interior ou para as pessoas do interior saberem o que se passa na cidade delas?

Jornalista B: No nosso caso, aqui eu acredito que é mais para o pessoal de Campo Grande saber o que se passa no interior. Apesar de ter uma boa circulação no interior, a gente sabe também o que acontece geralmente no jornalismo, se você tem uma comunicação lá ela vai ser prioridade em detrimento do que está acontecendo fora. Então, por exemplo, o Correio do Estado tem uma circulação estadual, então o foco dele geralmente vai ser Campo Grande. Então eu acredito que é mais fácil você colocar uma notícia do interior para que aqui em Campo Grande saiba o que se passou que de fato quem mora no interior sabe, porque eu acredito que quem mora no interior vai ter outras formas que não seja talvez o Correio do Estado.

Entrevistador: Defina em ordem de importância Interior, Capital, Estadual, Nacional e Internacional.

Jornalista B: Eu organizaria Capital, Estadual, Interior, Nacional e Internacional

Entrevistador: Por que é importante a cobertura sobre o interior em um jornal estadualizado como o Correio do Estado?

Jornalista B: Eu acho que é importante principalmente para te dar a noção de pertencimento, vamos dizer assim, para você entender que da mesma forma que coisas acontecem em Campo Grande, acontecem também fora. Também se gera notícia, também se gera informação, acontecimentos.

Entrevistador: Com relação à rotina produtiva, existe reunião interna da equipe de Cidades (além da reunião de pauta geral)?

Jornalista B: Existe uma reunião geral e a reunião de cidades acontece com certa frequência, vamos dizer assim, uma vez ao mês, do grupo de Cidades. Não é uma reunião diária da editoria, mas ela acontece com certa frequência.

Entrevistador: Qual o objetivo dessa reunião?

Jornalista B: Estabelecer pautas, estabelecer metas, passar, lógico, a questão hierárquica, quais as demandas que vêm de cima para o modelo de trabalho, enfim.

Entrevistador: Quantos repórteres tem a editoria de Cidades?

Jornalista B: Agora estamos com quatro.

Entrevistador: Hoje existe um correspondente em Três Lagoas, como é o relacionamento da editoria de Cidades com este repórter? Existe a prática dele sugerir matérias ou vocês que pedem?

Jornalista B: Tem as duas coisas, mas geralmente ocorre, por exemplo, se nós sabemos que está acontecendo algum fato lá a gente entra em contato. Por exemplo, uma agenda do governador, acaba a gente demandando para eles alguma coisa, mas o inverso acontece. Não tem como mensurar uma quantidade.

Entrevistador: Em quais ocasiões vocês sentem a necessidade de mandar um repórter de Campo Grande para o interior?

Jornalista B: São aquelas pautas que a gente sabe que são mais fortes, vamos dizer assim, que têm um apelo social e de leitura. Questão indígena, em todas essas operações que estão se fazendo, como a Lama Asfáltica, que têm obras envolvidas, você tem que mandar alguém lá para saber se essa obra, de fato, tem algum problema, como eu posso trazer isso para mais perto do leitor, essa problemática, essa investigação que eles estão fazendo. Então essa é uma demanda que funciona, que há necessidade de mandar gente. Isso é uma coisa que a gente não fez, mas eu por exemplo acho que a questão da gripe em Naviraí, toda essa mobilização social que está havendo lá é um tipo de coisa que eu acredito que seria interessante mandar alguém para ver de perto. É uma coisa que ultrapassou as barreiras de Naviraí, assim como o conflito indígena ultrapassa as barreiras daquele conflito mínimo, ele está se estendendo.

Entrevistador: Com é a relação da editoria de Cidades com os repórteres do *site*? Existe a troca de matérias ou somente de informações?

Jornalista B: Existe uma troca de matérias, mas a maior parte são troca de informações, porque no *site* geralmente não se delimita repórter por editoria, como acontece no impresso. Então se você tem uma demanda exclusiva do impresso você não vai passar para o *site*, só no dia seguinte que eles vão publicar aquilo que saiu no jornal, agora se for algo extremamente factual existe sim essa troca. Em matérias especiais, não significa que o *site* não vá saber o que a editoria de Cidades está trabalhando, eles até sabem, mas eles sabem que aquele conteúdo ali é para guardar para o impresso e que daí quando sai no impresso o *online* também vai disponibilizar.

Entrevistador: Nesses casos é o mesmo material ou vocês procuram fazer com que o *site* avancem relação ao impresso ou vice e versa?

Jornalista B: É o mesmo conteúdo. No caso assim, por exemplo, de coisas factuais, se por ventura no meio de uma pauta factual repórter tiver dados a mais aí vai do repórter. Pode ser que saia no *site* algo que o repórter do impresso não conseguiu e deu aquele furo ou Cidades foi e vai dar aquele furo.

Entrevistador: Existe alguma relação entre as notícias do interior, no caso as cidades mais citadas, com o porte econômico das cidades ou vocês levam mais em consideração o fato em si?

Jornalista B: Olha, é pela informação. Eu vejo isso basicamente, e geralmente é, pelos casos de polícia, que se você for dar uma olhada, geralmente a editoria de Cidades, onde você mais vê matérias do interior é em polícia, que são os fatos que mais chamam a atenção. Volta e meia você vai ver uma nota, dificilmente você vai ter uma matéria de abre de página falando do interior em Cidades justamente porque a leitura, o foco do Correio do Estado é Campo Grande, a não ser, por exemplo, que surja um fato em Três Lagoas, Dourados, Corumbá, Ponta Porã que cresça a ponto de ter que se dar essa abertura.

Entrevistador: Você citou a questão da violência, que tem mais leitura, por que você acha que isso acontece?

Jornalista B: Eu acho que talvez pela própria questão do ser humano de querer saber o que acontece naquilo que talvez exponha mais esse ser humano, como um acidente. Eu acredito que um acidente, uma morte ela chama mais a atenção do que uma inauguração de um hospital, por exemplo, para dizer os dois lados, um seria a vida e o outro seria a morte Talvez seja uma coisa do instinto mesmo. Eu penso assim, pelo menos.

Entrevistador: Quando você vai definir entre os fatos quais são notícia e quais não você leva em conta a importância para você enquanto jornalista ou da importância que o jornal presume que o público dá a ela?

Jornalista B: A segunda opção. Aquilo que o leitor vai querer ver.

Entrevistador: E vocês têm algum *feedback* para saber se as publicações estão indo ao encontro do que os leitores querem? Existe algum tipo de pesquisa com o público para saber como está a leitura?

Jornalista B: Olha, na verdade a gente tem mais retorno pelo *site* do que pelo próprio impresso. No *site* é muito forte isso. Quando você fala de acidente, morte o que tem de comentários, de curtidas no Facebook e muito maior.

Entrevistador: Agora falando sobre fotos, como que vocês fazem para obter imagens que acompanhem notícias sobre o interior?

Jornalista B: Nós procuramos os *sites* como colegas, talvez a Polícia Civil em uma segunda opção.

Entrevistador: Entre foto de assessoria e foto de jornais locais, qual tem prioridade?

Jornalista B: É a foto que você conseguir primeiro.

Entrevistador: No caso dos jornais locais, existe algum termo que eles tenham que preencher autorizando aquela foto ou só usam a imagem com crédito?

Jornalista B: Eu não posso te falar muito do *online*, mas geralmente o que acontece: por ser *online* é meio que automático. Para o impresso, onde atuo, você liga antes e diz “Olha, estamos vendo assim, assim e assim, você tem essas fotos, você autoriza?”, sempre tem essa conversa.

Entrevistador: Nós vemos, por exemplo, que em outros estados os jornais têm um medo maior em usar essas imagens, você acha que em Mato Grosso do Sul acabou criando uma cultura profissional como uma política da boa vizinhança dos próprios jornais do interior sentirem-se gratificados jornalisticamente em ter suas imagens em jornais de grande circulação?

Jornalista B: Eu acho que é possível. Até porque difícil o *site*, o jornal do interior, que não permita. São casos muito isolados dizer não. Por exemplo, se for um jornal grande do interior e tiver um peso lá não vai permitir, a não ser que você pague, mas geralmente os *sites* e a maioria dos colegas eles liberam justamente por isso, é o nome deles que estão mostrando também.

Entrevistador: E com relação às informações, vocês usam informações dos portais locais?

Jornalista B: Usamos, mas geralmente quando é o impresso a gente checa ela antes. O repórter vai além.

Entrevistador: Então há retextualização, não usam na íntegra?

Jornalista B: Sim. Por exemplo se for o caso de uma assessoria de imprensa, se é de fato um *site* do interior e se não houve essa apuração a mais, aí a gente tem que colocar (a fonte).

Entrevistador: Qual a importância do *Sigo* na cobertura sobre o interior?

Jornalista B: É fundamental. É o tempo inteiro usando o *Sigo*. Aqui no Correio do Estado a editoria de Cidades é separada da editoria de Polícia no dia a dia, mas não na página do jornal. São quatro repórter só para Cidades, eu e o Eduardo (editores), ou seja, seis pessoas, e o editor de polícia e o repórter de polícia. Quando isso sai para o impresso, são quatro páginas entre Cidades e polícia, mas tudo em Cidades, mas no trabalho diário existe essa divisão. Quem

fecha a página de polícia é o editor de polícia, que no caso é o Thiago Gomes, não sou eu nem o Eduardo, a não ser no fim de semana.

Entrevistador: No caso dessa cobertura do *Sigo*, vocês têm o costume de pedir para que o repórter entre em contato com o delegado, testemunha, com alguém para complementar as informações?

Jornalista B: Sim, dependendo da dimensão do fato sim.

Entrevistador: E no caso do *Sigo*, você diria que ele facilita o trabalho de preencher espaço na página?

Jornalista B: Por exemplo no fim de semana, a repórter está com o *Sigo* aberto. Antes de ir embora ela vai olhar de novo para saber se teve algum BO novo. Só que geralmente a gente acaba filtrando dos nossos próprios *sites*, com a própria internet. Pelo menos tem sido assim. O *Sigo* tem o lugar dele, mas é mais fácil a gente olhar os *sites* do que já saiu.

Entrevistador: Como que o *site* trabalha informações em off the record?

Jornalista B: Não é uma regra, mas geralmente não se usa muitas informações em off. Até porque a linha do jornal não permite isso. Agora, logicamente já demos matérias sem citar as fontes, mas depende muito do assunto. Se for uma matéria investigativa, qual é a orientação: se a pessoa não vai querer falar não vai ter peso, não vai ter o mesmo peso de uma denúncia formal, digamos assim. Agora, por exemplo, se for aqueles casos que a fonte não pode aparecer, você tem que respeitar o off.

Entrevistador: No caso da citação das fontes no texto, a empresa exige que o repórter coloque claramente? Entre as matérias analisadas eu observei que em alguns textos, principalmente os menores, que ele traz apenas “segundo as informações” e não apresenta “segundo fulano” ou “segundo o BO”.

Jornalista B: Provavelmente são matérias pegadas de BO. Como são matérias menores, o que acontece: delimita-se um espaço, se você for escrever “segundo boletim de ocorrência” isso ocupa um espaço que a edição impressa não dá conta. Muitas vezes as matérias menores saem sem assinatura também. Você pode notar eu os breves às vezes saem com nome e às vezes não, geralmente por causa de espaço.

Entrevistador: E você acha que isso prejudica a informação de alguma forma?

Jornalista B: Olha, recentemente criou-se o hábito de cada um de nós ir fazendo a análise do jornal e de fato pegamos vários errinhos que percebe “isso poderia ter sido um serviço se tivesse sido escrito dessa forma”. Eu não posso te dizer que eu me lembro de algum caso se prejudicou, mas principalmente nas matérias menores é bem prejudicado. As matérias

menores têm o espaço dela para a informação não deixar de ser dada, mas por conta da própria limitação de espaço na diagramação você acaba não podendo estender um assunto e dar uma qualidade melhor dessa informação.

Entrevistador: Existe casos em que vocês apuram informação de um *release* e aí por conta da foto do crédito como divulgação subentender as fontes da matéria e por isso elas não serem citadas no texto?

Jornalista B: É uma falha, porque na verdade se é uma informação da polícia, tem que se falar que foi a polícia que passou, independentemente da foto dizer isso.

APÊNDICE C – Entrevista com Jornalista C, da equipe do *Correio do Estado*

Entrevistador: Com relação à cobertura sobre o interior, ela serve para que as pessoas e Campo Grande saibam o que se passa nas cidades do interior ou para as pessoas do interior saberem o que se passa na cidade delas?

Jornalista C: Então, como o jornal circula por todo o estado, eu vejo que a gente tenta fazer para a pessoa, independente do lugar onde ela estiver, ler. Tenta dar essa aproximação. Até eu tive um pouco de dificuldade quando eu vim (para o Correio do Estado) porque eu estava acostumada a escrever só para Campo Grande, informar o que acontecia no interior para quem mora em Campo Grande e aqui eu tive que fazer para quem está no interior ler, para quem está em Dourados, ler e ver que está falando sobre aquilo. A gente vê que tem muita coisa de infraestrutura, rodovia e assim, por exemplo, para conhecer. Eu não conhecia muito o interior e você tem que saber. Acho que quem lê no interior se identifica sim, sente como se estivesse lendo um jornal local. Claro que o espaço é mais restrito, saem muito mais coisas de Campo Grande, o espaço para o interior é mais restrito, tem muita coisa na editoria de Polícia, mas por exemplo Caravana da Saúde, que teve ano passado em vários locais, em algumas edições nós fomos ao local. Coisas mais amplas, mas pontuais. Por exemplo coisas rotineiras nós temos que fazer a cobertura daqui, mas eu sinto que apesar de ser pouco, apesar da demanda ser pouca ainda, ter pouco espaço, eu sinto que a gente tenta fazer para a pessoa se identificar mesmo, a pessoa que mora lá se identificar.

Entrevistador: Defina em ordem de importância Interior, Capital, Estadual, Nacional e Internacional.

Jornalista C: Acho que Capital, Interior, Nacional e Internacional, porque o jornal ainda é de âmbito estadual. A Capital, as principais instituições de governo têm sede aqui, então muitas decisões saem daqui, por exemplo ações do Governo do Estado, como por exemplo a questão da saúde, muita gente do interior vem se tratar aqui, então elas querem saber como estão as condições dos hospitais daqui, muita gente vem inclusive para atendimento de emergência. Então ela vem para cá, então eu acho que é importante saber o que está acontecendo aqui. Ainda tem muito dessa cultura da pessoa ter que vir para a Capital para ser atendida, principalmente na saúde, vem muita gente para estudar, agora na faculdade você ainda tem campi no interior, mas eles querem saber o que está acontecendo aqui na Capital. O interior vem em segundo lugar porque da mesma forma que essas informações de saúde, educação interessa quem está no interior porque eles vem para cá, nós nos interessamos sobre o que

acontece no interior justamente por causa dessa cultura de produção, agronegócio que é feita no interior do estado. Então eu considero o interior do estado como o segundo mais importante porque a nossa economia gira em torno do interior do estado, precisa de toda essa informação, você saber, principalmente no caderno de Economia, você saber como é que está o clima. Aqui também tem uma especificidade que é a questão da fronteira, como fazemos fronteira com a Bolívia e com o Paraguai, existem muitas operações policiais e isso também acaba colocando um critério mais importante. Polícia e Economia são dois assuntos muito importantes que o público gosta de ler e tem interesse. Economia não sei se tanto, mas é uma coisa que interfere na vida das pessoas embora elas não saibam disso. Polícia é uma coisa que o pessoal gosta de estar informado, coisa polêmica.

Entrevistador: Por que você acha que as pessoas gostam de ler matérias policiais?

Jornalista C: Então, eu acho que é mais cultural, porque é o que é dado geralmente sobre o interior geralmente é isso.

Entrevistador: A pesquisa mostrou que as cidades do interior foram citadas em textos sobre violência, sejam homicídios, crimes, como roubos, e acidentes de trânsito com morte. Como explicar isso?

Jornalista C: Eu acho que é meio cultural e também porque a violência ela é onipresente. Ao mesmo tempo em que acontecem assassinatos aqui acontecem lá também, então as pessoas se sentem mais próximas desse assunto, mas eu também acho que é uma questão do jornalismo, uma coisa meio imposta, acho que as pessoas querem ler sobre outros assuntos também, então eu acho que nós vamos seguindo meio automaticamente sem questionar isso.

Entrevistador: Mas é o que os jornalistas presumem o que é de interesse do leitor ou vocês têm um *feedback* dos leitores e por isso cobrem mais esse assunto?

Jornalista C: As matérias de polícia elas são mais comentadas. As pessoas ligam quando é matéria de polícia, no caso do portal, elas são mais comentadas no Facebook, mas eu acho que é uma coisa meio imposta no jornalismo da gente presumir que eles gostam de ler isso.

Entrevistador: Então o portal ele veio para reafirmar a tese de que os leitores gostam mais de ler assuntos policiais?

Jornalista C: Política também, principalmente quando envolve Política e Polícia é muito comentado, mas eu não acho que seja algo imutável, o jornalista poderia arriscar outros assuntos, mas você que são as matérias que têm mais retorno, são as matérias que têm uma proximidade com o público.

Entrevistador: Em sua opinião existe alguma relação entre as cidades mais citadas no interior com o porte econômico desses municípios ou vocês se restringem ao fato em si?

Jornalista C: Leva em consideração o peso econômico sim. Dourados é uma cidade que é a segunda maior do estado e que tem uma estrutura médica e universitária. Tem pessoas de muitas cidades que vão para lá fazer tratamento, por exemplo, lá é um polo. Leva em consideração essa questão econômica. Eu acho que algumas cidades ficam esquecidas. O que a gente lembra que sai muito: Dourados; Corumbá; Bonito, por ser cidade turística e sempre sai mais nessas editorias, como Turismo, não sai tanto em Cidades, talvez saia um pouco mais em Economia; e assim, por incrível que pareça Ponta Porã; e Três Lagoas pela questão econômica, por ter fábrica, meio que ser um polo industrial, pelo fato de ter crescido muito. As outras cidades elas saem quando envolve questão indígena, principalmente no sul do estado, ou estragos de chuva. Aí você lembra das outras cidades. Por exemplo no começo deste ano teve muitas chuvas e muitas rodovias caídas, interferindo na vida de todos que viajam, porque aqui você usa o transporte terrestre, principalmente para escoar a produção. Então aí você vê as cidades que nunca vê, como Antônio João, Eldorado, que às vezes nem sabe que existe. Eu vejo também as cidades próximas ao Pantanal aparecem mais nessa questão climática, das cheias. São coisas meio agendadas, tirando essas cinco que eu te falei: Dourados, Três Lagoas, Corumbá, Ponta Porã, que é mais por essa questão de polícia, de fronteira

Entrevistador: Por que você acha que a cobertura sobre o interior é mais presente na editoria de Cidades?

Jornalista C: Eu achava que saía mais em Economia, para você ver com que a visão que nós temos do dia a dia é diferente. Eu acho que sai justamente pelo jornal ser de âmbito estadual. Muitas coisas que acontecem aqui refletem no interior, por exemplo greve, a greve dos bancários que teve ano passado. Eles têm vários sindicatos no interior, acho que são cinco sindicatos contando com o de Campo Grande, então assim você tem que repercutir. Se está acontecendo aqui pode estar acontecendo em outras cidades. Como o jornal sai em âmbito estadual não tem como sair, nesse caso, matérias só de Campo Grande. Você tem que ampliar e no impresso, para você ampliar, você tem que saber se está acontecendo a mesma coisa no interior, por exemplo, a gripe H1N1. Não tem como você fazer uma matéria só pensando em Campo Grande, porque a gripe atinge o estado inteiro, inclusive têm cidades do interior que têm muito mais casos do que aqui, então eu acho que sai mais em Cidades por causa disso.

Cidades têm um caráter mais geral também: protesto, saúde, educação. Tudo vai sair ali. Então eu acho que vai sair mais porque a editoria abrange mais esses assuntos.

Entrevistador: Com relação às fotos, como vocês fazem para obter as imagens que acompanham as matérias sobre o interior?

Jornalista C: Algumas matérias o pessoal viaja, por exemplo rodovias e for uma matéria que vá render uma página e for uma matéria grande o pessoal viaja e faz, mas é mais quando é rodovia. No dia a dia, que é uma coisa mais policial, por exemplo, a rede é com os profissionais do interior. Nós entramos em contato com o *site* que publicou, pede a fotografia em alta resolução e o correto é você dar o crédito. Eu geralmente peço o crédito da pessoa que tirou e coloco também o crédito do jornal que publicou, só que assim, no próprio interior às vezes eles têm uma informalidade. Às vezes eles não tem o nome da pessoa que enviou, às vezes eles recebem pelo WhatsApp também. Então você entra em contato com o jornal, só que o jornal fala que recebeu de um morador, então não tem como você colocar crédito, então você coloca, sei lá, divulgação porque alguém mandou no WhatsApp em algum grupo e disseminou. Então assim tem ajudado muito isso do próprio leitor fazer foto, mandar.

Entrevistador: Vocês recebem imagens do interior?

Jornalista C: Recebemos. No impresso nem tanto, mas o pessoal do portal, porque assim a gente meio que faz junto o interior, então eles recebem no WhatsApp e aí a gente acaba usando se tiver uma resolução legal para a impressão, porque o que demanda no impresso é você ter um tamanho legal na foto, senão não adianta colocar. Então muitas coisas saem sem foto. Prioriza-se geralmente uma foto, que é o abre de página. E aí faz-se contato com o interior e com os leitores que mandam para os *sites* do interior e às vezes mandam para cá. Você tenta ainda achar algum morador da região, alguém que você conhece lá que pode mandar uma foto, um jornalista. Tem local, como por exemplo Três Lagoas, que você acha jornalista que pode te indicar alguém para mandar, em Corumbá. O contato é esse.

Entrevistador: E fotos ilustrativas, que são aquelas que retratam uma cena fora do contexto do fato que motivou a notícia, geral?

Jornalista C: Geralmente pegamos em assessorias quando é foto assim, por exemplo (fachada) prefeitura, entramos em contato com as assessorias e geralmente eles mandam.

Entrevistador: Nesse caso seria mais para preencher o espaço?

Jornalista C: Sim, às vezes você precisa. Por exemplo, o abre de página ele tem que ter foto. Então você tem que ir atrás. Ele só não tem foto em último caso que você substitui por um infográfico, se o assunto pede, ou você substitui por uma peça, que é aquele box com uma

informação a mais, mas foto, em geral, de divulgação, de agência, em interior não sai, geralmente. Sai ou foto que veio da cidade ou da prefeitura.

Entrevistador: E no caso não há nenhum termo que esses fotógrafos ou essas pessoas preenchem cedendo as imagens, mesmo em caráter gratuito?

Jornalista C: Não, geralmente eu mando um e-mail e nesse e-mail ele consente. Você explica que a foto será cedida e que os créditos serão devidamente colocados, mas isso é como funciona no impresso, no *online* eu realmente não sei.

Entrevistador: Em sua opinião, você acha que se criou uma cultura jornalística no estado em que os fotógrafos (amadores ou não), sentem-se lisonjeados ou simplesmente valorizados em verem suas imagens nos jornais da Capital e que por isso eles não se importam?

Jornalista C: É eu acho que é exatamente isso, eles acham que é uma espécie de divulgação, o que é, na verdade, errado. Às vezes eu acho que falta informação também do profissional que trabalha no interior. Pela falta de informação ele acaba vendo isso só como uma divulgação no Correio do Estado. Os próprios fotógrafos da Capital também não têm essa cultura. Se a própria Globo ligar e pedir eles cedem, não tem esse negócio de vender a imagem. Geralmente é uma coisa informal, você liga, pede, eles cedem. A prova que ele cedeu é o crédito.

Entrevistador: Ainda sobre o relacionamento com os jornais do interior, vocês aproveitam informações dos *sites* locais?

Jornalista C: Sim, aproveitamos. Geralmente a gente liga na redação para pedir uma foto e já pergunta alguma coisa, se o jornal foi (cobrir o fato), porque acontece muito de um jornal do interior replicar outro jornal do interior e até você achar quem deu primeiro... Mas, nós tentamos ir nas fontes. Nós lemos a matéria que ele deu e vamos atrás das mesmas fontes que ele foi. Eu por exemplo, estou fazendo uma matéria agora que foi a Polícia Federal que fez o flagrante. Eu ligo para a Polícia Federal e tento confirmar as informações que está no *site*, por exemplo as informações dadas pelos *sites* do interior elas ajudam no sentido de dar uma noção do que realmente aconteceu. Como você está longe, muitas vezes você pergunta e o policial não te fala tudo o que aconteceu, então você questiona o que o *site* está dizendo, ou seja, te ajuda na hora de você apurar.

Entrevistador: Geralmente, então, vocês vão além do que os jornais do interior estão dando?

Jornalista C: A orientação que nós temos é para ir além, mas no mínimo dar as mesmas informações que o *site*, confirmar as mesmas informações que o *site* do interior deu.

Entrevistador: E quando isso não é possível, vocês citam o *site* do interior como fonte?

Jornalista C: No impresso a gente não cita. Damos o crédito da foto. No *site* eles citam. No impresso, comigo nunca aconteceu. Se eu não consigo apurar a gente não dá. Se eu não conseguir falar com ninguém, não confirmar. Tem uma coisa que a gente usa muito é o *Sigo* também. Se é algo relacionado à Polícia Civil a gente pega e aí não precisa creditar ninguém, usa a fonte como Polícia Civil. Então o *Sigo* ajuda muito, mas geralmente se a gente não consegue apurar, no meu caso, a gente não dá se não conseguir confirmar as informações.

Entrevistador: Qual a importância do *Sigo* na cobertura do interior?

Jornalista C: Eu acho que é a única ferramenta que aproxima a gente do interior, o problema é que ajuda a estigmatizar essa questão da polícia, como se no interior só houvesse assassinato, mas faz toda a diferença, é uma ferramenta indispensável, principalmente no fim de semana, quando está de plantão. É uma fonte oficial, que ninguém vai questionar. É muito diferente de você ouvir alguém que está morando no interior, é uma informação oficial, então faz toda a diferença, mas te limita. Às vezes você tem o boletim de ocorrência, se acomoda e não vai muito a fundo, aprofundar mais, ligar lá, conversar com alguém envolvido. O problema da fonte oficial, que eu acho, é que você limita as suas fontes. Você não ouve os envolvidos, você não questiona os envolvidos e fica naquele básico da fonte oficial.

Entrevistador: Existe alguma orientação de, a partir do BO, entrarem em contato para pegar alguma informação que não está no registro?

Jornalista C: É uma orientação que a gente recebe, tentar ligar, tentar falar. Isso é meio complicado por causa do regime de plantões (da polícia). Às vezes o BO entrou no *Sigo*, você liga e já é outro delegado que não sabe mais nada sobre aquele assunto, mas geralmente a gente liga, porque interior todo mundo sabe um pouquinho de tudo, pelo tamanho da cidade, ou então te dão o telefone da pessoa que atendeu a ocorrência. Tem essa informalidade e com isso é mais fácil apurar, mas a orientação é que a gente tente ir um pouco mais a fundo. O que nós fazemos muito no impresso, que a matéria tem que ser mais consistente, nós não pegamos só um fato. Por exemplo teve morte, que outras mortes tiveram? Vamos dar um balanço das mortes que tiveram no interior? O *Sigo* ajuda bastante nisso, fazer o balanço, se teve tantos homicídios, ou nas estradas tiveram tantos acidentes, então a gente tenta juntar para dar um material mais consistente, mas aí você tem que confirmar. O *Sigo* ajuda a fazer mais rápido esse levantamento.

Entrevistador: No caso das equipes das delegacias, tanto delegado, como escrivão e investigador podem ser usados como fonte?

Jornalista C: Pode, geralmente Polícia Civil não tem restrição, mas alguns casos sim, por exemplo eu liguei na Polícia Federal de Naviraí agora há pouco e quem atendeu disse que não estava nessa ocorrência e que não poderia passar informações, mas aí é uma limitação da corporação, às vezes não pode passar o telefone do delegado, é uma coisa que a gente tenta insistir. É muito difícil, a não ser que seja um caso muito grande, é muito difícil a gente dar um fato pequeno sozinho. Nós tentamos fazer esse balanço.

Entrevistador: Levando em consideração o *Sigo* como fonte oficial e os *releases*, tendo em vista o alto uso desse tipo de recurso, você acha que isso torna a cobertura plana, ou seja, ao não ouvir as pessoas do povo, deixa de ir além?

Jornalista C: Com certeza, quando você tem uma fonte só simplifica bastante a cobertura.

APÊNDICE D – Entrevista com Jornalista D, da equipe do *Portal Correio do Estado*

Entrevistador: Quantos jornalistas hoje tem a equipe do *Portal Correio do Estado*?

Jornalista D: Jornalistas são nove e dois estagiários

Entrevistador: Existe reunião de pauta no *site*?

Jornalista D: Nós não temos uma reunião de pauta específica do *site*. O que acontece é que tem o editor da manhã e tem o editor da tarde. Tem a equipe completa, editor, subeditor, repórteres e estagiários também. E a tarde também, a mesma coisa. Até a gente é bem integrado com o impresso, então o *online* também participa da reunião de pauta do impresso. O que acontece é que a gente acaba tendo não uma reunião de pauta, mas a gente conversa muito, por exemplo eu com o editor da manhã, com os próprios repórteres tem essa integração. Não tem reunião de pauta, mas tem essa integração, a gente sempre conversa. Por exemplo, de manhã terminou o período da manhã eles sempre passam um relatório de pendências, a gente tem um banco de pautas que a gente vai produzindo, mas não tem reunião de pauta mesmo, específica.

Entrevistador: Isso se deve ao fato de o *site* não ter espaço limitado como o impresso?

Jornalista D: Tem isso. Na reunião de pauta eles (do impresso) definem o que vão trabalhar, o que não vão. Já no *site* não tem esse tempo.

Entrevistador: O *site* trabalha com minutagem?

Jornalista D: Não é regra, não existe uma regra engessada, mas a gente tem assim, a gente trabalha com alguns prazos durante a semana e fim de semana, mas não é nada engessado “a cada dez minutos tem que colocar”. Por exemplo, de manhã às vezes tem até um volume maior e às vezes tem notícia de quinze em quinze (minutos). A gente tenta não ultrapassar um limite, mas não é uma coisa engessada. Durante a semana é quinze, dá uma tolerância de vinte, não passa de vinte. No fim de semana até trinta às vezes, mas não passa disso. Às vezes dá um intervalo de quinze, às vezes um intervalo de cinco. Não é uma coisa engessada, entendeu? Mas, não passa disso, de quinze a vinte.

Entrevistador: A cobertura do *Portal Correio do Estado* sobre o interior serve para que as pessoas de Campo Grande saibam o que se passa no interior ou para as pessoas do interior saberem o que se passa na cidade delas?

Jornalista D: O *online*, para dizer bem a verdade, somos muito ligados a essa questão do acesso. Hoje o nosso acesso, porque assim, a gente tenta publicar, lógico, tem os assuntos que você sabe, acha que é interessante, sabe que é necessário publicar, mas sabe também que não

vai dar uma leitura assim tão grande, mas você publica, não é uma coisa que você vai descartar, mas hoje, querendo ou não, a maior parte dos leitores são de Campo Grande. Hoje, no portal, a gente tem, que seria um programa que a gente tem feito, umas técnicas, que é justamente para conseguir mais leitores do interior, que é o nosso objetivo. Hoje é mais Campo Grande. Querendo ou não a maior parte (dos leitores) é de Campo Grande. Então justamente nisso a gente tem feito um padrão e até criamos no *site* algumas páginas, não sei se você chegou a ver, que tem lá uma página específica de Três Lagoas, Ponta Porã, Corumbá, Dourados, que esse é o objetivo, então a gente, não sei te dizer agora, mas há cerca de um ano mais ou menos e intensificou esse ano. Temos colocado notícias, mesmo que não tão “nossa, essa notícia vai dar muito acesso”, mas tentado colocar, em um intervalo x de período determinado certa quantidade de notícias pelo menos desses polos, que seria Dourados, Três Lagoas, Corumbá, Ponta Porã para justamente angariar mais interior. Hoje realmente nosso foco é fazer pro interior ler, que o nosso foco é pegar mais leitores do interior.

Entrevistador: No caso dessas páginas específicas das cidades do interior, o sistema de vocês organiza elas automaticamente ou vocês que montam?

Jornalista D: Tem a manchete e tem os destaques. Normalmente você vê uma manchete vai ficar sempre a mais recente, só que a gente consegue definir os de baixo. Tem duas colunas, a da direita e da esquerda e a gente consegue colocar o que vai em cada uma delas, mas a manchete normalmente está hoje a mais recente

Entrevistador: E vocês tentam estabelecer como meta trocar essa capa do interior diariamente?

Jornalista D: A gente tem colocado, a gente tem uma meta que varia de cada cidade. Por exemplo, até Campo Grande mesmo. A meta é assim, não é uma coisa específica, então é, por exemplo, eu tenho o ideal, que seria Campo Grande ter uma notícia a cada 15 minutos, Dourados, o ideal é ter uma notícia a cada hora, Ponta Porã, uma notícia a cada duas horas, então a gente tem essas metas assim e eu vou te falar, não é fácil, porque realmente de Campo Grande você conseguir informações e fazer uma matéria do interior é um pouco complicado, mas nós temos tentado bater.

Entrevistador: Vocês enviam repórteres para o interior?

Jornalista D: Pouco. Só quando tem alguma questão muito assim. É bem pouco.

Entrevistador: Qual assunto que com certeza seria coberta *in loco*?

Jornalista D: Não sei se dá para falar algum evento específico, teria que ser um evento assim que vai render um material a nível nacional, igual a queda do avião do Luciano Huck, se fosse no interior, com certeza.

Entrevistador: Levando em consideração as instâncias Interior, Capital, Estadual, Nacional e Internacional, como você as organizaria em ordem de importância?

Jornalista D: Como eu te falei, a gente trabalha muito com a questão do acesso e a maior parte dos leitores que leem a gente hoje está em Campo Grande, então a nível de importância ficaria até próximo Campo Grande ou estadual, porque estadual também influencia em Campo Grande, mas esses dois Campo Grande e estadual e depois interior.

Entrevistador: E entre Nacional e Internacional, qual viria primeiro?

Jornalista D: Nacional.

Entrevistador: No caso das notícias nacionais e internacionais, os resultados da pesquisa mostram que vocês pegam bastantes matérias de *sites* nacionais. Existe um horário que vocês usem mais esse recurso?

Jornalista D: Sim. De manhã a gente não usa muito. O que a gente pega de Nacional de manhã são aquelas coisas realmente “oh”, como “Governo Federal decidiu baixar um decreto, tem uma nova lei”, alguma coisa nesse sentido, então a gente utiliza mais a tarde e a noite, porque a gente tem uma programação. O *site* não para e vai até meia noite e depois de madrugada entram as chamadas do jornal, então, por exemplo, aqui a gente tem equipe até 20h30, então a partir daí a gente programa matérias nacionais.

Entrevistador: E vocês têm um *feedback* dessas matérias nacionais e internacionais em termos de leitura? Porque de certa forma a pessoa pode tanto entrar no *site* nacional quanto acessar o *Portal Correio do Estado*.

Jornalista D: Então, tem gente que entra no Terra, no UOL, mas também tem muita gente que está no nosso e lê, então a gente tem um *feedback* muito bom. Muitas vezes tem notícias nacionais ou até mesmo internacionais que no dia acabam ficando entre as mais lidas, tem um retorno bom.

Entrevistador: Então a gente pode dizer, então, que o *Portal Correio do Estado* é falar para as pessoas de Campo Grande e Mato Grosso do Sul o que se passa não só a nível local, mas nacional e internacional?

Jornalista D: Sim. Esses dias mesmo eu coloquei uma (notícia) sobre o Estado Islâmico que tinha feito uma ameaça relacionada ao Brasil e foi uma das mais lidas. E todos aqui comentam notícias nacionais e até internacionais. Então a gente não pode ignorar isso.

Entrevistador: Qual sua opinião sobre a importância da cobertura sobre o interior?

Jornalista D: Primeiro, a gente até, como o próprio nome diz, é Correio do Estado, então nosso foco, desde antes de ter *online*, no jornal impresso, ele vai para todo o interior e o *online* também, só que nós estamos em Campo Grande. Então o que acontece, a importância é o seguinte: eu vejo que há uma conexão entre Campo Grande e o interior. As pessoas, querendo ou não, estão muito conectadas, então muita gente do interior quer saber sobre Campo Grande ou porque conhece alguém ou porque vem direto para Campo Grande, seja para fazer exame, para passear, para comprar, seja porque o que acontece em Campo Grande também influencie no interior, assim como de Campo Grande para o interior também, muita gente sai daqui e vai passar o fim de semana, tem família, às vezes o que acontece no interior de alguma forma impacta na vida dessa pessoa. A questão do estado é muito forte, por mais que tal cidade esteja a 400 quilômetros de distância, mas ela vai te influenciar de alguma forma. Você tem uma conexão com aquela cidade, então eu percebo que a gente coloca notícia do interior, e por mais que seja do interior, a pessoa daqui de Campo Grande entra e comenta. “Olha, não acredito. É aqui em Mato Grosso do Sul?”.

Entrevistador: Existem comentários de outros estados?

Jornalista D: Tem bastante também. Nós vemos principalmente pelo Facebook. O pessoal comenta, então às vezes acontece e o pessoal comenta. É incrível isso. Às vezes é um caso do interior, não sei se tem ligação com aquela cidade, ele comenta, acha interessante, para ele é interessante.

Entrevistador: E como você explicaria um dos resultados da pesquisa que aponta que a quantidade de matérias nacionais ela supera a quantidade de matérias sobre o interior, principalmente puxado pelos assuntos de Política e Esportes, que são os grandes assuntos nacionais que o *Portal Correio do Estado* publica?

Jornalista D: A questão do Esporte é uma questão específica. Que realmente, querendo ou não a gente tem uma produção muito baixa regional e Esporte a gente tem tanto na nossa capa do *site* sete matérias na capa de Esporte fixas e você tem que trocar. E com o *online* você tem uma demanda grande e a gente tem uma equipe pequena, se comparado aos outros, e não temos condições de deixar um ou dois repórteres cuidando e produzindo Esporte local, alguma coisa local de Esporte. Então na questão do Esporte a gente pega praticamente tudo, como você tem sete notícias e de manhã você troca várias e de tarde troca mais e tem que ficar o tempo todo trocando, então é muita matéria e você pega praticamente tudo nacional, até porque o apelo, tem a questão de acessos e tudo mais, é maior, a questão nacional. E

Polícia, que já é outra questão, não sei exatamente qual o período que analisou, mas Política é parecido, porque aqui a produção local de Política é pequena, nossa aqui do portal, ainda mais agora, pelo menos esses tempos recentes, percebi que a gente, nacionalmente falando, estão surgindo notícias de interesse, que as pessoas estão se interessando.

Entrevistador: Nessas coberturas nacionais, existe algum momento em que vocês pegam um fato e tentam dar a ele um viés local?

Jornalista D: Acontece. Quando acontece assim a gente sempre tenta, agora, foi em Bruxelas, que teve ataque, a gente falou, conversou, fizemos algumas matérias com gente daqui que tem familiares lá. A gente tenta, sempre dá, um evento grande, que chama muito a atenção a gente tenta, nem sempre dá, mas a gente tenta, sempre que puder, regionalizar, pegar alguém daqui que está lá, a gente faz.

Entrevistador: Voltando à questão do Esporte, você comentou que a produção dessa editoria é baixa, isso se deve à linha editorial do jornal?

Jornalista D: O impresso tem uma editoria de Esportes, ele tem lá um dois repórteres que fazem e mesmo assim é pequena. Para nós do *online*, não fazemos seria mais ou menos isso. Não tem aquele costume, aquela cultura de mexer com esporte. Até mesmo nacional a gente mexe, coloca lá, mas não é o forte.

Entrevistador: O forte da cobertura do portal seria na área de Cidades?

Jornalista D: Isso, área de Cidades. Ultimamente Política também.

Entrevistador: Mas vocês têm repórteres específicos de Política?

Jornalista D: Então, agora a gente tem, de manhã, um repórter que sempre acompanha a Câmara e a Assembleia, mas é pouco, se for comparar com Nacional é pouco. Esporte a gente não tem, quando às vezes surge alguma coisa que a gente acha interessante a gente até faz, as Esporte é mais incentivado por assessoria, a gente ter aquela intenção de cobrir, agora Política não, a gente tem um repórter de manhã que cobre a Câmara, quando tem, Assembleia, então de Política a gente tem uma cobertura, mas por exemplo, a gente não fica desdobrando e redobrando, a gente vai mesmo se tem um fato bom, interessante, a gente dá, mas não fica aquela cobertura ampla.

Entrevistador: Um dos resultados da pesquisa mostra que a maior parte das matérias do Portal está na editoria de Cidades. Por que você acha que isso acontece?

Jornalista D: Basicamente pela facilidade de fazer, como até falei anteriormente, a gente que está aqui em Campo Grande vai produzir uma matéria econômica, política, é uma coisa mais específica. Para você produzir uma matéria de Cidades, se você entrar por exemplo no *Sigo*,

vê um BO do interior, já dá uma nota, por exemplo, se você fizer, igual a gente faz muito, baseado em *site* do interior, às vezes a gente até entra em contato, liga para ampliar alguma coisa, o que a gente mais tem nesses *sites* do interior é questão de Cidades e Política a gente sempre fica com um pé atrás para soltar alguma coisa de Política do interior. É pela facilidade e pela demanda bem maior.

Entrevistador: Você citou essa questão dos jornais do interior, como é o relacionamento da equipe do portal com esses veículos de comunicação? Vocês retextualizam o que eles escrevem ou vocês só usam a matéria deles como base para apurar, ir além ou pegam o material que eles deram e colocam no *site*?

Jornalista D: Tem essas duas formas que você citou são as principais, que é retextualizar e usar como fonte para apurar. A princípio, quando a gente se depara com uma matéria interessante no interior, a princípio, não vamos dizer assim a ordem, mas o primeiro passo é entrar em contato, ligar para alguém lá e pegar mais alguma coisa, mas quando isso não acontece por algum motivo de tempo, ou até mesmo se for uma questão urgente, um factual urgente, aí a gente faz essa retextualização. A gente tenta não fazer sempre.

Entrevistador: Copiar na íntegra o texto, mesmo citando a fonte?

Jornalista D: Antigamente fazia mais, mas depois a gente ampliou a equipe e é difícil isso acontecer.

Entrevistador: Qual a importância do *Sigo* na cobertura de vocês?

Jornalista D: É como eu até falei, ele é o que facilita, porque é o sistema que você abre e vê os boletins de ocorrência do estado inteiro. Muitas vezes é o primeiro passo para você encontrar (as informações), porque você perguntou por que não fazemos cobertura econômica, nós estamos em Campo Grande e para saber o que eu vou falar de Ponta Porã, ou alguém vai te falar que está acontecendo isso ou aqui, a gente não mora em Ponta Porã, eu não tenho parente, ninguém da equipe tem, a gente não tem esse acesso do que está acontecendo lá pra gente fazer matéria. “Ah, tem uma obra que está assim...”, “Vamos fazer sobre a parte econômica porque o costume lá, eles estão comprando mais, comprando menos...”, a gente não tem esse acesso e por isso que é mais difícil e por isso que a questão de matérias de Cidades acaba sendo mais fácil. O *Sigo* é um acesso ao que está acontecendo no município. “Olha, aconteceu um sequestro, um assalto, alguma coisa assim”, então vai ser o *site* do interior e o *Sigo* que vão te dar esse acesso ao que está acontecendo lá, então eu já sei o caminho, o que nós vamos fazer.

Entrevistador: Vocês retextualizam o boletim de ocorrência ou existe alguma regra para ligar para delegado, tentar pegar uma informação que não está no BO?

Jornalista D: Hoje é meio dividido isso. A princípio a gente pega o boletim de ocorrência, ele tem todas as informações. Depende também do caso, se for um caso simples, que dá para entender bem a gente usa mais o que está no boletim, mas em muitos casos a gente sempre tenta ligar na delegacia, pegar alguma coisa a mais, descobrir ou explicar melhor aquela história, para ver se teve algum desdobramento, mas não é sempre que isso é feito.

Entrevistador: Outro resultado da pesquisa aponta, com relação à temática da cobertura, predominaram textos sobre violência, não apenas homicídios, mas mortes no trânsito e também crimes, como roubos, furtos e tráfico de drogas. Por que você acha que isso acontece? Tem mais leitura?

Jornalista D: Essa é uma questão bem polêmica. O crime, a violência em geral choca todo mundo, qualquer um, ao se deparar com uma notícia de morte, por violência, é motivo de choque, todos se espantam de alguma forma se interessam porque faz parte da nossa realidade. E sim, dá muito mais leitura, com certeza, então como eu te falei, é muito mais fácil você fazer uma matéria assim de violência até para mostrar a realidade. Infelizmente a nossa realidade é essa, tanto que se você for olhar na nossa capa, bom, pelo menos eu evito sempre chamar só matéria de violência. Às vezes é inevitável, mas pelo menos tento equilibrar com alguma coisa. Se tem uma matéria de morte ou acidente, colocar uma matéria às vezes econômica, um serviço para equilibrar.

Entrevistador: Uma vez que vocês conseguem mensurar o acesso mesmo sem índices de audiência, por meio das redes sociais, essas matérias realmente têm mais leitura em relação às outras, ou mais curtidas, comentários e compartilhamentos?

Jornalista D: Em geral sim. O perfil do leitor, às vezes você se surpreende, então hoje, nesses últimos meses, principalmente do ano passado para cá tem mudado bastante, principalmente coisas políticas têm dado muita visualização, mas violência ainda é o que as pessoas mais comentam e compartilham. Isso é verdade.

Entrevistador: E com relação às fotos, como vocês do portal fazem para obter as imagens que acompanham as notícias do interior?

Jornalista D: Os próprios jornais locais, em geral a gente tenta trabalhar com parceria. Alguns eles não aceitam essa parceria e já impediram a gente, dizendo que não querem que publiquemos fotos nem com crédito e nem cita o jornal, aí a gente não cita, não usa. Mas em geral, a gente não tem freelancer ou coisa assim, então no geral é na parceria mesmo. Se a

gente precisa de alguma foto do interior a gente liga no *site* local, dependendo do caso, alguns cobram, a gente compra, dependendo do caso, mas no geral é na parceria mesmo. Às vezes a gente pede mais eles passam, mas basicamente, 90% é na parceria. O rapaz do interior manda e pede para dar o crédito. Eu entendo assim e eles entendem também é bom para eles, logicamente sempre dando o crédito.

Entrevistador: E como esse contato é formalizado, existe algum termo de cedência gratuita?

Jornalista D: É só por telefone mesmo, às vezes eles mandam por e-mail, ou pelo WhatsApp, então fica registrado que ele autorizou, mas não é nada formal não.

Entrevistador: Vocês recebem informações sobre o interior pelo WhatsApp?

Jornalista D: Sim.

Entrevistador: Com que frequência?

Jornalista D: Então, pelo Facebook também e pelo WhatsApp também a gente recebe até bastante, porque querendo ou não o número (de sugestões) é bem menor em relação a Campo Grande, mas é porque as cidades são menores, mas têm leitores em todas as cidades maiores, pelo menos assim do estado têm muito leitor.

Entrevistador: Mas a gente pode dizer que diariamente vocês recebem pelo menos uma sugestão do interior?

Jornalista D: Até mais de uma

Entrevistador: E como que vocês trabalham as sugestões que chegam pelo WhatsApp?

Jornalista D: A única diferença de quando é aqui de Campo Grande é que a gente não pode, muitas vezes, ir ao local (dos fatos), então às vezes tem essa dificuldade a mais, então você tem que ligar, às vezes pegar um contato, ligar para um, para outro, mas assim como as de Campo Grande a gente sempre dá uma filtrada, avalia se rende uma matéria ou se não vale.

Entrevistador: Mas no produto final, tem como diferenciar uma matéria que foi por sugestão de um internauta de uma matéria de BO ou *release*?

Jornalista D: Normalmente quando é do WhatsApp a gente procura sempre citar que foi enviado por leitor pelo WhatsApp e a gente sempre coloca embaixo. Às vezes pode ter algumas pessoa que esquecem, mas no geral a regra é essa, colocar embaixo o canal do WhatsApp para incentivar outras pessoas a enviarem também.

Entrevistador: Com relação a citação das fontes nas matérias, existe algum padrão, a empresa exige que esteja claramente citada? Porque algumas matérias, eu consigo subentender que é *release* olhando o crédito da foto, mas nem sempre vem escrito “segundo

informações...”, constrói-se o texto e acaba-se omitindo. Existe alguma orientação para que isso não aconteça?

Jornalista D: Isso acontece por questão da agilidade. Às vezes saem uns erros que a gente acha absurdos, mas a orientação geral tem uma padronização mesmo, pelo menos para *sites* do interior, você sempre vai citar. A orientação é essa e sempre no texto “segundo informações do *site* tal”, sempre eu procuro orientar assim. A orientação, no geral, é essa. Como você citou, pode acontecer, não vou falar que não, mas a orientação geral é sempre citar. “Por meio de sua assessoria a prefeitura informou tal coisa”. Às vezes a gente também até tem usado “Informou ao *Portal Correio do Estado* tal coisa”, às vezes não é tanto pela questão da exclusividade, mas dá aquela ideia de que a gente foi atrás e eles falaram para a gente.

Entrevistador: Quais são os mecanismos que vocês têm para reduzir ao máximo as chances desse tipo de erro?

Jornalista D: A gente como editor, pelo menos as matérias que entram na capa, que damos um destaque maior, procuramos ler todas, agora às vezes é difícil, estão lá para serem liberadas dez matérias e a equipe é pequena então às vezes sobra um pouco para o editor fazer alguma outra coisa além, às vezes até apurar alguma coisa, mas a gente sempre reforça, porque você percebe que o repórter faz uma matéria e já salvando naquela agilidade acontecem os erros. Só dele parar para reler com calma e salvar a matéria, dar uma relida, já melhora bastante.

Entrevistador: O repórter que publica sua reportagem ou ela passa pelo crivo do editor?

Jornalista D: Não tem uma regra. Eu particularmente a tarde, a maioria das reportagens passa pelo editor, então dificilmente. De manhã não posso dizer porque é outro editor que está, não existe uma regra geral da empresa. Acaba ficando meio que a cargo de cada editor. Aqui comigo, que sou da tarde, funciona mais ou menos assim. Tem essa conversa. De manhã eu sei que a outra editora procura ler também.

Entrevistador: Vocês fazem reuniões periódicas de avaliação?

Jornalista D: A avaliação a gente não tem feito. Não tem uma regra, até eu acho uma coisa interessante, no impresso eles começaram a fazer isso de novo. Tem um escolhido que analisa o que faltou. O que a gente faz é um ajudar o outro. Manda um e-mail, fala, faz uma reunião às vezes.

Entrevistador: O fato de a equipe em Campo Grande cobrir o interior é um fator limitador?

Jornalista D: Com certeza, porque não adianta, quando você tem a equipe em campo, no local que está acontecendo o fato da reportagem você sempre vai conseguir elementos a mais na sua matéria. Às vezes o repórter vivenciando aquela matéria ele vai conseguir descrever melhor, falar melhor. De longe você fica limitado.

Entrevistador: Em Três Lagoas tem uma correspondente, ela faz matérias para o *site* também?

Jornalista D: Faz.

Entrevistador: Como é o contato com ela, vocês pedem ou ela sugere?

Jornalista D: Quando tem demanda daqui a gente pede, mas a princípio o que mais acontece que ela sugere.

Entrevistador: Ela sugere para o impresso e vocês aproveitam ou ela sugere direto para vocês?

Jornalista D: Depende do material. Tem material que o impresso pede e ela faz direto para o impresso, tem material que ela sugere direto pra gente. Os dois lados.

APÊNDICE E – Entrevista com Jornalista E, da equipe do *Portal Correio do Estado*

Entrevistador: A cobertura sobre o interior do *Portal Correio do Estado* serve para que as pessoas de Campo Grande saibam o que se passa no interior ou para que as pessoas no interior saibam o que se passa na cidade delas?

Jornalista E: A primeira opção, Campo Grande saber o que acontece no interior do estado porque os veículos do interior cada um tem a responsabilidade de transmitir o que acontece em cada município então a pessoa que acessa aqui quer saber o que acontece aqui, no interior, na região, assim como em todo o Brasil e o mundo.

Entrevistador: Por que é importante um jornal estadualizado como o Correio do Estado ter uma boa cobertura sobre o interior?

Jornalista E: Porque esse jornal tem 64 anos, é o maior e melhor jornal do estado, isso não sou eu quem digo é a população, pesquisas, enfim, o jornal Correio do Estado é conceituado, então ele sendo o primeiro do estado ele tem por obrigação ter qualidade na informação que ele passa.

Entrevistador: Das cinco instâncias de cobertura Interior, Capital, Estadual, Nacional e Internacional. Como você as organizaria em ordem de importância?

Jornalista E: Primeiro Municipal, que você vive, depois acho que estadual depois do interior, nacional e por aí vai. Porque primeiro aqui. Assim também depende, tem notícia internacional que é relevante para o mundo inteiro, tem notícia nacional que é relevante para Campo Grande também, mas na maioria das vezes é essa a ordem.

Entrevistador: Existe relação entre a cobertura do interior no *Portal Correio do Estado* com o porte econômico das cidades? Vocês procuram dar notícias sobre as maiores cidades?

Jornalista E: Não. Todas têm o mesmo valor, mesmo porque não é por valor de cada cidade, mas pelo que acontece em cada uma delas, pelo valor do que acontece e não pelo valor da cidade em si. Se alguma coisa acontecer em Campo Grande e a mesma coisa acontecer no interior isso não quer dizer que vai ter mais importância porque é capital e sim a notícia.

Entrevistador: A pesquisa aponta que a maioria dos textos sobre interior corresponde à editoria de Cidades. Por que isso acontece?

Jornalista E: Porque são matérias de curiosidade, não são matérias específicas como Economia e Política. São matérias diversas. Mesmo porque editoria de Cidades é muito ampla e não dá para você, por isso talvez acabe sendo a maior, a mais lida, pelos acontecimentos em si até chamarem mais atenção o que a própria editoria de Política ou Economia, Cultura.

Entrevistador: Mas vocês vão atrás também de notícias de Política e Economia?

Jornalista E: Também vamos, mas a editoria de Cidades, como engloba, é muito ampla, acaba sendo maior dentro do *site*.

Entrevistador: Dentre as matérias de Cidades há predominância de assuntos policiais, não só homicídios, mas mortes no trânsito e crimes, como roubos, por exemplo. Por que isso acontece?

Jornalista E: Porque eu acho que chama a atenção do leitor. A própria população, o próprio leitor, as próprias pessoas já estão, infelizmente, acostumadas, entre aspas, com a tragédia. Então isso acaba chamando muito mais a atenção e também porque acontece muito mais coisas desse tipo como por exemplo coisas bem sucedidas, como uma mulher que eu à luz e passa bem. Infelizmente as tragédias chamam mais a atenção do que as notícias boas.

Entrevistador: Com relação às fotos, como que vocês procedem para pegar uma foto para ilustrar uma matéria do interior?

Jornalista E: Do interior a gente pega do próprio interior mesmo, dos veículos de comunicação do interior, os que a gente tem autorização, e a gente credita o nome do fotógrafo, do jornalista ou da pessoa que fez a foto e o veículo de onde foi tirado.

Entrevistador: Como é a negociação para obter essa foto?

Jornalista E: Olha, como eu estou há pouco tempo no portal não sei como procede isso. Faz uns dois meses que eu fui para o portal, eu estava no impresso, mas nos outros veículos onde eu trabalhei nunca precisei de autorização. A partir do momento que você credita o nome da pessoa está valendo.

Entrevistador: Com relação aos jornais locais (do interior), existe o aproveitamento de informações?

Jornalista E: Com certeza, tipo aconteceu um roubo lá em Coxim e aí está lá no Coxim. Agora, aí eu vou lá no Coxim. Agora pego todas as informações, na maioria das vezes a gente liga para pegar mais informações, porque a gente tem sempre que estar querendo mais, a gente tem isso, se deu aquilo, a gente quer um pouquinho mais, uma novidade, um diferencial e não apenas dar o que aquele veículo já deu, então a gente sabe que está ali, tem o nome da fonte, tipo Prefeitura de Coxim, então a gente vai atrás da Prefeitura de Coxim. É um meio para a gente se basear e conseguir até uma matéria melhor do que a que eles fizeram, com mais informação.

Entrevistador: Qual a importância do *Sigo* na cobertura sobre o interior?

Jornalista E: O *Sigo* é fundamental para a gente saber, fazer as matérias de polícia. Tudo o que acontece de polícia é dali que a gente pega.

Entrevistador: E como vocês procedem com o *Sigo*, transformam o BO em nota ou existe um padrão de ligar para o delegado, para o escrivão para pegar mais informações?

Jornalista E: Na maioria das vezes a gente transcreve o que está no BO. Faz a notinha. A gente só liga assim por exemplo para fazer uma sequência, um suíte, por exemplo ver o que deu esse caso, o que não deu, ou se ficou alguma uma dúvida ou para complementar alguma informação, mas na maioria das vezes só faz a notinha e pronto. Não tem costume de ligar para delegado, mesmo porque às vezes é difícil e muito corrido pra gente, se formos ficar ligando para todos os delegados que tiverem um BO ali para fazer matéria, uma nota, a gente precisa de uma equipe enorme.

Entrevistador: Existe minutagem?

Jornalista E: Aproximadamente 10 a 15 minutos no máximo 20 entre uma nota e outra, podendo ser uma nota nacional, internacional, enfim.

Entrevistador: E de que forma isso influencia na cobertura sobre o interior?

Jornalista E: Não influencia, como a gente tem até que uma equipe grande hoje em dia, enquanto um está fazendo aquele BO os outros estão correndo atrás de preencher o espaço no *site*. Então com a mesma qualidade que a gente vai fazer aquela nota do interior a gente vai fazer a nota daqui, ou de lá. Isso de tempo não interfere. Eu posso ficar três horas fazendo, apurando para fazer uma matéria do interior como eu posso ficar três horas para fazer uma daqui da Capital.

Entrevistador: Com relação ao WhatsApp, vocês recebem sugestões do interior?

Jornalista E: Sim, recebemos, porque hoje em dia o WhatsApp facilita muito porque tem muitos grupos, inclusive do interior. Inclusive nos grupos da Capital muitos jornalistas do interior acabam enviando não só as pautas, mas como as próprias matéria prontas para a gente ter como base e refazer para publicar no portal.

Entrevistador: Mas os internautas do interior, eles usam essa ferramenta também?

Jornalista E: Olha, eu não sei te dizer, porque como é a menina estagiária que cuida do telefone do portal, eu não vou saber te dizer se é mais do interior, se é mais daqui. Eu sinceramente, ela que fica com o número do portal e repassa. Eu não sei.

Entrevistador: Sobre a questão da violência, no caso do *site* vocês têm uma vantagem de ter o *feedback* da leitura por meio de compartilhamento em redes sociais e comentários nas

matérias. Vocês notam que a cobertura de casos policiais têm mais retorno do que uma política ou econômica?

Jornalista E: Com certeza. Acho que a Política também, mas a editoria de Polícia com certeza atinge mais diretamente o emocional, psicológico do leitor e faça com que ele tenha vontade de interagir.

Entrevistador: Como é o uso do *release* na cobertura de vocês?

Jornalista E: O *release* é uma sugestão de pauta, por exemplo agorinha mesmo antes de vir aqui eu estava no telefone. Recebi um *release*. A matéria estava prontinha e lá no *release* tinham dois telefones. Então a gente pega os contatos que o *release* manda, lê o assunto para se inteirar do que está sendo tratado e mesmo diante daquele assunto você vai ligar para que a pessoa conte a versão dela. Então o *release* é mais para a gente se basear mesmo e ter uma sugestão de pauta, e não só sugestão, mas as próprias fontes ali discriminadas no próprio *release*.

APÊNDICE F – Entrevista com Jornalista F, da equipe do *Estado Online*

Entrevistador: Você trabalha no *site* desde o início dele?

Jornalista F: Não, no Jornal O Estado estou desde 2008, era repórter de Esportes. Pelo tempo de casa e experiência fui para o *site* em fevereiro, recentemente. A equipe do *site* do jornal, e acredito que no Correio do Estado seja a mesma coisa, é menor, somos hoje três repórteres pela manhã e dois a tarde, comigo dá seis pessoas, contando com dois estagiários, repórteres mesmo são quatro, com dois estagiários são seis. A gente conta com ajuda da redação também, para desenvolver todas as pautas, porque duas pessoas não têm como desenvolver sozinhas todas as pautas. O *site* fica mais responsável pelo factual, que é acidente, o que aconteceu na Câmara ou na Assembleia, o assunto do dia, e a gente tenta trazer as nossas matérias diferentes das pautas do jornal. O jornal trabalha com as pautas dele e nós trabalhamos com as nossas pautas e no final, quando sai no expediente do jornal, o que a gente não publicou no dia passado a gente utiliza hoje. O jornal se baseia mais em Cidades e Política. Economia, por exemplo, teve um feirão agora de imóveis, a gente não cobre, mas quem cobre é Economia (impresso) e a gente utiliza o material que saiu no jornal que saiu publicado e a gente utiliza no dia seguinte no *site*. Esportes e Artes a mesma coisa. Quando há editorias específicas a gente utiliza o material deles.

Entrevistador: A empresa exige formação em Jornalismo?

Jornalista F: Com certeza. Nós somos uma redação muito nova, jovem, vamos dizer assim. Não tem muita gente acima de 30 anos.

Entrevistador: Trinta anos de idade ou de carreira?

Jornalista F: De idade. O jornal tem 15 anos. Acho que na redação hoje, de idade, tem quatro ou cinco acima de 30 anos, e dois deles são editores. Então é uma coisa nova, os repórteres são novos. A maioria deve ter de dois a três anos de profissão.

Entrevistador: O *site* tem quantos anos?

Jornalista F: O *site* completa em agosto, no aniversário de Campo Grande, dois anos apenas.

Entrevistador: Embora você não estivesse no *site*, mas no impresso, saberia me dizer como que foi essa abertura da empresa para a internet?

Jornalista F: Nós começamos, na minha visão, tarde, porque na hora que começou a pensar em *site*, muitos outros já existiam. Antes, nossa página era apenas a página do Jornal O Estado com o *pdf* do jornal, isso desde 2010 tinha isso, de 2010 a 2014 e era isso. O Correio já tinha uma plataforma de notícias, mas pouco usada. O Correio foi um dos que influenciou.

Surgiu o Capital News, na época não tinha o TopMídia, mas tinha o Campo Grande News e o Midiamax ganhando espaço muito maior. O que o jornal pensou? Vamos abrir um *site* menor utilizando materiais do jornal, tanto que na abertura do *site* tinha apenas três pessoas: o editor, um repórter de manhã e um de tarde. Com o tempo, com a necessidade também de ganhar espaço no mercado, e hoje é uma luta do jornal, porque o jornal tem um nome, o *site* não tem, então como a gente entrou de vez no mercado? Com vídeos. Tanto que as publicações de vídeos, a gente iniciou em outubro do ano passado. A partir de outubro do ano passado até dezembro e janeiro, em janeiro começou a influenciar, o vídeo que eu falo não é a utilização de vídeos em matérias, mas é de comentários, de entrevista, de montar tipo um estúdio. O estúdio foi inaugurado praticamente em janeiro, se não me engano. Agora não sei quando que a gente iniciou, mas foi no segundo semestre do ano passado. Com os vídeos, com a visualização, começou a trazer mais gente para o *site*, tanto que antes, uma coisa simples, a gente mal tinha Facebook. O Facebook (do jornal) tinha dois anos e eram postagens do impresso. Tinha 10 mil curtidas e hoje, acho que tem 35 mil seguidores com os vídeos. Dobrou praticamente. Então o vídeo deu um oxigênio para o nosso *site* e incentivou outras empresas, tanto que o Campo Grande News tem vídeo. O Midiamax começou com vídeos. A mesma coisa que a gente fazia, a gente deu uma parada porque a menina saiu e a gente está tentando fazer uma coisa mais com qualidade também de giro da redação, o Midiamax tem, é o mesmo giro que a gente fazia, a mesma coisa, mas eles fizeram mais com edição, com melhor qualidade. O nosso estava muito, por causa do tempo e só temos uma pessoa fazendo edição, então começou a gravar meio ao vivo pelo Face e não ficava tão bom porque a pessoa pode não ter prática de vídeo e errar, gaguejar, parar, ler, então a gente vai tentar mudar isso. O Top Mídia veio com vídeo e não sei se continua, mas vieram também.

Entrevistador: Ou seja, vocês chegam tarde na internet, mas começam primeiro com a questão dos vídeos?

Jornalista F: Sim, e outra coisa, a gente fez uma coisa no YouTube, que é uma coisa antiga, e o YouTube já é um canal há muito tempo em outros estados e aqui é pouco olhado. Agora que a gente vê ao nosso redor as pessoas que seguem *blogueiros*, dicas e a gente entrou nesse mercado, e isso está se expandindo e a concorrência está entrando. É outro seguimento que a gente tem que estruturar, tanto que teve um investimento, fizemos um estúdio muito simples, mas que houve um gasto para compra de uma câmera melhor, para fazer uma bancada, está previsto para esse mês, no máximo até um pouco antes da eleição, a gente quer trazer todos os candidatos e inaugurar um programa novo de política, fazer toda a acústica do vídeo, temos hoje um programa de entrevista de esportes que eu estou à frente por causa da experiência de

ser repórter de esportes e por causa do *site*, entrevistas, fatos urgentes, estamos com uma plataforma de tentar fazer um giro melhor da redação com pessoas, com maior qualidade, tínhamos um programa antes, mas acabou que era Sem Saída, que era um programa mais rápido, mas a intenção, desses vídeos, é fazer uma coisa que infelizmente os concorrentes não fazem, que é uma coisa mais solta. Eles estão introduzindo a televisão dentro da internet e a internet não permite isso. É uma coisa diferente, é um público diferente, tanto que o que sai no *site*, a nossa linguagem até de título, é totalmente diferente do impresso e essa é a nossa, a gente tem que lidar com isso. O título daqui sai diferente de lá. Existe ainda uma dificuldade própria nossa como jornalistas, e eu falo por mim, porque trabalhei oito anos no impresso, de trabalhar no *online*. A gente vê que a gente acha que pode ser igual, mas é diferente.

Entrevistador: Em que aspectos?

Jornalista F: Textos, apuração, que tem que ser mais rápida, às vezes não dá para fazer um texto com uma apuração completamente correta, escutar diversas fontes, pegar fotos diferentes, esperar o relatório que sai no fim da tarde. É diferente do impresso, em que você é pautado com duas ou três pautas e a gente tem um horário, mas você pode ir cozinhando durante seu expediente. O *online* não permite muito isso, porque se demorar um pouco, ou já saiu em outro lugar ou você fica com outra matéria e fica sobrecarregado. É diferente até pela apuração e tem um propósito futuro aqui no *site* de migrar mais gente da redação para o *site* e fazer o contrário, em vez de utilizar os materiais específicos do impresso, é o *online* que vai abastecer o jornal futuramente.

Entrevistador: Seria mais uma inovação entre as empresas que tradicionais que abrem *site* hoje, onde é justamente o contrário

Jornalista F: Sim, e vai ser o contrário futuramente, trazer o pessoal, ter o mesmo número de jornalistas, cada um tendo a sua editoria dentro do *site* e no fim do expediente edita o que foi feito e coloca no jornal. O que não é tão diferente do que o Midiamax faz hoje. O Midiamax tem um jornal impresso que é distribuído e que usa os materiais (publicados no *site*). A gente não pretende distribuir, continuar vendendo, mas diminuir com relação ao custo o jornal em relação a assinantes, mas só ter em bancas, porque tem um custo com entregadores, é um custo elevado ter os dois ao mesmo tempo e o mercado hoje do impresso é muito caro. Um papel é comprado em dólar e imagina o custo, ainda mais com a cotação de hoje ficou super mais caro imprimir jornal, então por isso que tem essa necessidade de renovar.

Entrevistador: A demanda não está conseguindo bater o custo?

Jornalista F: Mais ou menos isso. Imprime-se oito mil jornal e quatro mil são de assinantes e outros quatro mil nem todos são vendidos, então você acaba gastando mais e não atendendo tanto o mercado, então tem que dar uma enxugada para pagar o material.

Entrevistador: E no caso desse projeto, a ideia é pegar o mesmo material do *site* e passar para o impresso ou o jornal e o *site* ser como um complementando o outro?

Jornalista F: A intenção, a princípio, é pegar o mesmo por causa do número de equipes, para não sobrecarregar a pessoa, mas a gente trabalha diferente. O que sai às vezes no *site*, por exemplo uma operação (policial), há um complemento diferente no impresso de apuração ou escutando mais gente ou pegando uma suíte com um dos condenados dando outra versão. Nesse mecanismo que está tentando ser desenvolvido vai ser praticamente igual, não tem um tempo por causa da equipe, mas isso depende muito do editor do impresso, porque às vezes ele pode modificar o texto ou a linguagem, porque a linguagem é diferente. Algumas coisas serão modificadas por causa da linguagem, tanto do *lead* ou até de aspa, porque todos os textos têm que ter pelo menos uma fala, se a gente consegue, mas a princípio não.

Entrevistador: Voltando ao perfil da equipe. Além da formação em jornalismo ela exige alguma especialização?

Jornalista F: Não, não tem, mas lógico que se você tem uma pós, um doutorado, ou um mestrado ou doutorado, você está na frente de qualquer um, você tem um conhecimento, mas a contratação vai mais também pela experiência no mercado. Hoje infelizmente os mais experientes estão saindo do mercado impresso e *online*, estão trabalhando em assessorias, montando suas próprias empresas, então o jornal O Estado é um dos jornais que mais dá oportunidade para novos jornalistas. Eu posso deduzir aqui que de estagiários, quase todos são contratados, só alguns que não por não terem agradado ou por terem, como estagiários já terem uma proposta que a gente não teve como cobrir e já está trabalhando em outro veículo, mas quase todos são contratados.

Entrevistador: Existe alta rotatividade na empresa, qual a média de tempo que um jornalista tem permanecido?

Jornalista F: A rotatividade é grande porque um encontra uma proposta melhor ou sai de uma editoria. Alguns não se encaixam em uma editoria, mas ficam por questão de mercado, mas mês passado teve saída de três.

Entrevistador: Como que isso afeta a cobertura?

Jornalista F: Afeta bastante porque saiu uma editora também por questões pessoais que queria alcançar, mas às vezes, a última saída desse pessoal eu vejo um oxigênio novo, que já

estava engessado. Estava a mesma coisa, estava fazendo os mesmos materiais, utilizando tempo para outras coisas, enfim. Trazendo gente nova deu uma mudada em relação a ir para a rua. O que a gente perde? Perde em questão de fonte, de acompanhamento. O principal problema de uma redação, com a saída de um jornalista, você perde o acompanhamento. Tem materiais que estavam com uma pessoa, que tinha um contato maior, criou um vínculo com alguma fonte, sai, o jornal acaba perdendo. E isso é em todo o lugar. A fonte não fica com o jornal, fica com o profissional, mas tem os dois lados. Por um, dá um oxigênio novo, dá um ânimo para aquele que estava antes “O rapaz está trabalhando bem ali, vamos começar a trabalhar juntos, vamos fazer umas matérias especiais” e por outro lado a gente perde, não em qualidade, mas em questão de acompanhamento, vamos definir assim.

Entrevistador: O jornal tem sucursal no interior?

Jornalista F: Não tem, mas tem correspondentes.

Entrevistador: Onde?

Jornalista F: Até o ano passado tinha em Dourados, hoje a gente tem em Brasília.

Entrevistador: Aqui em Mato Grosso do Sul não tem mais?

Jornalista F: Não. Antigamente tinha em Três Lagoas também.

Entrevistador: Por que deixou de ter?

Jornalista F: O correspondente não tinha obrigação, como tem aqui (em Campo Grande) de fazer produção de material. Ele fazia de acordo com o editor pautando: “Olha, teve o caso tal”, aí ele ia. Não chega a ser um freelancer, era contratado, tinha carteira assinada, mas ele trabalhava muito por conta própria. Às vezes você pedia material e não vinha, vinha só no outro dia. Ano passado tinha em Corumbá também, a gente tinha nas três principais cidades: Dourados, Três Lagoas e Corumbá. Começou a sair em Três Lagoas, porque o mercado de impresso é muito fraco, as notícias não têm muita repercussão, Dourados saiu por questão da pessoa ter assumido até uma secretaria lá dentro, era uma pessoa muito conhecida e não achamos outro correspondente na época e a gente viu a necessidade de aumentar o impresso, porque foi contratada mais gente nesse ano no impresso, tentou-se formar uma equipe de oito, e nós estamos com dificuldade até porque saíram duas pessoas nos últimos dois meses e tinha em Corumbá. Em Corumbá foi por questões financeiras mesmo, para cortar, mas era uma pessoa que ajudava muito.

Entrevistador: Qual a estrutura hierárquica do jornal?

Jornalista F: Primeiro o estagiário, depois vem o repórter. Dentro da categoria repórter são quatro tipos de repórteres: 1, 2, 3 e 4, em que diferenciam os salários e diferenciam as

funções, tempo de casa e edição. O repórter três edita nas férias do editor e aos fins de semana, pela lei quem trabalha domingo é obrigado a folgar um fim de semana, então você trabalha três fins de semana em um mês. É o tal do subeditor, mas nós nunca denominamos assim aqui até por questões de carteira, mas tem salários (diferentes). Tem o editor, que é especificamente da editoria, que hoje são Política, Cidades, Economia, Artes e Brasil & Mundo. Já foi maior, já teve época que tinha editor de Informática, também não deu muito certo, tinha editor de Rural, tem uma página de Rural no fim de semana, mas antes era um caderno de quatro páginas; teve editor de Veículos, também não trouxe benefícios para a empresa. São os editores. Dentro dos editores tem uma vaga de chefe de reportagem, que não escreve, mas pega a pauta do editor, distribui e tem o cotidiano, cuida dos motoristas, cuida dos fotógrafos “vai na pauta tal, depois você vai na outra”, vai distribuindo, fazendo o meio de campo, fazendo atendimentos, traz entrevistados aqui, faz o meio de campo também institucional, que o dono pede, ou fulano quer falar com o dono. Faz o intercâmbio. E o editor-chefe que é responsável pelo impresso e tem o (editor-chefe) responsável pelo *site*.

Entrevistador: Os dois estão no mesmo nível hierárquico?

Jornalista F: Isso, porque essa necessidade de separar porque tem essa diferença de linguagens e uma equipe é uma equipe e outra equipe é outra equipe. Dentro do jornal, entre os jornalistas, o editor-chefe fica responsável pelo pessoal da paginação e da revisão que esse que poucos que trabalham no impresso sabem, são quatro editores de paginação, quatro paginadores, dois revisores e fotógrafos também ele fica responsável, mas tem um editor de fotografia, então o jornal impresso, o que custa mais nele, é o paginador, porque é diferente. No *site* você pagina direto na página, no jornal não e tem o revisor, que tem em *sites*, mas o revisor é especificamente só para o impresso. Por isso existem muitos erros, passa título cortado, é questão da equipe ser menor, mas a gente sempre tenta ler os materiais principais, porque não tem como ler tudo (no *site*), ler título, tentar tornar alguma coisa mais agradável e mais atraente para o leitor. No *site* tem o editor, tem uma repórter que tem uma função a mais que na ausência do editor ela seria uma sub, os repórteres, estagiários e tem duas pessoas que trabalham especificamente para o *site*. Um é acadêmico de Publicidade e Propaganda, responsável pelas redes sociais, por edições de vídeo, pega um vídeo do acidente, coloca a logomarca do jornal, até se caso alguém queira usar vai ter a logo do jornal, a identidade, atualiza também o negócio de cinema. Tem uma pessoa para cuidar do banner, que cuida também do aspecto do *site*, se há uma mudança de layout ele muda rápido. O *site* começou com um layout e aos poucos está mudando por questão da aceitação, questão da foto, deu uma

mudadinha para dar uma adaptada. Como no impresso tem a paginação, nós temos duas pessoas para cuidar, vamos dizer assim, da paginação do *site*, não deixa de ser.

Entrevistador: O jornal tem manual de redação?

Jornalista F: Tem da Folha de S. Paulo. Tanto que no impresso os materiais nacionais, diferente de outros veículos, a gente usa de acordo com a lei, só FolhaPress. A gente paga uma agência que manda notícias nacionais e fotos, porque existe esse tal roubo de fotos, não existe aqui divulgação. A divulgação seria “divulgação\ tal” para não ter rolo e nunca tivemos nenhum processo em relação a texto e imagem por causa desse cuidado que a gente já tem porque a gente já paga uma agência nacional. E quanto tem um evento nacional, como Copa do Mundo e Olimpíadas, a gente paga um pacote maior que tem cronista, enfim, dá mais fotos, usa outros tipos de infos, enfim, para ter uma melhor cobertura, já que não vai lá, mas para ter uma cobertura em relação a informação.

Entrevistador: A cobertura sobre o interior serve para as pessoas de Campo Grande saberem o que se passa no interior ou para as pessoas do interior saberem o que se passa na cidade delas?

Jornalista F: Para a gente andar junto com o impresso e o impresso não chega em todas as cidades do estado, agora não sei te informar quantas cidades, mas deve ser entre vinte a trinta cidades no máximo, metade das cidades do estado, a gente faz a cobertura para o pessoal de Campo Grande, porque a gente tem um nome maior, um público maior que é de Campo Grande, relacionados às notícias do interior. As notícias do interior que a gente utiliza, por exemplo, a gente tem parcerias, que diferente de outros lugares as nossas parcerias com os *sites* do interior já foram firmadas por telefone “olha, a gente pode usar o crédito de vocês, citar a fonte”, vai trocar a informação.

Entrevistador: Então existem *sites* específicos aos quais vocês recorrem?

Jornalista F: Alguns sim, porque não tem como fazer como todos. Quando tem um *site* que tem uma foto e não tem informação a gente dá o tal do crédito, ou até deixa a matéria assinada pelo *site* deles, mas o que a gente mais utiliza é as apreensões da polícia, que tanto é mandado pelas assessorias da polícia, e mortes, chuvas e estragos, mas a cobertura, por exemplo, está tendo aquele rolo do parquímetro em Dourados, para a gente não tem muita importância porque é mais específico para o povo de Dourados.

Entrevistador: E o foco aqui é para as pessoas de Campo Grande saberem o que se passa no interior.

Jornalista F: Ou para a pessoa que entrou para saber coisa sucinta que aconteceu em uma cidade próxima, mas uma coisa específica a gente não publica. Agora teve um caso em que um vereador na Câmara de Dourados teve um ato de racismo contra ele. Pode ter uma repercussão, mas é um ato específico deles lá. Para entrar nessa história a gente tem que ligar para ele, para a pessoa que está sendo acusada, pegar uma fala do presidente da Câmara, enfim, isso já é um trabalho que vai para o impresso, porque tem mais gente para isso, tem mais gente específica da política, a gente não tem um repórter específico de política. Então esse tipo de material a gente fala para o impresso “pessoal, tem um caso de política lá, será que dá para vocês entrarem em contato?”. A gente vai trocando informação. “Beleza, a gente faz o material e eu te mando no *site* aí publica depois do jornal”, aí inverte a história. “Pessoal, o Bolsonaro vai vir aí e o pessoal está fazendo camiseta, vai receber como popstar no aeroporto, tenho todas as informações, mas não tenho um repórter específico para ligar”. Aí o próprio repórter de política ligou, fez todo o material, a gente publicou no *site*, em um domingo, e na segunda-feira saiu no impresso. Existe essa troca de informação.

Entrevistador: Levando em conta as instâncias da notícia Interior, Capital, Estadual, Nacional e Internacional. Como você as organizaria em ordem de importância?

Jornalista F: O interior fica mais comigo porque os outros repórteres estão produzindo, escrevendo texto, então não têm tempo de ficar olhando outros *sites*. Eu cuido os *sites* do interior, é muito difícil ser capa, mas tem um destaque com foto.

Entrevistador: Por que é mais difícil (o interior) ser capa?

Jornalista F: Porque, por exemplo, uma morte em uma BR. Eu não vejo tanta importância para ser uma capa. É uma morte, uma pessoa que perdeu a vida, então tem um destaque com foto. A capa seria mais...

Entrevistador: A capa que você fala seria a manchete?

Jornalista F: É, são três *leads* principais e embaixo têm os destaques sem fotos e destaques com foto. Por exemplo, a capa principal é em relação ao Dia dos Namorados que está chegando. Então tem uma pesquisa que mostra os preços, enfim. É mais atrativo para o público maior do que um acidente, por exemplo, que ocorreu agora a morte de uma pessoa em uma rotatória em Dourados.

Entrevistador: Então vocês priorizam na manchete o que é mais amplo? Que abrange mais o estado?

Jornalista F: O público específico. Por exemplo, estávamos até discutindo hoje. Em relação a mortes. Existe quase todos os dias uma morte ou em acidente de trabalho ou em acidente de

trânsito. Eu não gosto especificamente porque eu não abro um *site* para ler quem morreu. Essa é a minha visão. Lógico que é matéria? Sim. Eu estou tentando buscar uma coisa que às vezes o Campo Grande News usa e que eu penso é humanizar mais a matéria. É saber como que a pessoa era, o que levou a essa morte, enfim, conversar com familiares, ou servir como alerta essa morte, não só jogar uma morte no *site*, e é o que muitos hoje fazem. Morreu, não dá uma sequência, não tem até uma aspa, eu acho muito fraco isso, eu não leio esse tipo de matéria, eu vejo como eu vejo. A gente tem que fazer um *site* como a gente vê. O Correio usa muita morte em capa, mas você entra na matéria, e eles não colocam no título, é lá em Nova Alvorada, em Bataguassu, em Coronel Sapucaia. Eu acho que foge muito, apesar de o Correio ser um jornal estadual. Eu até brinco que a gente é um jornal municipal, tanto que antigamente tinha dentro do jornal uma página só de interior, só que não tem mais.

Entrevistador: Por que acabou?

Jornalista F: Porque é questão de material. É mais isso que tem no interior: a morte de um indígena, enfim, a saída nossa para ir para o interior varia muito. Ou é um convite, ou é um presidente, ou é conflito indígena ou um capotamento, ou um fogo, alguma coisa que seja um pouco próximo, como por exemplo Sidrolândia. Teve uma vez que teve um incêndio em um supermercado lá há uns quatro, cinco anos atrás. É perto, é uma coisa que mudou a cidade. Até hoje tem registro, você passa e vê o prédio destruído. Tem que ser uma coisa muito forte ou uma matéria especial, como em Ponta Porã onde o negócio está feio, estão fechando muitas lojas e se depois de Ponta Porã tem como passar em Dourados para fazer alguma coisa, se faz um tourzinho.

Entrevistador: Ou seja, já se preveem outras pautas?

Jornalista F: É, porque não compensa. Hoje existem diversos *sites* de notícias que aquela pauta que você pensou está em outros *sites* de notícias e já foi republicada em um monte de *sites*. Então você praticamente perdeu um tempo, uma equipe. Por mais que seja sua equipe produzindo, já é um material que está na rua. Então não vale muito a pena ir. Aí eu vejo o seguinte, falando do *site*, primeiro Capital, lógico, a gente trabalha com Campo Grande. Nível estadual com relação a alguma coisa do governador, algum decreto, uma chuva que destruiu parte de uma cidade, alagou Fátima do Sul, por exemplo, alguma coisa de uma estrada, de uma ponte que caiu. É uma coisa que você que tem costuma de viajar fala “Nossa, caiu uma ponte ali?”.

Entrevistador: Ou seja, que vai afetar um coletivo.

Jornalista F: Que vai afetar uma coisa maior. Não simplesmente um parquímetro, voltando ao assunto do parquímetro, ou por exemplo teve dois adolescentes internos da Unei que mataram um em Corumbá. Ok, demos o material, estamos acompanhando de acordo com o *site* deles lá, o Diário *Online*, que vamos dizer assim é parceiros.

Entrevistador: Como são essas parcerias? São pagas?

Jornalista F: Não, parceria é o seguinte: “Pessoal, aqui é do jornal O Estado, a gente queria acompanhar alguns materiais de vocês para a gente publicar. Teria como publicar alguns materiais de vocês? A gente dá crédito”.

Entrevistador: Aí vocês publicam na íntegra?

Jornalista F: Nem sempre, porque às vezes não está tão de acordo com a nossa linguagem. A gente dá uma modificada, escreve de acordo e eu faço questão de assinar meu nome com o *site* tal. Se tem uma fala lá, falou para o *site* tal. Tanto que se eles quiserem também podem publicar o nosso material do mesmo jeito. Seria uma coisa informal. Ou você fala assim: posso usar sua foto? Qual o crédito do fotógrafo, porque aqui só tem o (nome do) *site*, até para a pessoa ter uma divulgação. Seria mais isso. Em relação a nacional, nacional é hoje muito mais política. Esses escândalos que estão ocorrendo, ou uma determinação e lei que mudou, uma medida que vai afetar mais, enfim. A gente tenta aprofundar aqui. Internacional só se for um desastre, como um terremoto, uma guerra, um avião que caiu. Só para mostrar que é um *site* de notícias. Existe, apesar de muitos defenderem ser um *site* totalmente regional, eu acho que o leitor não quer só saber de nacional. Às vezes você entra em uma notícia nacional em um *site* regional.

Entrevistador: E você acha interessante um jornal como O Estado *Online*, que está nessa realidade de Campo Grande, replicar uma notícia nacional sendo que as pessoas, ao invés de acessarem aqui, acessarem o Terra, por exemplo, para lerem diretamente lá?

Jornalista F: Eu acho que é necessário sim, porque é um *site*. Um *site* tem que dar notícias de tudo o que envolve, tudo o que é notícia importante. Antigamente eu pensava que não, mas eu mudei a minha visão em relação a isso. Por exemplo, o caso do Delcídio que estourou nacionalmente. A gente tinha que dar. O Delcídio é mais regional, vamos pegar o caso do Eduardo Cunha que está com processo de cassação. Você tem que dar, porque existe o Facebook, o pessoal curte, comenta, gosta de interagir, defender um ou criticar o outro.

Entrevistador: Então os assuntos mais polêmicos, mesmo que nacionais, vocês dão para tentar puxar um pouco dessa repercussão?

Jornalista F: Tanto que a gente está com uma entrevista marcada, com a presença do Bolsonaro, aqui no jornal para vídeo. Se fosse nesse caso a gente só iria abordá-lo nessa questão regional. Mas, para a gente ganhar espaço no mercado a gente tem que abordar os assuntos mais polêmicos, tanto que a entrevista que a gente está elaborando com ele será sobre os assuntos que ele mais gosta de criar polêmica porque uma fala dele, às vezes a gente tem uma sorte, por exemplo, de repercussão, dá repercussão nacional porque viraliza. Hoje o vídeo, pelas redes sociais, se torna uma coisa que a gente não tem dimensão. Uma coisa que a gente viu, as repercussões dos vídeos que a gente tem numa crítica mais formal, não é bem colonial, falando sobre a questão do Azambuja de aumento, viralizou. Tanto que existem alguns *sites* de humor aqui em Campo Grande que têm trechos de algum comentário nosso ou de algum vídeo nosso. Então a gente está tentando entrar nesse mercado com isso. É buscar um assunto que dá repercussão não só se expandir no estado, mais nacionalmente. Uma entrevista nossa pode, quem sabe, por ser nacional.

Entrevistador: Vocês têm reunião de pauta no *site*?

Jornalista F: Tem. No *site*, pelo horário que sai e entra a outra equipe, eu converso com a equipe da manhã, porque meu horário pega os dois horários. Eu não entro junto com o pessoal da manhã, eu chego um pouco depois. Pelo *site* eu converso pessoalmente com todo mundo, a tarde a mesma coisa, mas no impresso existe uma reunião uma hora com todos os editores contando o que tem e o que já foi feito.

Entrevistador: Nessa conversa vocês já predefinem os temas do interior que serão cobertos ou eles são colocados no *site* conforme a demanda?

Jornalista F: Eles são colocados de acordo com a divulgação, mas o interior, no impresso, a maioria vira “giro”, que é uma nota no canto que ocorreu. Muito pouco vira matéria principal. Antes tinha por causa da página do interior, mas caiu uma pela necessidade de cortar página do jornal pela alta do dólar.

Entrevistador: Como é esse aproveitamento do material do *site* pelo impresso e vice e versa? São colocados na íntegra ou passa de um repórter para outro de forma que sejam retextualizados?

Jornalista F: Depende do tamanho do texto, do assunto e da informação. Por exemplo, teve um relatório ontem da Defensoria Pública em relação ao aterro sanitário. Eu li o material que iria sair no impresso, que já estava pronto 15h. Eu poderia publicá-lo 15h, mas era um relatório que a gente tinha, vamos dizer assim, só nosso, que a gente conseguiu direto com o pessoal de assessoria, eu reescrevi um pouco do texto, cortei algumas coisas, não coloquei

outras coisas mais embaixo e reaproveitei, porque a gente colocar um texto de três mil a quinhentos caracteres é muito grande para o *site*, é cansativo, tem que fazer muito intertítulo ou abre outra matéria. Então eu tenho esse cuidado de dar uma diminuída e uma resumida, tanto para tentar colocar vídeo ou mais foto. O que a gente ganha em relação a essa questão do impresso é foto. O impresso no máximo coloca duas. A gente não tem uma necessidade de ter um número de fotos. Se quiser colocar quatro, cinco, dependendo da situação, a gente coloca. Muito varia, mas depende do material. Por exemplo, as meninas foram ontem na Caravana da Saúde no Hospital Regional. Elas escreveram um texto menor para a gente falando como foi e o deles colocaram personagem.

Entrevistador: Aí já fazem duas versões?

Jornalista F: É, mas não muda muito o gancho. É mais completo.

Entrevistador: Como que é a aceitação do *site*, porque você comenta que a redação é jovem, mas geralmente o pessoal do impresso tem um pouco mais de resistência por ter de escrever, além da matéria do impresso, uma matéria para a internet.

Jornalista F: Teve até racha aqui por causa disso, mas eu acho que isso é um problema nosso como jornalistas, já que a gente não pode fazer material diferente, ou só tem que escrever uma vez e ir embora. Existe uma dificuldade dessa interação e essa interação eu acho que é em todas as redações, questão de conversa.

Entrevistador: Você acha que quanto mais pessoas novas vão entrando já nessa realidade, a pessoa já se acostuma?

Jornalista F: A saída de algumas pessoas este ano deu uma mudada na mentalidade porque já chegou (o novo funcionário) com essa obrigação. Às vezes nem eu sei o que o impresso está fazendo. Ou às vezes eles mandam no WhatsApp, que é ótimo para jornalista, para trabalho, falando que está mandando texto e eu nem sabia que ele estava lá. Não fico cuidando do que é pautado para eles. Esse público (repórteres) novo que entrou já está com essa cabeça. “Olha, estou escrevendo alguma coisa aqui e vou te mandar, acha que rola colocar na internet?”. Aí eu, na minha avaliação, vejo se é alguma coisa que não há essa necessidade de ser publicada agora e pode ser publicada amanhã com a impressão eu falo “Não, pode segurar para vocês”, mas existem as pessoas que estão no impresso como antigamente eu era um repórter do impresso e tinha essa dificuldade de passar, por isso que eu entendo, é questão de adaptação. É complicado, quem está no impresso há mais tempo tem aquela mentalidade: acabei de sair da coletiva, vou almoçar, vou ao banco e depois eu escrevo ou vou decupar inteira a entrevista e vejo o que é bom.

Entrevistador: São repórteres mais tradicionais, no caso.

Jornalista F: E no *online* não permite isso, mas é muito questão de cada um. Tem, como você diz, algum jornal que seja assim, mas é do próprio jornalista. Aqui no jornal quase saíram no tapa aqui por causa dessas coisas. “Ah não, isso aqui é mais para o impresso”. Mas por isso que tiveram algumas mudanças, tanto que eu passei (para o *site*) por conta disso, para tentar sair essa raiz, mas é uma briga constante. Existe essa briga, vai ter e por isso que eu não condeno porque é uma briga normal. A gente pensou em mudar as redações de lugar, mas não tem como. No futuro vai ser essa transformação, então tem que começar já, mas acontece. E questão de adaptação, questão de trabalho, questão do próprio profissional de enxergar as coisas diferentes, enfim.

Entrevistador: Levando em consideração o que você falou sobre a equipe ser pequena. Quando vocês vão definir um assunto do interior a ser coberto vocês levam em consideração o porte econômico da cidade ou o fato em si?

Jornalista F: O fato. Antônio João, por exemplo, que ano passado teve todos os problemas que teve lá, até sem-terra morto, não tem local para hospedar. Tivemos que nos hospedar em Ponta Porã, mas isso não importa, tínhamos que estar lá. O que a gente fala que vai dar repercussão nacional, a gente cobre, independentemente do local. É só chegar de manhã, abastecer o carro, montar equipe, pegar dinheiro para hospedagem e alimentação e já manda. É assim, questão de rapidez e muito do assunto. A gente fala que vai estourar alguma coisa, vamos para lá.

Entrevistador: A pesquisa mostra que a maioria dos assuntos do interior estão ligados à editoria de Cidades. Você já tinha citado isso, mas por que isso acontece?

Jornalista F: Pela importância do assunto. Cidades, querendo ou não, ainda carrega muito a questão do jornalismo nosso. Acho que é muito cultural nosso, jornalistas sul-mato-grossenses, tanto que contratam mais repórteres para Cidades do que para Esportes. Porque onde tem mais assunto também, abrange mais o público. Não estamos falando especificamente de um campeonato de judô, estamos falando de saúde, que nem todos praticam judô, mas todos têm a necessidade de uma vacinação, por exemplo. Então é mais questão, como você diz, abrange mais gente e por isso Cidades tem que ser visto até diferentemente das demais. O assunto do dia praticamente está nisso.

Entrevistador: Dentro de Cidades a pesquisa mostrou que a maioria das matérias do interior eram relacionadas a temas de violência, não só homicídios, mas acidente com morte e crimes. Você tinha comentado sobre sua visão, mas por que isso ainda ocorre?

Jornalista F: Porque primeiro a tal da Polícia, que se engloba em Cidades, são assuntos que dá visualização, leitura. Por exemplo, ontem eu peguei um caso que saiu em um *site* de Sidrolândia do ex que, inconformado com a separação, mordeu a mulher. Isso dá leitura. Você fala “Nossa, que coisa”, dependendo do título que se faz, mas é uma coisa que não só em Sidrolândia, mas que ocorre em outros lugares. A gente quer saber onde que foi, como o Correio faz muito, eu sempre coloco o local para que a pessoa saiba se localizar, porque de repente se for uma coisa em Sidrolândia a pessoa pode não querer saber. A tal da informação depende muito de como é feito para chamar a atenção. Morte sempre tem que ser publicada, independentemente do porquê, por causa de parentes. Às vezes o parente não está sabendo que a pessoa morreu ou alguém vê e fala “Olha, fulano faleceu”, ou é amigo e presta homenagem nas redes sociais. A questão de ser só Cidades, novamente eu vou falar, abrangência de público. Não tenho como soltar um material só falando de um torneio de bocha em Dourados. É mais específico do local, ou uma chuva que caiu e, como eu vi em um *site*, há um mês não acontecia em Sidrolândia. É diferente. Sidrolândia tem seu *site* para isso. A gente dá o material do interior que é aquele material mais importante. Acho que a chuva de Sidrolândia não é o mais importante. Deve ter outro material mais importante, se for o caso e algum assalto a banco. A gente tenta pegar o que é mais importante daquela região, de Sidrolândia, pode dizer perto de Maracaju, que abrange uma região.

Entrevistador: Você acha que, levando em consideração que o foco do jornal é para as pessoas de Campo Grande, quando sai interior a maioria é sobre violência, acaba criando um estereótipo?

Jornalista F: Varia muito. Por exemplo, cidades de fronteira quase toda a semana tem um assassinato ou uma pistolagem, mas a própria pessoa que está lendo já tem uma dimensão do que é o local. Se for cidade de fronteira sabe bem o que é forte em cidade de fronteira, que ou é comércio, a compra, ou a pistolagem ou alguma coisa droga, mas eu acho que isso não cria o local. Às vezes você vai para Ponta Porã, conhece a cidade, visita parente, enfim, não vejo muito isso não.

Entrevistador: Então você acha que não cria esse estereótipo?

Jornalista F: Não cria. Isso aí é comum. As pessoas já sabem como é. A gente não tem que dizer que Sidrolândia é calma. A pessoa já sabe que é uma cidade mais calma que aqui, sabe que o mais forte de lá é o plantio, o fazendeiro, como Chapadão do Sul conhecida pela soja, enfim, como Corumbá conhecida por ser uma cidade de fronteira por causa da pesca. Isso já vem de cada um.

Entrevistador: Então existem socialmente os estereótipos de cada lugar?

Jornalista F: Com certeza. Eu acho que as notícias não vêm ajudar ou piorar a situação. Isso vem da visão de cada leitor tem sobre cada lugar.

Entrevistador: Você falou sobre as fotos e sobre a parceria com os jornais locais. Em alguma hipótese o jornal compra imagens de fotógrafos do interior?

Jornalista F: Não. Aqui infelizmente em Mato Grosso do Sul não tem essa cultura. Ninguém compra foto de ninguém. O que eles fazem é copiar, mas por exemplo, quando teve a editoria de esportes e tinha jogos nacionais o interior a gente pedia emprestado. “Ah, mas vocês vão cobrar”, eu já chego falando que a gente não paga, mas dá crédito, tem a divulgação em Campo Grande.

Entrevistador: Vocês sempre tentam falar com a pessoa, não pegam sem avisar?

Jornalista F: Não. Porque a pessoa pode achar ruim. Eu já comunico e a pessoa então “beleza”.

Entrevistador: Você pede, pelo menos, para ela mandar por e-mail para ficar registrado para que depois ela não aja de má fé (e processe o veículo)?

Jornalista F: Não tem especificamente isso. Isso existe em coberturas nacionais. “Olha, o time tal está viajando aí, vocês têm foto para mandar para a gente? Quando vier aqui a gente manda para você”. Vai trocando, mas comprar foto, acho que o jornal nunca comprou. As únicas fotos que a gente compra são da Folha Press.

Entrevistador: E o *Sigo*, qual a importância dele na cobertura sobre o interior de vocês?

Jornalista F: É a mesma em relação à ronda policial. É mais por informação de morte, mas é super importante o *Sigo* por conta da informação, mas é a mesma que na cobertura do interior a gente faz pelo *Sigo*.

Entrevistador: Tem alguma orientação para que o repórter utilize o *Sigo* como ponto de partida e ligue para delegados para pegar alguma informação a mais ou o que está no *Sigo* vira nota?

Jornalista F: Pela pressa, se é um caso complicado, maior, vai pelo *Sigo* mesmo, de acordo com o *Sigo*. Faz o tal do registro, mas se é o caso, como tivemos neste ano, de uma briga lá no Escobar, tem que lá.

Entrevistador: Mas e falando sobre o interior?

Jornalista F: Interior não, é muito difícil. É mais de acordo com que está no *Sigo*, que é uma fonte de informação. Uma coisa que eu tenho cuidado é foto e acusação. O cara foi preso por ter matado. É suspeito. A gente tem sempre que ter esse cuidado porque você só é condenado

depois na Justiça. Tanto que quando mandam fotos de presidiários, eu, por minha pessoa, a gente não publica porque não temos conhecimento dos fatos. Só depois de uma apresentação, um júri. A gente tem que tomar cuidado sobre isso. Além do nome da pessoa, se for menor, colocar a sigla, se está em sigilo, colocar as iniciais ou “uma mulher de 34 anos”. Mesmo a polícia mandando via WhatsApp ou *release* “fulano de tal de 34 anos”. Só se “fulano é o Boy, conhecido no bairro”, o cara tem uma ficha criminal, é conhecido dos policiais, na rua região, a gente publica o nome, mas se é o fulano que bateu na esposa e foi preso, tem que ter o cuidado. Quem é a gente para julgar e outra, a gente pode causar uma injustiça e pode até sofrer um processo quanto a isso e o processo não vai para o jornal, vai para o jornalista. Então se você sair do jornal e levou um processo depois, o jornal não vai arcar, como você diz, tem que ter responsabilidade sobre o que está apurando ou escrevendo.

Entrevistador: Com relação às fontes. Algumas matérias a fonte não estava claramente citada no texto. Eu subentendi a fonte pelo crédito da foto, de divulgação da polícia, por exemplo. Isso acontece com frequência ou passou?

Jornalista F: Acho que passou pela pessoa que escreveu, porque eu acho que tem ao menos que dar de acordo com tal. É feio você publicar na íntegra um *release*. É feio porque é serviço de preguiçoso, mas você rescrever, tem que falar “de acordo com fulano”, “de acordo com o batalhão”, “de acordo com a polícia”.

Entrevistador: Isso acontece bastante com BO. Às vezes eu subentendo que seja BO, mas não estava claro e o leitor, que não conhece.

Jornalista F: Mas é necessário dar essa informação.

Entrevistador: Com relação a esporte, tem bem pouca cobertura sobre esse tema e quando tem é nacional. Por quê?

Jornalista F: Não é questão de *feedback*, é questão de produção. A gente utiliza bastante as matérias regionais que são publicadas no impresso. Existe umas duas ou três matérias publicadas no impresso diariamente além de alguns *releases* básicos que mandam fotos, enfim. Eu, pelo *site*, busco, na editoria de esportes, não dar muito material com relação a campeonato brasileiro porque você tem que dar toda a semana. Se dá de um time, tem que dar de todos. O foco do *site* não é o futebol. Então é o jogo da Seleção Brasileira, uma vitória de Fórmula 1, ou a gente utiliza mais também o assunto mais importante, porque a pessoa que está no *site* vê uma matéria ou fala sobre um jogo da seleção “Ah, vou entrar aqui”. Acaba entrando para saber o horário do jogo ou achou interessante, mas a produção nossa, não produzimos esporte, só em último caso, alguma coisa que esteja acontecendo, uma chegada de

um atleta conhecido, aí pode ser. Tem uma editoria aqui no jornal específica para isso, então a gente não pode pular acima de uma editoria que já tem aqui dentro. Por isso que a publicação não tem de nosso próprio material e a gente pega do impresso mesmo.

Entrevistador: Vocês têm a vantagem de ter um *feedback* da leitura pelas redes sociais, por meio dos compartilhamentos e comentários. Vocês percebem nas matérias de interior essa leitura?

Jornalista F: A gente tem até *feedback* pelo WhatsApp. A pessoa elogiando ou algum comentário no *site*.

Entrevistador: Tem leitor do interior mandando sugestão?

Jornalista F: Não, mas curtidas. Dá para olhar os locais mais acessados. Todas as vezes, quando a gente monitora, existem um ou dois olhando, enfim. O interior é um grande problema nosso ainda, não só no *site*, mas no impresso, por questão de equipe. A gente não tem mais os correspondentes, não tem um material mais produzido por eles. Antigamente tinha, quando haviam casos mais graves em Corumbá, quando tinha Carnaval a gente tinha um repórter específico para fazer Carnaval lá.

Entrevistador: Existe a possibilidade de voltar a ter esses correspondentes?

Jornalista F: Pela alta do dólar, pelo custo que está hoje o papel do jornal e a redação não. A tendência é aumentar o impresso, não o interior.

APÊNDICE G – Entrevista com Jornalista G, da equipe do *Estado Online*

Entrevistador: Em sua opinião, a cobertura do interior no *Estado Online* serve para as pessoas de Campo Grande saberem o que se passa no interior ou para as pessoas do interior saberem o que se passa na cidade delas?

Jornalista G: Eu acho que para as duas coisas. Porque quem mora na Capital também tem interesse no interior, muitas vezes por conhecer alguém, por ter um familiar lá, ou pela proximidade com a Capital, no caso de Dourados. “Ah, está frio lá, será que esse frio vai chegar aqui” ou “Choveu muito em Aquidauana, será que a chuva chega aqui”. Algum acidente, alguém saindo de, sei lá, São Gabriel do Oeste para cá, tem parente lá. Eu acho que é de interesse sim. Inclusive do ponto de vista econômico também, porque a gente tem a questão rural, a gente escoa safra. Acho que para os dois lados.

Entrevistador: Mas e o foco do trabalho de vocês?

Jornalista G: O foco do trabalho? Eu acho que não tem a divisão. Eu não saberia nem te quantificar isso, se existe essa divisão realmente. Normalmente eu acredito que a maior parte dos leitores esteja na Capital até por uma questão estratégica de distribuição do jornal. No *site*, na versão *online*, acho que ele atinge tanto um quanto o outro.

Entrevistador: Levando em consideração as instâncias de cobertura Interior, Capital, Estadual, Nacional e Internacional. Como que você as organizaria em ordem de importância?

Jornalista G: Sem dúvida a Capital, primeiro. Estado e Nacional depois. Isso também dependendo da notícia, como por exemplo o caso do afastamento da presidente, ter assumido o vice, essas coisas todas na política eu acho que influenciam bastante nesses canais, em todas as localidades.

Entrevistador: Diante de um fato do interior, na hora de defini-lo como notícia ou não, leva-se em consideração o porte econômico da cidade ou o fato em si?

Jornalista G: O fato com certeza. Recentemente tivemos caso de polícia ocorrido em Terenos, a gente deslocou equipe, porque era perto, dava para fazer, mas foi um caso de muita repercussão, porque um jovem matou a idosa, então gerou certa comoção.

Entrevistador: Tem relação então com o fato e o que vocês presumem que dará mais leitura e mais repercussão?

Jornalista G: Sim, acho que é mais ou menos nessa linha mesmo.

Entrevistador: A pesquisa mostra que a maioria das notícias que saem sobre o interior se enquadram na editoria de Cidades. Por que, em sua opinião, isso acontece?

Jornalista G: Porque a nossa divisão de editorias não tem uma divisão específica de Polícia, por exemplo. Então o que acontece em Polícia se encaixa em Cidades e normalmente o maior número de casos que a gente tem repercutido no interior é de Polícia, infelizmente. Agora, quando é um caso de Política ou Economia a gente encaixa nas outras editorias, mas talvez seja por isso.

Entrevistador: Você acha que a predominância de assuntos policiais na cobertura sobre o interior, que a pesquisa também aponta, acaba criando um estereótipo do interior para quem mora em Campo Grande, de que o interior é violento, de que algumas cidades são mais violentas que outras?

Jornalista G: Não acho que cria um estereótipo. Algumas cidades, na verdade, já carregam esse estereótipo, que é o caso da fronteira. Ponta Porã e Dourados já têm isso. Agora, a violência está, na verdade, disseminada em todas as localidades, ela não é exclusividade da fronteira. Eu acho que não porque a gente tem Água Clara, cidades que são próximas, Ribas do Rio Pardo, não são cidades violentas, mas isso não quer dizer que não aconteçam casos de violência lá.

Entrevistador: Com relação às fotos, como que vocês fazem para obter as imagens para ilustrar matérias sobre o interior?

Jornalista G: A gente utiliza muito os veículos do interior como parceiros e nesse caso a gente garante que vai dar o crédito devido para a foto e para o veículo. Em poucos casos a gente tem alguém que mande fotos para a gente e tal ou usa um colega que trabalha em outro veículo para garantir isso para a gente, mas nossa única equipe está na Capital, então a gente tem necessidade de fazer isso.

Entrevistador: Mas você, enquanto repórter, você mesmo liga e pede autorização ou tem uma pessoa específica no *site* que faz isso?

Jornalista G: Na verdade, esse não é o primeiro jornal *online* que eu trabalho e é uma política geral de usar e ir dando o crédito. Acho que a gente acaba, não sei se é pecando, porque para eles é interessante, para o interior é interessante ter o assunto que eles divulgaram repercutido. Eu não uso, não tenho costume de ligar, a menos que seja uma coisa exclusiva.

Entrevistador: Então o repórter que é responsável por encontrar a foto para ilustrar as matérias?

Jornalista G: Sim, ele vai ser responsável. Se eu escrevi uma matéria e coloquei uma foto indevidamente na minha matéria eu vou responder por isso.

Entrevistador: Mas tem uma pessoa na equipe que cuide dessa parte de fotos?

Jornalista G: Não, cada repórter cuida do seu.

Entrevistador: Vocês procuram ter uma foto em cada matéria, existe uma meta?

Jornalista G: Sim, sempre que dá tem que ter uma foto. Eu acho importante isso, mas também não quer dizer que a gente vá colocar qualquer imagem para fazer volume, não é isso. Acho que foto é bacana. Tem que ter muito cuidado com isso porque os *sites* do interior, casos de polícia normalmente, na maioria das vezes, eles chegam a publicar fotos bizarras, então isso não quer dizer que a gente vai lá pegar uma foto do morto e colocar, acho que tem que ter o bom senso aí.

Entrevistador: Nesse caso, quando eles só dão uma foto de um cadáver, por exemplo, vocês ligam perguntando se eles têm outra?

Jornalista G: Não. Sabe por quê? A menos que seja um caso muito relevante. A nossa equipe é reduzida, a gente trabalha de forma integrada com o apoio dos colegas do impresso. Então às vezes não dá.

Entrevistador: Com relação aos *sites* do interior, além das fotos, vocês também têm o costume de usar informações?

Jornalista G: Sempre citando “De acordo com reportagem publicada pelo Dourados News”, sempre com esse cuidado. Em alguns casos, como foi o caso recente de um estupro em Dourados, que depois foi se descobrir que não era um caso de estupro, da menina na UFGD, eu peguei o telefone e apurei as informações. Liguei na polícia porque era um caso mais delicado. Esse tipo de coisa merece uma atenção maior e tem uma repercussão maior também.

Entrevistador: Que outros exemplos de casos que você ache que merece essa apuração maior?

Jornalista G: Normalmente casos de violência sexual merecem muita atenção, tanto para a vítima quanto para o autor e não só no interior como aqui também. Casos de política talvez, que você tenha em mãos telefones fáceis de ligar. Esses tipos de casos a gente pode e deve fazer. Você não precisa de assessoria, você tem o telefone da pessoa. Eu acho que o necessário é ligar diretamente na fonte.

Entrevistador: Ou seja, vocês procuram dar uma funcionalidade ao trabalho de vocês para otimizá-lo, levando em conta o fato de a equipe ser pequena?

Jornalista G: Eu entendo que hoje a nossa comunicação está muito integrada de todas as formas. Por exemplo, quando sai de manhã uma entrevista com alguém na TV Morena, e eu estou assistindo, eu posso usar aquela entrevista com as informações que a fonte repassou, porque ela repassou publicamente, e lógico que eu não vou deixar de citar que estava em

entrevista no Bom Dia. É diferente de você copiar uma matéria de outro jornal que eu possa apurar também. É diferente. Agora, essa integração está muito presente. Ouvi no rádio “Hoje de manhã o radialista fulano de tal lembrou a história tal”, acho que você, dando nome aos bois, você consegue desenvolver um trabalho bacana.

Entrevistador: No caso dos jornais do interior, vocês não chegam a usar as matérias na íntegra, vocês retextualizam?

Jornalista G: Eu faço isso, oriento a equipe de estagiários a fazerem também e acho que é muito importante.

Entrevistador: Qual a importância do *Sigo* na cobertura sobre o interior?

Jornalista G: O *Sigo*, eu uso pouco. Tem muita coisa que a gente acaba sabendo através dele. Muitas coisas dá para usar e muitas coisas não, como casos de violência sexual. Quando é roubo, furto, prisão de uma quadrilha, assalto, roubo de carro, receptação, tráfico de drogas, ele é super funcional, para isso sim. É uma comprovação de fonte, você está pegando diretamente do boletim de ocorrência. Agora, se aquela pessoa que registrou o boletim de ocorrência agiu de má fé e registrou um boletim falso, aí vai ser responsabilizada depois, acho que não é o caso de responsabilizar o repórter, mas eu acho que a funcionalidade dele é muito boa.

Entrevistador: Vocês têm o costume de, mesmo com o boletim de ocorrência, ligar para o delegado para conseguir alguma informação a mais para darem algo diferente?

Jornalista G: A gente faz isso na Capital, no interior não. Até porque eles não atendem. Muito difícil. E se você pensar que se a gente for ligar para todas as delegacias também, não é funcional por conta da nossa equipe. Talvez se tivesse uma equipe maior e uma pessoa fixa para fazer polícia, talvez fosse o caso de cultivar essas fontes todas, mas por conta do adiantado da hora não rola.

Entrevistador: Vocês usam *release* na cobertura sobre o interior ou é menos comum?

Jornalista G: Usa quando é de órgãos, como uma assessoria de imprensa de uma prefeitura, uma Embrapa da vida, uma empresa grande usa sim. Às vezes pega aquele *release* e liga para ver se tem algum outro detalhe.

Entrevistador: Hoje como que você avaliaria a cobertura sobre o interior do portal?

Jornalista G: Ela não é das mais fortes. Nosso foco principal ainda é a Capital. Nós utilizamos muitos parceiros para cobrir o interior. Porque o jornal é diferente, por exemplo do Correio do Estado. Eu já trabalhei no Correio do Estado, eles têm correspondentes em

Dourados, Ponta Porã. A gente não tem esses correspondentes. O foco acaba voltado para a Capital.

Entrevistador: Então o foco de vocês, por fazerem tudo por aqui, é otimizar o processo?

Jornalista G: Exatamente. Ou, que nem o caso de Naviraí que teve aquele surto de H1N1, fecharam escolas e tudo, a gente fez. O repórter ligou para todos os lugares possíveis: escolas, pais de alunos. Fez o que ele pode, mas era um caso de muita repercussão. Então às vezes vale a pena, mas não é o foco principal do jornal.

APÊNDICE H – Entrevista com Jornalista H, da equipe de Cidades do *Estado*

Entrevistador: Quantos jornalistas têm a equipe da editoria de Cidades no O Estado impresso?

Jornalista H: Três repórteres e um estagiário

Entrevistador: Existe reunião de pauta dentro da editoria?

Jornalista H: Não

Entrevistador: Qual a *deadline* da editoria?

Jornalista H: Por se tratar de impresso, o maior fluxo de pautas vem da manhã, mas o *deadline* é às 17h.

Entrevistador: Como é a relação entre as equipes do *site* e da editoria de cidades no impresso?

Jornalista H: Como são duas equipes pequenas, tanto do impresso quanto do *site*, temos que fazer com que uma equipe complete a outra. Assim que trabalhamos.

Entrevistador: Há o aproveitamento de matérias do *site* no impresso? Elas são publicadas na íntegra ou reescritas?

Jornalista H: São editadas e publicadas de forma íntegra para não descaracterizar o trabalho.

Entrevistador: Como se define o jornal O Estado: local (Campo Grande) ou estadual? Por que?

Jornalista H: Hoje, a minha definição (particular) é de se tratar de um jornal local. A cobertura no interior é inexistente.

Entrevistador: A quem se destina a cobertura sobre o interior: para o leitor do interior saber o que se passa na cidade dele ou para o leitor de Campo Grande saber o que se passa no interior? Por que?

Jornalista H: O maior público ainda está na Capital, logo, quem está em Campo Grande deverá saber o que acontece no interior do Estado.

Entrevistador: Por que, na sua opinião, a maioria das notícias sobre o interior no O Estado são publicadas na editoria de Cidades?

Jornalista H: Discordo. Neste caso é indiferente: quando há um time de Dourados jogando uma competição nacional, vai em Esportes, quando tem a festa de São João em Corumbá, a publicação é no caderno de Artes e Lazer, quando há “surto” de gripe em Naviraí, cabe a Cidades. É indiferente.

Entrevistador: Entre essas notícias, a maioria é sobre assuntos policiais (assassinatos, acidentes de trânsito com morte e outros crimes). Na sua opinião, isso contribui de alguma forma para criar uma imagem negativa das cidades do interior?

Jornalista H: Não. Materiais policiais são explorados porque são as mais procuradas pelo leitor.

Entrevistador: Na escolha dos fatos do interior que serão publicados leva-se em consideração o porte econômico das cidades ou o fato em si? Por que?

Jornalista H: A escolha é pelo fato, mas também tem que se avaliar qual é o município e se o próprio jornal chega a cidade do fato.

Entrevistador: Qual o espaço do interior dentro do jornal: existe uma página fixa para o interior ou geralmente as notícias dos outros municípios ajudam a preencher os espaços em branco?

Jornalista H: Até o ano passado tínhamos uma página (também editada por mim) dedicada somente ao interior do Estado. Como houve redução de páginas do caderno, o interior perdeu espaço. Ganha notoriedade pela relevância da notícia. Hoje não há página específica.

Entrevistador: O jornal envia repórteres para o interior para cobrir pessoalmente algum assunto? Em quais ocasiões e por quê?

Jornalista H: Sim. Recentemente tivemos casos de confrontos envolvendo indígenas e produtores rurais. Por algumas vezes mandamos equipes para as coberturas *in loco*.

Entrevistador: O resultado da pesquisa aponta que o número de notícias nacionais supera inclusive as notícias sobre Campo Grande (principalmente por política e esportes). Por que isso acontece?

Jornalista H: No caso do esporte (vou falar como alguém que já trabalhou na editoria e cobre eventos locais esporadicamente), essa “nacionalização” se tornou comum em quase todos os estados. O esporte local perdeu o interesse do leitor. Quem compra jornal quer as notícias do Flamengo, Corinthians, São Paulo... Claro que a cobertura local não será ignorada, mas não é mais prioridade. Em relação a política prefiro não comentar.

Entrevistador: O jornal tem alguma pesquisa de *feedback* junto aos leitores que sustente a opção pelos fatos nacionais?

Jornalista H: Sim.

Entrevistador: Como você avaliaria a cobertura sobre o interior no O Estado impresso?

Jornalista H: Superficial.

Entrevistador: O jornal tem correspondentes ou sucursais no interior? Caso não tenha, por quê?

Jornalista H: Atualmente não. O motivo é o corte de gastos, infelizmente.

Entrevistador: Como você definiria a importância do *Sigo* na cobertura sobre o interior?

Jornalista H: Essencial, mas, infelizmente, por falta de “mão de obra”, é praticamente a nossa única fonte no interior.

Entrevistador: Como é feito o uso do *Sigo*? O repórter usa as informações para escrever a nota ou entra em contato com o delegado para coletar informações além do registro? Por que?

Jornalista H: O delegado é procurado em casos mais importantes, que haverá desdobramento.

Entrevistador: O Estado impresso usa informações de *sites* do interior?

Jornalista H: Sim.

Entrevistador: Como são utilizadas essas informações: são publicadas na íntegra ou há retextualização?

Jornalista H: São reescritas, mas sempre citando a fonte.

Entrevistador: O jornal recorre aos *sites* do interior também para as fotos?

Jornalista H: Sim.

Entrevistador: Como é feito esse contato com os jornais do interior para a obtenção de imagens? Existe algum procedimento para atestar a cedência gratuita dessas imagens?

Jornalista H: Os pedidos são feitos por telefone e e-mail. Não há pedidos somente quando não conseguimos contatos com os responsáveis, mas o crédito é colocado devidamente. Existem algumas parcerias com *sites* do interior, que nos “favorecem” e liberam as imagens sem que seja necessário entrar em contato toda vez que há necessidade.

Entrevistador: A pesquisa encontrou textos, a maioria notas pequenas, em que as fontes de informação não foram citadas ou não estavam claras. Esse fato contraria alguma norma do jornal?

Jornalista H: Sim.

Entrevistador: É feita alguma reunião de avaliação dos materiais impressos para corrigir esse tipo de situação, caso seja considerada um desvio às normas da empresa?

Jornalista H: As reuniões são esporádicas.

APÊNDICE I – Entrevista com Jornalista 1, da equipe de Cidades do *Estado*

Entrevistador: Como se define o jornal O Estado: local (Campo Grande) ou estadual? Por que?

Jornalista I: Eu considero o jornal mais local, uma vez que a distribuição dele é pouca no interior e a produção de matérias é mais voltada para Campo Grande.

Entrevistador: A quem se destina a cobertura sobre o interior: para o leitor do interior saber o que se passa na cidade dele ou para o leitor de Campo Grande saber o que se passa no interior? Por que?

Jornalista I: Para Campo Grande saber o que se passa no interior. Muitas vezes produzimos matérias de fatos que aconteceram em cidade onde não é vendido o jornal. Apenas os fatos com maior destaque, que acontecem no interior, são apurados para o impresso.

Entrevistador: Por que, na sua opinião, a maioria das notícias sobre o interior no O Estado são publicadas na editoria de Cidades?

Jornalista I: Acredito que a falta de pessoal para apurar matéria mais elaboradas e conseguir falar com fonte de outras cidades dificulta o trabalho de produção de matéria de outros municípios em diferentes editorias. Como Cidades é atualmente a editoria mais completa com pessoal não tem um desfalque tão grande quando algum repórter precisa apurar matéria de outras cidades do Estado.

Entrevistador: Entre essas notícias, a maioria é sobre assuntos policiais (assassinatos, acidentes de trânsito com morte e outros crimes). Na sua opinião, isso contribui de alguma forma para criar uma imagem negativa das cidades do interior?

Jornalista I: Não. Uma vez que geralmente são fatos isolados, mesmo com grande gravidade, não gera imagem negativa. Dos crimes mais bárbaros geralmente são na fronteira e ninguém deixa de ir à Ponta Porã comprar produtos importados.

Entrevistador: Na escolha dos fatos do interior que serão publicados leva-se em consideração o porte econômico das cidades ou o fato em si? Por que?

Jornalista I: Na editoria de Cidades não, mas na questão de Economia sim. Em Cidades é o factual que conta, já em Economia matérias do interior são usadas conforme o desenvolvimento do municípios, como instalação de fábricas.

Entrevistador: Qual o espaço do interior dentro do jornal: existe uma página fixa para o interior ou geralmente as notícias dos outros municípios ajudam a preencher os espaços em branco?

Jornalista I: Não há um espaço. As notícias são publicadas conforme o grau de importância dado pelo editor.

Entrevistador: O jornal envia repórteres para o interior para cobrir pessoalmente algum assunto? Em quais ocasiões e por quê?

Jornalista I: Envia. Fatos que geram muita repercussão e precisam de apuração em loco são enviados repórteres. Um dos exemplo são as ocupações indígenas em Caarapó, que aconteceram em junho de 2016. Uma repórter foi ao município para conseguir mais informações sobre o que estava acontecendo.

Entrevistador: O resultado da pesquisa aponta que o número de notícias nacionais supera inclusive as notícias sobre Campo Grande (principalmente por política e esportes). Por que isso acontece?

Jornalista I: Por que são editoriais que podem usar matéria de agência e a falta de pessoa limita a produção local, por isso são usadas matérias nacionais de relevância e importância.

Entrevistador: O jornal tem alguma pesquisa de feedback junto aos leitores que sustente a opção pelos fatos nacionais?

Jornalista I: Não que eu saiba.

Entrevistador: Como você avaliaria a cobertura sobre o interior no O Estado impresso?

Jornalista I: Falha e limitada. Mas como o já disse, as equipes são reduzidas e isso limita ainda mais a produção.

Entrevistador: O jornal tem correspondentes ou sucursais no interior? Caso não tenha, por quê?

Jornalista I: Não. Com o corte de gastos da empresa os correspondentes foram dispensados. Nosso único correspondente fora de Campo Grande fica em Brasília (DF).

Entrevistador: Como você definiria a importância do Sigo na cobertura sobre o interior?

Jornalista I: Para a página de polícia o Sigo é de extrema importância, aliado a ronda em *sites* do interior ele contribui para a apuração de fatos que muitas vezes não são noticiados.

Entrevistador: Como é feito o uso do Sigo? O repórter usa as informações para escrever a nota ou entra em contato com o delegado para coletar informações além do registro? Por que?

Jornalista I: Depende do fato. Os boletins de maior repercussão ou casos mais cruéis e fora do 'padrão' é feita uma apuração melhor com os delegados. Em casos comuns ou sem grande relevância é usado apenas o Boletim de Ocorrência.

Entrevistador: O Estado impresso usa informações de *sites* do interior?

Jornalista I: Em poucas vezes usamos, mas como temos o *site* O Estado *Online* acabamos aproveitando o material que é produzido pelos colegas de redação.

Entrevistador: Como são utilizadas essas informações: são publicadas na íntegra ou há retextualização?

Jornalista I: Quando usado tem uma retextualização, além de complemento de informações com apuração feita pela redação.

Entrevistador: O jornal recorre aos *sites* do interior também para as fotos?

Jornalista I: Sim, quando a foto é boa e o fato por trás também.

Entrevistador: Como é feito esse contato com os jornais do interior para a obtenção de imagens? Existe algum procedimento para atestar a cedência gratuita dessas imagens?

Jornalista I: Geralmente ligamos na redação e pedimos as fotos. Não há nenhum termo. Tudo é feito na base da confiança e coleguismo mesmo.

Entrevistador: A pesquisa encontrou textos, a maioria notas pequenas, em que as fontes de informação não foram citadas ou não estavam claras. Esse fato contraria alguma norma do jornal?

Jornalista I: Sim. As matérias tem que ser bem apuradas e no impresso ainda mais elaboradas daquilo que o *site* deu. Mas todo texto publicado passa pelo editor e ele que avalia a construção.

Entrevistador: É feita alguma reunião de avaliação dos materiais impressos para corrigir esse tipo de situação, caso seja considerada um desvio às normas da empresa?

Jornalista I: A reunião é feita entre o editor-chefe e os demais editores. Quando necessário é repassado para o repórter.



**APÊNDICE J – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
ASSINADO PELOS ENTREVISTADOS**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa de natureza acadêmica. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Desde logo fica garantido o sigilo das informações.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: A cobertura sobre o interior de Mato Grosso do Sul pela imprensa de Campo Grande

Pesquisador Responsável: Ricardo Campos Junior

Telefone para contato: (67) 3388-8763 / (67) 8154-0517

Resumo da pesquisa:

A proximidade entre o leitor, o fato e a instituição jornalística é um importante elemento de influência dentro de uma redação, levando em conta que a imprensa atua dentro de uma área de influência específica marcada sobretudo por sua capacidade econômica. Os recursos humanos e materiais afetam o lugar em que determinada empresa de comunicação pretende e consegue chegar. Nesse contexto, esta pesquisa buscou analisar a proximidade como critério de noticiabilidade na imprensa de Campo Grande (MS), compreendendo o fluxo noticioso entre os níveis local e estadual de abrangência conforme a classificação de Milton Santos (2007). Para atingir este objetivo, foram analisadas as matérias dos jornais Correio do Estado e O Estado e suas respectivas versões *online* durante uma semana construída de forma a verificar como é feita a cobertura sobre o interior utilizando como metodologia a Análise de Conteúdo para delimitar a procedência e outras características da notícia; e a Hipótese do *Newsmaking* para compreender, por meio dos valores-notícia e critérios de noticiabilidade, qual a lógica existente nessa cobertura.



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____,

abaixo assinado, concordo em participar do estudo **COBERTURA SOBRE O INTERIOR DE MATO GROSSO DO SUL PELA IMPRENSA DE CAMPO GRANDE**.

Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador **RICARDO CAMPOS JUNIOR** sobre a pesquisa e sobre os procedimentos nela envolvidos. Foi-me garantido o sigilo das informações e que posso retirar meu consentimento a qualquer momento.

Local e data _____, ____/____/____

Nome: _____

Assinatura: _____